

**DEBORAH KAROLINA PEREZ**

**INTERNET COMO MODO DE PENSAR O COTIDIANO:  
psicologia social em perspectiva**

**ASSIS  
2019**

**DEBORAH KAROLINA PEREZ**

**INTERNET COMO MODO DE PENSAR O COTIDIANO:  
psicologia social em perspectiva**

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Doutora em Psicologia (Área de Conhecimento: Psicologia e Sociedade)

Orientador: João Batista Martins

Bolsista: CAPES

**ASSIS  
2019**

P438i	<p>Perez, Deborah Karolina</p> <p>Internet como modo de pensar o cotidiano : psicologia social em perspectiva / Deborah Karolina Perez. -- Assis, 2019</p> <p>213 p.</p> <p>Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Assis Orientador: João Batista Martins</p> <p>1. internet. 2. psicologia social. 3. redes sociais. 4. feminismo. I. Título.</p>
-------	--

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Assis. Dados fornecidos pelo autor (a)

Essa ficha não pode ser modificada.



**CERTIFICADO DE APROVAÇÃO**

**TÍTULO DA TESE:** INTERNET COMO MODO DE PENSAR O COTIDIANO: psicologia social em perspectiva

**AUTORA:** DÉBORAH KAROLINA PEREZ  
**ORIENTADOR:** JOÃO BATISTA MARTINS



Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Doutora em PSICOLOGIA, área: Psicologia e Sociedade pela Comissão Examinadora:

Prof. Dr. JOÃO BATISTA MARTINS  
UNESP / Assis/SP

Prof. Dr. LEONARDO LEMOS DE SOUZA  
Departamento de Psicologia Social e Educacional / UNESP/Assis

Profa. Dra. DANIELLE JARDIM BARRETO  
UNIPAR / Umuarama/PR

Prof. Dr. ALEXANDRE BONETTI LIMA  
UEL / Londrina/PR

Prof. Dr. FERNANDO LUIZ ZANETTI  
UEMG / Frutal/MG

Assis, 29 de março de 2019

Aos militantes das lutas sociais

## AGRADECIMENTOS

Durante meu percurso como doutoranda, pude contar com o apoio e a amizade de inúmeras pessoas e a tarefa de nomeá-las é difícil, mas tentarei, de maneira breve, por isso peço que qualquer falha não seja entendida como ingratidão.

Agradeço a João Batista Martins, meu orientador, por me acolher nessa jornada e topor vivenciá-la comigo, me encorajando permanentemente.

Agradeço aos professores Leonardo Lemos de Souza e Danielle Jardim Barreto por me incentivarem a pesquisar e sempre estarem dispostos a ouvir minhas construções acerca desta pesquisa, assim como os agradeço por participarem da banca de qualificação com ideias valiosas para a finalização deste processo e por integrarem novamente a banca para a defesa.

Agradeço ao professor Lupicínio Iñiguez Rueda por me receber na Universidade Autônoma de Barcelona (UAB), bem como no acolhedor e produtivo grupo de pesquisa LAICOS IAPSE, contribuindo de maneira fecunda para esta pesquisa. Sobre isso, agradeço também à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio que possibilitou minha estadia na Espanha junto à UAB.

Agradeço aos professores que aceitaram compor a banca de defesa, contribuindo para esta fase da minha formação: Leonardo e Danielle, já mencionados, Alexandre Bonetti Lima, Fernando Luiz Zanetti, Alejandra Astrid León Cedeño, Fábio Sagula de Oliveira e Guilherme Elias da Silva. Agradeço, igualmente, aos demais professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Sociedade e aos funcionários da Seção Técnica de Pós-Graduação.

Sou grata ao Coletivo Geni de Ourinhos-SP por ser um espaço de construção, de (trans)formação e de luta que me possibilita ser ativa socialmente e que contribuiu para o resultado significativo desta pesquisa.

Sou grata pelo auxílio, palavras de conforto e incentivo que recebi de amigas e amigos: Amanda, Ana Clara, Dani, Dirceu, Eduarda, Fábio, Jamilly, Janine, Paula, Stella, Tati.

À minha família, meus pais, Nice e Josias, meus irmãos, Grazi e Lucas, minha sogra, Magali e meus cunhados Emily, Gustavo e Camila. Espero que desculpem minha ausência em tantos momentos.

Ao Caio, por viver comigo este sonho, me apoiando e me dando suporte em todos os momentos, me fortalecendo para continuar sempre de maneira carinhosa e doce. Saiba que você foi fundamental.

PEREZ, D. K. **Internet como modo de pensar o cotidiano: psicologia social em perspectiva.** 2019. 213f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2019.

## RESUMO

O crescimento da internet nos últimos anos gerou muitas dúvidas acerca de seu potencial e de seus efeitos na vida humana. A ampliação de seu acesso, mesmo que ainda muito desigual, não impediu que a internet estivesse cada vez mais presente na vida cotidiana dos sujeitos, tornando-se parte de atividades diversas, logo, das subjetividades. Nesse sentido, constituiu-se também em campo de investigação de diversas disciplinas, tais como a filosofia, a sociologia, a comunicação, bem como a psicologia. Assim, considerando que esta investigação contribui para o desenvolvimento do conhecimento tanto científico, como cotidiano, sob uma ótica aberta e crítica, dando visibilidade às contradições presentes na sociedade e também nos usos da internet, buscou-se analisar as Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC a partir da psicologia social de forma a entender o que são as TIC, em especial a internet, inferindo e descrevendo os usos da internet no cotidiano brasileiro, considerando seu contexto econômico, social e político, bem como buscou-se problematizar o papel da psicologia, enquanto ciência e profissão, em relação à internet. Para tanto, desenvolveu-se pesquisa qualitativa por meio de autoetnografia na rede social Facebook. Essa observação sistemática perdurou 2016 e 2017 e resultou em análise descritiva e temática que caracterizou o uso das redes cotidianamente, mostrando seu caráter múltiplo que perpassou desde grandes inovações, até questões afetivas, chegando em um uso institucionalizado no qual a própria internet torna-se invisível. Além disso, este mergulho virtual permitiu perceber o uso das redes com fins políticos e sociais que se apresentou por meio do movimento feminista na internet, em ações de resistência e enfrentamento, as quais possibilitaram discorrer sobre o potencial da internet como instrumento de trabalho comunitário para a psicologia.

Palavras-chave: Internet. Psicologia social. Redes sociais. Feminismo.

PEREZ, D. K. **Internet as a way of thinking everyday: social psychology in perspective.** 2019. 213f. Thesis (Doctorate in Psychology) – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2019.

## **ABSTRACT**

The growth of the internet in recent years has generated many doubts about its potential and its effects on human life. The expansion of their access, although still very unequal, did not prevent that the Internet was more and more present in the daily life of the subjects, becoming part of diverse activities, thus, of the subjectivities. In this sense, it has also been in the field of investigation of several disciplines, such as philosophy, sociology, communication, as well as psychology. Considering that this research contributes to the development of both scientific and everyday knowledge, from an open and critical perspective, giving visibility to the contradictions present in society and also in the uses of the internet, we sought to analyze the Information and Communication Technologies - TIC from social psychology in order to understand what ICTs are, especially the internet, inferring and describing the uses of the internet in Brazilian daily life, considering its economic, social and political context, as well as trying to problematize the role of psychology, as a science and profession, in relation to the internet. For that, a qualitative research was developed through autoethnography in the social network Facebook. This systematic observation lasted 2016 and 2017 and resulted in a descriptive and thematic analysis that characterized the use of networks every day, showing its multiple character that ranged from great innovations to affective issues, arriving at an institutionalized use in which the internet itself becomes invisible. In addition, this virtual dive made it possible to perceive the use of the networks for political and social purposes that was presented through the feminist movement on the internet, in actions of resistance and confrontation, which made it possible to discuss the potential of the internet as a community work tool for the psychology.

Keywords: Internet. Social psychology. Social networks. Feminism.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Mapa da distribuição de antenas no Estado de São Paulo	p. 27
FIGURA 2 – Mapa da distribuição de antenas no Estado do Pará	p. 27
FIGURA 3 - Captura de tela do mapa da internet desenvolvido coletivamente	p. 28
FIGURA 4 - Tabela de capital social nos sites de rede social	p. 56
FIGURA 5 – Tabela desenvolvida por Fragoso, Recuero e Amaral	p. 79
FIGURA 6 - Manifestação em Assis-SP no dia 20/06/2013	p. 109
FIGURA 7 – Não é só por vinte centavos	p. 110
FIGURA 8 - Reações do Facebook	p. 116
FIGURA 9 -Tela da página inicial do perfil do Facebook com edição de legendas pelo computador	p. 121
FIGURA 10 - Área de publicação do perfil do Facebook pelo computador	p. 125
FIGURA 11 - Tela da página "Diário crônico: apreensões singulares do cotidiano", na janela de informações sobre pessoas, acessado pelo computador	p. 134
FIGURA 12 - The Outernet de John Atkinson	p. 152
FIGURA 13 - Folder de divulgação do Geni	p. 175
FIGURA 14 - Entrada da escola ourinhense ocupada em novembro de 2015	p. 176
FIGURA 15 - Retrato da primeira reunião do Coletivo Geni em dez de 2015	p. 177
FIGURA 16 - Logo do Coletivo Geni	p. 178
FIGURA 17 - Oficina da Unifio de 22/02/2016	p. 180
FIGURA 18 - Auditório da UNIFIO na palestra do dia da mulher de 2016	p. 181
FIGURA 19 - Participantes da roda de conversa no AME em março de 2016	p. 181
FIGURA 20 - Palestrantes no Colégio Objetivo de Ourinhos/SP	p. 182
FIGURA 21 - 1º beijaço Gay de Ourinhos	p. 183
FIGURA 22 - Debate realizado no IFPR em Jacarezinho em agosto de 2016	p. 184
FIGURA 23 - Botton com o logotipo do Geni	p. 185
FIGURA 24 - Conversa com uma sala de Educação de Jovens e Adultos – EJA sobre Feminismos e questões de gênero	p. 185
FIGURA 25 - Palestra do dia da mulher de 2017 na UNIFIO	p. 186
FIGURA 26 - Equipe de trabalho do 1º Remonta	p. 187
FIGURA 27 - Equipe de trabalho do Geni no Pré-Remonta	p. 188
FIGURA 28 - Grupo de trabalho para o 2º Remonta	p. 189
FIGURA 29 - Página do Coletivo Geni no Facebook	p. 189

FIGURA 30 - Área de exposição do 2º Remonta	p. 190
FIGURA 31 - Área de bebedouro, banheiro e pula-pula para crianças	p. 191
FIGURA 32 - Palco principal do Remonta	p. 191
FIGURA 32 - Oficina de libras no 2º Remonta	p. 192
FIGURA 34 - Parte da equipe que trabalhou no 2º Remonta	p. 193
FIGURA 35– Cine Debate “Que Horas ela Volta?”	p. 194
FIGURA 36 – Palestra do Dia da Mulher junto à Prefeitura Municipal	p. 194
FIGURA 37 – Participantes do documentário "Corpos Vivíveis" no Cine debate	p. 195
FIGURA 38 – Reunião com representantes de Coletivos de cidades vizinhas	p. 195
FIGURA 39 – Cartaz do projeto “Circuito Remonta”	p. 196
FIGURA 40 – Pintura no Circuito Remonta	p. 196
FIGURA 41 – 3º Remonta	p. 197
FIGURA 42 – Palestra Violência Contra a Mulher em Jacarezinho – PR	p. 197
FIGURA 43 – Manifestação política contra o fascismo #elenão	p. 198
FIGURA 44 – Circuito Remonta em prol da banda Tons Afro	p. 198
FIGURA 45 – Cine Debate "Chega de Fiu Fiu” do Coletivo Think Olga	p. 199
FIGURA 46 – Aulão de Política	p. 199

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>1. INTRODUÇÃO – CAMINHOS PARA UMA INVESTIGAÇÃO.....</b>	<b>20</b>
1.1. Informações de Pesquisa.....	20
1.2. Justificativa.....	20
1.3. Contextualização do momento das pesquisas em internet.....	25
<b>2. CONHECENDO O BOSQUE: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DE ÁREAS IMPORTANTES PARA SE CONHECER A INTERNET.....</b>	<b>31</b>
2.1. Internet e sua história.....	31
2.2. A sociologia de Castells, a sociedade em rede e os movimentos sociais.....	33
2.3. A filosofia de Lévy, inteligências coletivas, a virtualidade e a cibercultura.....	42
2.4. Comunicação como a ciência primária para o estudo da internet.....	50
2.4.1. Raquel Recuero, redes sociais na internet, conexões, atores e capital social.....	50
2.4.2. Inês Amaral, sociabilidades emergentes e sociedade 2.0.....	58
<b>3. CONHECENDO O BOSQUE: A AVENTURA DA PSICOLOGIA NA DISCUSSÃO SOBRE MÍDIA, TECNOLOGIA E INTERNET.....</b>	<b>65</b>
3.1. Nicolaci-da-Costa e o desenvolvimento de uma Psicologia contemporânea.....	65
3.2. Pedrinho Guareschi e o desafio de pensar a relação da psicologia com a pós-verdade.....	71
3.3. De carona com os espanhóis Miquel Domènech e Francisco Tirado para pensar Extituição.....	73
<b>4. MANUAL DE SOBREVIVÊNCIA NO BOSQUE: APORTES PARA ESTUDO DE REDES DIGITAIS.....</b>	<b>77</b>
4.1. Notas para uma etnografia no ciberespaço com Debora Zanini.....	80
4.2. Conhecendo Robert Kozinets: apontamentos.....	82
4.3. Christine Hine, por uma etnografia para estudar o uso da internet no cotidiano...	84
4.4. Como se deu o processo de pesquisa?.....	95
<b>5. DISCUSSÕES SOBRE A VIVÊNCIA NO BOSQUE.....</b>	<b>102</b>
5.1. Contextualização teórica, temporal e política.....	102
5.2. A internet no cotidiano, Facebook e subjetividades.....	115
5.2.1. Selecionando o local no bosque.....	115
5.2.2. Propriedades do Local.....	121
5.2.3. Entrada no Local.....	133
5.2.4. Mapas descritivos.....	134
5.2.5. Análise de Dados do Diário de Campo <i>on-line</i> .....	136
5.3. O atravessamento de um acontecimento de nome Geni.....	172
5.4. Problematizações e questões em aberto.....	204
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>208</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>210</b>

Há duas maneiras de entrar no bosque. A primeira é experimentar um ou vários caminhos (a fim de sair do bosque o mais depressa possível, digamos, ou de chegar a casa da avó, do Pequeno Polegar ou de Joãozinho e Maria); a segunda é andar pra ver como é o bosque e descobrir por que algumas trilhas são mais acessíveis e outras não. (ECO, U. Seis Passeios Pelo Bosque da ficção, 1932-1994, p. 33)

## APRESENTAÇÃO

Leitor(a), eu o(a) convido a conhecer os caminhos trilhados por mim nesta aventura de pesquisar. Apresento-me como psicóloga, mulher, militante feminista e uma esperançosa na busca por condições melhores na sociedade, por isso esta pesquisa aglutina alguns interesses que dizem respeito a minha vida, tais como psicologia como ciência e profissão, internet e transformação social.

Apoiada no ponto de vista crítico de Haraway (1995) acerca da ciência moderna, em que as verdades tornam-se efeitos distorcidos na velocidade do tempo real, proporcionando apenas uma perspectiva parcial de algo, reafirmo meu lugar nesta pesquisa de doutorado como uma construção científica coerente frente a uma ciência localizada num campo de relações de poder e de contestação.

Por isso, "gostaria de uma doutrina de objetividade corporificada que acomodasse os projetos científicos feministas críticos e paradoxais: objetividade feminista significa, simplesmente, saberes localizados" (HARAWAY, 1995, p.18). Nesse sentido, o conhecimento localizado é aquele que busca vincular o objetivo de uma pesquisa aos instrumentos teóricos e políticos utilizados, tornando possível nomear onde estamos e onde não estamos.

Com a intenção de desenvolver um estudo que construa conhecimento potente para enfrentar um mundo organizado por eixos polarizados de dominação, advirto o(a) leitor(a) que este estudo não se trata de mais um relativismo, mas de um saber localizado, um conhecimento situado e contaminado por todo seu contexto político inerente e que deve estar também na universidade, pois representa uma maneira diferente de produção de conhecimento. E a universidade, como um espaço aberto para o pensamento, tem o dever de acolhê-lo.

Logo, imbricada ao contexto que vivo enquanto psicóloga, docente envolvida com trabalhos sociais, movida pelo conhecimento prático, decidi que era o momento de trazer minha curiosidade acerca da internet para meu contexto acadêmico juntamente com a vivência de práticas sociais.

ENCONTREI UM BOSQUE

De maneira aleatória encontrei-me com o livro intitulado "*A nova era digital: como será o futuro das pessoas e dos negócios*". Fui a uma livraria na minha cidade para comprar um presente de Natal e lá estava a obra para os curiosos sobre tecnologia. Resolvi levá-la na esperança que soubesse mais um pouco da história da internet, mesmo compreendendo que esta seria contada a partir de um olhar muito específico, pois trata-se de um ensaio sobre o que aconteceria com o mundo após uma “Revolução Digital”. E os autores, Eric Schimidt e Jared Cohen, ambos executivos da empresa Google, passam a projetar ideias bem estruturadas do que esperam para o futuro das pessoas e de suas identidades, dos valores pessoais e comunitários, dos Estados, da revolução, do terrorismo, dos conflitos e reconstruções.

Schimidt e Cohen (2013) veem a internet como uma criação humana que não é completamente conhecida por ter como característica uma mutabilidade infinita, que permite funcionar como uma válvula de escape da expressão e da energia humana. Além disso, consideram também que a internet é o maior experimento da história envolvendo anarquia, pois há uma ausência de controle hierárquico que ao mesmo tempo em que permite a construção de muitas relações com cada *website* visitado, possibilita fraudes *on-line*, *sites* de grupos que pregam preconceito, por exemplo. Acreditam que por meio da tecnologia, obstáculos à interação humana como geografia, linguagem e informação ilimitada dão espaço para a criatividade e potencial humano. Para tanto, observam e apontam um crescimento do uso de internet, o que seria fundamental para a compreensão das transformações sociais suscitadas por esses meios de comunicação, constituindo assim, uma revolução tecnológica com vistas à ampla disseminação direta de conteúdo.

Segundo os autores, até 2025, a maior parte da população mundial terá saído, em uma geração, da quase total falta de acesso a informação não filtradas para o domínio de toda a informação do mundo através de um aparelho que cabe na palma da mão. Se o ritmo atual da inovação tecnológica for mantido, a maioria da população da Terra, estimada em oito bilhões de pessoas, estará *on-line*. Em todos os níveis da sociedade, a conectividade vai se tornar cada vez mais acessível e prática. As pessoas terão acesso às redes de internet sem fio onipresentes, muitíssimo mais baratas do que as que existem hoje. Nós seremos mais *eficientes, produtivos e criativos*. (grifo nosso) (SCHIMIDT; COHEN, 2013, p.12).

Ainda que essas apostas futurísticas carreguem em si uma prepotência tecnológica em detrimento do contexto histórico, multicultural e político, também revelam valores na fundamentação das suas criações e o que se espera delas. Há um tom de racionalidade organizativa da vida material e social totalizantes que quase beira à ingenuidade, e que mais

proximamente faz perceber uma aliança econômica. Também por esses motivos é que interessa saber o que esperam os criadores de tecnologia, ou, o que querem com elas.

Schimidt e Cohen (2013, p. 13-14) expressam que as tecnologias de comunicação oferecem oportunidades de rupturas culturais e técnicas que fazem e farão com que as pessoas deixem para trás velhos hábitos e criem novos, os quais permitem "manter a mente sempre ocupada, embora encontrar um modo de fazer isso de forma útil ainda seja difícil". Nesse contexto, antigas instituições e hierarquias terão que se adaptar ou correrão o risco de tornarem-se obsoletas, pois serão transformadas de dentro para fora.

Percebe-se na fala dos autores uma divisão do mundo *on-line*, ou virtual, do mundo *off-line*, ou real, os quais em muitos momentos funcionarão juntos. Por conta disso, é apresentado que o objetivo da obra é demonstrar como o "mundo virtual " pode tornar a "realidade" melhor, pior ou diferente. Além disso, incita-se que, no cenário mundial, o impacto mais significativo da difusão das tecnologias de comunicação está relacionado com a maneira pela qual elas ajudam a deslocar a concentração de poder dos Estados e instituições, transferindo-as para os sujeitos. "Para alguns a representatividade digital será a primeira experiência de poder em suas vidas, permitindo que eles sejam ouvidos, notados e levados à sério". (SCHIMIDT; COHEN, 2013, p.14). Assim, além da dicotomia de real *versus* virtual, também se percebe uma falta de crítica quanto às relações de poder exercitadas na sociedade, percebe-se que os autores naturalizam as relações de poder.

Nesse sentido, creem que das várias mudanças que dizem respeito às relações de poder, os governos, em especial os autoritários, perceberão que sua população estará mais difícil de ser controlada. Os autores pautam suas afirmações a partir da narrativa sobre uma visita ao Iraque em que perceberam uma presença intensa de telefones celulares inteligentes, os *smartphones*, os quais, juntamente com todo o contexto, forçou os Estados a mudarem suas estratégias para alcançarem suas ambições, pois nunca existiu tantas pessoas conectadas. Isso implica também em mudanças de práticas individuais com a criação de novos postos de trabalhos (informais e flexíveis), bem como em sua identidade. A velocidade das mudanças aumenta e atinge cada setor da sociedade, incluindo política, economia, meios de comunicação, negócios e normas sociais. Essa aceleração juntamente com a interconectividade apresenta uma nova era de globalização<sup>1</sup>, de produtos e ideias. Por isso, para compreender o futuro da política, dos negócios, da diplomacia etc., é preciso entender como a tecnologia está conduzindo várias mudanças nessas áreas. Por exemplo, o caso da organização *Wikileaks* que ao tornar acessível

---

<sup>1</sup> Para alguns autores a globalização começou nos anos de 1400-1500. Ver Figueiredo, 1992.

milhares de arquivos confidenciais influenciaram ações coletivas como as da Primavera Árabe. (SCHIMIDIT; COHEN, 2013)

Enfim, encontrar informações, muitas vezes, desconexas, contraditórias, e ao mesmo tempo, completamente legítimas por sua origem acerca da área em que se concentra esta pesquisa, a internet, reforça a importância de entrar em contato com esta temática e estudá-la. Uma vez que uma investigação, muitas vezes, configura-se na tentativa de descobrir e criar trilhas para aquilo que se quer saber, esta pesquisa de doutorado retrata um pouco das trilhas investigativas percorridas por mim, tais como o contato com diversas disciplinas, nas quais se desenvolvem ideias sobre a internet, bem como a construção de dados no meu contexto que foram analisados no esforço de compreender o contexto atual povoado pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), no tocante à internet e seus usos cotidianos<sup>2</sup> sob a perspectiva da Psicologia Social.

As tecnologias da informação e comunicação (TIC) podem classificar-se em três tipos: 1) Tecnologias da informação: equipamentos de computação e seus componentes, os programas de computação (software) e os conhecimentos informáticos. 2) Tecnologia das telecomunicações: os sistemas de telefonia e as transmissões de rádio e televisão. 3) Tecnologia de redes: Internet, os telefones celulares, o sistema de transmissão por cabo, os satélites e outras formas de conectividade por banda larga. A tecnologia da informação utiliza os computadores, que são componentes indispensáveis na sociedade da informação moderna, para processar dados com economia de tempo e esforço. A tecnologia das telecomunicações compreende os telefones, incluindo o fax e a transmissão de sinais de rádio e televisão, com frequência através de satélites. A tecnologia de redes tem a internet como seu exemplo mais conhecido, mas também tem sido estendido à telefonia celular, à tecnologia de voz por redes, às comunicações por satélites e a outras formas de comunicação, que, todavia, ainda estão sendo pesquisadas. (VIEIRA, 2012, p.56)

As motivações para adentrar nesta área vinculam-se a lembranças de minha infância e adolescência e que perduraram durante minha formação em Psicologia e se configuraram em uma série de questionamentos que procuro responder neste estudo. Assim, retomo uma memória, das mais antigas, de uma animação futurística que intentava anunciar como seria o mundo modernizado. Trata-se da animação de Hanna-Barbera, “*Os Jetsons*”<sup>3</sup>, que mostrava uma a vida cotidiana de uma família formada por mãe, pai, filha e filho que viviam no futuro deste mundo; caracterizado como extremamente urbano e informatizado, com robôs com

---

<sup>2</sup> Cotidiano não possui sentido definitivo, mas pode ser identificado, em princípio, como um território, configurando um lugar com espaço e tempo, resultante de um processo de socialização que relaciona o indivíduo ao grupo e que permite que ele torne sua humana sua vida. O cotidiano permite identificação do que é comum, do que é habitual e sem o qual não seria possível o reconhecimento de si e do outro. É no cotidiano que o sujeito constrói suas marcas identitárias e lugares de reconhecimento, pois é nele que se inscreve a cultura enquanto um conjunto de saberes. É, além disso, um território de contradições, do relativo e do confuso, ou seja, plural, tornando este espaço multiforme e dinâmico. Os efeitos que o cotidiano produz conferem sentidos à vida humana, forjando os indivíduos. (VANALI, 2015)

<sup>3</sup> Fonte: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/The\\_Jetsons](https://pt.wikipedia.org/wiki/The_Jetsons)>

inteligência artificial avançada, carros voadores, cidades suspensas, trabalho automatizado, entre outros.

Atualmente, esse cenário não é o que vemos no mundo, mas é inegável perceber que há uma informatização da vida cotidiana. E ainda que não alcance globalmente a população, sua abrangência dá-se pelo fato de que ela, muitas vezes, ultrapassa o nível socioeconômico e nível de instrução da população. Esse potencial de difusão está intimamente ligado à internet que em termos gerais pode ser entendida como:

[...] um conjunto de redes de computadores que funcionam interligados pelo mundo inteiro, tendo em comum um conjunto de protocolos e serviços, de tal forma que os usuários, a ela conectados, podem usufruir serviços de informação e comunicação de alcance mundial. (FARAH, 2004, p. 26)

Estudar como as mídias, os meios de comunicação, fazem parte da vida cotidiana é algo que considero muito importante. Tenho acompanhado de várias maneiras sua influência sobre a vida cotidiana. Durante os anos 1990, momento de popularização da internet no Brasil, tive o privilégio de conhecer essa tecnologia e ter acesso irrestrito a ela, se fazendo mais presente a cada momento. Em meu percurso educacional a internet sempre foi uma ferramenta presente, desde o ensino fundamental à graduação, estendendo-se até os dias de hoje em minha formação e meu trabalho, ambos voltados à psicologia. Assim, a internet tornou-se constante e ferramenta indispensável em meu cotidiano, seja para ações comunicativas, de pesquisa, entretenimento, divulgação, interação e relacionamentos.

Mesmo não sendo uma nativa digital, ou seja, uma pessoa nascida após o advento tecnológico dos microcomputadores, essa tecnologia tem mudado minha vida profundamente e a vida de muitas outras pessoas ao meu redor. Obviamente, ocupo um lugar de privilégio quanto ao acesso à internet, mas é perceptível como a rotina das pessoas mudaram, suas práticas e escolhas, ainda que sejam pessoas que não usam a internet, pois as mudanças avançam sobre o mundo e incide sobre os relacionamentos, o mundo do trabalho, os desejos, sobre os sujeitos e criam ainda os "excluídos digitais" nomeando as pessoas que não estão conectadas por falta de opção.

Assim, a partir do reconhecimento dessas mudanças em pequenas práticas do dia-a-dia, que vão se alterando e se aperfeiçoando, bem como se difundindo entre diversos grupos heterogêneos na sociedade, decidi tentar compreender esse fenômeno. Porém, longe de usar a possibilidade de estudar mais um fenômeno social descolado dos atravessamentos ético, político e econômico de cada contexto, meu desejo de compreender tal fenômeno é atravessado, além da curiosidade científica, pela minha articulação com a área da Psicologia Social, em especial pelas Psicologias Institucional e Comunitária.

Nesse afã do saber ingressei no programa de doutorado Psicologia e Sociedade no ano de 2014 na Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Unesp. Naquele momento elaborei um projeto de pesquisa que já se direcionava para esse campo de conhecimento que atribuo como sendo uma intersecção da psicologia, da internet, e de outros saberes. Em busca de alguns conceitos que pudessem auxiliar a pensar este fenômeno, encontrei-me, enquanto cursava as disciplinas obrigatórias e optativas do programa, com a Teoria Sócio-Histórica-Cultural trabalhada por meu orientador, João Batista Martins. Ao longo da disciplina pudemos discutir mais profundamente o método de construção de conhecimento desenvolvido por Vygotski (1934/1993)<sup>4</sup>, fazendo reavivar a lei dos contrários, da dialética de Marx baseada na filosofia de Hegel<sup>5</sup> e discutida por Kosik (2010):

A dialética não atinge o pensamento de fora para dentro, nem de imediato, nem tampouco constitui uma de suas qualidades; o conhecimento é que é a própria dialética em uma das suas formas; o conhecimento é a decomposição do todo. O “conceito” e a “abstração”, em uma concepção dialética, têm o significado de método que decompõe o todo para poder reproduzir espiritualmente a estrutura da coisa, e, portanto, compreender a coisa. (p. 18).

Assim, a dialética oferece uma alternativa de análise de fenômeno humano/social de uma forma não mais dual, mas contraditória. Esse encontro foi interessante, pois percebia que as discussões ofertadas pelas bibliografias em Psicologia que tentavam discutir a internet permaneciam numa discussão de causa e efeito sobre seu uso; os efeitos no desenvolvimento infantil, possíveis patologias que poderiam surgir pelo uso ininterrupto dessas tecnologias, bem como uma ovação ao consumo, às más condições de trabalho, à alienação social e manutenção de relações de poder hierárquicas. Além disso, havia os discursos provenientes das instituições de ensino que se revezava em afirmarem-se como inaptas às TIC, e por isso em processo de tentativas de inclusão das mesmas.

Dessa forma, percebi que havia uma polarização dos discursos com relação ao uso da internet, sobretudo da internet móvel, àquela presente nos celulares inteligente, os *smartphones*. Ora, esses discursos ganham um valor positivo por seu caráter de mobilidade, acessibilidade,

---

<sup>4</sup> Vygotski parte dos estudos da Reflexologia que abarcavam os elementos psíquicos primitivos, estudados separadamente e avança – como ele mesmo afirma sobre o desenvolvimento psíquico, dá um salto qualitativo – em direção ao estudo das funções psíquicas superiores. Historicamente, estas levam ao estudo da defectologia que traz à tona a origem das funções psíquicas não mais localizadas na filogênese, mas também na ontogênese e do uso de instrumentos. Inegavelmente, manifesta o sentido cultural e social do homem por meio da linguagem como instrumento psicológico, cuja função vai além da comunicação para ir em direção a uma compreensão topológica de inter e intra relações, ou seja, o homem em relação a ele mesmo e em relação ao mundo, funcionando ativamente, dinamicamente e dialeticamente. Da compreensão dialética é gerada uma necessidade de um método de produção de conhecimento adequado, propondo assim, unidades de análise, das quais nenhum homem pode ser estudado como passivo ou isolado numa ilha psíquica ou biológica.

<sup>5</sup> Dialética é uma forma de pensar a realidade em constante mudança por meio de termos contrários que dão origem a um terceiro, que os concilia.

inclusão, flexibilidade dos serviços e expressão pessoal por meio de possibilidade de personalização particular e manifestação individual; ora com valor negativo indicando o fim da organização social, como afirma Bauman (2003)<sup>6</sup> que a "intromissão" das TIC dominaria a humanidade, pois transforma e transformaria de tal modo a vida cotidiana, que tudo estaria a caminho do fim.

Quando fui notando a polifonia da compreensão do contexto que envolve a internet, que esta começou a ganhar complexidade enquanto objeto de pesquisa. Porém, o intuito dessa pesquisa não se volta a vangloriar-se da racionalidade humana, atribuindo à internet um *status* de milagre criado por meio inteligência humana, uma vez que há muita controvérsia nessa visão. Ao passo que os conflitos e tensões imbricados no estudo das TIC colocam-nos em um novo lugar de se entender, e de se conhecer, trata-se de uma complexidade e dinamicidade que apenas alguma teoria, ou melhor, alguma ideia que superasse a dicotomia de sujeito x mundo, tais como conhecimentos que questionam a relação pesquisador x pesquisado (seja objeto, sujeito, fenômenos, relações, grupos, instituições ou comunidades) poderia tentar oferecer.

Posteriormente, encontrei-me numa disciplina que tratava sobre o tema da saúde mental e saúde coletiva, a qual, mais do que discutir apenas o tema específico possibilitou rever vários pontos problemáticos da produção de conhecimento e práticas em Psicologia Social, em especial sobre ações que são criadas de maneira coletiva e que são institucionalizadas pelo Estado, mas que neste processo perdem muito de sua essência.

Todas essas discussões fizeram com que eu tivesse mais determinação para continuar a pesquisa, além de saber, a partir das minhas experiências com crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos, que a internet está cada dia mais presente na vida cotidiana.

O futuro chegou e dúvidas sobre ele também. As pessoas passaram a teorizar sobre diversos aspectos do uso das tecnologias, cujo conteúdo das discussões sempre se localizava entre polos contrários, os de aprovação, como a "real" modernização da vida, e os de reprovação que condenavam a vida conectada, *on-line*, como o fim da "essência" humana, a corrupção da natureza. Para mim restava as dúvidas: Quais são os usos cotidianos da internet? Como a internet está presente no dia-a-dia das pessoas? Quais os sentidos que estes usos possibilitam criar? Quais benefícios a internet proporciona? E os malefícios? Há influência do contexto sobre os usos? Por qual meio mais se utiliza a internet? A internet deve ser ofertada para todos?

---

<sup>6</sup> O sociólogo polonês discute a atualidade que pode ser compreendida como uma passagem da modernidade sólida para a que ele denomina de modernidade líquida. A qual sugere que na modernidade tem sido um período em que emergiram novos tipos de comunidades, as comunidades estéticas de caráter flexível e perene que se organizam em torno de um interesse. (BAUMAN, 2003)

Como ela pode ser compreendida e/ou definida? O que muda com o seu surgimento? Como a psicologia se conecta com esse meio? Quais as possibilidades de atuação proporcionadas por ela? Ela realmente exerce força de controle e violência sobre as pessoas? Qual é a sua relação com a realidade? Qual seu potencial de transformação?

Assim, esta investigação pode contribuir para o desenvolvimento do conhecimento tanto científico, como cotidiano sob uma ótica que intenta ser aberta, não produtora de verdades absolutas, e sim crítica, atual, localizada, mas importante para a compreensão da atualidade. Busca ainda poder dar maior visibilidade às contradições presentes na sociedade e também nos usos da internet, construindo um status móvel de conhecimento que não mais se afirma a priori, mas deve sempre se renovar para ampliar as possibilidades de atuação da Psicologia; considerando ainda a desigualdade social que atravessa o tema num esforço para romper com o elitismo presente nos meios de produção científica no Brasil, buscando assim, dar visibilidade a práticas emancipatórias potencializadas pelo uso da internet.

Deste modo, o objetivo geral desta pesquisa é analisar as TIC na sua relação com o cotidiano, bem como estabelecer diálogo entre a Psicologia Social e a Internet. Já os objetivos específicos são:

- inferir sobre os usos da internet no cotidiano brasileiro, identificando-os e descrevendo-os;
- investigar o processo de geração de sentidos pelos usos da internet no cotidiano;
- estimar possíveis consequências desses usos;
- problematizar a inserção da Psicologia Social na internet.

## 1. INTRODUÇÃO – CAMINHOS PARA UMA INVESTIGAÇÃO

### 1.1. Informações da Pesquisa

Esta investigação científica do programa de Doutorado "Psicologia & Sociedade" da Universidade Estadual Paulista "Júlio Mesquita Filho", campus de Assis/SP, teve início em setembro de 2014 e término em março de 2019. Recebeu financiamento pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) no Programa de Doutorado-Sanduiche no exterior - (PSDE) vinculado à Universidade Autônoma de Barcelona – Espanha, junto ao Departamento de Psicologia Social.

### 1.2. Justificativa

“A mídia tem sido considerada um lugar privilegiado de circulação de discursos em nossa sociedade” (HENNIGEN; GUARESCHI, 2002, p. 45).

O dicionário Aurélio aponta que a palavra mídia pode ser compreendida como o conjunto de meios de comunicação de massa, ou seja, rádio, cinema, televisão, imprensa, satélites de comunicação, meios eletrônicos e digitais de comunicação e, ainda, todo suporte de difusão de informação que constitui um meio intermediário de expressão capaz de transmitir mensagens incluindo bases físicas ou tecnológicas no emprego de registro de informações, como CD, videotape, impressos etc.

Em 1995, o sociólogo John B. Thompson publicou a obra "*A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*", na qual busca entender a influência e o impacto que os meios de comunicação podem exercer na sociedade e sugere que essa influência sempre existiu, uma vez que se considera natural a necessidade comunicativa do ser humano, pois é percebida desde as civilizações antigas, principalmente por meio de comunicação oral e símbolos. Já no século XV, com a criação da escrita, o cenário comunicativo muda. Como a palavra ágrafa supunha uma limitação de transmissão, a possibilidade da escrita (e posteriormente de sua reprodução com o surgimento da imprensa) permitiu a difusão de palavras, informações e vários conhecimentos. Isso alterou os modos de comunicação, uma vez que então foi possível a interação para além da interação face a face. Para o autor, criam-se ao menos mais duas novas formas de interação: a quase-interação mediada, que inclui a utilização de meios de

comunicação massivos e unidirecionais, como os livros, e a interação como, por exemplo, o uso de um telefone (THOMPSON, 2011).

Ademais, Thompson (2011) afirma que o desenvolvimento midiático mudou a constituição de espaço e tempo da vida cotidiana, pois possibilitou interações desprendidas de uma situação local, alterando as formas de visibilidade e influenciando no processo de formação do sujeito. Embora sugira todas essas mudanças, assegura que não há situações específicas que irão coincidir com apenas um tipo delas, mas ao contrário, essas interações desenvolvem-se no fluxo da vida diária de maneira híbrida.

No que tange a esse desprendimento local, o autor aborda um distanciamento na forma de interação, que é monológica, e afirma que ela pode ser descrita como uma atividade cotidiana mediada:

A característica distintiva deste tipo de ação é que ela faz parte do fluxo das atividades ordinárias da vida cotidiana. Por isso a região frontal da esfera de produção é o conjunto de ações e interações que compõem a vida cotidiana de indivíduos que as realizam ou participam delas. Mas o fato de que estas ações ou interações sejam filmadas ou gravadas e depois transmitidas para um mundo de receptores distantes, e por isso mesmo impliquem **a quase-interação mediada**, pode afetar a natureza da ação e da interação em si mesmas, como também seu rumo subsequente. (THOMPSON, 2011, p. 144, grifo nosso)

A mídia, enquanto campo de estudo científico da Psicologia, permite entender as experiências construídas pelas pessoas por meio das tecnologias que fazem parte dela, e, especificadamente, isso pode se dar pelo uso da internet.

Mininni (2008) afirma que o estudo da mídia insinua a dimensão psicológica das comunicações de massa, e que o seu desenvolvimento está inextricavelmente emaranhado numa série complexa de mudanças econômicas, sociais, políticas e culturais que revela como as pessoas e as comunidades culturais se representam. Por isso, o autor também aponta a importância da mídia na construção de sentidos de um objeto estudado.

A concepção individualista do conhecimento é definitivamente colocada em crise pelo emergir da ação modeladora da mídia. Tudo o que nós sabemos de nós mesmos e do mundo (incluindo o fato de sabermos de saber e, ainda mais, o que ignoramos de ignorar) devemos à capacidade de interagir com os outros, capacidade essa que serve, de maneira cada vez mais intrincada, dos meios de comunicação de massa (MININNI, 2008, p. 35).

A civilização moderna, com suas tecnologias, oferece ao ser humano novas formas de perceber, sentir, intuir e pensar a partir de sua comunicação, e, essa comunicação ou a produção de circulação das mensagens na sociedade atual é extremamente dependente das atividades industriais na mídia.

A grande revolução introduzida pelo computador no sistema de comunicação e da vida cotidiana acontece a olhos vivos. Nossa época registra uma das mais profundas mudanças na estrutura da comunicação humana. [...] é razoável esperar que novas

tecnologias estejam mudando não apenas o modo de produzir (por ex.: o “teletrabalho”), mas também o modo de aprender e utilizar as informações, ou de tecer as relações (MININNI, 2008, 188).

Trata-se do advento tecnológico chamado de "Comunicação Mediada pelo Computador", ou CMC. Essa novidade permite delinear duas situações de interação, a de “um para muitos” e a de “muitos para muitos”. E como se dá essa conexão? Por meio de uma rede de computadores, a internet. Para Mininni (2008), a internet é a maneira de identificar, na rede de computadores, a própria relação com o mundo, mundo este visto como uma única aldeia a efeito da globalização, a “aldeia global”. Além disso, essa rede autoriza novas formas de mediação entre as necessidades, os desejos, os projetos dos seres humanos e o mundo (físico e social) a que se reportam.

O autor ainda afirma que a internet possui três características marcantes: ela é hipermidiática, no sentido da utilização de vários meios de comunicação ao mesmo tempo, como imagens, letras, números, música, vídeos; utiliza o hipertexto, que se constitui na não linearidade do texto, utilizando, assim, links que complementam a informação de acordo com a necessidade do leitor; e proporciona a interatividade mediada pelo computador, que se apresenta necessariamente bidirecional em sua função, na qual há o sujeito disposto tanto como produtor quanto como reproduzidor, sendo autor e leitor do seu campo.

Ainda a partir do texto *Mídia e Cidadania* (GUARESCHI, 2006), é possível pensar que a sociedade possui uma "cultura midiada"<sup>7</sup>, o que significa entender que se vive sob a égide da informação e que, nesse meio, a internet tem tido o caráter de modificar completamente a vida das pessoas, desde como se relacionam, como consomem e até como fazem sexo. Há uma superexposição às informações que possuem uma linguagem nova, digital; superexposição esta que conseguiu reunir várias informações em alguns *bytes* isto é, em um único pacote estão reunidos o texto, a imagem e o som, como um conjunto de dados localizados em um espaço infinito: o ciberespaço.

Assim, é possível pensar que a mídia tem sustentado um papel importante na vida cotidiana dos sujeitos, pois muitas vezes apresenta-se como aquela que dita quais tópicos devem ser discutidos no interior das famílias, na intimidade das relações sociais. Representa a comunicação e seus meios, e então é parte constituinte do ser humano. Em tempos de revolução tecnológica e avanço da difusão da internet, torna-se um meio relevante para pesquisas, científicas ou não, e acomoda a possibilidade de tornar-se objeto de estudo.

---

<sup>7</sup> Ideia desenvolvida por Thompson (2011)

Também atribuindo importância que a Psicologia deve direcionar para os estudos de mídia, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) organizou o Seminário Nacional Mídia e Psicologia: produção de subjetividade e coletividade, que resultou na obra de mesmo nome publicada em 2009. Nela há um compilado de temas que foram discutidos de maneira a chamar a atenção dos profissionais para essas questões na vida cotidiana. Ainda que a obra tenha seu foco voltado mais para mídias tradicionais como a televisão, é de suma importância apresentá-la para contextualizar as proposições desta ciência acerca do tema mídia.

Já na mesa de abertura do seminário, o convidado José Novaes afirmou que:

As subjetividades são produzidas socialmente por máquinas, por fábricas, como se faz com gêneros alimentícios em geral, com o vestuário, os automóveis, com os bens necessários à vida moderna. E, entre os aparelhos de produção de subjetividade, um dos mais importantes é justamente a mídia. (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2009, p. 21)

Logo, a ideia é que o seminário e a publicação possam expor a questão das subjetividades moldadas de maneira padronizadas no contexto midiático, mas também abordar a discussão de como se pode usar o alto poder tecnológico dos meios de comunicação para romper esses processos disciplinantes de produções de subjetividades amorfas, contribuindo com a democracia e a própria sociedade.

Ainda na abertura, Marcos Ferreira, discorreu sobre a urgência de pesquisas, reflexões e intervenções no tema de comunicação, de maneira que possam superar a incógnita que é a relação dos seres humanos com tecnologias de comunicação de massa em sua vida social, e instiga que se pesquise acerca da diversidade de usos desses meios.

Em outra mesa, Manoel Calvino chamou a atenção para a problemática do que se faz com a mídia e o papel da Psicologia nesse cenário e discorre sobre pontos que considera fundamental. Nesse sentido, o primeiro ponto diz respeito à necessidade de se desenvolver um senso crítico ou uma cultura crítica do consumo das mídias, pois afirma que "A televisão continuará como está. Mas poderá encontrar do outro lado de sua tela uma pessoa capacitada para a leitura das propostas boas e ruins."(CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2009, p. 40). O segundo ponto é apresentado em torno da questão de como "democratizar a mídia", e discorre sobre a questão da democracia não como um problema da mídia, mas um problema da sociedade, em que a mídia apenas reflete, multiplica e reforça a falta de democracia. O último ponto trata da construção de espaços de atuação também como uma responsabilidade dos profissionais de psicologia.

Considerando as prerrogativas apresentadas acerca da necessidade de a psicologia atuar frente as mídias, um dos temas apresentados no seminário foi "A contribuição da psicologia para a mídia de resistência", apresentado por Heitor Reis e Adilson Vaz Cabral Filho.

Cabral Filho declarou fundamental construir interfaces, não somente entre os campos de conhecimento, mas também entre diferentes atores, a partir da lógica de democratizar a sociedade para democratizar a comunicação, uma vez que considera que as ações frente a comunicação ficam presas ao campo político institucional criando discursos que não se transformam em práticas. Para ele:

Cada um de nós é uma mídia em potencial. Cada um de nós é apropriador potencial das tecnologias. E existem meios já estabelecidos. Não estamos aqui construindo mais um projeto de lei, buscando mais uma via institucional. Queremos nos apropriar dos meios que já estão disponíveis, e existe todo um potencial de trabalho para além da institucionalidade do CFP, da institucionalidade dos Conselhos Regionais, do que cada psicólogo pode se apropriar. (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2009, p. 313)

Heitor Reis contribuiu com o debate ao lembrar aos participantes do evento que a mídia concorre para a formação e deformação da subjetividade das pessoas desde a infância, fazendo da vida uma mercadoria e reduzindo seu valor a um objeto de consumo, pois em nossa sociedade a mídia está vinculada à produção de lucro em detrimento do seu caráter informacional, por isso produz verdades mais convenientes aos detentores de poder econômico. Para situar seus ouvintes, ele lembrou que a comunicação de massa, em especial a televisão e rádios, desenvolveu-se na América Latina e no Brasil durante os regimes militares que tinham como objetivo uma política nacional integrada que prevenisse quaisquer movimentos de cunho subversivo à ordem estabelecida, o que facilitou a formação de oligopólios.

Por fim, o autor declarou que o papel da Psicologia (integrando os conselhos e profissionais) deve ser o de enfrentar essa situação a partir da construção e desenvolvimento de meios próprios de comunicação de massa, mas para isso é necessário:

Reconhecer publicamente a existência de uma classe dominante no País e revisar o conceito de que estamos em uma democracia, que é defendido intransigentemente pela mídia e pelo Estado privatizado por uma minoria; Reconhecer e contribuir para que a população incorpore a consciência de que estamos numa ditadura dos ricos sobre os pobres, dos brancos sobre os negros, dos homens sobre as mulheres, da mídia sobre os leitores, ouvintes e telespectadores; Produzir condições para que se busque uma democracia plena e verdadeira; Os Conselhos de Psicologia e os Sindicatos dos Psicólogos devem aplicar na mídia de resistência a revisão dos conceitos tradicionais tidos como absolutos até então, como fizeram com a reforma psiquiátrica, um exemplo de como se pode mudar a realidade; O CFP deve reconhecer, como a Federação Nacional de Jornalistas o fez, que, sem democratizar a comunicação, não haverá plena democracia no Brasil; Reconhecer a existência de um oligopólio inconstitucional dos meios de comunicação e tomar medidas práticas e objetivas no sentido de combatê-lo; Reconhecer, como o faz a filósofa Marilena Chauí, que o Estado brasileiro é autoritário e oligárquico; Aumentar concretamente seus esforços no sentido de patrocinar, com outras organizações, o fortalecimento do Fórum Nacional pela Democratização das Comunicações e da

própria Abraço – Associação Brasileira de Radiodifusão Comunitária, ajudando, assim, a agregar e qualificar as 15 mil rádios de baixa potência, e, com outros meios populares de comunicação, formar uma grande rede nacional a serviço da cidadania e da democracia de fato, e não apenas de direito. (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2009, p. 311-312).

### 1.3. Contextualização do momento das pesquisas em internet

Este estudo parte da constatação de que vivemos em um momento no Brasil e no mundo onde a produção, acesso e circulação de informação têm crescido vertiginosamente por causa da internet. A abrangência das mudanças que esse processo produziu nos modos de vida aponta para transformações, atuais e potenciais em todas as áreas da vida social, tais como educação, comércio, trabalho, política, lazer, etc. Além disso, a internet permite a troca de informações por meio de diferentes formatos de mídia, por exemplo, imagens, vídeos e músicas, além de textos, redesenhando o universo da comunicação e seus suportes.

Contudo, ao mesmo tempo que oferece variados recursos aos seus usuários, sua distribuição é muito desigual, pois enquanto serviço de comunicação pago, o alto valor restringe o acesso apenas aos cidadãos que podem custear.

O Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da informação (CETIC.BR)<sup>8</sup> apresentou relatório da pesquisa intitulada "Dez anos produzindo dados sobre a internet no Brasil"<sup>9</sup> que apresenta a proporção de domicílios urbanos com internet que foi de 13% em 2005 para 54% em 2014, percentagem que representa quase a mesma proporção de domicílios com computador somando 55% também em 2014. Esse percentual diz respeito a 94,5 milhões de internautas que é quase a metade da população total no Brasil. Já a proporção de pessoas que acessaram a internet apontou a percentagem de 24% em 2005 crescendo para 59% em 2014. Contudo, quando o acesso se relaciona às empresas, a percentagem de acesso inicia-se em 95% em 2005, passando por 98% em 2011 e caindo para 96% em 2014, apontando que a necessidade de se manter conectado é mais exigente na área profissional que na pessoal. Ainda sobre as empresas, a pesquisa passa a apontar o uso de redes sociais por elas a partir de 2012 a 2014, cuja percentagem foi de 36% para 45% em apenas dois anos. Outro dado relevante na pesquisa é que o uso da internet por meio de celular para crianças e adolescentes de 9 a 17 anos em 2014 foi de 82%. Assim, podemos verificar que embora haja uma desigualdade no acesso ao serviço de internet, o seu uso é um crescente na vida cotidiana.

---

<sup>8</sup> O CETIC.BR está ligado ao Comitê Gestor da Internet no Brasil – CGI.BR e é responsável por produzir indicadores e estatísticas no Brasil. Em 2012 passou a vincular-se também à UNESCO na produção de dados.

<sup>9</sup> Disponível em < <http://www.cetic.br/publicacao/dez-anos-produzindo-dados-sobre-a-internet-no-brasil/>> Acesso em 07 de Maio de 2017.

Outra pesquisa realizada pela mesma instituição que discutiu o "Acesso à internet no Brasil e seus desafios para conectar toda a população"<sup>10</sup>, publicada em maio de 2016, mostrou que apesar de em 2015 a internet comercial ter completado vinte anos de funcionamento, há ainda muitos brasileiros sem acesso, e os motivos disso foram apresentados como o custo elevado, a ausência de computadores no domicílio, a falta de habilidade no uso, falta de interesse, falta de necessidade ou ainda falta da disponibilização do serviços, ou seja, de provedores. Sobre os serviços de internet incide uma carga tributária que representa 43% do valor total, o que contribui para o alto custo da internet brasileira. Para áreas rurais, a falta da oferta de serviços de internet foi marcada como 29% em 2015. Contudo, o número de usuários de celulares com internet somou 280 milhões em 2015, desses, 56% somente acessa internet pelo celular, fazendo do acesso móvel a melhor opção frente às dificuldades estruturais e políticas de comunicação digital no país. A pesquisa ainda aponta que as atividades mais executadas por um usuário de celular com internet, representado por 43% deles, é a troca de mensagens por aplicativos como *Whatsapp* e o uso de redes sociais.

A realidade do acesso torna-se pior se regionalizadas, por exemplo, na cidade de Abaetetuba no Estado do Pará, norte do Brasil, tanto na zona urbana como na zona rural (maior fonte de recursos do município) a internet funciona por meio de um provedor localizado na capital do Estado – Belém, distante cerca de 100km – esse provedor distribui a internet via rádio, por antena, e para captar o sinal deve existir uma outra antena que recebe e distribui para mais usuários; é possível captar esse sinal e distribuir via cabos para chegar em casas e escritórios, ligada à um roteador que distribui via *wi-fi*<sup>11</sup>. Por conta disso, mesmo que o provedor ofereça uma internet de alta velocidade, a necessidade de redistribuir muitas vezes torna-a muito instável e pouco rápida, além de custosa.

Informações como essa podem ser verificadas em mapas de cobertura de internet. No Brasil, a responsável por criar e manter esse mapa atualizado é a Associação Brasileira de Telecomunicações (Telebrasil)<sup>12</sup>. Em seu *site* é possível fazer várias verificações divididas por Estado em que se nota grande diferenciação de Estados considerados centros comerciais, como São Paulo, e Estados com pouca representatividade comercial, como o Pará, que tem importante

---

<sup>10</sup> Disponível em: [http://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/6/Panorama\\_Setorial\\_11.pdf](http://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/6/Panorama_Setorial_11.pdf). Acessado em 07 de maio de 2017

<sup>11</sup> O que é Wi-Fi: Wi-Fi é uma abreviação de “Wireless Fidelity”, que significa fidelidade sem fio, em português. Wi-fi, ou wireless é uma tecnologia de comunicação que não faz uso de cabos, e geralmente é transmitida através de frequências de rádio.

<sup>12</sup> Disponível em: <http://www.telebrasil.org.br/panorama-do-setor/mapa-de-erbs-antenas>. Acessado em 07 de maio de 2017

extensão territorial. De acordo com o *site* há no Estado de São Paulo 20.961 antenas, enquanto no Estado do Pará somam 2.282, como se pode acompanhar nas imagens a seguir:

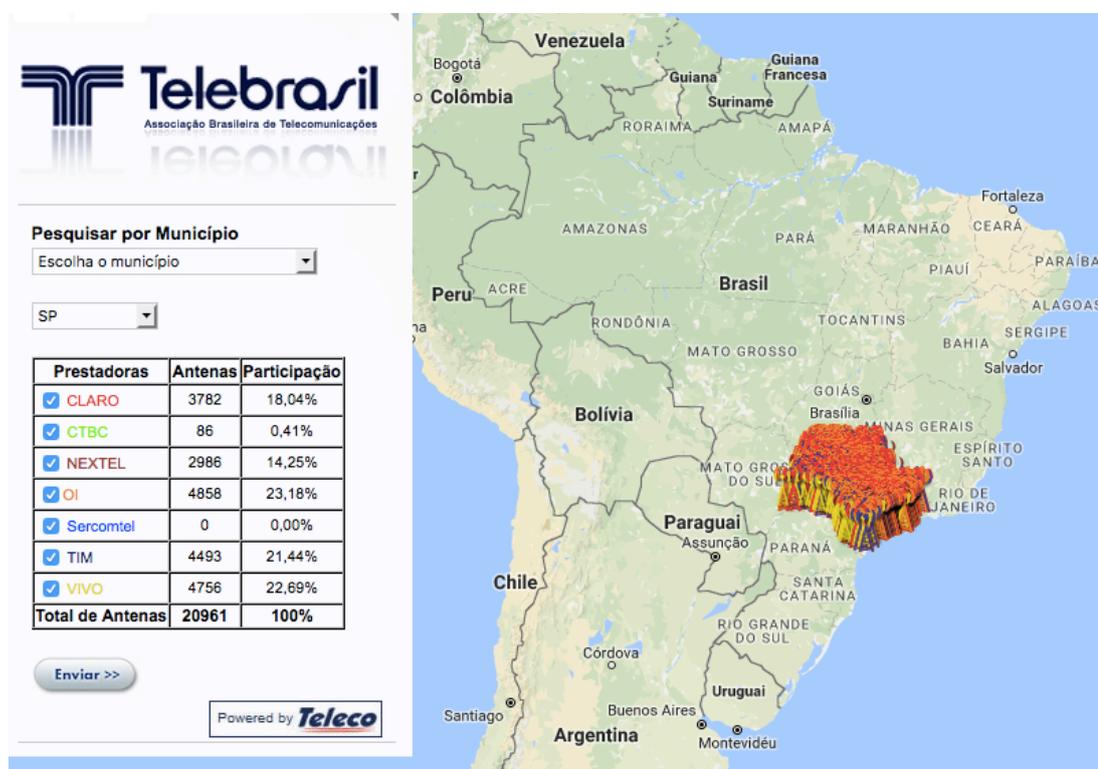


FIGURA 1 – Mapa da distribuição de antenas no Estado de São Paulo

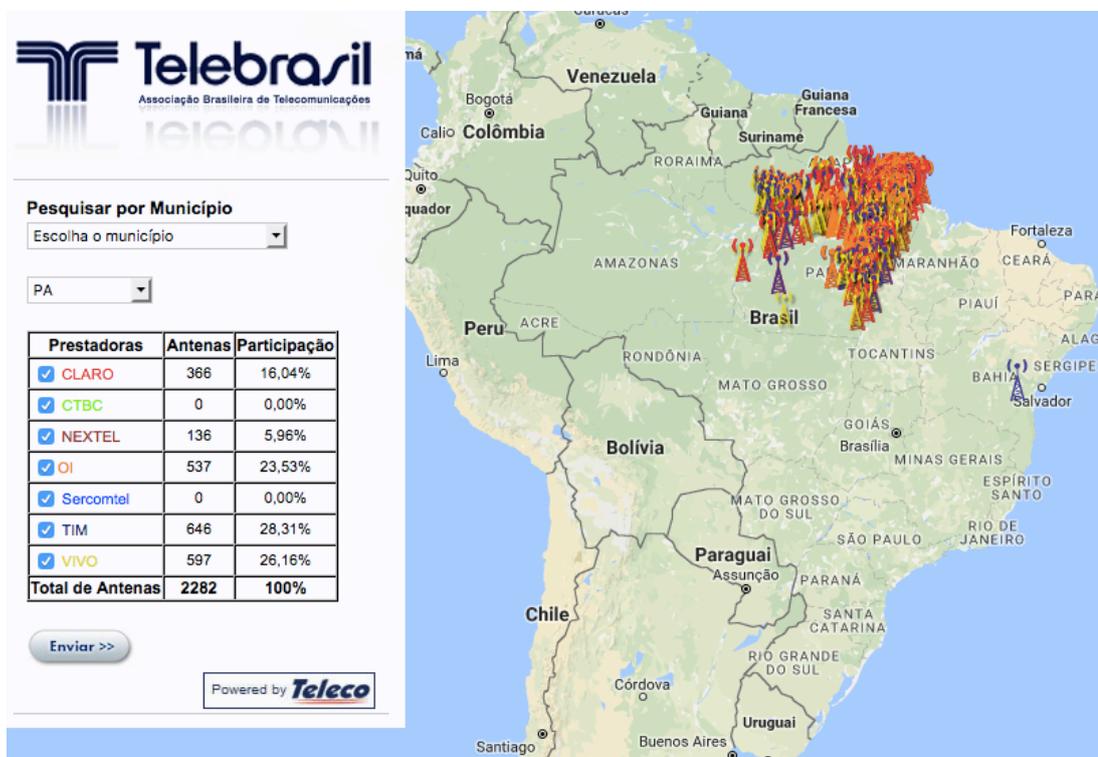


FIGURA 2 – Mapa de distribuição de antenas no Estado do Pará

Há ainda mapas digitais criados e desenvolvidos de maneira coletiva por usuários da internet, como o site [www.tambotech.com.br](http://www.tambotech.com.br), que permite gerar por meio da plataforma Google, com a ferramenta "Maps", um mapa de informações acerca da qualidade da internet ofertada no Brasil. Para isso, a alimentação dos dados pode ser feita por qualquer usuário a partir de um cadastro na plataforma Google, conforme sugere imagem abaixo:

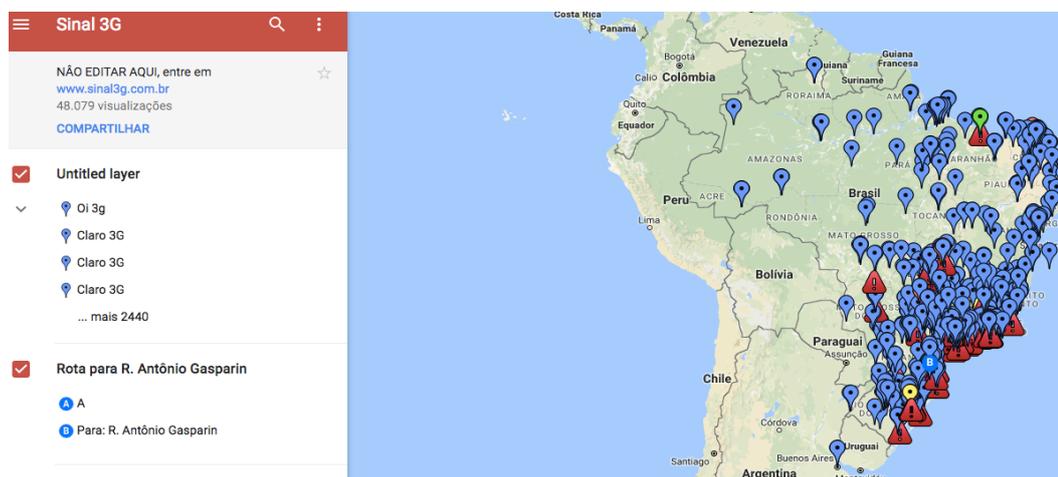


FIGURA 3 - Captura de tela do mapa da internet desenvolvido coletivamente<sup>13</sup>

Vê-se na Figura três o mapa da América Latina com apontamentos criados coletivamente a partir de informações adicionadas por usuários diversos, em que os pontos azuis representam conexões de boa qualidade. Já os pontos em verde sinalizam que a conexão é de qualidade média e oscilante. Os pontos amarelos sinalizam conexão de baixa qualidade e os vermelhos apontam qualidade péssima ou conexão inexistente.

Kozinets (2014) afirma que acompanhar os números de uma sociedade acerca de seu potencial de alcance e conectividade sustenta a ideia de que o que está acontecendo não é simplesmente uma mudança quantitativa no modo como a internet é usada, antes trata-se de uma mudança qualitativa. Pois, quanto mais as pessoas se conectam e usam a internet, mais permitem que um dispositivo de comunicação altamente sofisticado fortaleça a formação de comunidades.

Para muitos, essas comunidades, como a própria internet, têm sido consideradas indispensáveis. Elas estão se tornando “lugares” de pertencimento, informação e apoio emocional, sem os quais as pessoas não ficam. Bater papo e conferir com os membros de sua comunidade online antes de uma compra, uma consulta médica, uma decisão acerca da criação dos filhos, um comício político ou um programa de televisão está se tornando algo instintivo. (KOZINETS, 2014, p. 21)

<sup>13</sup> Disponível em:

<<https://www.google.com/maps/d/viewer?msa=0&mid=1Xh8EWBDY97vtLnEYuAVLvRGvu2o&ll=-19.74240913505185%2C>> Acesso em 03 de julho de 2017.

É fato que a internet ganha espaço importante na vida dos/das brasileiros/as, pois apesar de a cobertura ainda ser ineficiente, seu crescimento é notável e o país deve seguir provendo tais mudanças<sup>14</sup>. Nesse sentido, é importante dizer que apenas em 2014 se implementou a lei nº 12.965 que regula o uso da internet no Brasil, incidindo sobre provedores de serviços e de conteúdos, além de orientar acerca de direitos e deveres dos/das usuários/as, em que o acesso à internet é compreendido como exercício de cidadania.

Essa lei é conhecida popularmente como “Marco Civil da Internet”, ou ainda, como “Constituição da internet” e define a internet como "o sistema constituído do conjunto de protocolos lógicos, estruturado em escala mundial para uso público e irrestrito, com a finalidade de possibilitar a comunicação de dados entre terminais por meio de diferentes redes" (BRASIL, 2014).

De maneira geral, o Marco Civil da Internet, construído de maneira coletiva e apoiado pelas instituições mais importantes de comunicação no Brasil, dispõe sobre seu uso com ênfase no/a:

- Princípio de Neutralidade da rede, que seria uma democratização da qualidade e da velocidade independente do conteúdo acessado;
- Liberdade de expressão, que se constitui na garantia de que tudo que há publicado na internet permaneça *on-line*, com exceção de conteúdos inadequados, como nudez e práticas criminosas no contexto *on-line*, por exemplo, o tráfico de pessoas;
- Privacidade dos/as usuários/as, que significa evitar que dados sejam comercializados para empresas sem autorização prévia;

De maneira similar, ainda que de maneira tímida, a academia tem desenvolvido estudos e pesquisas sobre a internet e suas questões. Contudo, os estudos desenvolvidos localizam-se principalmente nas áreas científicas de comunicação, computação e direito – movido principalmente pelos crimes *on-line*. Por esse motivo, a literatura promovida pela psicologia brasileira acerca da internet, em especial de cunho social, ainda é pequena, o que, ao mesmo tempo, reforça a relevância deste estudo.

Esta pesquisa encontra-se pautada no Código de Ética profissional do psicólogo, que tem como princípios fundamentais garantir e promover que o trabalho de um/a psicóloga/o seja pautado nos direitos humanos fundamentais em que se garanta a promoção de saúde, qualidade de vida das pessoas e de coletividades, contribuindo para a eliminação de quaisquer formas de

---

<sup>14</sup> Desde a conferência mundial RIO-92 o Brasil encontra-se comprometido em investir em desenvolvimento sustentável. Recentemente, participou também da Rio +20 aceitando a Agenda 2030 e seus Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

negligencia, discriminação, opressão e violência, bem como preza pelo aprimoramento profissional, contribuindo para o desenvolvimento da Psicologia como campo científico de conhecimento e de prática. Firma-se ainda na noção de que o/a profissional de psicologia deve promover a universalização do acesso da população às informações. Dessa maneira, esta pesquisa desenvolve-se zelando pelo exercício profissional digno com ciência das relações de poder e de seus impactos sobre a produção de conhecimento. (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2005)

Cabe registrar, também, que esta pesquisa abordará a relação entre a internet e o campo da psicologia social considerando a internet como uma ferramenta de trabalho para o/a profissional de psicologia, em especial àqueles/as que atuam na área social, com a expectativa de se criar um campo de discussões teóricas e analíticas, estabelecendo-se um caminho fértil para a ciência psicológica.

## 2 – CONHECENDO O BOSQUE: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DE ÁREAS IMPORTANTES PARA SE CONHECER A INTERNET

Neste capítulo serão apresentadas teorias e/ou conceitos e ideias de cunho filosófico, sociológico e da ciência da comunicação que contribuem para a discussão do objeto de estudo, internet. Assim, inicio descrevendo a origem e desenvolvimento da internet e depois adentro a discussão à luz da sociologia, discutindo as ideias de Manuell Castells. Posteriormente, na filosofia, discuto as ideias de Pierre Lévy, e sua parceria com Michel Authier e posteriormente com o comunicador André Lemos. Por fim, apresento contribuições teóricas da comunicadora brasileira, Raquel Recuero e da comunicadora portuguesa Inês Amaral.

### 2.1 – Internet e sua história

*Kid Vinil quando é que tu vai gravar cd  
Kid Vinil quando é que tu vai gravar cd  
Tecnologia existe pra salvar o homem do fim  
Se você estiver triste delete a tristeza assim  
E se quiser conversar passe um fax pra mim  
Time is Money, god is dead, Have you a nice dream  
Acessando a internet você chega ao coração  
Da humanidade inteira sem tirar os pés do chão  
Reza o pai-nosso em hebraico, filosofa em alemão  
Descobre porque que o Michael deu chilique na televisão  
Milhares de megabytes abatendo a solidão  
Com a graça de Bill Gates, salve a globalização  
Se homem já foi a lua vai pegar o sol com a mão  
Basta comprar um "pc" e aprender o abc da informatização  
("Kid Vinil" música de Zeca Baleiro – 1997)*

Há vinte anos, o músico brasileiro Zeca Baleiro anunciava em suas letras que a informatização fazia parte da vida cotidiana. Ao longo da música ele apresenta um homem sozinho, perdido na hipervalorização do tempo e que para sair de sua solidão cria um instrumento onde haverá "coração" e afeto, a internet. Nela, localiza-se o centro da globalização, que permite acessar diferentes informações se você tiver recursos suficientes para pagar por isso. Há também um tom de cinismo e crítica de uma condição do uso da tecnologia como algo necessário para se estar no mundo, afinal, Kid Vinil quando é que tu vai gravar cd?

A internet, palavra da língua inglesa que em tradução livre poderia ser compreendida como rede (*net*) interconectada (*inter*), também conhecida como um sistema de rede que conecta aparelhos microeletrônicos, foi criada nos Estados Unidos no período pós guerra, aproximadamente nos anos 1960<sup>15</sup>. Nesse momento foi idealizada como uma ferramenta de comunicação desenvolvida para uso militar, com a função de impedir que informações militares fossem encontradas, bem como permitia e facilitava a comunicação entre seus agentes. Sua característica mais marcante era a possibilidade de não ser centralizada, pois se espalhava por cada computador que funcionava como um nó nessa rede.

A primeira internet chamava-se ARPAnet (Advanced Research Projects Agency Network) e o desenvolvimento dessa rede resultou em sua transformação nos anos 1990 para a NSFnet (National Science Foundation's Network), cuja característica mais especial era permitir ligar-se a outras redes existentes, mesmo em outros países. No ano de 1995 a internet deixou de ser gerida pelo departamento de defesa norte-americano e passou a ser administrada por instituições não-governamentais. (MONTEIRO, 2001)

O desenvolvimento histórico da internet aponta que a ARPAnet foi criada em 01/09/1969 pela Agência de Projetos de Pesquisas avançadas do Departamento de defesa dos Estados Unidos e que ela possuía quatro nós que representava a fusão de estratégias militares, iniciativa tecnológica e inovação contracultural. Em 1983 ela passa a ser dividida em ARPAnet para usos científicos e MILnet para aplicações militares. Como a manutenção e desenvolvimento dessas redes também fora atribuído à Universidades Norte-americanas, ainda na década de 80 surgem mais duas redes a CSnet de cunho científico e a BITnet não científica. Contudo, a criação da NSFnet em 1990 coloca fim na separação das redes. (CASTELLS, 1999)

No que diz respeito à internet no Brasil, foram o Ministério da Comunicação e o Ministério de Ciência e Tecnologia os responsáveis por disponibilizar a internet ao público em geral que teve início em 1995. Nesse momento, buscou-se implantar a infraestrutura necessária para posteriormente entrar em operação de modo que foram empresas privadas as responsáveis por prover acesso à rede. (MONTEIRO, 2001)

A internet que hoje conhecemos possibilita várias ações cotidianas, como acesso a serviços bancários, compras variadas, de comida a roupa, viagens etc. Para tanto, é necessário, além do sinal de internet que pode ser discado, cabeado, a radio ou via *wi-fi*, de um navegador, que poderá acessar *sites* diferentes. Isso somente é possível por que existe a *Word Wide Web*,

---

<sup>15</sup> As correntes de contracultura das décadas de 1960 e 1970 influenciaram substancialmente o desenvolvimento da internet. A ideia de libertação, de troca livre de informações e experiências era o que impulsionava os estudos e os avanços tecnológicos.

ou "www", como passou a ser conhecida e que "*consiste em um espaço de troca de informações multimídia (texto, som, gráficos e vídeo) através da estrutura da internet*" (MONTEIRO, 2001, p.29). A grande novidade implementada por esse formato é o uso de hipertexto, ou seja, a possibilidade de criar links que se ligam a outros textos ou mídias, fazendo com que a ordem da leitura não seja necessariamente linear.

## 2.2. A sociologia de Castells, a sociedade em rede e os movimentos sociais.

Manuel Castells, sociólogo espanhol dedicado ao estudo das novas tecnologias de informação e comunicação em relação aos processos econômicos, desenvolveu uma grande pesquisa chamada "A Era da Informação" que fora publicada em três volumes, sendo eles: I – A Sociedade em Rede; II – O poder da Identidade; e III – Fim do Milênio, além de várias outras obras importantes, como a obra "Redes de Indignação e Esperança: movimentos sociais na era da internet".

Assim, Castells (1999, 2005, 2013) sugere que o nosso mundo está em processo profundo de transformação. Para o autor, esse processo encontra-se atrelado ao surgimento de um novo paradigma tecnológico que se desenvolve baseado nas TIC, o qual chama de revolução das tecnologias de informação e que incide sobre as estruturas sociais causando mudanças diversas.

Para tanto, afirma que as estruturas sociais constituem-se em modos de organização da sociedade que são historicamente determinados e dispõem sobre modos de produção (ação do ser humano sobre a natureza desenvolvida por classes), de experiências (ações do sujeito sobre si mesmo que podem ser naturais ou culturais e que incidem sobre a satisfação de necessidade e a estruturação da família, logo da sexualidade) e de poder (aborda a relação de poder entre produção e experiência). Nesse sentido, "as instituições sociais são constituídas para impor o cumprimento das relações de poder existentes em cada período histórico, inclusive os controles, limites e contratos sociais conseguidos nas lutas pelo poder" (CASTELLS, 1999, p. 51-52).

Das várias transformações, algumas ainda em curso, abordadas por Castells (1999), a principal diz respeito ao sistema capitalista que se reestrutura aglutinando as tecnologias ao seu favor. Uma vez que ele considera que "o fator histórico mais decisivo para a aceleração, encaminhamento e formação de paradigma da tecnologia da informação e para a indução de suas conseqüentes formas foi/é o processo de reestruturação capitalista" (p.55). Trata-se de um novo sistema econômico, o capitalismo informacional, que tem por objetivos aprofundar a lógica do lucro, globalizar a produção, aumentar a produtividade e direcionar o apoio estatal.

Nesse sentido, o capitalismo informacional sugere que empresas passem a trabalhar em rede, tanto em sua organização, quanto em relação à outras empresas; afirma um declínio da

influência de movimentos de trabalhadores pelo fortalecimento do capital em detrimento do trabalho e de aumento vertiginoso da força de trabalho feminina sem respaldo de igualdade de gênero; supõe ainda a intervenção estatal como meio de desregulação de mercado, pois há um desmonte do estado de bem-estar social; há ainda a ideia de integração de mercados internacionais com aumento concorrência global. (CASTELLS, 1999)

Nesse processo encontra-se a sociedade dando forma às tecnologias a partir das suas necessidades. No que tange às tecnologias de comunicação encontra-se particularmente mudanças sensíveis de efeitos sociais. No entanto, ele afirma que “a tecnologia é condição necessária, mas não suficiente para a emergência de uma nova forma de organização social baseada em redes” (2005, p. 17). Tal processo é análogo ao de transformação industrial com o uso de energia elétrica, isso significa dizer que esse novo conhecimento foi sendo utilizado e adaptado para às satisfações das necessidades humanas. O mesmo acontece agora; com as novas tecnologias sendo integradas à organização social, o que se tem é a microeletrônica sendo incluída na “velha” rede social.

Castells (1999) dedica-se em desenhar uma analogia das revoluções industriais (1770 com a máquina a vapor e 1870 com a eletricidade) com a revolução das tecnologias de informação, pois considera que ambas causaram mudanças nos padrões da sociedade e da economia do mundo. Assim ele indica contribuições ou lições da revolução industrial para compreender a que está em curso. A primeira seria entender que descobertas tecnológicas ocorrem em agrupamentos conhecidos como “meios de inovação”, pois a inovação tecnológica não ocorre isoladamente nas sociedades. A segunda é compreender que as inovações tecnológicas demoram um certo tempo para transformar a sociedade, visto que esse tempo normalmente é menor em grandes centros ligados aos “meios de inovação”.

Além disso, esse processo de transformação social permite a criação de um novo sistema de comunicação que é globalizado e que compartilha identidades, fomenta novos canais de informação, aumenta as disputas nos relacionamentos de variados tipos, permite o ataque e enfraquecimento do patriarcado, redefine o que é personalidade e sexualidade, bem como cria e desenvolve uma consciência ambiental (CASTELLS, 1999).

Assim, o que Castells (1999) diz é que essa nova ordem da economia mundial tem sua centralidade na revolução tecnológica, uma vez que considera que a comunicação digital influencia as economias atuais ao mesmo tempo que gera mudanças sociais de grande importância fazendo com que os indivíduos se reagrupem em torno de identidades primárias como religiões ou etnias. Essas características mostram uma oposição entre a rede e o ser.

A comunicação simbólica entre os seres humanos e seus relacionamentos com a natureza, com base na produção, experiência e poder, cristalizam-se ao longo da história em territórios específicos, e assim, geram culturas e identidades diversas. (CASTELLS, 1999, p. 52)

Nesse interim, as redes são formas de organizações sociais mais flexíveis e adaptáveis, mas geralmente são do domínio do privado, uma vez que o mundo da produção, as instituições, igrejas, exércitos organizam-se de maneira vertical com uma autoridade central. No entanto, as redes de tecnologia conseguem ultrapassar os limites organizativos, pois tem a capacidade de descentralizar sua performance ao longo de uma rede de autônomos. As redes de comunicação digital são a coluna vertebral da chamada sociedade em rede, e ela se manifesta de diversas formas, conforme a cultura, as instituições e a trajetória histórica de cada sociedade. Além disso, as redes de comunicação transcendem fronteiras, pois a sociedade em rede é global, baseada em redes globais, e sua lógica atravessa diversos territórios e países, podendo ser considerada a globalização em si. (CASTELLS, 2005)

Contudo, as redes são seletivas de acordo com seus programas específicos e por isso conseguem em um mesmo momento comunicar e não comunicar, ou seja, a sociedade em rede difunde-se, mas não atinge todos. Assim, o que se segue é uma análise que está longe de seguir um pensamento progressista ou aniquilador, é uma abertura para todo e qualquer tipo de apreensão sem necessariamente ser um julgamento valorativo. (CASTELLS, 2005.)

A questão que se coloca é reconhecer esse novo terreno histórico, esse mundo, para compreender como sociedades específicas podem atingir seus objetivos específicos e praticar seus valores fazendo uso dessa nova possibilidade tecnológica capaz de transformar as formas de comunicação, podendo alterar as formas de vida. Nesse sentido, compreende-se que apenas o surgimento de um novo aparelho ou de uma nova tecnologia não constitui qualquer mudança em si, mas depende de quem o usa, por que o usa, onde e como. (CASTELLS, 2005)

A sociedade em rede, em termos simples, é uma estrutura social baseada em redes operadas por tecnologias de comunicação e informação fundamentadas na microeletrônica e em redes digitais de computadores que geram, processam e distribuem informação a partir do conhecimento acumulado nos nós dessas redes. (CASTELLS, 2005, p. 20)

No capitalismo informacional a economia em rede (“nova economia”) é uma nova e eficiente forma de organização da produção, distribuição e gestão que está na base do aumento substancial da taxa de crescimento da produtividade nos EUA – o aumento da produtividade é o indicador empírico mais direto da transformação de uma estrutura produtiva. Tal crescimento associa-se a três processos: 1) geração e difusão de novas tecnologias microeletrônicas/digitais de comunicação e informação. 2) transformação do trabalho, com o crescimento do trabalho

altamente qualificado, autônomo, capaz de inovar e se adaptar às mudanças globais e à economia local; 3) difusão de uma nova forma de organização em torno de redes. (CASTELLS, 2005)

A sociedade em rede também se manifesta na transformação da sociabilidade – assim a interação face a face não desaparece, na verdade o autor aponta que quanto mais as pessoas utilizam a internet, mais se envolvem em interações face a face, em todos os domínios de sua vida. Da mesma maneira, as novas formas de comunicação sem fios, desde os telefones móveis ao *wi-fi*, fazem aumentar substancialmente a sociabilidade, particularmente nos grupos mais jovens da população. A sociedade em rede é uma sociedade hipersocial, não uma sociedade de isolamento (CASTELLS, 2005).

...as pessoas, em sua maioria, não disfarçam sua identidade na internet, exceto alguns adolescentes a fazer experiências de vida. As pessoas integraram as tecnologias nas suas vidas, ligando a realidade virtual com a virtualidade real, vivendo em várias formas tecnológicas de comunicação, articulando-as conforme suas necessidades. (CASTELLS, 2005, p. 23)

Porém, existe de fato uma mudança na sociabilidade que não é uma consequência das novas tecnologias, mas suportada por elas. Com a emergência do individualismo como cultura dominante na rede, as flexibilidades das novas tecnologias adaptam-se perfeitamente à sociedade de indivíduos em rede. Por isso, é importante reforçar que a mídia e a comunicação são processos centrais nessa sociedade em rede e, como constituem um espaço público, criam relacionamento entre instituições, organizações da sociedade e as pessoas no seu conjunto, não enquanto indivíduos, mas como receptores coletivos de informação, mesmo quando a informação final é processada por cada pessoa de acordo com suas características particulares.

Castells (2005) define esse novo sistema de comunicação por três grandes tendências:

1. A comunicação é geralmente organizada pela mídia em níveis globais e locais simultaneamente, é genérica e especializada, dependente dos mercados e dos produtos;
2. O sistema de comunicação está cada vez mais digitalizado e mais interativo, assim o movimento dos *mass media* tem se tornado um sistema especializado e fragmentado, bem como flexível e diversificado, permitindo maior integração das fontes de comunicação num mesmo hipertexto;
3. A difusão da sociedade em rede e a expansão da tecnologia de comunicação expandem as redes horizontais de comunicação em uma comunicação de massa autocomandada, iniciada por indivíduos ou grupos em *blogs* e *vlogs*, permitindo que as pessoas comuniquem-se sem o intermédio das instituições como o governo e a mídia.

O que resulta desta evolução é que a cultura da sociedade em rede é largamente estruturada pela troca de mensagens no compósito de hipertexto eletrônico criado pelas redes, ligada tecnologicamente, de modos de comunicação diferentes. Na sociedade em rede, a virtualidade é a refundação da realidade através de novas formas de comunicação socializável (CASTELLS, 2005, p. 24)

Assim, antes de seguir na discussão dos próximos pontos, há de certificar-se que foi compreendido que Castells (1999, 2005) defende um novo sistema econômico, o capitalismo informacional, a partir da entrada das TIC no meio econômico. E ainda que esse seja o ponto central da argumentação, as mudanças não acontecem por esse motivo, mas pela maneira como as pessoas levam essa tecnologia para suas vidas, alterando sua sociabilidade, logo, suas relações e a si mesmo. A tecnologia não tem poder em si, mas são as pessoas que mudam suas formas de exercê-la nas relações. Assim, os pontos que seguem dizem sobre as transformações políticas para os Estados e para os movimentos sociais.

A política, dependente do espaço público, também é transformada em função das condições da cultura da virtualidade real. As opiniões políticas e o comportamento político são formados no espaço de comunicação, e, embora não sejam determinantes, são fortemente influenciados por tudo que está na mídia em detrimento do que “não está”. Assim nota-se a implicação da mídia na construção de hegemonia ou de contra hegemonia política para além das campanhas eleitorais.

Há também uma transformação mais profunda, o aparecimento de uma nova forma de Estado, aquele que está na rede global e não mais local. Para Castells (2005) não há um Estado global formal, mas um processo de gestão conjunta daquilo que afeta a maior parte dos interesses. Assim, criam-se várias alianças inter-nações como o Mercado Comum do Sul (Mercosul), a Organização das Nações Unidas (ONU) e o Fundo Monetário Internacional (FMI). Dessa forma, o autor define o Estado em Rede; uma governança realizada em rede de instituições políticas que partilham a soberania em vários graus, que se reconfigura em si própria numa geometria geopolítica variável. Ela não é resultado das mudanças tecnológicas, mas a resposta à contradição estrutural entre o sistema global e o Estado nacional. Todavia, as novas tecnologias ajudam a operacionalizá-la.

Para os Estados, é importante saber como proceder para maximizar as hipóteses de cumprir projetos individuais e coletivos expressos pelas necessidades sociais. Pois, apenas fornecer banda larga não garante o aumento da produtividade, tampouco o desenvolvimento. É na sinergia entre os processos que as ações têm capacidade de mudar mecanismos da sociedade em rede.

Para Castells (2005), atualmente o ator decisivo para desenvolver e moldar a sociedade em rede é o setor público, pois é nele que as novas tecnologias estão menos desenvolvidas e os obstáculos ao funcionamento em rede são mais aparentes. O modelo burocrático de funcionamento está em completa contradição com os processos da sociedade em rede. Assim, a reforma do setor público comanda todo o resto, a difusão do e-governo (conceito que abrange um governo eletrônico, mas que inclui a participação dos cidadãos) – e-saúde, e-formação, e-segurança.

Na base de todo o processo de mudança está o trabalhador auto programado, cuja personalidade é flexível e capaz de se adaptar às mudanças e modelos culturais, ao longo do ciclo de vida, uma vez que se mantém autônoma mesmo envolvida com a sociedade que a circunda. Para tanto, é necessária uma reconversão total do sistema educativo em todos os níveis e domínios – tecnologia e conteúdos – em que a educação estimule o aprender a aprender bem como a criatividade e inovação. (CASTELLS, 2005)

De certa forma, o que o autor aborda é uma inclusão digital, o que é apresentada no Marco Civil da Internet (2014) como um direito que possibilita outros direitos; é a ideia de que assim como as pessoas têm direito ao espaço público, também têm direito ao espaço virtual. Contudo, não se sabe se as pessoas estão em busca dessa inclusão e, ainda, essa inclusão demanda provedor, aparelhos eletrônicos (e que se depreciam com o tempo e o desenvolvimento de uma inclusão permanente).

Para Castells (2005), seria por meio de criação de políticas públicas internacionais que se tentaria uma superação da desigualdade de inclusão. Assim, a reforma do capitalismo também é possível nesse domínio, incluindo novos modelos de direitos de propriedade intelectual, e a difusão de um desenvolvimento tecnológico que responda às necessidades humanas de todo o planeta.

Outra discussão que Castells faz frente às mudanças da revolução tecnológica diz respeito aos movimentos sociais, a qual pode ser acompanhada na obra “Redes de Indignação e Esperança”, desenvolvida por ele durante o início da década de 2010, publicada em 2012 e no Brasil em 2013.

A publicação analisa vários movimentos de contestação protagonizados por grupos de pessoas motivadas à ação por conta da indignação com suas realidades sociais e políticas, tais como os movimentos que culminaram na Primavera Árabe que consistiram num levante contra governos opressores, no movimento separatista da Espanha e nos movimentos de *Occupy* dos

EUA<sup>16</sup>. Castells tem como ponto central a compreensão dos processos enfrentados por esses grupos com vistas ao uso das TIC e diz da rapidez em que se espalham as manifestações de uma sociedade injusta.

O autor afirma, sobretudo após o detalhamento de cada análise, que a indignação foi a mola disparadoras dos processos reivindicativos. Pois, “sem confiança o contato social se dissolve e as pessoas desaparecem ao se transformarem em indivíduos defensivos lutando por sobrevivência” (2013.p.17).

Mas foi basicamente a humilhação provocada pelo cinismo e pela arrogância das pessoas no poder, seja ele financeiro, político ou cultural, que uniu aqueles que transformaram medo em indignação, e indignação em esperança de uma humanidade melhor (CASTELLS, 2013, p. 8)

Uma vez que relações de poder são entendidas como parte constitutivas da sociedade, de maneira que aqueles que "detém" o poder, criam instituições que captam seus interesses e valores, apontando a face coercitiva do exercício de poder. Contudo, onde há poder há também o contrapoder, que diz da capacidade de os atores sociais desafiarem as instituições tradicionalmente poderosas da sociedade com o objetivo de reivindicar a representação de seus próprios interesses e valores (CASTELLS, 2013).

Todos os sistemas institucionais refletem as relações de poder e seus limites tal como negociados por um interminável processo histórico de conflito e barganha. A verdadeira configuração do Estado e de outras instituições que regulam a vida das pessoas depende da constante interação entre poder e contrapoder. (CASTELLS, 2013, p. 10)

Ao considerar que os seres humanos criam significados interagindo com seu ambiente natural, social, usando o cérebro, as redes da natureza e as redes sociais, o autor também considera que as redes são constituídas pelo ato da comunicação, que é o processo de compartilhar significado pela troca de informação. Embora cada indivíduo atribua seu próprio significado, ele é condicionado pelo ambiente da comunicação. Por isso, a mudança no ambiente comunicacional afeta diretamente as normas de construção de significado e a produção das relações de poder.

A sociedade em rede supõe a transformação para um poder multidimensional em vários domínios da atividade humana, além de constituir redes entre elas próprias. As redes financeiras e as multimídias globais estão ligadas por interesses em comum, quais sejam: controlar a capacidade de definir as regras e as normas da sociedade mediante um sistema político que realmente responda a seus interesses e valores.

O poder é exercido mediante uma combinação de coerção e intimidação com persuasão e construção de consumo. O monopólio da violência é condição necessária

---

<sup>16</sup> O estudo utiliza fontes digitais como dados de sua pesquisa, tais como blogs, vídeos *on-line*, postagens do Twitter e Facebook, entre outros.

para a manutenção do poder, mas não é suficiente a longo prazo. [...] O poder é multidimensional. Cada uma das suas dimensões (econômica, política, militar, ideológica, cultural) é representada por redes específicas de poder. Para que o poder seja sustentável, contudo, é essencial que várias das redes fundamentais se articulem entre si, com a ajuda dos interruptores que estabelecem a conexão. (CASTELLS, 2013, p. 68 -69)

Por tudo isso, a questão da conectividade é apresentada como central nessa obra, pois diz respeito a uma nova forma de mobilização na qual a internet apresenta-se como uma instância que contribui para a transformação do meio. Na sociedade em rede as ações coletivas localizam-se fora dos canais institucionais tradicionais. Para compreender tais afirmações é preciso levar em conta que Castells (2013) chama de interruptores tudo que conecta as redes de poderes, seria então compreender que há uma rede de redes de poderes.

Esse fenômeno comunicacional é o que Castells chama de autocomunicação de massa. Para ser compreendida é necessário saber que ele considera a autocomunicação como o uso da internet e das redes sem fio na produção de mensagens e que entende comunicação de massa como redes horizontais de comunicação interativa desprendidas do Estado. Logo, a autocomunicação de massa é aquela que "fornece plataforma tecnológica para a construção de autonomia do ator social, seja ele individual ou coletivo, em relação às instituições da sociedade" (CASTELLS, 2013, p.12).

Nesse sentido, o autor faz uma instigante pergunta: Como conservar o poder nesse contexto de rede? E responde que será na alternância de poder, ou seja, diferentes redes de valores e poder coexistindo no processo de sua construção. E é nesse contexto que os atores dessas redes se encontram com os novos movimentos sociais que são meios potentes de produção de novos valores e objetivos, por isso considerados como expedientes do contrapoder, uma vez que se constituem em meio a comunicação livre<sup>17</sup>. Mas o autor é enfático ao dizer que esses mesmos movimentos precisam abrir um novo espaço público que se torne visível nos lugares da vida social.

Tratam-se de lugares ocupados pelos sujeitos dos movimentos com seus valores e interesses permite aproximação e a formação de comunidades que não carecem de significado, mas são carregados de poder simbólico ao invadir áreas de poder do Estado ou de instituições financeiras, pois reivindicam seu próprio espaço ou cidade. Assim, esse novo espaço publico forma-se da junção de comunidade livre somada à espaço simbólico, gerando um espaço político de deliberações. (CASTELLS, 2013)

Em nossa sociedade, o espaço público dos movimentos sociais é construído como um espaço híbrido entre as redes sociais da internet e o espaço urbano ocupado

---

<sup>17</sup> Quando o autor utiliza o adjetivo livre refere-se a tentativa desses movimentos de se diferenciarem das organizações tradicionais, nesse sentido se constituem livres de líderes e por isso formam comunicações livres.

conectando o ciberespaço com o espaço urbano numa interação implacável e constituindo tecnológica e culturalmente, comunidades instantâneas de práticas transformadoras (CASTELLS, 2013, p. 16)

Em suma, a internet forneceu espaço seguro para dar vazão ao medo, mas também à solidariedade criando identificações e formando redes no ciberespaço com alcance ao espaço urbano público.

[...] as redes de internet forneceram um espaço de autonomia do qual os movimentos emergiram sob diferentes formas e com resultados diversificados, a depender de seu contexto social. [...] Evidentemente, a tecnologia não determina os movimentos sociais nem, no que nos interessa, qualquer espécie de comportamento social. Porém, as redes de internet e de telefonia celular não são apenas ferramentas, mas formas organizacionais, expressões culturais e plataformas específicas para a autonomia política [...] a difusão e o uso das tecnologias de informação e comunicação (TICs) favorecem a democratização, fortalecem a democracia aumentando o envolvimento cívico quanto a autonomia da sociedade civil, abrindo caminho para a democratização do Estado e também para os desafios à ditadura. (CASTELLS, 2013, p.82)

Outro efeito importante da presença dos movimentos nas redes foi a criatividade político-artística percebidos pelo papel importante de blogs políticos que anterior aos levantes populares foram essenciais para a criação, em muitos países, de uma cultura política de debate e ativismo que contribuiu para o desenvolvimento de pensamento crítico e para a adoção de atitudes rebeldes por parte de uma jovem geração que estava pronta para a revolta nas ruas.

Por isso, o autor recomenda que não se menospreze o que se vê na rede, pois rapidamente algo pequeno pode tronar-se grande por meio das organizações coletivas solidárias, além de permanecer no espaço de fluxos por tempo indeterminado.

No posfácio da edição brasileira, o autor comenta as manifestações de julho de 2013 conhecidas como “Passe livre” que em ondas organizadas por meio de sites de redes sociais levou milhares de cidadãos às ruas por sua indignação com a corrupção política. O movimento que teve início perante a organização de transporte público da cidade de São Paulo, logo, ganhou um *slogan* que dizia “não são os vinte centavos, são nossos direitos”. O que Castells não previa em sua teoria da autocomunicação de massa, frente ao sentimento de rancor causado pelo exercício de poder das instituições tradicionais, é que essas mesmas instituições também utilizariam os mesmos meios para enfrentar esses movimentos e que esses enfrentamentos também criariam grupos de solidariedade. Atualmente há grupos muito fortes presentes nesses sites e em outras ações em meio público que apoiam uma política austera e muitas vezes o fazem em conluio com os mesmos políticos corruptos.

Por fim, é preciso dizer que as obras de Castells (1999, 2005 e 2013) contribuem muito para compreender de maneira ampla o movimento da sociedade em meio às mudanças tecnológicas informacionais e que essas podem constituir-se em uma revolução. Contudo, a

diversidade de possibilidades de construção nesse processo não é sempre o mesmo, nem sempre se constituirão redes de autonomia e solidariedade, principalmente porque em sua origem as redes são feitas para controle de ações e de protocolos de comunicação. Ao mesmo tempo, não há como negar sua potência, revelando as raízes marxistas deste autor.

### 2.3. A filosofia de Lévy, inteligências coletivas, a virtualidade e a cibercultura

Pierre Lévy, sociólogo e filósofo tunisiano, desenvolveu uma teoria das inteligências coletivas, que são ampliadas em meio ao surgimento das novas tecnologias de comunicação. Para incorrer sobre este conhecimento, serão discutidas obras que se mostram relevantes para pensar o cotidiano em meio às TIC e ações de superação de seus problemas, iniciando pela inclusão. Das grandes contribuições de Lévy é que ele tem um incessante modo de provocar seu leitor por meio de suas ideias inovadoras e narrativas excêntricas como veremos abaixo, passeando por suas ideias em algumas obras.

Lévy, juntamente com o matemático Michel Authier, desenvolve um sistema de conhecimento que é apresentado na obra "As árvores do conhecimento", cuja primeira publicação é de 1993, com tradução para o português em 1995 e segunda edição no ano 2000. A obra trata de apresentar um novo sistema de formação de conhecimento baseado em um programa de informática, que de maneira original tenta, por meio de um novo modelo de educação, mudar a forma como coletivos, principalmente aqueles excluídos do sistema tradicional educativo por inúmeros motivos, acessam informações e saberes.

Assim, a partir de fábulas os autores Lévy e Authier (2000) buscam explicar como se daria uma nova forma de aquisição de saberes tendo como princípios norteadores: que todo o saber pode ser transmitido ou compartilhado, pois o saber está na humanidade; que todas as pessoas sabem algo; e que não há um saber total ou absoluto. Então, a partir de uma lógica pedagógica próxima à freiriana, diz sobre as "árvores de conhecimento" que seriam uma metáfora para um sistema de formação de saberes em que a árvore representaria uma comunidade de saber formada por saberes de todos os tipos, sejam originados por competências teórico-técnicas ou por práticas cotidianas, mas distribuídos de maneira distintas pela árvore, cujo tronco é representado por conhecimentos básicos, e seus galhos e folhas como numerosos saberes específicos diferentes ou não entre si.

Esses conhecimentos que constituem as árvores dos conhecimentos não são estáticos, assim como uma árvore viva está em transformação, e são chamados pelos autores de patentes, pois sugerem que nesse sistema cada conhecimento gerará uma simbologia ou emblemas que juntos formarão um brasão, ou seja, uma ilustração do conjunto de conhecimentos e símbolos

presentes na árvore do conhecimento de um determinado grupo ou comunidade. Assim, o brasão forma uma certa identidade do grupo de que se trata, reúne conhecimento e símbolos pessoais e coletivos para representar seu conjunto de saberes.

O objetivo da criação de árvores de conhecimento é tornar visível o espaço dos saberes de maneira que facilite a auto-organização coletiva, favoreça o exercício democrático e a livre troca de saberes; é vista como uma saída para a exclusão social, uma vez que permite a criação de dispositivos pedagógicos de baixo custo que pode servir como um instrumento suplementar às formações tradicionais, pode ainda fortalecer outras formas de organização social para lutar contra o desemprego organizando em tempo real oferta e demanda de competências. (LÉVY; ALTHUIER, 2000). É interessante perceber como os autores incidem sobre uma forma de organização que evoca a negação da alienação humana, pois considera um sistema em que as competências podem ser valorizadas em detrimento do lucro, mas ao mesmo tempo quando apresentado como suplemento torna-se um recurso pensando como resistência da apropriação do capitalismo em meio às mudanças comunicacionais e a resistência das instituições tradicionais.

Problemáticas como essa podem ser pensadas a partir de questões como a avaliação neste sistema, mas os autores rebatem a crítica afirmando que a avaliação funcionaria como um estímulo ao funcionamento do sistema, uma vez que o adquirido é valorizado (LÉVY; ALTHUIER, 2000). Assim, de certa maneira, o sistema de árvore do conhecimento parece uma utopia, mas pode ser melhor compreendido ao se adentrar outras obras de Lévy e seu pensamento otimista frente às tecnologias. Para tanto, faz-se necessário compreender conceitos desenvolvidos por ele como: virtualização, inteligências coletivas e cibercultura.

Virtualização e suas consequências foram ideias trabalhadas por Lévy na obra "O que é virtual?" lançada no Brasil em 1996. Nela são discutidos os temas de virtualização do corpo, do texto e da economia, assumindo a virtualização como um processo que faz emergir o humano, logo, preponderante para sua própria existência como tal, o que leva o autor a compreender e demonstrar as possíveis mudanças causadas pelo processo de virtualização.

Para tanto, Lévy (1996) inicia sua discussão afirmando que o alicerce para a compreensão do que é o virtual, ou o processo de virtualização, consiste em não diferenciar o real como o contrário do virtual, uma vez que um possível contrário do virtual seria o processo de atualização. Este pode ser compreendida como criação, enquanto no inverso, a virtualização não é uma desrealização, ou uma não criação, mas uma mutação de identidade, do virtual para o atual. Essa nova identidade encontra sua consistência num campo problemático, pois está ligada a própria criação da realidade, é repleta de fluidez, liberdade e criatividade, não se fixa

num determinado lugar, é nômade, e possui uma nova sensação de tempo e velocidade. Contudo não substitui um processo de virtualização, mas coexistem. Para o autor esses processos são a própria vida, pois não se trata apenas de uma construção da vida, mas também de sua manifestação.

No que diz respeito à virtualização dos corpos, trata-se de um processo que ocorre ancorando-se nos desdobramentos tecnológicos exercidos em áreas de conhecimento como a medicina com suas plásticas e remédios que alteram as formas de reconstrução de si, afetando as percepções de si que são externalizadas por meio de um sistema de comunicação e também as projeções nessa relação cheia de reviravoltas de sentidos. Esse processo é parte do que ele chama de hiper corpo, em que cada corpo é definido como público, coletivo e original constituindo um hiper corpo híbrido e mundializado (LÉVY, 2000).

O corpo sai de si mesmo, adquire novas velocidades, conquista novos espaços. Verte-se no exterior e reverte a exterioridade técnica ou a alteridade biológica em subjetividade concreta. Ao se virtualizar, o corpo se multiplica. Criamos para nós mesmos organismos virtuais que enriquecem nosso universo sensível sem nos impor dor. [...] A virtualização do corpo não é uma desencarnação, mas uma multiplicação. [...] Meu corpo pessoal é a atualização temporária de um enorme hiper corpo híbrido, social e tecnobiológico. (LÉVY, 2000, p. 24)

Ao mesmo tempo esse corpo torna-se completamente passível de investimento mercantil por suas próprias características de flexibilidade. Vale lembrar o efeito das tecnologias disciplinadoras evocadas por Foucault (1993) em *Vigiar e Punir*, no qual discute o corpo do soldado como moldável o suficiente para tornar-se produtivo e docilizado.

No que tange à virtualização do texto, o autor afirma ser o texto já um objeto virtual, abstrato e passível de variadas atualizações desempenhada na leitura. Para ele, ao ler um texto o dobramos nele mesmo e por isso produzimos recortes que gera a própria subjetividade. "Escutar, olhar, ler equivale a construir-se e o texto é o vetor, um suporte ou pretexto à atualização do nosso próprio espaço mental" (LÉVY, 2000, p. 37). Por tudo isso, quando se pensa no texto digital há mais possibilidades de virtualização. É o hipertexto, que por meio de suporte digital permite novos tipos de leituras e escritas, multiplicando seus sentidos e enriquecendo a leitura, logo o autor fala de uma superioridade do texto digital em relação ao texto clássico, afirmando que é fluido, desterritorializado e que sua leitura nunca se repete.

Já acerca da virtualização da economia, Lévy (2000) afirma ser uma economia desterritorializada<sup>18</sup>, desconectada do aqui-agora, pois carrega em seu sistema a moeda que

---

<sup>18</sup> Desterritorialização foi originalmente apresentado por Deleuze e Guatarri na obra *O Anti-Édipo – Capitalismo e Esquizofrenia* em 1976, pode ser compreendido pelo rompimento com o território existente em que, simultaneamente, constrói-se novos territórios ou reterritorializações. Nesse âmbito, desterritorialização e reterritorialização se complementam, são indissociáveis e processuais, segundo os autores, pois o movimento do

tornou a escala de trabalho valorada a partir de uma virtualização, por sua vez se somada ao desenvolvimento de redes de tecnologia e suporte digital possibilita transações internacionais, facilita o comércio o transporte e o turismo. Nesse sentido, o autor afirma que a informação e o conhecimento são as principais fontes atuais de riqueza e que se renovam todo o tempo, tal como na teoria das árvores do conhecimento anteriormente abordadas.

Mas por que informação e conhecimento tem propriedades tão exclusivas? Tratam-se de bens imateriais (metafísica da substância), mas se bem analisados, não são imateriais e sim desterritorializados, longe de estar presos. Esses não são coisas para serem imateriais, mas acontecimento ou processo. A informação, por sua natureza, é um acontecimento atual e que a produção e a difusão da mensagem são virtualizações do acontecimento, ou seja, são as mensagens que virtualizam o acontecimento e que são ao mesmo tempo seu prolongamento. Então se a informação pode ser considerada virtual, desprendida de um aqui-agora, em um sentido inverso, a informação pode ser aplicada, atualizada, em situações diferentes daquelas da aprendizagem inicial. Pois "toda aplicação efetiva de um saber é uma resolução inventiva de um problema, uma pequena criação" (LÉVY, 2000, p. 44).

Quant ao contexto econômico, também há mudanças no mercado, pois a maneira de produzir e consumir transformam-se profundamente, uma vez que os dispositivos de comunicação digital incidem sobre as instituições mercantis e tornam o acesso aos serviços e produtos desterritorializados. Assim, o trabalho em meio a virtualização não necessariamente será um contínuo processo reificado da automatização, mas pode estar mergulhado na inteligência coletiva, em uma economia do virtual.

Para tanto, Lévy (2000) considera como determinantes da inteligência coletiva, que ele aborda como um "macropsiquismo": a conectividade ou um espaço em transformação constante; a semiótica, ou seja, um sistema aberto de representações de imagens que se movem nos espaços das conexões; uma axiologia ou valores que determinam tropismos positivos ou negativos, qualidades afetivas associadas às representações do espaço psíquico; e uma energética ou uma força de afetos ligados às imagens. Nesse sentido, ele concebe um "psiquismo social como um hipertexto fractal" (LÉVY, 2000. p.53), pois trata-se de um psiquismo transindividual capaz de: agir sobre a conectividade, criar e/ou modificar imagens e representações, criar e transformar tropismos, modificar, deslocar, aumentar ou diminuir as forças dos afetos.

---

primeiro aponta o desfazer do território, enquanto o segundo para a passagem de uma nova composição mais ampla.

Todo ato é virtualmente produtor de riqueza social, por meio de sua participação na inteligência coletiva. Todo ato humano é um momento do processo de pensamento e de emoção de um megapsiquismo fractal e, como tal, poderia ser valorizado, inclusive remunerado. Se todos os atos puderam ser captados, transmitidos, integrados em sequências de regulação, reenviados a seus produtores e, deste modo, participassem em uma melhor informação global da sociedade em si mesma, a inteligência coletiva experimentalmente uma maior mutação qualitativa. (LÉVY, 2000, p. 54-55)

Lévy (2000) é ousado em suas formulações e propõe uma compreensão do processo de hominização em meio à virtualização. Para ele a virtualização possibilita a autocriação da humanidade em um movimento contínuo, e esse processo dá-se por três virtualizações basais: o desenvolvimento das linguagens que pode reinventar ideias e criar um conjunto de novos significados; da multiplicação das técnicas, dos produtos e das ferramentas, logo da própria ação; e da complexificação das instituições, apontando para a virtualização das violências. Na confluência dessas correntes de virtualização e de hominização é que se encontram processos fugazes como as experiências subjetivas, o sentir, o criar, ou seja, a qualidade da experiência.

Outra grande formulação desenvolvida pelo filósofo encontra-se na obra "Cibercultura", publicada em 1997 e traduzida para o português em 1999. Uma das coisas que se destaca nessa obra é o tom de otimismo descrito e justificado por Lévy. Por vezes, ele propõe que se estude as TIC nas Ciências Sociais, o que tem sido motivo de críticas apriorísticas dos estudos, mas que em si não são ruins, mas permite responder como o autor, que considera que a negação da importância de se pensar esses processos constituem-se num emburrecimento humano fruto de regimes de pensamento autoritários.

As TIC não têm o poder de solucionar todos os problemas do mundo, mas podem contribuir para denunciar injustiças e desigualdades, assim como proporcionam experimentar outras formas comunicativas que refletem nos espaços político e culturais. Para Lévy (1999), a internet é explorada mercadologicamente como qualquer outro espaço produtivo, o que não significa um menosprezo por todo o potencial dessa discussão, por isso afirma que as telecomunicações são responsáveis pela globalização do mercado e das informações, saberes e conhecimento. O que constitui, para ele, motivações suficientes para manter-se otimista e esperançoso.

Nessa publicação ele se volta mais para as questões de comunicação e interação e menos para questões econômicas e mercadológicas. Então, adentrando a discussão busca demarcar os termos (que são articulados entre si) ciberespaço e cibercultura.

O ciberespaço (que também chamarei de "rede") é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo "cibercultura", especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e

de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. (LÉVY, 1999, p. 15-16)

Portanto, para Lévy (1999) a justificativa dos seus estudos acerca da cibercultura está posta, cabendo compreender seus pressupostos, propostas e arestas. Diante disso, apresenta uma questão muito importante dada a sua repetição em meio a esta área de estudo: teriam as tecnologias um impacto na sociedade? O autor é enfático em dizer que esta pergunta não tem fundamento, é arbitrária, pois considera que a tecnologia não está e nunca esteve separada da sociedade. As tecnologias suprem necessidades das sociedades e o meio para que elas sejam criadas é o próprio humano. Contudo, esse mesmo humano tem por vezes uma relação de medo em relação à tecnologia, até que a domine, e, mesmo assim, o desenvolvimento das tecnologias tem se mostrado crescente, permitindo até virtualizações que compõem o corpo humano.

As técnicas presentes nas tecnologias (técnica mais conhecimento) são resultados do desenvolvimento do próprio humano em seu tempo e ao mesmo tempo em que são utilizadas constituem a humanidade. Por isso, considera-se que a tecnologia não deveria causar medo, tampouco levar a sensação de que ela esconde algo em si, mas que a velocidade da transformação da técnica e conseqüentemente da tecnologia assustam e causam a sensação de impacto. Nesse cenário, a tecnologia digital é protagonista do desafio imposto às ciências sociais, em especial à psicologia, pois ao passo que tentamos entender as novas tecnologias, outras técnicas são desenvolvidas e transformam o contexto estudado, dado que é um contexto muito dinâmico.

Para Lévy (1999), cada técnica revela em si a mescla de tecnologia, sociedade e cultura que não podem ser separadas, por isso nenhuma tecnologia pode ser estudada ou considerada como autônoma, ou um ator nesse cenário, mas um ponto de análise condicionado ao contexto sociotécnico global, no qual as diferenças entre tecnologia, sociedade e cultura são de cunho teórico conceitual. Isso configura apenas um pouco da complexidade em estudar o mundo digital, no qual não é possível fazer estudos determinantes ou de causalidades.

Um lugar privilegiado para o desenvolvimento da inteligência coletiva é a cibercultura, que consiste no conjunto de técnicas presentes no ciberespaço, um espaço aberto de comunicação, no qual se utilizam sistemas eletrônicos de computação. Logo, vemos que a ideia das inteligências coletivas como construções de saberes na era digital é uma constante nas obras de Lévy (1996, 1999, 2000) apresentadas aqui. No que tange à cibercultura, ela é a própria ação compartilhada dos usuários da rede e suas trocas que incidem sobre o saber, tornando-o mais democrático e articulado, por conseguinte mais participativo e emancipador. A partir dessa

premissa, Lévy (2000) afirmou que a inteligência coletiva pode ser "veneno" para aqueles que não participam dela ou "remédio" para os que participam.

Dissidente das ideias de cibercultura e ciberespaço, o autor criou um novo termo, ciberdemocracia, que também se encontra numa relação intrínseca com os conceitos anteriores e com a ideia de inteligência coletiva. É a premissa de que a cibercultura favorece a emissão e a liberdade da palavra e de trocas e que com a ampla possibilidade de conexões fornecidas pelas TIC se reconfigura não apenas as práticas comunicativas, mas as estruturas sociais e instituições, fomentando então a inteligência coletiva e potencialmente a democracia.

Essa discussão pode ser aprofundada a partir da obra de Lévy "Cyberdémocratie: Essai de Philosophie Politique" de 2002, mas que em 2010 é revisitada por ele em parceria com o sociólogo brasileiro André Lemos, pesquisador e professor da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e ganha uma tradução e reedição, sendo publicada com o título "O futuro da Internet: Em direção a uma ciberdemocracia planetária".

Assim, partindo da ideia de que vivemos sob a era da informação, conseqüentemente, com novas práticas comunicacionais que são consideradas como mais livres, há, não apenas o desenvolvimento da inteligência coletiva, mas também de ações em massa com o surgimento de comunidades virtuais e de outras formações de Estado e governança. Pois, se na obra "Cibercultura" não há a preocupação em discutir essas questões, aqui há um interesse especial. Para Lemos e Lévy (2010), há um clamor por um governo mundial ciberdemocrático, por um novo tipo de Estado transparente a serviço da inteligência coletiva. Esse clamor advém na formação de um novo sujeito que emerge de uma nova *web*.

Tais ideias apenas são possíveis ao se considerar as mudanças que a *web* também sofre nessa nova era. Tais mudanças referem-se a passagem do modelo de *web* 1.0 para o 2.0, cuja grande inovação paradigmática é a ampliação massiva da participação do usuário que torna a rede uma construção colaborativa com ambiente descentralizado. Os autores consideram que essa mudança é possibilitada pelo aumento da liberdade a qual faz do ciberespaço um novo espaço público, no qual o usuário é o protagonista, um indivíduo digital. Para tanto, avaliam o ciberespaço como o meio de comunicação que mais se desenvolveu em um curto período de tempo e que por isso

[...] mais comunicação implicará mais liberdade, entendida aqui como a possibilidade sem controle estatal ou policial de produzir, consumir e distribuir informação. No século que se anuncia, não é unicamente o ciberespaço que vai crescer, mas a ciberdemocracia. (LEMOS e LÉVY, 2010, p.44)

Considerando que o ciberespaço está diretamente relacionado com a cibercultura forma-se uma nova configuração de opinião pública. Nesse contexto, o emissor, aquele que propaga

informação, expressa sua opinião tem liberdade de produzi-la, e pode ser qualquer pessoa sem necessidade de autorização. Logo, esse sujeito não apenas consome informações, mas também as produz, crescendo-as num espectro de memória contínua superconectada e globalizada, fornecida pelas TIC. (LEMOS e LÉVY, 2010)

Dessa maneira, os autores convidam a pensar essas mudanças considerando o papel modelador que a mídia de massa tem na formação e implementação da democracia, que torna-se ciberdemocracia. Para tanto, afirmam que mídias de massa ou de função massiva, de informação, possuem fluxo de informação centralizado, ou seja, há um controle na emissão de informações que advém de um único polo; muitas vezes essas mídias são centralizadas num território geográfico determinado, seja nacional, regional ou local e desempenham o papel de formação política do público e da opinião pública. Porém, na era da informação, da web 2.0, da transformação do usuário em emissor-consumidor a mídia ganha novas funções, chamadas de pós-massivas que não apenas informa, mas favorece a interação numa espécie de conversação coletiva. Segundo os autores:

As funções pós-massivas, por sua vez, caracterizam-se por abertura do fluxo informacional, pela liberação da emissão e pela transversalidade e personalização do consumo da informação. Elas permitem não só a produção livre, mas também a circulação aberta e cooperativa dos produtos informacionais (sons, textos, imagens, programas). Não há necessidade de grandes recursos financeiros nem de concessão do Estado. (LEMOS e LÉVY, 2010, p. 48 - 49)

Contudo, os autores alertam que essas funções não fomentam a criação de um novo sistema político em si, pois tais formulações para pensar a ciberdemocracia só são possíveis em mídias que se priorize o amplo acesso (também a acessibilidade) e a transparência. Da mesma maneira, o grande volume e fluxo de informações podem gerar caos que apenas se dissiparia com a emergência de um sistema de mediação participativa, no qual os próprios emissores verificariam o caráter de uma informação.

Nesse contexto, Lemos e Lévy (2010) consideram que a mídia social, tecnologia que utiliza softwares sociais, tais como as redes sociais, possibilitam a criação de comunidades virtuais que são fundamentais para a ciberdemocracia, pois fomentam a produção e compartilhamento de conhecimentos, saberes e informações contribuindo para o desenvolvimento da inteligência coletiva. Assim, comunidade virtual pode ser entendida como um "grupo de pessoas que estão em relação por intermédio do ciberespaço" (p.102) e que se diferenciam de sociedade pelo grau de relacionamento das pessoas que delas fazem parte.<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> A discussão de graus de relacionamento será abordada em outra seção deste texto.

De maneira mais longínqua, os autores enfrentam discussões de governança e voto eletrônicos, bem como a formação de cidades digitais ou cibercidades, ou seja, cidades conectadas, em que se produzem técnicas que teriam como objetivo atender às demandas das novas práticas comunicacionais (pós-massivas). Nesse sentido, consideram que a inclusão digital deva ser enfrentada pelos governos com prioridade. De maneira ainda mais utópica, abordam a ideia de uma ciberdemocracia planetária, a qual privilegiaria a diversidade de maneira uniforme, instrumentalizando-a por meio do ciberespaço, fundamentada numa ética que considera diálogo e linguagem em diversos formatos, mas sempre como elementos da inteligência coletiva.

## 2.4. Comunicação como a ciência primária para o estudo da internet

### 2.4.1 Raquel Recuero, redes sociais na internet, conexões, atores e capital social

Raquel Recuero é uma estudiosa que possui formação em letras, jornalismo e comunicação, bem como possui pós-graduação em comunicação e informação, sendo também pesquisadora da área. Ganhou destaque com suas pesquisas ao se debruçar sobre os estudos de redes sociais, comunidades virtuais na internet, conversações, fluxo de informação e metodologia para mídias social. Sua consistente produção científica será abordada neste item, de maneira a articular suas contribuições para pensar a internet nos usos cotidianos, assim como aprofundar em termos e conceitos dessa área.

Sem dúvida, sua obra mais popular é “Redes Sociais na Internet”, publicada em 2009 como resultado de sua tese de doutorado, defendida em 2006 sob o título de “I” na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

O primeiro ponto a ser ressaltado nessa obra é o fato de que os estudos de redes sociais não surgem com a internet, pois os estudos de rede são um dos focos da ciência durante o século XX. Nesse contexto, o ponto mais relevante desses estudos é o surgimento da chamada complexidade como forma de abordagem dos fenômenos que se baseava nos estudos dos sistemas biológicos e, posteriormente, nos estudos matemáticos de rede, alcançando as ciências sociais posteriormente.

Recuero (2009) aponta que a metáfora de rede foi usada pela primeira vez por um matemático<sup>20</sup> que buscou resolver o problema de uma cidade que consistia em cruzar suas pontes sem passar por nenhuma delas mais de uma vez. O matemático afirmou ser impossível tal façanha, mas criou um sistema de quatro nós que se conectavam por sete arestas criando o

---

<sup>20</sup> Leonard Euler

primeiro teorema da teoria dos grafos – redes constituídas de nós que conectam arestas<sup>21</sup>. A autora aponta que essa representação de rede pode ser utilizada como metáfora para diversos sistemas, incluindo os indivíduos e suas interações, pois, percebendo os grupos de indivíduos conectados em rede social, é possível estudar a criação e função das estruturas sociais, suas dinâmicas, tais como capital social, cooperação, competição, bem como a diferença entre os variados grupos e seu impacto nos indivíduos. Assim, estudar redes sociais consiste em estudar padrões de conexões expressos no ciberespaço.

Nesse trabalho, o ponto mais importante é compreender as redes sociais como metáfora dos grupos expressos na Internet. Para tanto, a rede social é definida como um conjunto de dois elementos: atores, ou seja, pessoas, instituições ou grupos que são representados na metáfora da rede como nós (ou nodos) e conexões que são as interações ou laços sociais dos atores representadas por arestas. Atores e conexões são sempre concebidos juntos, pois formam redes sociais que permitem acessar a estrutura social que sustentam as comunicações mediadas, que, por sua vez, são capazes de gerar fluxos de informações e trocas sociais incidentes na própria estrutura, assim demonstrando a dinamicidade das redes. (RECUERO, 2009)

Assim, os atores são parte do sistema de rede que atuam de forma a moldar as estruturas sociais, por meio da interação e da constituição de laços sociais. Mas na internet há elementos próprios como o distanciamento dos atores que torna a comunicação sempre mediada por alguma ferramenta comunicativa e, ao mesmo tempo, não há como avistar o ator rapidamente. Por isso, neste caso trabalha-se com a ideia de representações dos atores sociais, ou com construções identitárias no ciberespaço, que, em um processo incessante, torna-se o espaço para a expressão de si, do lugar de fala. Essas representações funcionam como uma "presença" do "eu" no ciberespaço o que dá o caráter de público e privado concomitantemente. (RECUERO, 2009)

Nesse sentido, entender como os atores constroem esses espaços de expressão é também essencial para compreender como as conexões são estabelecidas, e, também, como são construídos os padrões de conexão. A individualização, enquanto um processo de personificação possibilitada pelas redes sociais, é também uma expressão dos atores nas redes que, quando percebidas, permite que as redes sociais insurjam no ciberespaço.

[...] os atores no ciberespaço podem ser compreendidos como os indivíduos que agem através de seus *photoblogs*, *weblogs* e páginas pessoais, bem como através de seus *nicknames*. Outro modo de representar um ator é através de um *link*. Em comentários de *weblogs*, por exemplo, muitos indivíduos colocam como endereço seu *blog*,

---

<sup>21</sup> A teoria dos grafos deu origem aos estudos de Análise Estrutural de Redes Sociais

embora assinem com variações de seu nome ou apelido. Neste caso, o blogueiro é identificado pelos demais através do *link* para seu *blog*. (RECUERO, 2009, p.28)

Uma informação está sempre vinculada a alguém, por isso algumas pessoas usam perfis falsos para interagir nas redes sociais, mas ainda assim seria considerado um nó na rede social. Assim, perfis de redes sociais são sempre plurais de um sujeito, representando múltiplas facetas e papéis de sua identidade.

No que diz respeito às conexões nas redes, elas podem ser percebidas de diversas maneiras e constituem o principal foco de estudo, pois suas variações alteram as estruturas dos grupos. Constituem elementos da conexão as interações, as relações e os laços sociais. A interação tem um papel de matéria prima para as relações e os laços sociais, os quais, obviamente, não existem sem os atores sociais. Assim, perceber as conexões somente é possível porque na internet as interações deixam rastros sociais dos indivíduos que ali permanecem. (RECUERO, 2009)

Recuero (2009) considera que a interação é a ação que tem reflexo comunicativo entre o indivíduo e seus pares – um reflexo social –, e, por isso, tem sempre um caráter perene e diretamente relacionado ao processo comunicativo, cujo estudo inclui compreender as relações entre as trocas de mensagens entre os atores, os sentidos e a dependência das trocas comunicativas. No entanto, no ciberespaço, conseqüentemente, a interação acontece sem que necessariamente se conheça o ator e é sempre uma interação mediada por ferramentas de comunicação. A multiplicidade das ferramentas permite interações assíncronas, uma vez que redes sociais *on-line* refletem e complexificam a interação de um grupo *off-line*.

Recuero (2009), baseada em Primo<sup>22</sup> (Apud 2003, p. 30), discute uma tipologia para as interações que podem ser de dois tipos: mútuas ou reativas. A primeira afirma que há uma troca entre o par que interage e pode gerar relações mais complexas; na segunda, a interação só se dá mediante solicitação e sua limitação reduz o espectro de relações, logo, os laços sociais. Assim, a interação no ciberespaço pode ser compreendida como uma forma de conectar atores e demonstrar o tipo de relação que possuem. Além disso, permite a migração entre as plataformas.

A relação social pode ser unidade de análise em redes sociais, pois envolve uma grande quantidade de interações. No entanto, nem sempre elas servem ao acréscimo de algo, pois as interações podem ser conflituosas com ações que diminuem os laços sociais. Apesar de a relação social independer do conteúdo, este auxilia na definição do tipo de relação, sem se

---

<sup>22</sup> PRIMO, A. *Interação Mediada por Computador: A comunicação e a educação a distância segundo uma perspectiva sistêmico-relacional*. Tese de Doutorado. Apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação em março de 2003.

confundir com ela. Nas relações sociais na internet há uma predominância de relações à distância em detrimento da relação face a face, e esse distanciamento muda as relações que podem ser anônimas e não oferecem informações imediatas, o que também pode facilitar inícios e finais de relações. (RECUERO, 2009)

As relações atuam na construção de laços sociais. De acordo com Recuero (2009):

O laço é a efetiva conexão entre os atores que estão envolvidos nas interações. Ele é resultado, deste modo, da sedimentação das relações estabelecidas entre agentes. Laços são formas mais institucionalizadas de conexão entre atores, constituídos no tempo e através da interação social. [...] O conceito de laço social, desenvolvido até agora, portanto, passa pela ideia de interação social. É um laço social constituído a partir dessas interações e das relações, sendo denominado laço relacional. (p.38)

Baseada em Wasserman e Faust<sup>23</sup> (1994, apud RECUERO, 2009, p. 39) a autora toma o conceito de laço associativo, que se dão pela interação entre os vários atores de uma rede social, diferentemente dos laços relacionais constituídos por meio de relações sociais. Os laços de associação independem de relação, sendo necessário, unicamente, o pertencimento a um determinado local, instituição ou grupo. Ademais, também fala de laços dialógicos como aqueles que advém da interação mútua. E, apoiada em Granovetter<sup>24</sup> (1973, apud RECUERO, 2009 p. 39), a autora indica que os laços também podem ser fortes ou fracos e que eles têm um papel fundamental como estruturadores das redes sociais, uma vez que os laços fracos conectam os grupos, constituindo laços fortes.

Laços fortes e fracos são sempre relacionais pois são consequência da interação que, através do conteúdo e das mensagens, constituem uma conexão entre os atores envolvidos. Já o laço associativo, por sua característica básica de composição, tenderia a ser, normalmente, mais fraco, pois possui menos trocas envolvidas entre os atores. (RECUERO, 2009, p. 41)

Outros dois pontos importantes são a reciprocidade e a qualidade multiplexa dos laços. A reciprocidade faz com que cada ator viva a interação de maneira diferente, pois não está relacionada a uma troca igualitária, mas à troca de informação e interação. Enquanto multiplexos, os laços refletem interações que podem acontecer em diversos espaços que constituirão sua composição, ou seja, laços sociais que compõem relações sociais, que compõem interações contidas nos laços relacionais (RECUERO, 2009).

De maneira geral, essas discussões demonstram que a internet proporciona relações sociais de fato e que, mesmo com o critério de distanciamento, suas ferramentas permitem que se estabeleçam e mantenham laços fortes. Por esse motivo, a autora observou que as pessoas

<sup>23</sup> WASSERMAN, S. e FAUST, K. *Social Network Analysis. Methods and Applications*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1994.

<sup>24</sup> GRANOVETTER, M. *The Strength of Weak Ties*. *The American Journal of Sociology*, vol. 78, n. 6, p.1360-1380, maio de 1973.

constroem valores sociais nos sites de redes sociais. Esse valor é representado como capital social – uma metáfora para indicar que cada site de redes sociais possui valores diferentes que serão apropriados por seus atores.

Capital social é amplamente discutido por Recuero nessa obra e também em outros artigos. Assim, em 2009, juntamente com Gabriela Zago, publica o trabalho "Em busca das 'redes que importam': redes sociais e capital social no Twitter", onde é desenvolvido o conceito de redes sociais emergentes e de filiação, as quais seriam, respectivamente, constituídas de relações dinâmicas presentes nas conversações dos atores sociais que são reconstruídas e modificadas constantemente, enquanto as redes de filiação seriam decorrentes de conexões automáticas proporcionadas pelos sites de redes sociais e suas interações possíveis no ciberespaço.

Dessa forma, o conceito de Capital Social, de difícil conceituação por sua polifonia, de maneira geral refere-se ao conjunto de recursos coletivos associados a uma rede de atores sociais que tem por função atribuir valor às estruturas sociais pelos atores de acordo com seus interesses. Logo, a partir de cada tipo de rede (emergente ou de filiação) seriam compostos tipos diferentes de capital social, os quais incluem os tipos de laços (fortes ou fracos), bem como as conexões (associativas ou relacionais). (RECUERO; ZAGO; 2009)

Assim, nessa dinâmica de laços e conexões os valores comumente relacionados aos sites de redes sociais, podem ser resumidos em quatro tipos que formariam um conjunto básicos de valores. São: visibilidade, que é um valor em si e se dá com a presença do ator na rede, mas se dá de maneira diferente para cada ator, dependendo dos outros valores; reputação, que consiste na percepção construída de alguém pelos demais atores e implica no eu, o outro e a relação entre ambos (o valor de reputação ajuda na construção das impressões de nós mesmos); popularidade, que é o valor relacionado pela audiência e se trata de um valor relativo à posição de um ator na sua rede social, indicando o engajamento nas relações, por isso facilmente percebido; e autoridade, que se refere ao poder de influencia de nó na rede que está além da popularidade e reputação. (RECUERO, 2009)

Em outro trabalho publicado por Recuero em 2012, há um aprofundamento dessas discussões em que se distingue capital social por tipo de investimento designado pelo ator e os benefícios voltados para a rede e para ele próprio. Isso porque considera que no espaço dos sites de redes sociais os diferentes tipos de conexões advindos das redes emergentes ou associativas requerem investimentos diferentes. Assim, considera que conexões emergentes podem advir de laços fracos a fortes enquanto, as conexões associativas advêm de laços fracos e tendem a não mudarem, são estáticas, podem apenas existir ou não. Nesse sentido, as conexões possíveis são

entendidas como investimentos que geram capital, aqui entendido como uma metáfora para indicar que há benefícios dessas conexões.

Porém, já na publicação de 2009, ancorada nas ideias de Putnam<sup>25</sup> (2000, apud RECUERO, 2009, p. 45), ela afirma que capital social está associado a ideia de virtude cívica, moralidade e reciprocidade, que englobam o aspecto individual e coletivo para construção de valores sociais, nos quais os aspectos individuais vêm dos interesses dos indivíduos em fazer parte de uma rede para seu próprio benefício, enquanto os aspectos do coletivo se refletem na esfera dos grupos que podem gerar custos e benefícios. É dessa discussão que advém a ideia de recursos coletivos que podem ser associados numa rede para a produção de capital social, esses recursos estão embutidos nas relações sociais e ao mesmo tempo são moldados pelos conteúdos dessas relações (Bourdieu, 1983<sup>26</sup>, apud RECUERO, 2009, p. 47).

A partir da discussão sobre o conceito, consideraremos o capital social como um *conjunto de recursos* de um determinado grupo (recursos variados e dependentes de sua função, como afirma Coleman) que pode ser usufruído por todos os membros do grupo, ainda que individualmente, e que está baseado na reciprocidade (de acordo com Putnam). Ele está embutido nas relações sociais (como explica Bourdieu) e é determinado pelo conteúdo delas (Gyarmati & Kyte, 2004; Bertolini & Bravo, 2001). Portanto, para que se estude o capital social dessas redes, é preciso estudar não apenas suas relações, mas, igualmente, o conteúdo das mensagens que são trocadas através delas. Esta ideia, baseada principalmente no conceito de Coleman (1988), mas com algumas ressalvas associadas a outros autores, parece ser a mais indicada para o estudo do capital social nas redes sociais. Isso porque ela trabalha o caráter estrutural do capital social, sua capacidade de transformação de acordo com a função e sua base na reciprocidade, que consideramos os elementos essenciais do conceito. (RECUERO, 2009, p.50)

Na tentativa de operacionalizar o conceito para seja percepção nas redes sociais, a autora enumera categorias como recursos que os indivíduos têm no acesso às redes que seriam:

a) *relacional* – que compreenderia a soma das relações, laços e trocas que conectam os indivíduos de uma determinada rede; b) *normativo* – que compreenderia as normas de comportamento de um determinado grupo e os valores deste grupo; c) *cognitivo* – que compreenderia a soma do conhecimento e das informações colocadas em comum por um determinado grupo; d) *confiança no ambiente social* – que compreenderia a confiança no comportamento de indivíduos em um determinado ambiente; e) *institucional* – que incluiria as instituições formais e informais, que se constituem na estruturação geral dos grupos, onde é possível conhecer as “regras” da interação social, e onde o nível de cooperação e coordenação é bastante alto. (RECUERO, 2009, p.50-51)

<sup>25</sup> PUTNAM, R. D. *Bowling Alone: The collapse and Revival of American Community*. New York: Simon e Schuster, 2000.

<sup>26</sup> BOURDIEU, P. *The forms of Capital*. Originalmente publicado em “Ökonomisches Kapital, kulturelles Kapital, soziales Kapital” In: *Soziale Ungleichheiten* (Soziale Welt, Sonderheft 2). Goettingen: Otto Schartz & Co. 1983. (pp 98 -183). Traduzido para o inglês por Richard Nice. Disponível em <<http://www.pontomidia.com.br/raquel/resources/03.html>>. Acesso em 23 fev 2005.

O conjunto dessas ideias e definições culminam numa tabela apresentada por Recuero (2012, p.611) que engloba a ideia de investimentos e benefícios para si e para o coletivo. A qual é reproduzida a seguir:

Tabela 1: Capital Social nos Sites de Rede Social

TIPO DE CONEXÃO	CARÁTER	INVESTIMENTO	BENEFÍCIO REDE	BENEFÍCIO INDIVÍDUO
EMERGENTE	FORTE	Criação e Manutenção de Perfil	Confiança	Presença Legitimação
		Criação e Manutenção de Conexões Sociais	Proximidade Clusterização	Suporte social Legitimação
		Compartilhamento de recursos	Confiança Cooperação	Suporte Social
	FRACA	Criação e Manutenção de Perfil	Confiança	Legitimação
		Criação e Manutenção de Conexões Sociais	Informação	Visibilidade
		Compartilhamento de recursos	Confiança	Informação Autoridade Reputação
ASSOCIATIVA	FRACA	Criação e Manutenção de Perfil	Informação	Presença
		Criação e Manutenção de Conexões Sociais	Informação Filtragem	Visibilidade Popularidade
		Compartilhamento de recursos	Informação Filtragem	Informação Visibilidade Popularidade

FIGURA 4 - Tabela de capital social nos sites de rede social

A partir das informações da figura 4 pode-se concluir que a proposta de análise das redes sociais na internet desenvolvida pela autora ao longo das obras apresentadas entre 2009 e 2012, sozinha ou em parceria com Zago, consiste em um esforço para entender que os *sites* de redes sociais influenciam as redes sociais, pois eles permitem que as conexões sociais sejam geradas e mantidas a partir deles, ou seja pela própria ferramenta, como por exemplo: na rede social Facebook, ao se conectar com um ator, posteriormente a criação de um perfil que é necessária para qualquer participação, faz-se conexões que são as amizades virtuais que dependem que alguém convide e outro aceite o convite. Depois dessas ações, a conexão se estabelece e sua manutenção não pressupõe que um ator interaja com outro, ou seja, é possível manter essa amizade sem fazer nenhuma ação para com o outro perfil, nenhuma curtida, compartilhamento ou comentário no caso do Facebook e mesmo assim a amizade não acaba. A conexão é mantida.

Conexões possuem dimensões diversas a partir de como são estabelecidas – se emergentes ou associativas (mantidas pela ferramenta) que terão caracteres diferentes, fraco ou forte. Essas conexões muitas vezes podem de fracas tornarem-se fortes quando são emergentes, mas se são associativas permanecerão estáticas, pois a mudança requer algum tipo de interação. Ambas conexões geram efeitos sociais e serão mais ou menos percebidos pela qualidade de reciprocidade de uma rede. Assim, voltando-se ao exemplo do Facebook, a interação depende da reciprocidade, pois se a sua relação com um ator é apenas seguir esse perfil não poderá se estabelecer ações de interações como o diálogo por comentários, apenas ações de curtidas e compartilhamento, o que impede o outro de responder a menos que busque fazê-lo.

Em cada tipo de conexão há investimentos diferentes, esses podem ser compreendidos como investimentos afetivos, mas para ser fortes necessitam de que ao menos se crie um perfil em uma rede social *on-line*, que se crie e mantenha conexões e que se utilize recursos próprios na manutenção dessas conexões, sendo que a não manutenção ativa dessas conexões (emergentes) fazem delas mesmas conexões fracas, ou seja, quando o sujeito está ausente da rede, *off-line*, a conexão se mantém pelo próprio sistema e aquele perfil é incapaz de emitir respostas ou compartilhar recursos, ainda que possa estar todo tempo sendo associado à ações permitidas pela ferramenta. (RECUERO, 2009, 2012)

Por esse motivo os recursos compartilhados disponíveis são dinâmicos, construídos conjuntamente, negociados, apropriados por grupos e transformados pela própria ação coletiva. Por isso, a autora afirma que os recursos têm duplo aspecto, podem beneficiar alguém e também grupos. Assim, os investimentos serão diferentes de acordo com cada conexão.

Igualmente, criar e manter um perfil gera para o indivíduo a presença na rede social *on-line* que ao criar e manter conexões, faz dele um ator social no ciberespaço. Além disso, a criação e manutenção de conexões associativas incide sobre valores do capital social para o indivíduo como visibilidade e popularidade, além de legitimação e circulação de informações, que também são valores para os grupos e que geram um filtro para o grupo, indicando atores relevantes.

Já a criação e manutenção de conexões emergentes age de forma diferentes nas redes e supõe outros valores, como o suporte social que consiste no apoio, construção de sentimentos e identidade que são características de conexões de caráter forte. Além disso, também gera legitimação da presença e da identidade pelo reconhecimento coletivo. Inclui-se aí a visibilidade e construções de clusterizações<sup>27</sup>, que consistem num benefício para a rede e dizem

---

<sup>27</sup> Relativo às topologias das redes sociais estudadas nas teorias de grafos. Raquel Recuero trata desse assunto de maneira aprofundada na obra de 2009.

respeito à ampliação dos caminhos para a entrada de outros valores. Seria o mesmo que dizer que quanto mais conexões você tem numa rede social, mais terá, pois as próprias ferramentas de cada rede têm um limite específico para essas conexões. Isso faz com que se aumente o acesso a recursos e a circulação dos mesmos, assim como, mais proximidade, permitindo que atores se tornem maiores investidores e que ampliem ainda mais o grupo.

Por fim, o compartilhamento de recursos pessoais além de gerar valores para o indivíduo, também gera benefícios coletivos que se tornam valores do capital social, como as informações, pois enriquecem a rede por meio de conexões associativas, aumentando assim a confiança no ambiente em grupo e nas relações, igualmente proporcionando a ação de filtragem por meio da visibilidade. Com isso há o aumento de confiança, que gera mais tranquilidade para a interação, mais cooperação entre os atores e mais confiança na rede. (RECUERO, 2012)

Assim, as redes sociais na internet dinâmicas e estão em constantes transformações, sendo influenciadas pelas interações. Por isso estão sujeitas a processos de ordem, caos, agregação, desagregação e ruptura. A cooperação faz parte do processo formador das estruturas sociais, mas nela também há conflitos, competições e lutas sociais que são fenômenos naturais emergentes das redes sociais. Os conflitos podem gerar ruptura da estrutura social e envolver cooperação de outros grupos. Ou seja, ruptura favorece a intervenção do conflito e o conflito promove agregação de outros grupos, o que indica que as redes sociais *on-line* sejam adaptáveis e possuam sistema auto organizativo que possibilitam que as redes sociais sejam capazes de manter um equilíbrio dinâmico constante entre caos e ordem. (RECUERO, 2009)

Conclui-se, então, que ainda que essa vertente para pensar as redes sociais (a relação dos sujeitos com a internet) esteja relacionada à área comunicacional em sua origem, ela contribui e dá pistas para que a psicologia também reconheça, com suas ferramentas, toda a afetividade envolvida no uso de cotidiano da internet, em especial das redes sociais como o Facebook.

#### 2.4.2. Inês Amaral, sociabilidades emergentes e sociedade 2.0

Nesta seção serão apresentadas as contribuições de Inês Amaral<sup>28</sup>, PHD em Comunicação e pesquisadora em Comunicação e Sociedade pela Universidade do Minho em Portugal. Assim, será discutido seu texto “Redes Sociais na Internet: sociabilidades emergentes”, publicado em

---

<sup>28</sup> Para saber mais sobre a obra de Inês Amaral indico a leitura do texto disponível neste endereço [https://www.researchgate.net/publication/312069977\\_Primavera\\_Arabe\\_o\\_mito\\_das\\_revolucoes\\_Twitter\\_e\\_Fac\\_ebook](https://www.researchgate.net/publication/312069977_Primavera_Arabe_o_mito_das_revolucoes_Twitter_e_Fac_ebook), o qual ela discute o papel das redes sociais na internet na Primavera Árabe, afirmando o potencial das redes por permitir a formação de comunidades virtuais que sustenta outro tipo de sociabilidade

2016, no qual se desenha um contexto discussões sobre comunicação, com um olhar especial sobre internet e redes sociais.

A autora abordou um novo paradigma que considera uma nova sociedade, desterritorializada, que leva à sociedade 2.0. Ela discute redes sociais, redes sociais na internet como capital social, com destaque para a importância do conteúdo e finaliza com um estudo de caso. Aqui interessa examinar sua obra apontando suas maiores contribuições e a maneira como ela utiliza ideias e conceitos abordados pelos autores anteriormente apresentados.

O texto em questão discute as novas sociabilidades que se dão pelas práticas e relações que ocorrem no ciberespaço para teorizar as realidades sociais. Para tanto, pressupõe-se que as aplicações informáticas que suportam as redes sociais na internet são tecnologias que ultrapassam os padrões de plataformas, estabelecendo espaços de interações desterritorializadas. Nas redes sociais pode-se encontrar cultura a partir da comunicação e interação (AMARAL, 2016).

Assim, considera-se que o fenômeno *Social Media* organiza e se desdobra em redes simétricas e assimétricas.

O conteúdo é determinante para a formação dos grupos online porque aproxima a estrutura das redes sociais na internet a mapas de mediações e interações através da apropriação técnica. Os padrões de conectividade gerados pelas práticas de indexação de conteúdo nos media sociais centram-se numa lógica de cultura e mobilidade e materializam uma realidade social própria habitada por redes assimétricas e participativa que representam um termômetro desterritorializado da sociedade. (AMARAL, 2016, p. 14)

Para tanto, acredita-se que são os conteúdos que se constituem elementos determinantes para a formação de redes sociais assimétricas e que sustenta a ideia de cultura e participação maximizada, ou seja, o sujeito que utiliza as redes pode interpretar uma informação que foi publicada e identificar a emergência de modalidades de sociabilidade decorrente de novas práticas, numa "lógica viral"<sup>29</sup>, que se concretiza em relações sociais distintas das tradicionais.

Então, Amaral (2016), assim como Recuero (2009), afirmou que das redes sociais emergem novas formas de sociabilidade que decorrem de práticas potencializadas por ferramentas técnicas e são distintas das tradicionais formando novas formas de capital social. Por esse motivo declarou que há um novo padrão de individualismo em rede que representa um potencial de ação que carrega em si, ao mesmo tempo, elementos de coletividades, viralidade,

---

<sup>29</sup> A noção de viver numa atmosfera de constante possibilidade de um escândalo irromper a serenidade do cotidiano, por meio de informações que viralizam nas redes sociais, ou seja, tem uma enorme difusão entre os usuários. Ideia presente na obra de Recuero (2009), bem como no ensaio de Guerra e Barbosa. Ver GUERRA, A.; BARBORA, C. Crítica e Pós verdade. In: GUARESCHI, P.A.; AMON, D.; GUERRA, A. (Orgs.) *Psicologia, comunicação e pós-verdade*. Florianópolis: ABRAPSO, 2017. p. 101-151.

velocidade e integração com redes públicas. Contudo, esse modelo aponta também para elementos como cooperação e reciprocidades fracas, estruturas sociais fragmentadas em pequenos grupos em que prevalecem redes pouco democráticas com atores centrais e predominância de laços fracos, embora haja coesão.

Amaral (2016) sugeriu que as novas tecnologias influenciaram o surgimento de um novo campo social que interfere diretamente na forma com que um sujeito percebe o seu mundo e se relaciona com esse mundo e com outros sujeitos. Para tal afirmativa a autora buscou em Bourdieu (2001, Apud AMARAL, 2016, p. 18)<sup>30</sup> a definição de campo social como um microcosmo com luz própria determinado pelos capitais variados, como cultural, social, econômico e político, bem como pelos hábitos pessoais de percepção, pensamento e ação. Igualmente, ela também se apoiou nas ideias de cibercultura e ciberespaço de Lévy (2000) resumindo-os em como movimentos num espaço potencializador de comunicação, para justificar que "efetivamente, a internet pode ser transformadora" (AMARAL, 2016, p.18), mas foi enfática ao afirmar que a era da informação nunca foi sobre a importância da tecnologia. A importância sempre foi da transformação social, um processo de mudança social da qual a tecnologia é um elemento inseparável do eixo social, econômico, cultural e político.

Para tanto, ela referiu como parte da tecnologia a ideia de *Web Social* que tem como características: conteúdos criados por utilizadores; coletivos como formadores; estar em todos os lugares; mobilidade; interação; convergência; intersecção; multimídia; multicanais; multiplataformas, ou seja, é considerar a emergência da internet como uma plataforma participativa.

Para tanto, é preciso saber que o caráter de participação da internet não se deu em sua origem, mas foi sendo criado ao longo do seu desenvolvimento e uso. Esta discussão aponta a criação de um novo usuário da *web* que são chamados de *prosumers* que representam a junção de consumidor e criador/produzidor de conteúdo, como nos *blogs* que demonstram a possibilidade de se publicar um saber não especializado que tem audiência global. Essa mudança refere-se, mais uma vez, à transformação da *Web 1.0*, estática, centralizada e informativa, para a *Web 2.0*, dinâmica, social e dialógica. "Plataformas como Facebook, Youtube [...] são como uma nova *Ágora* que combina capital humano e social com o potencial da *Web social*." (AMARAL, 2016, p. 20).

---

<sup>30</sup> Bourdieu, P. *O poder simbólico*, Lisboa: Difel. 2001.

Também formam-se novos grupos os quais apresentam elementos como partilha e cooperação. Enquanto partilha implica numa agregação do grupo, a cooperação é o meio que cria uma identidade de grupo e nesse ambiente constitui-se a conversação que permite e promove um sentimento de presença e pertença.

Amaral (2016) discutiu a onipresença que diz respeito à conexão móvel que leva a sociedade da informação para um novo patamar, pois não se sabe mais se as interações das quais participamos são públicas ou privadas e também o que é profissional ou pessoal. Nesse mesmo sentido, vê-se novas áreas de trabalho se formando que usam a vida pessoal como conteúdo profissional como os influenciadores digitais; *youtubers*, *instagramers* e cursos de graduação como a formação em mídias sociais.

Para a autora, as novas interações apontam para três vertentes interseccionalizadas: a cultura do "*do it yourself*", ou, faça você mesmo, novas ferramentas de TIC e a formação de economias horizontais. Para tal afirmativa, Amaral (2016) relembrou Lévy (2000) e a ideia de que o ciberespaço transforma a opinião pública. Isso se dá pelo fim da territorialidade, da convergência de suportes midiáticos e da tomada de cargo pelos atores sociais que cria interconexão, comunidades virtuais e inteligência coletiva.

Amaral (2016) ainda propagou que a mudança do receptor par simultaneamente ser emissor constitui-se numa mudança de paradigma de sociabilização e socialização, fazendo das redes sociais um novo Capital Social. Por exemplo: enquanto escrevo este paragrafo do texto, deixo em página minimizada o site do Youtube para me fornecer uma música ambiente e ouço uma propaganda que diz "você é profissional e pode criar um site incrível hoje mesmo. É fácil e grátis", trata-se de um aplicativo que te ajuda a fazer sua própria página na internet.

Isso significa dizer que independentemente da plataforma, o utilizador/emissor terá a capacidade de individualização (no sentido de personalização) da comunicação, ou seja, poderá torná-la própria e terá capacidade de habitar a dimensão coletiva (em estrutura de pertença). Derrick Kerckhove (1997, Apud AMARAL, 2016, p. 32)<sup>31</sup> fundamentou essa ideia na conceituação de comunicação comunitária na qual o utilizador da internet é proativo, pois partilha conteúdo e cria uma rede global.

Toda essa discussão não responde as dúvidas quanto à sociedade atual e às TIC, mas fomenta mais perguntas, como: Quanta influência pode gerar-se de uma mudança de paradigma como essa? Quanto, além da comunicação é afetado? Se toda a estrutura social é influenciada, o que ocorre com seus elementos, tais como instituições, a ciência, a psicologia?

---

<sup>31</sup> Kerckhove, D. *A pele da cultura*, Lisboa: Relógio d'Água. 1997.

É verdade que Amaral (2016) concordou que há um novo paradigma que leva os sujeitos da *mass media* à individualização, mas ele não substituiu outros paradigmas de pensamento, mas defende a coexistência de ideias. Nesse caso, trata-se de uma mudança de paradigma que se opera no ciberespaço e que, evidentemente, gera ecos em outras áreas e podem, com isso, potencializar alterações em curso. As citações a seguir podem oferecer pistas para as questões apontadas. Então: "Analisar implicações sociais e comunicacionais da utilização da *web social* no contexto atual, em que prolifera a lógica das redes sociais, obriga a uma reflexão sobre a nova geração da internet e a alteração do paradigma social e conseqüentemente, comunicacional" (AMARAL, 2016, p.35). "Com a web 2.0, a interação e a participação são modalidades inerentes à utilização de softwares sociais que traduzem em simultâneo novas relações de poder (AMARAL, 2016, p.37)."

Essa ideia pode complementar a afirmação de Castells de que o ciberespaço, além de infraestrutura digital que engloba todos os fenômenos e processos comunicacionais, também permite a materialização das expressões de todos para todos, materializando também por meio da cibercultura, uma cultura que se confunde com a noção de esfera pública.

A esfera pública da internet são todos os seus pontos de livre acesso, por isso também composto por instituições em que coexistem o local e o global. Por isso, se considera aqui que "o espaço público da internet é complexo e multifacetado, não sendo possível encontrar um ponto de equilíbrio num misto entre anarquia e democracia da comunicação"(AMARAL, 2016, p. 46). Nesse sentido, a autora considera que as redes sociais também promovem participação do público e possui uma comunicação ruidosa e desestruturada que não se encontra completamente desligada do mundo *off-line*, mas constitui-se em espaços intermediários. Esses espaços podem ser de reforçamento social, mas frequentemente são meios de expressões mais pessoais do que sociais.

Essa ideia sugere que a internet possa constituir num terceiro espaço entre o lar e o trabalho, entre o pessoal e público, uma nova forma de sociabilidade que será o resultado da totalidade das interações (com o outro e comigo mesma) que ocorrem no campo social. O que culmina em novas formas sociais, novas sociedades cujos espaço, tempo, rede e comunidade são diferentes.

O território da Internet é uma rede imensa, onde os lugares do utilizador são criados pelo próprio, com base nas trocas simbólicas que efectua com os outros indivíduos e com o espaço. Neste sentido, desterritorialidade, imaterialidade, tempo-real e interactividade resumem as principais características do ciberespaço, que se afirma como a desterritorialização da sociabilidade. No universo virtual, o conceito de território é sinónimo de sistemas de representação/significação que atribuem sentido/identidade ao espaço. O ciberespaço, enquanto espaço de fluxos e de um

tempo atemporal (Castells, 1996), reformula as tradicionais noções de espaço, lugar, rede e comunidade. (AMARAL, 2016, p. 61)

Assim, Amaral (2016) reafirmou que há uma reinvenção do conceito de comunidade que surge com a internet – comunidades virtuais – por tratar-se de um fenómeno social e espaço de (novas) sociabilidades, que se assume como um espaço onde coexistem espaços. Diferentemente de comunidades tradicionais que, de maneira genérica, são localizadas numa área geográfica, possuem estrutura social e pertença de grupo. Já nas comunidades virtuais não é necessária uma área geográfica definida, pois o território é substituído pelo ciberespaço, ou seja, uma dimensão social cuja construção dá-se por partilha de significados e representações, constituindo simulacros de presenças, sentimentos de pertença, permanência e códigos próprios criados por meio das técnicas comunicativas e da interação. Assim, substitui-se a unidade de espaço e a noção de território é mesclada num ponto de convergência entre a interface e as ferramentas de comunicação.

A comunidade virtual nasce da evolução natural do conceito e da sua adequação ao contexto do ciberespaço. Identidade, sociabilidade e a noção de consciência colectiva são três aspectos que as comunidades virtuais reconfiguram na noção tradicional e se assumem como o pilar dos grupos online. (AMARAL, 2016, p.65)

A autora recorre às ideias de Recuero (2009) e considera que as comunidades virtuais são antes redes sociais.

As redes são compostas por actores conectados por um ou mais tipo de relações, que derivam das propriedades emergentes dos sistemas. Neste sentido, os laços são relações sociais. [...] Decorrendo desta premissa, compreendemos redes sociais como sistemas de comunicação que interligam indivíduos com laços comuns e potenciam uma estrutura dinâmica de relações interpessoais, sem que todos os indivíduos estejam directamente ligados mas antes participem da rede. (AMARAL, 2016, p.68)

Logo, ao concordar que a criação de comunidades virtuais também são redes aponta a internet como meio que oferece oportunidades de sociabilidade em espaços de interação e compartilhamento de conteúdo. Essa participação não tem um senso cívico em si, não é sinónimo de democracia. Mas os sites de redes sociais têm se mostrado como meio fundamental para a ação social através da internet, o que significa dizer que redes também podem ser definidas por ação coletiva e interação que ocorrem nas estruturas dos *social media*, como Facebook ou LinkedIn.

Funcionalidades como os botões *share*, *retweet* e *like* permitem a fundação de grupos e a construção de redes suportadas em relações sociais desterritorializadas e com hierarquias diferentes das tradicionais. É possível observar na Internet a formação de grupos sociais baseados em laços diferentes, como conteúdo ou interações secundárias e não directas. Como se formam, então, redes na denominada Web 2.0? A resposta é simples: através de novas práticas sociais que derivam das ferramentas técnicas e objectos disponíveis nas plataformas – *like*, *retweet*, partilhar, recomendar, votar, entre outros – e originam novas relações sociais baseadas na inteligência colectiva. Neste sentido, a conectividade da Internet introduz modalidades de sociabilidade distintas das tradicionais, que resultam de um processo de adaptação mútua entre técnica e práticas sociais. Os objectos e as ferramentas assumem por base metadados dos utilizadores que permitem estruturar redes de interesses, com laços distintos dos tradicionais. (AMARAL, 2016, p.78)

Por fim, as redes sociais na internet funcionam como potencializador de sociabilidade e

de inteligência coletiva localizadas na denominada Sociedade 2.0 que pode ser definida como uma nova modalidade de cultura que implica uma (re)configuração do espaço social e amplia a desterritorialização da sociedade.

### **3. CONHECENDO O BOSQUE: A AVENTURA DA PSICOLOGIA NA DISCUSSÃO SOBRE MÍDIA, TECNOLOGIA E INTERNET**

Neste capítulo busco apresentar ideias discutidas por psicólogos que se dedicam à discussão da internet e suas mudanças. Para tanto, apresento Nicolaci-da-Costa, que no início do século XXI se dedicou a entender a relação dos sujeitos com as TIC, em especial com os celulares. Posteriormente, abordo mais uma vez Pedrinho Guareschi, apresentando sua produção mais recente sobre mídia, na qual se dedica a entender o fenômeno pós-verdade, passando obrigatoriamente pela discussão da internet. Por último, apresento a noção de Extituição discutida por três psicólogos espanhóis.

#### **3.1. Nicolaci-da-Costa e o desenvolvimento de uma psicologia contemporânea**

Nicolaci-da-Costa, em um texto desenvolvido em parceria com uma orientanda de doutorado, Carla Faria Leitão, "A Psicologia no novo contexto social", de 2003, teve como intuito apresentar diversas teorias pós-modernas que elas consideraram importantes para munir psicólogos e psicólogas de conhecimentos advindos de outros campos disciplinares de maneira que tais discussões pudessem contribuir para a análise das mudanças subjetivas introduzidas pelo novo cenário mundial. Para tanto, elas argumentam que a psicologia científica, muitas vezes, vê o sujeito contemporâneo a partir de categorias tradicionais, desconsiderando as transformações sociais profundas que geram impactos psicológicos não menos profundos e dificilmente captáveis a partir de antigos referenciais. Por isso, convidaram seus leitores a entender três pontos considerados por elas como marcantes para a discussão do sujeito contemporâneo, com vistas às mudanças tecnológicas digitais

Para tanto, elas chamaram a atenção para o desenvolvimento de conhecimentos específicos no campo da Sociologia e da Filosofia, mas que não se desdobram no mesmo ritmo na Psicologia e, assim, apresentaram o que elas chamaram de três correntes contemporâneas. São: as teorias pós-modernas, as teorias da modernização reflexiva e a teoria da revolução da tecnologia da informação.

Das teorias pós-modernas, que se iniciam no campo das artes e da literatura na década de 1960 e posteriormente migram para a área acadêmica, poderiam ser classificadas em duas posições principais. A primeira trata das condições contemporâneas de produção de conhecimento e a segunda das condições de produção da ordem capitalista contemporânea. (LEITÃO; NICOLACI-DA-COSTA, 2003)

Na primeira as autoras escolheram dois autores como representantes, Lyotard<sup>32</sup> e Vattimo<sup>33</sup>, que estudaram a Modernidade diferenciando-a da Pós-modernidade. Eles consideram que a Modernidade constitui-se como uma forma de estudo em que os fenômenos humanos são complexos, mas fundamentados em estudos totalizadores, uma vez que se buscava previsibilidade, objetividade e progresso. Enquanto na Pós-modernidade as visões de mundo são desconstruídas dando abertura para a multiplicidade. Recuperando Lyotard, essa abertura constitui-se numa mudança apenas possível a partir da maciça utilização das tecnologias informáticas. Dando continuidade a discussão as autoras evocam Vattimo para dizer que se a Pós-modernidade é encarada de maneira nostálgica, as tecnologias passam a ser vistas como destruidoras da humanidade em vez de um fator de ruptura dos modos tradicionais de interpretação do mundo. (LEITÃO; NICOLACI-DA-COSTA, 2003)

Já com relação às condições de produção do capitalismo contemporâneo, Leitão e Nicolaci-da-Costa (2003) incorreram acerca de teorias que se aproximam do marxismo, referindo-se a Jameson<sup>34</sup>, Harvey<sup>35</sup> e Bauman<sup>36</sup> que, de maneira oposta as teorias Pós-modernas, que eles chamam de ingênuas, consideram que elementos como a complexidade e a fragmentação não são capazes de excluir uma historicidade e lógica global de compreensão. Nesse sentido, houve concordância com a noção de rompimento entre Modernidade e Pós-modernidade, mas enfatizaram a questão econômica como categoria de análise. “Nesta visão, a ancoragem da Pós-modernidade é um conjunto de alterações objetivas na ordem econômica do capital” (LEITÃO; NICOLACI-DA-COSTA, 2003, p.423).

Nesse meio, na condição pós-moderna a produção tem caráter flexível, mas não perde de vista o consumo.

A lógica pós-moderna de produção é, portanto, flexível, ágil e passível de constantes modificações. Todos esses fatores contribuem (...) para o aumento do consumo a níveis inesgotáveis e para a organização de nossa sociedade em torno desse consumo. (LEITÃO; NICOLACI-DA-COSTA, 2003, p.424)

Assim, a tecnologia digital é entendida apenas como mais uma fonte de consumo, o que poderia ser gerador de um aprofundamento das exclusões sociais, como se afirma na citação a seguir: "Já para Harvey, Jameson e Bauman, o acesso a informação é gerador de exclusão e de intolerância nas relações sociais" (LEITÃO E NICOLACI-DA-COSTA, 2003, p.424).

<sup>32</sup> LYOTARD, J. F. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

<sup>33</sup> VATTIMO, G. *O fim da modernidade: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

<sup>34</sup> JAMESON, F. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 1991.

<sup>35</sup> HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1989.

<sup>36</sup> BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

Com relação às teorias da Modernização reflexiva, elas são constituídas pelos resultados das discussões de Modernidades versus Pós-modernidade. Leitão e Nicolaci-da-Costa (2003) elencaram Beck, Giddens e Lash <sup>37</sup> como representantes, considerando que não há descontinuidade histórica suficiente para se dizer da pós-modernidade, fazendo dessa um novo momento da Modernidade. Em cada um dos autores, elas destacam pontos importantes:

- Beck: propõe a ideia de Sociedade de Risco que é fruto do sentimento de mudanças sociais incutidas na modernização (aperfeiçoamento dos processos industriais, globalização e o enfraquecimento dos Estados) seria uma sociedade que passa a perceber a necessidade de novas formas de cooperação e de controle dos riscos gerados pelo desenvolvimento, ou seja, ao mesmo tempo que se busca ampliar a distribuição e o consumo de bens e serviços, intenta-se enfrentar os riscos para a humanidade, como por exemplo a destruição ecológica.
- Giddens: a capacidade reflexiva sistemática do ser humano que produz conhecimento todo o tempo e que irá buscá-lo para o enfrentamento dos riscos.
- Lash: o aumento do acesso às informações e conhecimento por meio das tecnologias tanto pela comunidade acadêmica, como para leigos, favorece a superação das desigualdades de classe, gênero e raça. Isto se as ideias tiverem fundamentos críticos, o que nem sempre acontece.

Por último, Leitão e Nicolaci-da-Costa (2003) apontaram para a Teoria da Revolução da Tecnologia da Informação e consideraram como marco precursor dessa teoria as ideias de Marshall McLuhan<sup>38</sup> que desde a década de 1960 mostrava-se sensível aos estudos de impacto social que as novas tecnologias digitais criaram, porém para aprofundar a discussão elas apontaram para Castells e a Sociedade em Rede que fora discutido em um item anterior no atual texto.

Essas teorias apresentadas foram direcionadas para o abandono das certezas teóricas e refletem o esforço desses estudiosos para compreenderem a atualidade, ao mesmo tempo mostram que a psicologia não tem acompanhado essas mesmas mudanças e continua presa a antigas categorias de conhecimento. Reconhecer essa inadequação não é tarefa fácil, pois se

---

<sup>37</sup> BECK, U., A. GIDDENS & S. LASH (Orgs.), *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista., 1995.

<sup>38</sup> MCLUHAN, M. *A galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1962.

identifica um receio infundado do desaparecimento da psicologia se esta não desenvolver ferramentas para interpretar as mudanças em curso.

No tempo presente, no entanto, as profundas mudanças sociais pelas quais estamos passando nos levam a desconhecer as principais características do mundo atual e, conseqüentemente, as transformações psicológicas geradas por este novo mundo. Diante destas transformações, a função da Psicologia contemporânea passa a ser a de identificar, descrever e analisar as novas organizações subjetivas geradas em um novo (e pouco conhecido) contexto histórico e social. (LEITÃO; NICOLACI-DA-COSTA, 2003, p.428)

Além disso, psicólogos e psicólogas devem entrar em contato com outras disciplinas a fim de conhecer as principais características do novo contexto mundial e seus novos laços de coesão social. (LEITÃO e NICOLACI-DA-COSTA, 2003)

Para Nicolaci-da-Costa (2002), as Revoluções Industriais e as Revoluções Tecnológicas têm muito em comum, pois ambas geram profundas transformações subjetivas, fazendo com que sua compreensão seja fundamental. Assim, considerou importante perceber que os comportamentos e hábitos sofrem alterações com o desenvolvimento e uso de novas tecnologias. Não obstante, algumas tecnologias têm impactos mais profundos e mudam a forma de ser de uma pessoa.

Fundamentada em Castells (1999), a autora sugeriu que a Revolução Tecnológica, de caráter altamente científico, transforma o sistema produtivo, acelerando-o e difundindo essa mudança por todo o sistema econômico mundial, penetrando em todo o tecido social e gerando uma descontinuidade nos setores da vida em sociedade, rompendo com o que era anteriormente estabelecido, trazendo novos espaços e estilos de vida, uma nova linguagem, interesses, necessidades, relacionamentos e conflitos. (NICOLACI-DA-COSTA, 2002)

Nesse sentido, se a Revolução Industrial contribuiu para uma urbanização dos espaços coletivos, a Revolução Tecnológica apresenta a internet, um novo espaço, analisado e nomeado de maneiras diferentes por vários autores, pode se dizer que este novo espaço, o ciberespaço<sup>39</sup>, é um lugar desprovido de materialidade física, onde se experimentam novas formas de viver por meio de ferramentas, como computadores e *smartphones*, constitui um sistema dos sistemas, um labirinto transparente, móvel e destituído de um significado central. (NICOLACI-DA-COSTA, 2002)

Pode-se dizer que com frequência os “objetos” dotados de transparência, ausência, ou elementos de difícil análise, ou ainda pouco mensurável acaba por perder visibilidade no contexto científico moderno, mas as afirmações da autora permitem que nos atentemos para o potencial de transformação e influência desses espaços aparentemente inofensivos, como o caso

---

<sup>39</sup> A autora Nicolaci-da-costa recuperou o conceito desenvolvido por Pierre Lèvy.

do ciberespaço, da internet em si, que, frente aos fenômenos cotidianos conhecidos, deixam de ser considerados em importância, é, por assim dizer, considerada irrelevante, fútil, apenas uma representação artificialmente construída e portanto menosprezada na vida humana.

No entanto, Nicolaci-da-Costa (2002) afirmou que as novas formas de organização social e os novos espaços de vida geram profundas alterações nos estilos de agir e de ser, que são documentadas nas produções científicas e não-científicas. De maneira complementar, desenvolve-se novos vocábulos e expressões para designar algo do ciberespaço, tais como *spam*, *www*, *e-mail*, *formata*, etc.

[...] tal como a primeira Revolução Industrial deu origem a um longo processo de mudanças que resultou na emergência do homem do século XX, a Revolução da Internet desencadeou um processo de transformações, ainda em curso, que está gerando o homem do século XXI. ((NICOLACI-DA-COSTA, 2002, p.198)

No artigo "O cotidiano e os múltiplos espaços contemporâneos" Nicolaci-da-Costa, (2005) problematizou a questão da aceleração do tempo provocada pela revolução tecnológica, que inclui principalmente a internet e a telefonia celular sugerindo uma mudança da noção de tempo/espaço da modernidade. Nesse sentido, afirmou que o avanço das tecnologias de telecomunicação permite que o capitalismo atinja um novo estágio que ela chama de integração multinacional; essa nova possibilidade altera a noção de tempo para um eterno presente em que tudo coexiste e se relaciona, gerando um espaço próprio e único. Na intenção de compreender esse cenário nas ciências humanas contemporâneas, a autora apontou cinco discussões importantes.

A primeira delas busca apresentar o espaço como metáfora para diferentes tipos de organização e dinâmica sociais a partir do pensamento de Deleuze e Guattari<sup>40</sup> em que espaços são compreendidos como uma expressão das tensões entre os diferentes tipos de organizações sociais; onde coexistem os espaços metaforicamente compreendidos como estriados (linhas e fluxos visíveis) e lisos (linhas e fluxos não visíveis, apenas um emaranhado). O "alisamento" de um espaço sugere a perda das fronteiras, o desconhecimento dos limites, a desterritorialização e o nomadismo; elementos fortemente presentes no ciberespaço. (NICOLACI-DA-COSTA, 2005)

A segunda discussão analisa as mudanças ocorridas no espaço físico pela emergência do capitalismo multinacional, cujo entendimento passa por autores como Harvey<sup>41</sup> e Augé<sup>42</sup>, que

<sup>40</sup> DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, volume 5. São Paulo: Editora 34, 1997.

<sup>41</sup> HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. Rio de Janeiro, Loyola, 1999.

<sup>42</sup> AUGÉ, M. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papyrus, 2001.

falaram da produção de novos espaços sugerindo a produção do “não-espaço”, ou seja, consideraram que o nomadismo possível num mundo estreitado pela tecnologia leva os sujeitos a estarem presentes em espaços não demarcados, não limitados e, portanto, nem sempre físicos. Nesse sentido, a Nicolaci-da-Costa (2005) apoiou-se em Bauman<sup>43</sup> e se arriscou no desafio de compreender esses não-espaços para além de metáforas, configurando a terceira importante discussão do artigo.

Para ela, Bauman também fixou suas análises no espaço físico, sugerindo outra possibilidade como extraterritório, característico de uma modernidade líquida e desapegada. Contudo,

O próprio conceito de extraterritorialidade, como usado por Bauman, continua, no entanto, preso ao conceito de território. É como se, para Bauman, as pessoas ou aspectos da vida em sociedade ao perderem seus vínculos territoriais simplesmente se tornassem ausentes ou extraterritoriais. A “bolha” na qual circulam não recebe qualquer definição positiva, ou seja, não tem suas características próprias registradas. Ao atrelar a extraterritorialidade exclusivamente às elites mundiais, Bauman não parece poder conceber a existência de espaços de vida cotidiana, habitados por cidadãos comuns, que também não mantêm vínculos com o espaço físico tradicional. Outros, no entanto, veem nessa mesma extraterritorialidade a possibilidade de geração de espaços alternativos de vida, dotados de características próprias e habitados por pessoas comuns. (NICOLACI-DA-COSTA, 2005, p. 368)

Nicolaci-da-Costa é uma autora que considera a possibilidade de outros espaços gerados pela internet e esses são: Espaço dos fluxos e Ciberespaço. O espaço dos fluxos foi concebido por Castells (1999) e pode ser entendido como um produto da convergência de tecnologias e seus usos que geram fluxos intencionados ou não, que transformam a organização social que gera a ideia criada por ele de “Sociedade em Rede” que será amplamente discutida posteriormente.

A autora corrobora que outro espaço possível é o ciberespaço discutido por Pierre Lèvy, cuja definição pauta-se na não diferenciação da internet e do ciberespaço, sendo esses a mesma coisa. Assim, finalizamos essa ideia com a citação abaixo:

E o que acontece nesse espaço? Por ele circulam a informação e os bens imateriais. Como já foi mencionado, nele são também implementadas novas formas de vigilância, controle e poder. Mas isso não é tudo. Segundo diversos autores (Lévy, 1990/1993; Castells, 1996/2000; Rheingold, 1993, etc.), o ciberespaço também é o espaço no qual são colocadas em prática diferentes formas e manifestações de solidariedade, de coesão social, de resistência, de movimentos políticos, de vida comunitária, etc. É, ainda, segundo outros autores (Turkle, 1995; Nicolaci-da-Costa, 1998; Leitão & Nicolaci-da-Costa, 2000; Abreu & Nicolaci-da-Costa, 2003; etc.), um espaço que se tornou o palco (imaginário mas vivido como real) de novas formas de

<sup>43</sup> BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.  
BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

vida que abrangem praticamente todas as áreas do nosso cotidiano: trabalho, educação, lazer, informação, conversas intelectuais, bate-papos informais, sedução, paquera, namoro, solidariedade, etc. (NICOLACI-DA-COSTA, 2005, p. 369)

### 3.2 Pedrinho Guareschi e o desafio de pensar a relação da psicologia com a pós-verdade

No ensaio “Psicologia e Pós-verdade” (GUARESCHI, 2017) apresentou-se uma discussão da relação psicologia e comunicação e da relação psicologia e pós-verdade. Partiu da ideia de Serge Moscovici (2003, apud GUARESCHI, 2017, p. 161) de que o objeto central da psicologia social está relacionado com as questões pertinentes à ideologia e à comunicação. Para tanto, apresentou como objetivo do ensaio discutir, de maneira detalhada, o fenômeno da pós-verdade para a psicologia geral e, em especial, para a psicologia social. E é aí também que reside o interesse em apresentar e discutir as ideias que foram produzidas neste ensaio escrito por Guareschi.

Na elaboração de seu texto o autor se concentrou em três pontos fundamentais: conceitos psicológicos que são relevantes para a discussão da pós-verdade; o emprego da psicologia nas novas tecnologias midiáticas; a possibilidade de uma subjetividade digital.

O primeiro ponto apresenta os conceitos a serem revisados que são: valores e crenças; motivação, consciência e liberdade, e produção de subjetividades. No que tange valores e crenças, o autor referiu que há uma importante mudança se estabelecendo, dado que a Modernidade tem como característica o matemático e o racional, agora tem-se a impressão que as crenças estão retornando. Ou seja, os valores de uma pessoa, entendidos como afetos e emoções, se transformam em crenças e compõem a dimensão afetiva de uma pessoa, assume diferentes complexidades juntamente com uma dimensão cognitiva e simbólica e compõe o psiquismo; no contexto de pós-verdade, a verdade assume-se como crença. (GUARESCHI, 2017)

A reflexão do autor é muito interessante para pensar alguns fenômenos observados por meio da internet. Por exemplo, no início de agosto encontrei-me com febre e dor de garganta, queria cuidar da minha saúde física com recursos naturais ao invés de remédios industriais, por isso fiz uma publicação na *timeline* do meu Facebook perguntando receitas de chá para dor de garganta e tosse seca e recebi como resposta cerca de dez receitas diferentes. Não obstante, a procura por resoluções de saúde no buscador Google também te oferece milhares de possibilidades de respostas diferentes. Assim como, sites, páginas e grupos no Facebook, canais no Youtube são ocupados por temáticas diversas em que se manifestam valores e crenças pessoais. É o caso de um grupo do Facebook intitulado *LDRV Ocultismo*, com mais de 70 mil membros (janeiro de 2018) possibilita a discussão de crenças diversas desde que seus membros

não vazem informações para outros meios. Tal qual, aparece frequentemente nas redes sociais digitais a informação sobre um movimento intitulado como Terraplanista, que consiste em um grupo de pessoas que creem ser a Terra plana, ou ainda, a falácia da ideologia de gênero<sup>44</sup>, uma ideia cruel, amplamente divulgada na internet e em igrejas, de que haveria um movimento que instiga crianças a "tornarem-se" homossexuais ou transexuais. É importante dizer que não é o caso de considerarmos que as crenças deixaram de existir por um tempo e agora voltaram, elas sempre existiram, mas agora há outros meios de troca, de divulgação, a internet.

Ao abordar o conceito de motivação, Guareschi (2017) apresentou-o como uma dimensão da ação. Já acerca da consciência e liberdade, entendeu que consciência é assumida como as respostas para a pergunta “quem sou eu?”, e que exatamente por esse motivo não pode ser entendida como um "ente misterioso localizado no cérebro ou em qualquer outra parte do corpo” (GUARESCHI, 2017, p. 168), pois é um processo infinito que inclui a reflexão. Nesse sentido, sua preocupação situou-se na questão de como os milhares de pessoas que utilizam a internet para ocupar seu tempo ocioso podem refletir. Quanto à liberdade entendida como um conceito multifacetado, o autor evoca Paulo Freire<sup>45</sup> na relação de maior liberdade com mais *conscienciação* e questiona quanto de liberdade sobra para as pessoas comuns que vivem diante da tela?

Por fim, Guareschi (2017) abordou a construção da subjetividade e a assumiu como o “conteúdo” das relações, constituídas por "outros” e pelas relações estabelecidas com eles, por isso tratou de entender subjetividade como sendo sempre social. Social também é um termo multifacetado e o autor assumiu social como relação que abarca a pluralidade de dimensões sem fechá-las. Contudo, para poder indicar a configuração das subjetividades digitais expressiu:

Se partimos, pois, da suposição de que a subjetividade é constituída pelo incalculável número de relações que estabelecemos dia a dia, momento a momento, podemos perguntar: que novas relações vão se apresentando diante de um ambiente perpassado quase que por uma onipresença das mídias? E como se dão essas relações? Quais os parceiros dessas relações? E indo mais além: qual o papel que as pessoas, singularmente, desempenham nessas relações? (GUARESCHI, 2017, p. 180) *grifos do autor*

O autor propôs discutir tais indagações com apoio do escritor e filósofo francês Eric Sadin<sup>46</sup> que originalmente propusera o termo subjetividade digital. Esta, encarada como

---

<sup>44</sup> Refere-se à ideia fantasiosa de que as questões de gênero seriam ensinadas em escolas com o intuito da devastação moral, de forma que crianças seriam obrigadas a abraçar determinada orientação sexual, com o apoio de cartilhas que incentivariam a homossexualidade, com conteúdo sexual explícito e tudo mais que possa colocar a sociedade em pânico, contradizendo a importância de estudar e pensar as questões de gênero que incluem compreender sobre sexualidade, diferenciando-a de violência sexual.

<sup>45</sup> FREIRE, P. *Palavração*. Tempo e presença. 1979.

<sup>46</sup> SADIN, E. *La vie algorithmique: Critique de la raison numérique*. L'Échappée. 2015.

fenômeno, que retrata uma digitalização da vida, ou seja, reconhece que o mundo digital influencia as decisões e ações dos sujeitos em função de interesses específicos, sugere também uma naturalização deste fenômeno que cada vez mais assume uma forma totalizante e por isso faz com que não se perceba com facilidade tal fenômeno.

Somos levados a um processo de *naturalização* da realidade onde as tecnologias digitais se desenvolvem com extraordinário poder sem que disso nos demos conta. Banalizamos sua penetração nos assuntos humanos e permitimos que adentrem nossa vida, considerando-as como algo *normal*. [...] O tecido de nossa existência humana é constituído de relações que tomam diferentes características, dependendo de sua inserção no mundo social. A própria presença no mundo, ou em contato com a natureza, já provoca em nós mobilizações e atitudes de tipos diversos. O que dizer, então, desse bombardeio midiático? (GUARESCHI, 2017, p. 182 – assinalamentos do autor)

Guareschi (2017) preocupou-se em entender os valores presentes nessa nova configuração de subjetividade e afirma que um ponto de interesse que identificou na obra de Sadin é acerca do modo de produção capitalista e aponta que o filósofo considera que toda estratégia empregada no mundo digital se resume a satisfazer os objetivos centrais e permanentes do capitalismo, o que é denominado por ele de tecnoliberalismo.

Finalizando esta seção apresentamos uma citação de Sadin em entrevista traduzida e publicada pelo Instituto Humanitas Unisinos<sup>47</sup>, na qual discute a ideia de tecnoliberalismo como se pode acompanhar a seguir:

Caminhamos para um testemunho integral da vida, mas esse testemunho é, de fato, uma exploração com duas finalidades: a primeira, consiste em estabelecer um novo estado do capitalismo, o que chamei de tecnoliberalismo, cujo propósito é não deixar nenhum espaço da existência vazio, isto é, trata-se de se lançar à conquista integral da vida. Com sensores colocados ao longo de toda a superfície da vida chega-se a rentabilizar, a monetarizar todo o conhecimento comportamental. Isso implica, de fato, a mercantilização integral da vida. Por exemplo, uma balança conectada não é apenas a curva evolutiva do meu peso, mas também, por meio de aplicativos, a inclusão, a oferta, em função dos meus estados, de complementos alimentares ou de permanências nas montanhas. O mesmo vai acontecer com os outros objetos conectados: por trás está a ideia de uma grande potência para penetrar em nossos comportamentos e, mediante sistemas de inteligência artificial, sugerir ofertas, bens ou serviços adaptados a cada perfil e a cada instante da vida cotidiana. Ali onde o capitalismo encontrar um espaço vazio, seja um passeio no bosque ou um jantar com amigos, vai se introduzir para tirar proveito disso através dos objetos conectados. O horizonte que se abate sobre nós é o da capacidade de mercantilizar todos os momentos da existência humana. É o estado último do capitalismo. (SADIN, 2017, s/p)

3.3. De carona com os espanhóis Miquel Domenech e Francisco Tirado para pensar extituição

<sup>47</sup> <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/568991-o-tecnoliberalismo-lanca-se-a-conquista-integral-da-vida-entrevista-com-eric-sadin> Acesso em 04/01/2018

Nesta seção serão apresentados alguns pontos dos estudos coordenados por uma dupla de psicólogos sociais espanhóis: Miquel Domènech e Francisco Javier Tirado. Domènech é docente em Psicologia Social na Universitat Autònoma de Barcelona (UAB) e seus interesses de pesquisa enquadram-se amplamente no campo dos estudos de ciência e tecnologia com foco especial na relação entre cuidados e tecnologia e na participação cidadã em questões tecnológicas. Tirado também é professor do departamento de Psicologia Social da UAB e desenvolve pesquisas com temáticas sobre *cyborgues*, biopolítica e extituições, tema de sua tese e foco do interesse nessa discussão.

Mas afinal, o que é uma Extituição? Tirado e Domènech (2001) afirmaram que a noção de extituição foi encontrada nos trabalhos de Michel Serres (1995, apud 2001, p.193)<sup>48</sup> para descrever o processo de inversão de forças centrípetas que retornam às instituições em forças centrífugas e expulsando o que ali residia. As instituições permitem moradas, mas extituições só permitem rondas, passeios. Tal como redes, extituições não possuem dentro ou fora, apenas elementos capazes de conexões ou não. Também é uma superfície que não se mede pela geometria, esta mais para um conjunto de conexões mutáveis. Diferente de uma instituição fechada e estática, a extituição se caracteriza pela potencialização do movimento e do deslocamento.

Tirado e Domènech (2001) consideraram a psicologia um campo fértil para a discussão das mudanças que se produzem no trânsito entre instituições e extituições, as quais incidem sobre a relação do poder e materialidade.

Para tanto, os autores buscaram discutir algumas noções de poder nas ciências considerando que sua conotação é sempre múltipla, e dividem essas noções em dois grandes grupos. No primeiro, poder é compreendido como imposição da vontade sobre outrem, tem um caráter material e se manifesta, ou é reconhecido, nos comportamentos. No segundo grupo, poder é compreendido como meio de comunicação simbólico que estrutura a sociedade, assim, influencia o comportamento de maneira mediata, configurando o mundo das pessoas e determinando os elementos constitutivos de seu comportamento.

Dentre as concepções abordadas ainda falta explicar como o poder se mantém. Mas há algumas pistas nas discussões de poder e materialidade que suscitam que a relação da materialidade na sociedade permite esclarecer a ação concreta do exercício de poder e entender como se pode exercer uma ação com efeito duradouro na distância e através do tempo. Então essas pistas levam à Foucault e a discussão iniciada por ele em “Vigiar e Punir” (1975), onde

---

<sup>48</sup> SERRES, M. *Atlas*. Madrid: Catedra, 1995

discute o poder inscrito aos corpos, mas isso se dá dentro de uma racionalidade própria e considerando o caráter de seus elementos. No caso do corpo temos um material moldável e muito bom para ser docilizado pelas inscrições institucionais. Contudo, ao se considerar que a mudança das instituições para o mundo comunicacional, as extituições, o que temos de elementos são fluxos de informações que, se não pelo corpo, como se inscrevem e se mantem?

Para responder tal questionamento, os autores buscaram em Latour (1983 Apud 2001, p. 198)<sup>49</sup> outra compreensão de poder e materialidade: a noção de móvel imutável presente na teoria ator-rede.

La teoría del actor-red permite conceptualizar la institución como un efecto, más o menos duradero, del agenciamiento de una multitud de materiales heterogéneos: edificios, planes arquitectónicos, leyes de administración, normativas, ordenanzas ministeriales, proyectos de reforma, tecnología, recursos humanos, alimentos [...] permite entender como la institución genera materiales e inscripciones que desdordan sus propias paredes y salen al exterior, concetando con otras instituciones o formaas sociales. (TIRADO; DOMÈNECH, 2001, p.198)

Assim, é uma materialidade que não se define unicamente pelo papel do corpo, mas por uma multiplicidade de materiais que necessitam ser conectados para que uma instituição funcione. Porém, nem toda relação de poder mais ou menos dura requer uma materialidade para manter-se no tempo e no espaço, pois já é possível estabelecer uma ação à distância sem perder sua eficácia. Logo, a extituição volta-se à geração de sociabilidade, ou seja, a relação de contato, a interação.

Segundo Domènech e Tirado (2002), enquanto as instituições requerem uma materialidade dura, as extituições estabelece sua materialidade como branda e mesclada, ou seja, difusa (dura, flexível e volátil). Além disso, as instituições definem-se em um plano, possui rotinas duráveis de relações e trabalho, bem como pertencimento de vínculo social, é fechada e está assentada numa realidade local e bem definida, e opera por semelhança e limitação. Já a extituição possui planos flutuantes e variáveis como suas relações e sua sociabilidade, sua performance ocorre pelo movimento do vínculo social, é capaz de estreitar as limitações de distância e se dá de maneira múltipla, descontínua e virtual, operando por meio de divergência e criação.

No glossário pessoal do pesquisador colombiano Daniel Jiménez Sánchez<sup>50</sup>, extituição é o nome dado ao processo de transformações sofrido pelas instituições devido ao impacto das novas tecnologias de informação, pode ser compreendida como uma terceira realidade que

<sup>49</sup> LATOUR, B. Give me a laboratory and I will raise the world. In: CETINA, K. K.; MULKAY, M. *Science Observed: Perspectives on the Social Study of Science*. Londres: Sage, 1983, s/p.

<sup>50</sup> Disponível em: <<https://sites.google.com/site/djsverbario/e/extitucion>> Acesso em: Abril de 2017

supera as dicotomias entre os processos de institucionalização e desinstitucionalização, por isso também chamado de processo de extitucionalização. O que ocorre ao se considerar que as instituições tradicionais estão sempre vinculadas à um lugar, um edifício e realizam seu trabalho mediante a separação de dentro e fora. Além disso, prevê também um deslocamento das noções de espaço, norma e corpo. As extituições distribuem-se por todo espaço social por meio de uma rede que integra diferentes localizações formadas por agenciamentos de elementos variados que se conectam por meio de fluxos de informações. Nesse sentido, os corpos já não exercem o mesmo papel central da institucionalização, mas são outras três operações que garantem a união dos elementos heterogêneos: a codificação das informações, a simulação e a tradução.

Contudo, Gómez <sup>51</sup> (2014) afirmou que não há extituição, senão modos de extitucionalização. Para ele, a noção de extituição cunhada por Michel Serres e desenvolvida por Tirado representou uma tentativa de assinalar as diferenças operativas dos mecanismos de poder contemporâneos, mas o conceito de extituição está ligado a um processo e não a uma entidade; é um processo presente nas organizações institucionais ou extitucionais, pois diz do processo de territorialização, onde um espaço passa a ser habitado e desterritorializado.

---

<sup>51</sup> Professor e Pesquisador em Psicologia e Ciências da Educação da Universidade Aberta da Catalunha – Universitat Oberta de Catalunya - UOC

#### 4 - MANUAL DE SOBREVIVÊNCIA NO BOSQUE: APORTES PARA ESTUDO DE REDES DIGITAIS

Este capítulo tem como objetivo apresentar os caminhos que percorremos para o desenvolvimento desta pesquisa. Considerando as dificuldades metodológicas para se estudar a internet – uma vez que é marcada pela complexidade – exploramos várias perspectivas metodológicas que serviram de pistas para a circunscrição de nosso trajeto metodológico. Assim, num primeiro momento, apresentaremos o campo teórico que exploramos e, a seguir, descreveremos o caminho metodológico que construímos.

Como está o panorama de perspectivas empíricas dos estudos de internet e suas abordagens? E mais especificamente, por que as apropriações metodológicas da etnografia vêm se destacando em perspectivas estritamente qualitativas de pesquisa social para estudos da internet? Qual a amplitude e as limitações da adaptação do método etnográfico ao contexto das tecnologias digitais?

Sendo a internet um campo em desenvolvimento, Fragoso, Recuero e Amaral (2011) apoiadas em Baym<sup>52</sup> (2005, apud FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 31) apontaram que a internet é um objeto que está cada dia mais sendo estudado por diversas áreas, tornando-se central para várias disciplinas, o que não a torna uma disciplina em si, mas um campo, pois os(as) pesquisadores(as) utilizam em suas pesquisas os termos campo e abrangência local permitidos pelo objeto; e sugerem recomendações que podem auxiliar nas etapas das pesquisas, da revisão de literatura à ida ao campo, contribuindo para o desenvolvimento das discussões. Assim, as recomendações são:

1) “Manter a pesquisa sobre internet contextualizada dentro das tradições de pesquisa de mídia e tecnologia que antecedam e transpasse a internet” (Baym, 2005, p. 232). É a noção de que para obtermos contribuições duradouras para a pesquisa, ela precisa estar embasada pelas pesquisas já estabelecidas anteriormente, e, como alerta Sterne (1999) investigar comparativamente o passado para não cairmos na armadilha fácil da “novidade”; 2) abordar o objeto internet responsavelmente, através de perguntas chave que deixam à mostra questões relativas ao poder e à condição humana; 3) “Empenhar-se em observar quadros maiores do que aqueles relevantes a nossas condições locais”, levando em consideração perspectivas culturais e subjetivas distintas das do mundo Ocidental; 4) “Manter o diálogo e a troca de ideias mútuas com outras disciplinas e tradições de pesquisa”, utilizando uma linguagem que possa ser compreendida através das disciplinas e para diferentes públicos estudados; 5) primar pela reflexividade e pelos conceitos, definições, rótulos e metáforas através dos quais organizamos e construímos nossas recomendações teóricas. (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 32)

Baseadas em Costigan (1999 apud FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 32)<sup>53</sup>,

<sup>52</sup> BAYM, N. *Internet Research as It Isn't, Is, Could Be, and Should Be. The Information Society*. London, 2005.

<sup>53</sup> COSTIGAN, J. *Forests, Trees and Internet Research*. JONES, S. (ed.). *Doing Internet Research. Critical Issues and Methods for Examining the Net*. London: Sage, 1999.

as autoras também afirmaram que a ciência social produzida sobre a internet divide-se em duas categorias; uma diz sobre a habilidade de busca e recuperação de informações a partir de enormes bancos de dados, já a outra é relativa ao respeito às capacidades de comunicação e interação possibilitadas por meio da internet.

Dessa forma, no intuito de marcar dados históricos dos estudos da internet, as autoras apontaram que na década de 1990 o auge da discussão era falar sobre a criação da internet e suas características, que recorrentemente eram apresentadas como virtuais num movimento de negação do real. Mas, posteriormente, o objeto internet já estava inserido no cotidiano, o que fez surgir estudos que comparassem a internet com outras mídias. A partir dos anos 2000, as pesquisas avançaram nos estudos sobre o tempo gasto nas atividades relacionadas à internet. (Postill<sup>54</sup>, 2010, apud FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 35).

Há ainda uma outra fase de estudos indicada por Wellman<sup>55</sup> (2004, apud FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 36) que se trata de um momento no qual a abordagem teórico-metodológica estaria mais interessada nas análises de dados a partir de estudos que abordavam padrões de conexão, personalização e comunicação. Contudo, no Brasil as pesquisas direcionaram-se para a internet apenas na segunda metade dos anos 2000, pois antes disso as discussões eram mais teóricas.

De maneira geral, as autoras explicaram uma proposta de entendimento das pesquisas sobre internet na figura a seguir, que retrata uma tabela desenvolvida pelas autoras Fragoso, Recuero e Amaral (2011, p. 46):

---

<sup>54</sup> POSTILL, J. *Internet ethnography – notes for a presentation*. Blog Media/ Anthropology. Disponível em: <http://johnpostill.wordpress.com/2010/06/06/internet-ethnography-notes-for-a-presentation/>, publicado em 06/06/2010. Acesso em 20/06/2010.

<sup>55</sup> WELLMAN, B. The three ages of internet studies: ten, five and zero years ago. *New Media & Society*. London, Vol. 6 Issue 1, p. 123-129, 2004.

**Tabela 2:** Abordagens teóricas sobre a internet enquanto objeto de estudo. **Fonte:** Ardevol et al. (2008).

Abordagem Teórica	Internet como Cultura	Internet como Artefato Cultural	Internet como Mídia
Conceitos	Ciberespaço, vida virtual, cibercultura, descorporificação, desterritorialização.	Online/Offline, incorporada à vida cotidiana, localidade.	Convergência de mídia, vida cotidiana, novas mídias, cultura digital.
Objeto/Campo	Com base no texto: Chats, BBS, IRC, Usenet, Newsgroups, MUDs.	Com base na web: Páginas pessoais, websites, mundos virtuais.	Redes sociais, objetos multimídia: Conteúdo gerado por consumidor, Web 2.0.
Metodologia Qualitativa Etnografia	Comunidades Virtuais, Comunicação Mediada por Computador, Identidade Online, Estudos feitos exclusivamente em tela.	Laços sociais, representação de identidade, “estudos além da tela”, apropriação da tecnologia, etnografia virtual.	Etnografia multimídia, etnografia conectiva, etnografia das redes.

FIGURA 5 – Tabela desenvolvida por Fragoso, Recuero e Amaral

As autoras também arrolaram os assuntos mais abordados nessas pesquisas. Sendo eles: linguagens e a arquitetura da informação; apropriação tecnológica com estudos sobre a reconfiguração de práticas sociais/culturais e sociabilidades em função das TIC; economia política; ciberativismo visando a potencialização da ação do indivíduo ou coletividade em ações políticas via internet; inclusão digital; práticas de consumo de mercado; e práticas de socialização *on-line*. Esses estudos se desdobram e abarcam comunidades virtuais e identidades *on-line*, além da inserção da internet no contexto laboral. Os objetos analisados com mais frequência são *blogs*, *fotologs*, *videologs*, *microblogs*, páginas pessoais e, portais e *websites*. Já

os métodos mais utilizados foram: análise de conteúdo, análise de discurso, etnografia e análise de redes sociais, entrevistas, estudos de caso, observação participante, biografias, webometria, análise de hiperlinks, entrevistas com profundidade e análise documental.

Por fim, uma vez que é a utilizada nesta investigação, é interessante observar o que Fragoso, Recuero e Amaral (2011) afirmaram sobre a metodologia de etnografia das redes, e que há muitas definições diferentes quando se trata de etnografia:

Compreendemos estudos de inspiração etnográfica como aqueles que não o utilizam como metodologia, mas apenas como narrativa ou que se utilizam de partes dos procedimentos etnográficos de pesquisa, mas não chegam a ir a campo, porém, podem incorporar protocolos metodológicos e práticas de narrativa como histórias de vida, biografias ou documentos para compor a análise dos dados. (p. 168)

#### 4.1 Notas para uma etnografia no ciberespaço com Debora Zanini

A etnografia é o método utilizado pela Antropologia para estudar cultura e grupos sociais. Ela surge no fim do século XIX e início do século XX. Inicialmente tem caráter historiográfico e, ao longo do tempo, junto com as viagens expedicionárias, passa a ser um meio de entender o "estado civilizatório" (ZANINI, 2016). Nesse sentido, um dos nomes mais conhecidos dessa corrente de estudo é Bronislaw Malinowski, considerado como o pai da Antropologia Social, uma vez que negava modelos explicativos fechados acerca dos povos e suas culturas, dando amplo espaço para a diversidade e para elementos sociais, como a religião.

A etnografia pode ser considerada um método consagrado nas Ciências Humanas, sociais e também na Psicologia, pois busca dar importância ao convívio e a importância de ouvir aqueles que pretendemos entender. Para tanto, os grupos são o foco de seus estudos, pois todas as associações de caráter humano passam a serem potenciais de estudo. Igualmente, quando a internet cria e organiza novos espaços de convivência, os etnógrafos voltam-se ao desejo de estudá-los (ZANINI, 2016).

Ciberespaço mostra-se como um espaço que vai além das trocas de informação mediadas por computador, e nesse novo espaço o ser humano passa a criar conexões e relacionamentos capazes de criar um espaço de sociabilidade, uma nova cultura: a cibercultura.

Sabemos que há duas décadas a internet era apenas um meio no qual as pessoas trocavam textos, ou seja, a chamada *web 1.0*, mas atualmente a internet está inserida na vida das pessoas de forma massiva, faz parte da comunicação cotidiana e cada vez mais nossas experiências são mediadas por tecnologias digitais. A amplitude da *web 2.0* é tamanha que chega a remodelar certas atividades cognitivas fundamentais (LÉVY, 2000).

Existem tipos diferentes de etnografias ou apenas nomenclaturas distintas? Muitas vezes encontram-se nomes como etnografia virtual ou *on-line*, e, ainda, digital e netnografia. De acordo com Zanini (2016), no princípio dos estudos da cibercultura entendia-se que o ciberespaço era um local desvinculado do cotidiano das pessoas, por isso fazia-se uma distinção entre vida real *versus* vida virtual, e se utilizava muito o termo Etnografia Virtual, popularizado pelos estudos de Hine (2000). Porém, posteriormente, essa autora passou a pensar a etnografia imersa na internet criando a teoria dos três Es: Internet Embedded (incorporada, explica a tendência de conectar dispositivos em nosso cotidiano, como por exemplo a Internet das coisas; Internet Embodied (corporificada, aquela que compõe o sujeito e sua história); e Internet Everyday (cotidiana, está tão ligada ao dia-a-dia que não se percebe mais que está presente) (HINE, 2015). Já o termo Netnografia foi desenvolvido por Robert Kozinets (2014) e aponta para o uso de método adequado para cada ambiente.

Método pode ser entendido como uma forma de aproximar a realidade de estudo pretendida, e nas premissas do método etnográfico afirma-se que a etnografia enquanto vocábulo derivado do grego "*ethos*" que significa cultura e "*grafe*" que designa escrita, por isso, entende-se etnografia como um estudo descritivo da cultura de grupos sociais. (ZANINI, 2016)

[...] as mídias sociais, através de sua popularização e da democratização de acesso, proporcionam espaços cada vez mais importantes de sociabilidade e de relações pessoais. É cada vez mais comum encontrar ambientes online que se caracterizam como comunidades online como comunidades sociais. Estas comunidades online que são espaços vínculos afetivos e emocionais e redes de apoio, entre várias outras coisas, na maior parte delas sem ter tido contato físico sequer. [...] com maior ou menor grau essas comunidades permitem e propiciam questões emocionais por parte dos participantes, como sentimentos e comportamentos de revelação, honestidade, apoio recíproco, confiança, expressões de aflições e sociabilidade. (ZANINI, 2016, p. 174)

Uma etnografia em mídias sociais simples pode se dar pelos seguintes passos: primeiramente seleciona-se um projeto etnográfico e dele faz-se um recorte, ou seja, escolhe-se um local considerando suas características e diferenciais, e a entrada nesse local vai levar o(a) pesquisador (a) a afirmar ou não que trata-se de uma pesquisa; depois esse recorte vai gerar um desenho de um mapa descritivo, que pode ser de três tipos: o mapa social que consiste em descrever as pessoas que fazem parte do ambiente estudado apontando a quantidade de perfis daquele ambiente, temas debatidos, hierarquia, gênero, idade, fluxo de perfis; o mapa espacial usado para descrever características do ambiente, indicando o formato das postagens e interações, o tipo de ambiente e sua delimitação espacial; e o mapa temporal que descreve questões relacionados ao tempo, como rotinas de postagens, histórico e contexto. Após a seleção do ambiente virtual e o desenho dos mapas, efetua-se as observações que primeiramente são descritivas, mas depois são mais focadas nos objetos das perguntas que se buscam

responder, tornando os dados mais seletivos. Mas há que se lembrar que na etnografia a “coleta” de dados não ocorre separada da sua análise, a não ser como recurso didático. Assim, posteriormente à coleta e à análise dos dados registram-se os dados, mas, no caso das mídias sociais, esse registro se encontra praticamente pronto, mas é certo que cada etnógrafo (a) tem que verificar suas possibilidades de publicação dos registros. (ZANINI, 2016)

#### 4.2. Conhecendo Robert Kozinets: apontamentos sobre netnografia

Robert Kozinets é precursor do método intitulado Netnografia, é também pesquisador na área de marketing, mas vem dedicando-se aos estudos de mídias sociais e da própria netnografia. O intuito aqui é compreender sua proposta mirando em suas primeiras proposições, de maneira a fornecer um panorama geral sobre seu campo de estudo e trabalho colhendo dicas para a atual pesquisa.

Kozinets (2014) afirmou que o mundo tem se tornado digital, o que levou e leva os cientistas sociais a buscarem maneiras de entender a relação das pessoas com a internet, por isso apontou que no campo de pesquisa de marketing as netnografias já se tornaram formas de pesquisa amplamente aceitas, seja para publicidade, pesquisas sobre identidade, relações sociais, aprendizagem ou criatividade.

A netnografia foi criada e desenvolvida para ajudar a entender o mundo das pessoas e, aplicada ao mundo do marketing e consumo, foi inserida como campo interdisciplinar aberto a adoção de novas técnicas. Dessa forma, as pesquisas de marketing incorporaram conhecimentos da antropologia, da sociologia e de estudos culturais, que fazem com que os cientistas sociais venham a concluir que não podem mais compreender adequadamente algumas facetas importantes da vida social sem incorporar a internet e as comunicações mediadas por computadores em seus estudos.

Existe uma distinção útil entre a vida social online e os mundos sociais da “vida real”? Cada vez mais, a resposta parece ser não. As duas se mesclaram em um mundo: o mundo da vida real, como as pessoas o vivem. É um mundo que inclui o uso da tecnologia para se comunicar, debater, socializar, expressar e compreender. (KOZINETS, 2014, p.11)

Nesse sentido, a netnografia faz-se necessária para definir uma prática que nem sempre existiu. Para estudar uma cultura ou comunidade *on-line* deve-se considerar que é diferente de um estudo de uma comunidade face a face, assim como a quantidade de dados será diferente e a capacidade de aplicar determinados instrumentos e técnicas analíticas.

Para o autor, a maior força da etnografia para ser aplicada *on-line* é o fato de ser uma abordagem adaptável e flexível, e a sua preferência por netnografia é para diferenciar a técnica de outras, pois há outras inúmeras que são relacionadas entre si, como a análise de discurso, a autoetnografia etc. Além disso, a aplicação pragmática difere muito da aplicação acadêmica. Por isso, nas pesquisas de marketing e consumo tem-se adotado o uso do termo netnografia para o estudo de culturas e comunidades *on-line*.

Nesse contexto, um ponto bastante importante e contributivo de Kozinets (2014) é quando ele percebeu que as pessoas utilizavam as redes sociais para acessar cultura e comunidades. É importante dizer que comunidades nunca se relacionam somente *on-line*.

Comunidade e cultura podem ser inerentes a muitos dos fóruns e “locais” da internet. Um grupo de correio eletrônico que publica por meio de listas (listserv) pode levar cultura e ser uma comunidade, assim como um fórum, um blog ou microblog, um wiki (website colaborativo), ou um dedicado a entusiastas de fotos e vídeos, e também podcasts e vlogs (blogs de vídeo). Os websites de redes sociais e mundos virtuais levam os complexos marcadores de muitas culturas e ambos manifestam e forjam novas conexões e comunidades. Grupos de discussão e quadros de avisos, assim como salas de bate-papo, ainda que sejam comunidades ao “velho estilo”, podem nunca sair totalmente de moda. Não só tornou-se socialmente aceitável que as pessoas busquem e se conectem por meio desse arsenal de conectividade mediada por computadores, como também esses “lugares” e atividades relacionadas tornaram-se lugar-comum. Originalmente anunciado como “aplicativo matador”, o correio eletrônico, revela-se, é apenas a ponta do iceberg comunalmente conectivo. (KOZINETS, 2014, p. 15)

As comunidades compartilham a cibercultura orientada ao computador e as culturas de consumo, ou seja, esses agrupamentos fazem trocas de alguma forma, pois se fortalece um senso de camaradagem e familiaridade com os membros de uma comunidade que faz com que se reconheça identidades dos indivíduos e ao senso subjetivo de pertencimento que se dá por um *continuum* de participação na determinação do que pode e não pode ser considerado uma afiliação à comunidade (KOZINETS, 2014).

Quanto à cultura de uma comunidade ou grupo *on-line*, Kozinets (2014) intentou inovar, pois considerava definições de cibercultura, como a de Lévy, tão abrangentes que não contemplava seus objetivos de pesquisa. Por isso, para ele, ao aceitar a definição preliminar de cultura como um sistema simbólico no qual a linguagem é o foco principal, ainda é possível questionar como ficam características peculiares carregadas de contexto tecnológico específico. Por isso é importante questionar se existem sistemas simbólicos, normas, rituais ou comportamentos que ajudam os grupos e comunidades a gerenciar a eles próprios. Esses sistemas identificam o próprio grupo? Existem em outros grupos? E, ao responder se havia um sistema exclusivo, o termo cibercultura mostrou-se adequado. Porém, para o autor, a partir de uma perspectiva comparativa, não existe muita coisa peculiar ao que acontece especificamente no ambiente *on-line*.

A cultura existe, e sempre existiu, em um estado de fluxo constante cujas transformações foram orientadas por nossas invenções, as quais nós simultaneamente moldamos e guiamos. Se aceitarmos que o *Homo sapiens* e o *Homo habilis* são, por sua própria natureza, fabricantes de ferramentas e inovadores, talvez não faça mais sentido falarmos sobre cibercultura como distinta de outras formas de cultura humana assim como falamos sobre “cultura do alfabeto”, “cultura da roda”, ou “cultura da eletricidade” (KOZINETS, 2014, p. 19)

Contudo, o autor também afirmou que preferia falar da cultura mundial virtual, da cultura da blogosfera, da cultura dos celulares em vez de usar o termo cibercultura, reservando esse termo para referências e discussões sobre características compartilhadas de formações *on-line* ou mediada por computador.

O autor foi enfático ao lembrar que comunidades formadas e mantidas no meio eletrônico não são simplesmente virtuais, mas compostas por pessoas, ou seja, comunidades reais com pessoas reais e que de fato acabam encontrando-se em situações fora do meio eletrônico. Seus conteúdos são importantes e muitas vezes produzem aprendizados. As comunidades *on-line* são comunidades e ensinam sobre linguagens reais, significados reais, causas e culturas reais. E embora possam parecer ingênuas tais afirmações, é muito importante enunciá-las para que o(a) pesquisador(a) não desanime em sua trajetória de pesquisa.

Assim, para finalizar, "a netnografia difere de outra pesquisa qualitativa na internet porque ela oferece, sob a rubrica de um único termo, um conjunto rigoroso de diretrizes para a realização de etnografia mediada por computador e também, de maneira importante, sua integração com outras formas de pesquisa cultural." (KOZINETS, 2014, p. 24)

#### 4.3 Christine Hine, por uma etnografia para estudar o uso da internet no cotidiano

Christiane Hine é uma cientista inglesa que atua na área de sociologia da ciência e da tecnologia. Voltada aos estudos sobre o papel das novas tecnologias no processo de produção de conhecimento, bem como no desenvolvimento da etnografia sobre o uso da internet em pesquisas sociais, publicou obras de grande relevância para a compreensão dos estudos aplicados à internet. Tratam-se de “Etnografia virtual”, publicada primeiramente em inglês em 2000 e "Ethnography for the internet: embedded, embodied and everyday", de 2015.

O que vem a ser uma etnografia virtual? Pode-se dizer que consiste em um método voltado para pesquisas na internet caracterizado pela descrição densa<sup>56</sup> como caminho para compreender o meio pelo qual as pessoas interpretam a internet. Originada no campo da

---

<sup>56</sup> O conceito de descrição densa vem de Geertz e ele a diferencia de uma descrição superficial. A descrição superficial conta o que há, uma ação, mas não avança na sua motivação.

antropologia, possui ênfase nos estudos da cultura de grupos ou organizações e seu instrumento mais popular é a observação participante.

Embora não exista uma única fórmula ou prescrição para fazê-la, em seus estudos deve-se considerar e buscar compreender por meio de participação no processo as relações e as atividades das pessoas, tornando explícito o modo como as pessoas vivem suas vidas. Por conta dessas características, os maiores desafios na utilização da etnografia é a objetividade e a validação, bem como as questões com que o(a) pesquisador(a) deve manter-se atento(a), a necessidade de estar *on-line* e ser “fluyente” na linguagem das pessoas.

Hine (2000) apontou que a internet se estabelece como um campo de estudos que permite ascender aos estudos de comportamento *on-line* das pessoas, porém para isso é necessário que se desenhe um modo de pesquisar. Também considera que a internet pode ser caracterizada como um lugar de cultura.

Una etnografía de Internet puede observar con detalle las formas en que se experimenta el uso de una tecnología. En su forma básica, la etnografía consiste en que un investigador se sumerja en el mundo que estudia por un tiempo determinado y tome en cuenta las relaciones, actividades y significaciones que se forjan entre quienes participan en los procesos sociales de ese mundo. El objetivo es hacer explícitas ciertas formas de construir sentido de las personas, que suelen ser tácitas o que se dan por supuestas. El etnógrafo habita en una suerte de mundo intermedio, siendo simultáneamente un extraño y un nativo. Ha de acercarse suficientemente a la cultura que estudia como para entender cómo funciona, sin dejar de mantener la distancia necesaria para dar cuenta de ella. (HINE, 2000, p.13)

Além disso, para a autora, a discussão sobre modernidade e pós-modernidade incide sobre como o fenômeno das TIC é percebido e, conseqüentemente, como elas podem ser estudadas. Os impactos das tecnologias dependem de como os usuários aprendem a empregá-las, e isso conduz as discussões para o estudo do desenvolvimento de relacionamentos sociais entre os usuários da internet a partir de algumas perguntas concretas: como os usuários compreendem as capacidades e possibilidades da internet? Quais as implicações de seus usos? Como interpretam ela tanto como meio de comunicação e como audiência? Quem a percebe como audiência? De que modo a internet afeta a organização das relações sociais em tempo e espaço? O virtual é experimentado de maneira diferente do real? Entre outras.

Para tanto, Hine (2000) apontou que a internet sendo estudada a partir de espaços *on-line* contribuiu para que fosse criada sua imagem como cultura, mas a autora interessou-se principalmente em uma derivação: a compreensão da internet como artefato cultural. Como cultura pode ser compreendida como um lugar de formação e reformação; "um lugar no qual as pessoas fazem coisas" (HINE, 2000, p. 9). Já como artefato cultural, a internet pode ser compreendida como um produto da cultura produzida por pessoas que geralmente é negligenciado pela pesquisa (ciência).

Fragoso, Recuero e Amaral (2011) indicaram que estas ideias de Hine (2000) fundamentaram as principais abordagens para se estudar a internet incidindo sobre a cultura da internet, baseando-se principalmente na abordagem de etnografia virtual.

Na perspectiva da internet como **cultura**, ela é normalmente compreendida enquanto um espaço distinto do off-line, no qual o estudo enfoca o contexto cultural dos fenômenos que ocorrem nas comunidades e/ou mundos virtuais. Para a autora, essa abordagem leva em consideração funções e formações sociais, além de tipos de organizações tais como os conflitos, cooperações, o fortalecimento das comunidades virtuais como uma entre os diferentes tipos de narrativas possibilitadas pelas redes digitais. (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 41)

Assim, assume-se que os primeiros trabalhos sobre cultura da internet focavam em grupos que se formavam em torno de um tema específico ou em torno de atividades que são permeadas pela própria internet. Contudo, as autoras elucidaram que Hine (2000) queria que os estudos abordassem a internet como artefato cultural.

A perspectiva da internet como artefato cultural observa a inserção da tecnologia na vida cotidiana. Assim, favorece a percepção da rede como um elemento da cultura e não como uma entidade à parte, em uma perspectiva que se diferencia da anterior, entre outras coisas, pela integração dos âmbitos online e offline. A ideia de artefato cultural compreende que existem diferentes significados culturais em diferentes contextos de uso. O objeto internet não é único, mas sim multifacetado e passível de apropriações. (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 42)

Além desses dois tipos de abordagens desenhados por Hine (2000), há um terceiro que é a internet como tecnologia midiática que gera práticas sociais.

De acordo com essa proposta, cada abordagem teórica e seus diferentes conceitos são apropriados a diferentes objetos/campos e podem ser observados sob diferentes metodologias de pesquisa qualitativa. Os objetos de estudo são desenhados e definidos a partir das práticas midiáticas por eles geradas, levando em consideração as relações “borradas” entre online/off-line. (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 43-44)

De maneira geral, a abordagem etnográfica virtual engloba: estudo de comunidades e culturas através interação social *on-line*; vias para o trabalho de campo *on-line* que inclui estar imerso na cultura que estão estudando; observação estrutural do indivíduo ou organização *on-line*; observação de como o mundo real e virtual se relacionam; mostrar em detalhes os caminhos de usos da internet; pode-se estudar *off-line* ou *on-line*.

Nesse sentido, é possível estudar conexões entre os espaços *on-line* e *off-line* (comparando esses dois espaços sociais), por exemplo, uma reunião *on-line* e *off-line* e as diferenças entre elas; como a identidade é formada; como significados são criados por meio das interações dos participantes; como a internet afeta a organização das relações sociais no espaço e no tempo; como a internet é diferente da vida real; como o usuário entende capacidade de comunicação e as significância do uso para o usuário

Por conta das diversas possibilidades de estudos, também se utiliza muitas ferramentas, como a observação participante que pode ser "escondida", "aberta" ou em algum lugar entre esses lugares. Pode-se utilizar também entrevistas *on-line* ou por *e-mail*, arquivos de *blog*, fóruns de discussão, anotações do campo, capturas de tela, áudios, vídeos, grupo focal (face a face ou *on-line*), participação ativa, experiências face a face e engajamento profundo no campo e levantamento passivo de dados (eficiente, mas nem sempre efetivo).

Contudo, Hine (2000) apontou que a metodologia ideal é a ativa, uma vez que possibilita um entendimento profundo do que se pesquisa, pois os pesquisados são ativos e visíveis, o(a) pesquisador(a) pode participar ativamente, ou seja, fazendo perguntas, indagando, o que também possibilita refinar conceitos que emergem no processo de análise, bem como gera engajamento e faz com que entenda o como é ser usuário de uma tecnologia e se observe as características das interações. Ao mesmo tempo, a autora não incentivava a prática de pesquisa em que o pesquisador está escondido, pois tal método traz problemas se não se revela quem é, dificultando o processo de incorporação de elementos à análise e pode fazer com que o(a) pesquisador(a) não seja visto(a) como parte da comunidade ou grupo estudado.

Em 2017, Hine publicou um pequeno texto junto com outros ensaios de autores diversos em que conta por quê deixou suas primeiras considerações para então adentrar a teoria da internet dos três Es (*Embedded, Embodied and Everyday*). Primeiramente ela afirmou que o principal ponto de partida para o desenvolvimento de uma perspectiva etnográfica sobre o espaço da internet foi dispensar qualquer noção de que é preciso julgar *a priori* se interações que se dão por meio da internet são ou não suficientemente ricas ou significativas para formar uma base para o inquérito etnográfico. Seria importante tomar o cenário em seus próprios termos, assim como qualquer etnógrafo dentro de uma cultura desconhecida faria. Se essa fosse a forma que a presença assumisse nesse tipo de configuração, o etnógrafo poderia apontar para estar presente dessa forma também, e a etnografia poderia se concentrar em como as pessoas passavam com as coisas nas condições que foram criadas lá. (HINE, 2017). Ora, estar imerso no cenário significa ser capaz de experimentar suas próprias condições e aprender a viver naquele meio e, portanto, proporcionar uma posição etnográfica padrão.

No entanto, ela declara que o processo de pesquisa, ainda que replicado por outros pesquisadores, tornou-se cada vez mais complexo. Complicações adicionais surgiram, uma vez que, em muitos casos, para entender "a vida vivida" foi necessário ampliar os estudos para outros espaços e outras mídias, ou seja, um estudo multimodal de vários lugares, que trazem novos desafios práticos e analíticos, pois é preciso se decidir como e quando seguir os

informantes entre as configurações e qual das muitas conexões possíveis entre essas configurações a serem seguidas (HINE, 2017).

Tais afirmações se deram pois Hine também percebeu que a internet mudou à medida que novas plataformas e novos dispositivos foram desenvolvidos e à medida que o significado cultural da internet evoluiu. Ainda que ela considerasse desnecessário apontar a mudança da *web* 1.0 para a *web* 2.0, tal como Lévy (2000), é evidente que ocorreu uma mudança cultural na medida em que as atividades *on-line* foram incorporadas em outros aspectos das vidas dos usuários. Para ela, os etnógrafos envolvidos com a internet são cada vez mais movidos a responder à considerável complexidade espacial e temporal ocasionada pela incorporação de atividades *on-line* em outros contextos, com projetos de pesquisa não confinados *a priori* às configurações *on-line*. Por isso, também foi necessário que os etnógrafos adaptassem suas noções de presença para atender às condições oferecidas por várias formas de interação mediada e às conexões contingentes forjadas entre elas.

Minha jornada etnográfica pessoal, portanto, me levou de estudos convencionais baseados em locais para o trabalho de campo somente em linha e, a partir de lá, em uma rede interconectada mais complexa de trabalho de campo online e off-line, sempre focada em dar sentido ao que as pessoas pensam que estão fazendo quando eles usam a Internet. (HINE, 2017, p 22) (tradução livre)

Assim, ela estabeleceu claramente que internet é um objeto cultural que deve ser estudada e para isso são necessários métodos de pesquisa. Porém, o que ocorre é que a internet se modifica numa velocidade incrível, o que torna muito difícil dizer que a rede é sempre a mesma. Ante a solução de um contexto único ou a multiplicação de contextos, Hine delineou em seu livro várias estratégias, assegurando que a etnografia continua sendo um método valioso e muito necessário para aproximar-se dos fenômenos da internet, constituindo-se uma via fundamental com vistas a oferecer uma perspectiva sobre como os funcionam as tecnologias para os seres humanos.

Hine (2015) afirmou que um dos maiores desafios de uma etnografia é ir além da superfície, pois um etnógrafo deve fazer uma descrição densa e significativa das práticas de um grupo humano. Afinal, a etnografia é apreciada como um método para chegar ao coração do significado e permitir o entendimento em profundidade de como as pessoas criam sentidos para suas vidas. Esses sentidos são povoados por comunicações mediadas que devem ser entendidas pelos etnógrafos, e é aí que também reside um dos maiores desafios, pois cada usuário cria padrões altamente individualizados e complexos. Por isso um etnógrafo em tais circunstâncias deve acostumar-se a um sentimento perpétuo de incerteza, de se perguntar o que foi perdido e tentar construir interpretações de eventos com base em provas esboçadas.

Então, a pesquisadora deixou de falar em uma etnografia da internet e passou a afirmar uma etnografia para a internet, pois a internet nunca poderá ser estudada na íntegra. Não se pode fazer uma etnografia da internet como um objeto de pesquisa significativo em si mesmo, embora muitos objetos de pesquisa potenciais possam ser criados a partir dele e estão contidos ou conectados a ele de alguma forma. Além disso, tamanha complexidade impõe outros espaços e faz com que a metodologia não se prenda especificamente à internet, e que, portanto, exige uma abordagem adaptativa que se diferencia em cada circunstância. (HINE, 2015)

Outro desafio é compreender que a internet nem sempre é vista como um fenômeno acessível, e sempre haverá uma diversidade que acompanha as conotações culturais do acesso e da falta de acesso à internet. Em algumas áreas, não ter acesso à internet é uma norma, enquanto em outros lugares pode ser visto como um marcador de pobreza extrema ou como um ato marcado de rejeição da era moderna (HINE, 2015). Ainda que as pessoas que não acessam a internet sintam mudanças em suas vidas, não será semelhante a uma pessoa que acessa.

Portanto, a etnografia para a internet deve ser cautelosa ao constatar que o fenômeno "internet" pode ter sentidos diferentes para cada grupo, tornando importante a reflexão sobre seus padrões de uso por uma população, pois aí se encontra conotações culturais do que ela significa para as pessoas. Porém, não há resposta ou solução única. Da mesma forma, em áreas em que a internet se tornou um fenômeno de massa, também se tornou, em certa medida, banal. Desse modo, a internet está tão presente na vida cotidiana das pessoas que não se fala mais nela, ela participa dos modos de socialização e de várias atividades cotidianas. Nesse sentido, Hine (2015) afirmou que a internet muitas vezes torna-se uma infraestrutura que sustenta as coisas que as pessoas fazem, ao invés de uma atividade de primeiro plano que eles fazem por direito próprio. Muitas vezes as pessoas conversam mais naturalmente sobre aplicações individuais, como Facebook, Instagram, do que sobre a própria internet.

Assim, a internet existe como um objeto cultural, pois é uma maneira prática de fazer coisas que queremos fazer. E, ainda que este objeto cultural esteja sempre se transformando, algumas de suas características podem ser observadas em um determinado momento. Uma ideia significativa é a noção de que a internet tem sido encarada como um lugar onde as pessoas comuns podem "ter sua opinião". Essa concepção está intimamente ligada com a ideia de que os usuários utilizam a internet para fazer *upload* de seus próprios conteúdos. Desse modo, Hine (2015) estaria de fato discutindo o fenômeno *web 2.0*, declarando que esse desenvolvimento é particularmente interessante, pois torna possível a reformulação de relações autoritárias, marginalizando os locais tradicionais de autoridade.

Nesse sentido, o mínimo que se pode fazer é tentar construir uma psicologia comprometida com os estudos voltados para a internet e (re)observar a própria psicologia enquanto disciplina, com focos outros – isso significa dizer que é necessário reconhecer o espaço da internet como parte da vida cotidiana que se consolida de maneira diferente para cada pessoa, grupo ou comunidade, pois traz novas formas de interações e agrupamentos, bem como novos significados de seus usos.

Assim, antes de observar se a psicologia como ciência é capaz ou deseja ultrapassar essa barreira, é preciso, por meio de um trabalho multirreferencial, mirar um mundo que está sendo descrito pelas disciplinas de sociologia e comunicação, pelas mudanças jurídicas e pelo próprio uso, observável na própria internet, embora o significado de tal mudança necessite de outros instrumentos para buscar a compreensão.

Acerca de uma etnografia para a internet, Hine (2015) propôs que os instrumentos de coleta de dados permitissem o envolvimento do pesquisador em todo o processo de trabalho de campo, coletando dados e interpretando resultados, pois é necessário que o etnógrafo mergulhe no cenário que pesquisa e tente entender o que vê a partir do próprio cenário, pois assim poderá oferecer uma visão dos sentidos já construídos. A imersão do etnógrafo pode envolver a participação nas mesmas atividades que as pessoas que vivem no cenário realizam, permitindo que o etnógrafo desenvolva um entendimento por dentro. Muitas vezes, esse envolvimento levará o pesquisador a *insights* únicos produzidos no lugar proeminente do sentido

Esse é um modelo de etnografia com base no desejo de desenvolver entendimento derivado de uma experiência direta e autêntica de fenômenos, seja qual for e onde quer que estejam, por mais difusa ou difícil de definir. Para isso, é preciso se concentrar mais claramente nos aspectos experienciais da metodologia, onde "experiência" pode ser interpretado de várias maneiras. Um etnógrafo, mesmo na era da internet, continua a desenvolver uma forma distinta de conhecimento por ser, fazer, aprender e praticar, e por uma estreita associação com aqueles que o fazem no decorrer de suas vidas cotidianas. Em um mundo permeado pela mídia, uma associação próxima pode significar proximidade através da interação mediada, e a etnografia precisa estar pronta para se adaptar a essa forma de proximidade tanto quanto a proximidade física, mas sem perder de vista os princípios originais que motivam o engajamento etnográfico e fazer da etnografia uma forma tão distintiva e perspicaz de conhecimento (HINE, 2015).

Por tudo isso, a escolha de um método limitado para a análise do cenário escolhido irá aparecer na prática, fazendo com que não seja possível saber de maneira antecipada o que é necessário para a execução de uma investigação. As decisões sobre o método são provisórias e

sua eficácia avaliada em retrospectiva. Por esse motivo, a etnografia é adaptável na escolha de seus métodos (HINE, 2015).

Na atual experiência de pesquisa, as limitações do método se mostraram na prática, tanto quanto as incertezas das ações, deixando assim, muitas arestas abertas e passíveis de outras interpretações, as quais serão apresentadas brevemente. Com a autora sabe-se, então, que a etnografia é um método adaptativo, na medida em que parte da premissa de que não serão imediatamente evidentes as dimensões relevantes da contextualização e, portanto, a questão de pesquisa completa não pode ser antecipada e nem o campo apropriado para estudar essa questão deve ser totalmente definido no início.

Um ponto interessante abordado por Hine (2015), acerca ainda de uma etnografia para a o estudo da internet, é aquele que considera como tarefa do etnógrafo, como participante em um grupo do Facebook, uma atenção especial aos meios de expressão disponibilizados pela atualização de status daquela plataforma. O status do Facebook pode ser visto como uma maneira particular de entender a si mesmo e a sua relação com o mundo, pois ele é usado de maneiras muito diversas. É preciso um exame minucioso e algum envolvimento prolongado e imersivo, para capturar as nuances de como qualquer grupo particular de pessoas pode se juntar naquela rede social e fazer uso de suas características. Por outro lado, nem tudo o que queremos saber sobre o Facebook, como etnógrafo, aparece publicamente no próprio Facebook. Para descobrir como alguns grupos particulares de pessoas se entendem, pode ser necessário olhar como essas atividades são produzidas e consumidas na plataforma, como elas viajam para além da localização *on-line* e estão incorporadas em outras formas de atividade.

Acerca da internet incorporada, ou ainda, embutida, ela refere-se à crescente tendência de uma capacidade de conexão com a internet em objetos do cotidiano. Hine (2015), ancorada Gershenfeld et al. (2004, apud, HINE, 2015, p.32 )<sup>57</sup> falou da "internet das coisas" que permite que os objetos de maneira identifiquem sinais e respondam aos seus ambientes, enviando mensagens para dispositivos de monitoramento. Essa tecnologia faz parte de um conjunto de criações que visam tornar a vida cotidiana mais inteligente, permitindo que os objetos tomem ações apropriadas para satisfazer as necessidades humanas, ainda que algumas ainda nem tenham sido identificadas. A internet assim vislumbrada promete utilizar a tecnologia digital para desenvolver objetos com capacidade de previsão perfeitamente integradas ao mundo.

---

<sup>57</sup> Gershenfeld, N., Krikorian, R., and Cohen, D., The Internet of things. *Scientific American* 291(4), 2004, p. 76–81.

A exploração dessa forma de internet incorporada requer uma forma muito específica de etnografia. Mas não fazia parte da intenção da autora no momento, embora ela tenha sugerido que também havia muitos etnógrafos desejando estudar a incorporação da internet em várias dimensões da vida cotidiana. Afinal os pesquisadores buscam sempre estar conectados às tendências atuais e, à medida que a tendência cultural atual se afasta do ciberespaço, torna-se importante o envolvimento com as questões do dia a dia, com tendência a se concentrar no papel da internet em meio a organizações e instituições, nas famílias, nas escolas e em nossas vidas sustentáveis, satisfatórias e equitativas. Com isso, podem os etnógrafos contemporâneos relançar essas questões e assumir uma abordagem crítica aos valores que eles incorporam, mas muitas vezes querem e precisam envolver-se com o interesse excessivo de uma internet incorporada (Hine, 2015).

Além dessas dimensões sociais da internet incorporada, considera-se a incorporação da experiência em dispositivos específicos que podem ser múltiplos ou unitários, e essa multiplicidade torna a experiência de conexão muito diferente da experiência relacionada a um único ponto de acesso, configurando-se, assim, uma perspectiva importante aos pesquisadores e às sistematizações de suas pesquisas.

A multiplicidade também está relacionada aos conteúdos e talvez esse seja o ponto mais fácil de se perceber por conta do fluxo de informações, formatos e meios para circulação. Para Hine (2015), o conteúdo da internet circula continuamente e é extraído e reencaminhado, apresentando conversações de boca a boca, relatórios impressos e meios de comunicação de massa, moldando e sendo moldados pela grande quantidade de atividades da vida cotidiana e da existência pública. Uma das características definidoras do digital, afinal, é a facilidade com que pode ser movido, re combinado, revisado, recalculado e reutilizado. Portanto, é necessário reconhecer dinâmica da incorporação e permanecer atento às possibilidades inesperadas de dados e de novas formas de conexão, e, ao mesmo tempo, manter o foco em como as situações emergem e fazem sentido para algumas pessoas.

Já a internet corporificada incide sobre o desenvolvimento de identidades virtuais, mas está tão colada ao corpo, muitas vezes entendida como extensão do próprio que já é parte de cada pessoa. Para tanto, Hine (2015) buscou em Lupton (1995, Apud, p.42)<sup>58</sup> a informação que no relacionamento emocional e incorporado que os usuários têm com seus computadores, explorando múltiplos sentidos em que o corpo estava presente no relacionamento com um

---

<sup>58</sup> Lupton, D. The embodied computer/user. In: M. Featherstone and R. Burrows (eds), *Cyberspace/Cyberbodies/Cyberpunk: Cultures of Technological Embodiment*. London: Sage. 1995, p. 97–112.

computador, o usuário teria em algum momento que retornar a um corpo com necessidades físicas. E embora se fale que todos esses fenômenos se darão no ciberespaço, correspondem a eventos que também evocam reações emocionais e físicas em um usuário.

Esta noção de múltiplas formas de ser, e múltiplas noções de fisicalidade, oferece uma maneira útil de entender as complexidades da experiência *on-line*. Até certo ponto, o mundo *on-line* pode ser imersivo, com a possibilidade de sentir como se estivesse co-presente com outros seres virtuais em um mundo *on-line*, e naquele momento para esquecer seu corpo físico e local *off-line*. Este efeito é, no entanto, apenas temporário, pois em algum momento suas necessidades físicas obrigam que se volte dessa imersão, mas ao mesmo tempo funciona como um medidor que informa o que é importante para cada pessoa (HINE, 2015).

Por todas essas considerações de internet corporificada é também sábio lembrar que enquanto corporificação a experiência do etnógrafo é apenas mais uma das experiências possíveis. Para permanecer nesse campo, é necessário estar *on-line* e refletir sobre essas implicações.

Quanto à internet cotidiana, aquela que de tão embutida e corporificada, desaparece, torna-se ordinária, ocupando o lugar de infraestrutura, ou seja, um suporte ou meio para se fazer outras coisas. Contudo, Hine (2015) lembrou que a Sociologia já informou que é importante observar a estruturação invisível de uma infraestrutura. Portanto, há um desafio etnográfico da internet cotidiana: incidir tanto sobre seu caráter estruturante, como o ordinário. Aí reside um sentido excepcional que é o potencial para impulsionar as mudanças sociais para o bem ou para o mal. Trata-se de uma ferramenta limitada, mas que pode dar forma ao acesso a outros recursos sociais e políticos.

Não obstante, a internet também tornou-se extremamente importante como fenômeno cultural, cada vez mais utilizada para fomentar amizades e relações familiares, proporcionar educação e entretenimento, bem como conduzir a política, negócios e prazer. Dessa perspectiva, tornam-se importantes os estudos de como as principais tecnologias da internet são desenvolvidas, pois interessa saber como as tecnologias surgem e se incorporam em circunstâncias de uso. Para Hine (2015), esses estudos exemplificam uma importante vertente de trabalho etnográfico e histórico que se especializa em tornar a infraestrutura visível, e em explorar até que ponto essa forma de trabalho solidifica opções e valores que afetam os usuários.

Essa perspectiva procura abordar a internet cotidiana e expor suas ações moldadas de maneira invisível. As estratégias etnográficas para este tipo de trabalho baseiam-se em formas convencionais de observação etnográfica, envolvendo a imersão no trabalho cotidiano do

desenvolvimento tecnológico, voltadas para conhecer a cultura dos desenvolvedores e a compreensão das decisões que tomam, das restrições colocadas sobre eles e dos valores com os quais trabalham. Contudo, mesmo que uma tecnologia torne-se ordinária e trivial, haverá circunstâncias em que ela torna-se tópica. Por exemplo, a perda de conexão *wi-fi* ou telefone celular que desaparece são ocasiões para uma atenção significativa ao que a tecnologia significa na vida de cada pessoa.

Assim, conclui-se a apresentação da abordagem multimodal da etnografia para a internet de Hine (2015), que não tratou um limite *on-line* / *off-line* como um limite de princípios para os locais de campo etnográficos, mas aceita que os temas de maneira a atravessar esses limites. O que não impede em si que cada pessoa se mantenha ora ovacionando a internet ou simplesmente ignorando-a.

Assim, Hine (2015) expôs os princípios da etnografia para a internet dos três Es ou E3. Que são:

- Uma abordagem holística da etnografia não precisa implicar que exista um site de campo pré-existente para ser conhecido de forma abrangente. Em vez disso, a abordagem holística produz a abertura do etnógrafo a aspectos imprevistos de fazer significado e ao surgimento de formas de conexão e fronteiras não previstas no início do estudo. Uma abordagem holística implica que o etnógrafo tome uma atitude exploratória para entender como as atividades têm sentido para aqueles que estão envolvidos neles.
- O campo é uma construção fluente e emergente. Os *sites* de campo raramente são contidos inteiramente dentro do espaço *on-line* ou *off-line*, e também constroem uma consciência do que pode ser pensado como diferentes escalas de análise, abrangendo tanto a "internet" como um objeto cultural notável e tópico e como se manifesta em forma desagregada em instâncias locais específicas de uso que podem ou podem não ser rotuladas como "a Internet".
- A internet pode ser tomada como multiplicada e incorporada em diversos quadros de atividade e criação de significado. Tomar essa incorporação múltipla encoraja seriamente uma abordagem aberta para a identificação de sites de campo, focada em explorar conexões e descontinuidades à medida que emergem, em vez de assumir a existência de limites, e adotando vários meios de visualização e movimentação através do campo.
- A internet é uma experiência incorporada. E esse aspecto enfatiza o significado das abordagens reflexivas e autoetnográficas e de observar imaginativamente o significado das ações, fazendo um uso criticamente reflexivo de ferramentas prontas para manusear ações de gravação e interpretação com a devida consciência das variadas texturas sociais que emergem e uma consciência da possibilidade de aprender de todas as formas e etapas de engajamento com o campo.

- A internet é uma experiência cotidiana e uma experiência cotidiana atualizada: a etnografia para a internet pode considerar as formas de discurso, explorar conexões e desconexões entre políticas e práticas, retratos de mídia de massa e experiências cotidianas. Os etnógrafos podem usar a internet todos os dias para interrogar a internet topicalizada e vice-versa, e fazer uso do passado arquivado para interrogar o presente, adotando uma perspectiva estranha que considera como as condições atuais poderiam ser de outra forma.
- Os etnógrafos devem esperar multiplicidade: não há apenas uma internet, não apenas uma experiência de fenômenos *on-line*. Em vez disso, encontraremos práticas diversas de fazer sentido em torno de uma internet fragmentada que é dependente do dispositivo, culturalmente incorporada, em constante desenvolvimento e consiste em múltiplas plataformas. Por conseguinte, precisaremos de etnografias múltiplas para a internet e formas múltiplas de forjar objetos de pesquisa a partir de fenômenos fragmentados.
- Os etnógrafos devem esperar incerteza: sem a perspectiva de uma conta abrangente de uma realidade singular, enfrentaremos a construção de contas que não são necessariamente verificáveis em termos padrão de objetividade. Assim como os participantes vivem com incerteza sobre como vários aspectos da existência se alinham e se informam um ao outro, também devem os etnógrafos.
- Os etnógrafos devem assumir a responsabilidade de sua própria agência, tentando construir contas autênticas que transcendam uma indicação autoindulgente de um itinerário pessoal, ainda comprovadamente conscientes da medida em que o etnógrafo cria uma etnografia a partir de uma variedade de possíveis vertentes culturais que poderia ter sido seguido.

#### 4.4. Como se deu o processo de pesquisa?

Nesta seção tenho o intuito de apresentar o percurso metodológico desenvolvido nesta pesquisa, mas para tal se faz necessário apontar alguns pequenos aspectos que o circunscreveram. As questões sobre a internet, tais como sua natureza, características e potenciais, já me acompanhavam mesmo antes de adentrar o programa de doutorado do qual faço parte, por outro lado, a pouca experiência em pesquisa e uma rotina de trabalho intensa, acompanhada das cobranças da pressão social e também o próprio processo de construção do pesquisar permitiu que muitos caminhos aqui percorridos fossem insuficientes para esse estudo. Contudo, fizeram com que outras possibilidades de pensamento se abrissem para ajudar nessa construção.

Afinal, Umberto Eco (1932-1994) havia afirmado que inevitavelmente haveria trilhas que apenas me levariam a outras trilhas quando se tenta atravessar um bosque, e de lá não há como voltar sem se transformar. Ele também disse que quando escrevemos convidamos o outro a percorrer nosso caminho nesse mesmo bosque e depositamos nele a esperança que tenham

abertura tal para a leitura, o nosso leitor ideal, o qual não existe em si. Com isso, peço do(a) leitor(a) abertura para as proposições que se seguem.

Assim, as informações, conceitos teóricos e discussões apresentadas até agora consistem nos rastros dessa trajetória inacabada, a qual fui trazida alçada por outras discussões. Por exemplo, questões sobre as mídias me acompanharam por toda a minha formação em psicologia, fizeram parte de poucos trabalhos e apenas agora foi possível debruçar sobre esse assunto. Ao mesmo tempo, a Psicologia Social também constitui-se num área de interesse muito grande para mim, tanto na prática, quanto na teoria, pois me agradam muito princípios formadores como a ideia de que o(a) profissional desta área deixe suas posições e postos tradicionais do exercício da profissão e também do poder. Além disso, alguns desafios que foram se alocando nessa trajetória, como a pouca produção em psicologia sobre mídias contemporâneas, como a internet, que fossem cunhadas pela psicologia social de maneira crítica e, ao mesmo tempo, o avanço de outras disciplinas como Sociologia, Antropologia, Comunicação, cujas leis e princípios são, muitas vezes, específicas.

Nesse contexto, dois elementos foram os mais desafiadores de se resolverem e talvez ainda não tenham sido resolvidos. O desafio de sentir e de tentar buscar outras ferramentas científicas disponíveis, pois muitas vezes elas exigem de quem pesquisa uma racionalização impossível que nega os percalços do sentir. E aqui deparei-me com o desafio de sentir e sistematizar esse processo. Colocar luz, esmiuçar, analisar, retirar dela seus dados mais elementares. Conclusão, fui parar na sala de outra psicóloga. O que quero dizer sobre isso? Que ao me abrir para conhecer, o conhecimento me transformou e isso mudou minha maneira de estar no mundo. Na prática, dois pontos cruciais refletem essa mudança: a criação e sistematização de um diário de pesquisa e a participação ativa em um coletivo feminista dissidente de um grupo *on-line*.

A criação do diário de pesquisa foi iniciada junto com o processo de pesquisa que se deu no segundo semestre de 2014, mas, depois de ser provocada por meu próprio objeto de estudo, a internet, não encontrava meios para abordá-la de maneira eficiente e/ou suficiente. Foi neste momento que fui lembrada por meu orientador que mais que registrar, eu precisava sentir e viver aquilo que me propunha a compreender. Mas ficou o questionamento: como viver a internet? Depois de muito ensaio e erro, munida das ferramentas de pesquisa já conhecidas, concluí que era necessário encontrar um método para viver a internet, e observá-la. Percebia que ora ela se apresentava como meio construtivo de relações ou como destruidor das mesmas, percebia que era muito mutável e que tinha uma sensação de tempo muito acelerada, muitas vezes com velocidade tamanha que parecia não se mover. Essa sensação arbitrária fez com que

eu me questionasse onde vai a internet e como eu posso estar nela, quando na verdade ela é o meio e não o ponto de chegada. Mas, ainda fica o questionamento: onde eu chego?

Em um primeiro momento essa estagnação fez-me ver, de relance, qualquer coisa que me lembrou o campo de atuação da psicologia institucional que lida com instituições muito cerceadas e também produtoras e mantenedoras de normas. Esses elementos também foram identificados com a internet, principalmente quando se tratava das redes sociais *on-line*. Ainda que existam discussões que proponham ver a mídia como instituição, a internet não é uma instituição, embora provoque mudanças nas instituições como propuseram Domenèch e Tirado (2001 e 2002). De qualquer forma, esse momento trouxe duas importantes contribuições marcadas pelos conceitos desenvolvidos por Lourau (1993), analista institucional francês. A implicação e o diário de campo.

Lourau (1993) afirmou ser a implicação um dos conceitos cruciais para as pesquisas em psicologia. A partir dos estudos de análise institucional, discutiu mais profundamente esse conceito afirmando que a implicação constitui-se numa tentativa de romper com a intenção da neutralidade das pesquisas em direção à junção do ato de pesquisar e o pesquisador. Fazem parte da pesquisa o pesquisador e todas as condições dela, inclusive materiais, econômicas e libidinal. E, de certa maneira, chama atenção para que o(a) pesquisador(a) olhe para si e situe-se em relação ao objeto. Concomitantemente, o autor também contribuiu para uma definição de diário de campo, como textos do pesquisador que revelam sua implicação a partir da vivência cotidiana de campo que se caracterizam por escritos “fora do texto” num tempo que não é o dos resultados científicos, o que permite uma melhor compreensão da vida sem o lado “ilusório” da pesquisa. Com isso, o desafio tinha sido lançado: mergulhe no seu campo, viva-o e encontre formas para expressar esse processo.

Voltei-me para o meu objeto, e a partir de onde me situava, na busca por saberes localizados, percebi que um dos usos mais recorrentes por mim na internet era o uso de aplicações de redes sociais *on-line*, principalmente o Facebook. Ainda que se constitua no momento do Facebook, em minha trajetória eu já havia utilizado outras ferramentas como o Orkut, Mirc, ICq, MSN e tantos possíveis quando o assunto é interação. O interesse pelo Facebook então deu-se por minha frequência de uso e também pela frequência de uso da sociedade brasileira, dos grupos e comunidades que faço parte. O Facebook tornou-se essencial para uma grande parcela da população brasileira<sup>59</sup>. Com todas as funcionalidades do aplicativo

---

<sup>59</sup> Segundo o Facebook, 102 milhões de brasileiros usam a rede. <<https://www.facebook.com/business/news/102-milhes-de-brasileiros-compartilham-seus-momentos-no-facebook-todos-os-meses>>

para arquivamento e compartilhamento de informação, por que não criar na própria aplicação um diário sobre os usos da internet e das redes sociais de maneira que possa usar hipertexto (Minini, 2008) e colocar elementos interessantes para essa discussão? Foi exatamente isso que fiz.

Assim, a partir das propostas de Lourau (1993), com as quais se percebe que por meio do diário é possível produzir conhecimento sobre a temporalidade da pesquisa; a do presente em que se faz o próprio diário. Além disso, permitindo o conhecimento da vivência cotidiana de campo, o diário – que por sinal, não é necessariamente redigido todos os dias – reconstitui a história subjetiva do pesquisador. Mostra entre outras coisas a contradição entre a temporalidade da produção pessoal e a institucional, ou burocrática.

Assim, criei um espaço no Facebook, uma página (*fanpage*), para ser usado como diário de pesquisa o qual ganhou o nome de Diário Crônico, como uma alusão as crônicas e narrativas possíveis de serem construídas cotidiano. Esse diário de campo pode ser encontrado como página em constante construção na plataforma digital como “Diário Crônico: apreensões singulares do cotidiano”. Assim, a confecção deste foi iniciada no segundo semestre de 2016. Com ele, pude reunir notícias, fatos, imagens e vídeos interessantes sobre o processo interminável de mudanças da internet e sobre os variados usos dela no cotidiano. Informações básicas sobre ele podem ser encontradas no anexo desta monografia.

Ao mesmo tempo em que me lancei a sistematizar informações da internet, na rede social, também recebi uma notificação no meu perfil do Facebook sobre um convite para participar de um grupo sobre feminismo - ao adentrar pela primeira vez num grupo tem-se a possibilidade de escolher permanecer ou não como membro - eu escolhi permanecer. Não havia nenhuma regra descrita, apenas que se tratava de um grupo de estudo de feminismo marxista, descrição que depois foi mudada para feminismo interseccional, e na *timeline*<sup>60</sup> do grupo havia algumas poucas publicações sobre feminismo.

Foi assim que ingressei no grupo *on-line* "Geni – dá pra qualquer um/a", sem saber o que esperar, vi, acompanhei e participei da transformação de um grupo *on-line* em um coletivo feminista, o Geni, que ganhou relevância rapidamente no município de sua origem, Ourinhos, localizado no interior do Estado de São Paulo e fazendo fronteira com o Estado do Paraná.

O Coletivo Geni de feminismo interseccional, cujo nome completo é “GENI: dá pra qualquer um/a”, foi criado na plataforma Facebook por uma aluna de psicologia em maio de

---

<sup>60</sup> A palavra *timeline* que em português significa “linha do tempo” é uma maneira de visualizar publicações de variados tipos organizadas em ordem cronológica. Esse mecanismo de visualização é utilizado pelo Facebook desde 2011.

2015 de maneira despreziosa e com o intuito de afrontar um grupo de oração que ocorria nas salas de aula do Centro Universitário das Faculdades Integradas de Ourinhos - UNIFIO, que na época chamava-se Faculdades Integradas de Ourinhos, uma vez que a sala era negada ao uso de aulas.

Tal coletivo foi criado com o objetivo de difundir informações a respeito das minorias que compõem o ideário do feminismo interseccional, como mulheres, negras e negros, homossexuais e transexuais, deficientes, ou seja, minorias de forma geral. Também faz parte dos seus ideais promover ações e palestras na cidade de Ourinhos e região a fim de conscientizar a população e demonstrar apoio às causas sociais que condizem com as diretrizes do coletivo.

Atualmente o Coletivo é administrado por grupo de trabalho que se reúne frequentemente para discutir solicitações e eventos e temas importante e pode ser encontrado também como página no Facebook com o nome de "Coletivo Geni" ou pelo marcador @coletivogeniourinhos. O coletivo, enquanto grupo *on-line*, reúne cerca de mais de duas mil pessoas de variados Estados e países. Enquanto grupo de trabalho reúne cerca de 12 pessoas, entre mulheres e homens. O contato com o grupo se dá pela ferramenta de mensagens da página e, é claro, no próprio grupo, por ser um espaço para a troca de informações.

Um dado interessante sobre a identidade do Coletivo é que seu nome que faz referência à música “Geni e o Zepelim”, escrita por Chico Buarque no ano de 1978. Na letra da canção Geni é uma pária da sociedade, que por amor e vontade doa seu corpo aos necessitados. Algumas interpretações enxergam na personagem da música uma travesti e fazem uma conexão com a forma que essa classe é tratada pela sociedade: de maneira violenta, brutal e desumana.

Contudo, o Geni não foi em nenhum momento transformado em objeto de estudo formal dessa pesquisa, no sentido de que nele não foram realizadas observações sistematizadas, tampouco houve, de minha parte, uma apresentação junto ao grupo como pesquisadora, mas ele me atravessou e me atingiu, e por meio dele algumas ideias que serão apresentadas ao longo deste foram possíveis, apareceram. No intuito de manter-me implicada e por muitas identificações com os discursos feministas tratados no grupo, ele tornou-se fonte de vida. A partir dele, criei outros vínculos, conheci, pessoas, teorias e lugares. Logo, como não trazê-lo para a discussão?

Assim, no processo de pesquisa encontrei-me entre esses dois potenciais de saberes que tento acomodar nessa pesquisa. Contudo, após as explicações teóricas que mostram a variedade de facetas da internet e formas de se pesquisar com ela, ou melhor, para ela, arrisco apoiar me na ideia de Hine (2015) que concebe uma internet multifacetada. Assim, como faz com que automaticamente assumo um lugar um pouco utópico como o de Lévy, de considerar que a

internet é também um espaço de formação e de produção que, ao mesmo tempo em que auxilia na manutenção de instituições que reificam o valor do capital e dos exercícios desiguais de poder, é também espaço de ruptura, conflito, debate e resistência. Tal como percebido no Geni, pois por meio dele, utilizando a internet como sua principal ferramenta, me atingiu e atingiu um grande número de pessoas, em especial mulheres, que agora estão discutindo sobre feminismo, sobre assédio, violência, direitos e também sobre sobrevivência por meio de coletividade.

Hine (2015) também discutiu uma dimensão reflexiva do pesquisar, advinda de experiências individualizadas que ela denominou de autoetnografia. Essa dimensão reflexiva adquire um significado particular na etnografia para a E3 Internet. A construção do local de campo e as escolhas que o etnógrafo faz têm a ver sobre como se deslocar pelo campo e quais as conexões a seguir, enfatizando que ele tem uma agência que refletirá nas contas que ele produz. Uma atenção reflexiva às escolhas feitas pelo etnógrafo em tais circunstâncias é, portanto, fundamental, considerando a natureza das circunstâncias em que uma determinada conta foi produzida e explorando como poderia ter sido de outra forma. Pois, enquanto nos esforçamos para que o campo fale por si só, ao mesmo tempo é importante reconhecer a agência do etnógrafo que traz esse campo em particular e o papel da subjetividade do etnógrafo na formação de um relacionamento com o cenário.

Na etnografia para a E3 Internet, a dimensão reflexiva traz uma perspectiva útil sobre as condições de conhecimento e incerteza que prevalecem nos campos de ação difusos e contingentemente relacionados que caracterizam muitos fenômenos contemporâneos. Como o etnógrafo usa a mesma mídia que os participantes nas situações que discutimos, e porque esses meios de comunicação são ao mesmo tempo objeto de inquérito e meio de indagação, o etnógrafo tem uma visão autêntica das condições de existência como vivia esses meios de comunicação. As dificuldades de entrar em contato com pessoas relevantes e incertezas sobre o que realmente está acontecendo em suas vidas são frustrações práticas para o etnógrafo, mas também são significativas na medida em que é assim que o cenário é: complexo e imperfeitamente cognoscível, com certeza absoluta sempre fora do alcance (HINE, 2015).

No caso desta pesquisa, eu me vi mergulhada na internet, em especial no diário no Facebook, e por meio desta plataforma no Coletivo Geni. De acordo com Hine (2015), uma sensibilidade autoetnográfica pode tornar-se particularmente útil, pois a experiência de navegar no mundo contemporâneo é tão individualizada, uma espécie "de dentro" do ser encarnado que navega neste território e que é muito informativo. Sendo que esse mergulho no Facebook em

campos diferentes, gerou também sensações e vivências únicas que vieram principalmente por remeterem a uma vivência solitária, no caso do diário e conjunta, no caso do Geni.

Uma posição autoetnográfica sobre a etnografia para a internet centra-se em considerar a forma como as conexões se apresentam e quais escolhas estão disponíveis para construir o significado dessas influências diversas. Uma autoetnografia para a internet enfatiza a experiência encarnada e emocional do envolvimento com diversos meios de comunicação, atendendo às influências que moldam e restringem a experiência, bem como às oportunidades e restrições que emergem. No caso da etnografia para a internet, uma perspectiva autoetnográfica permite a natureza muito individualizada do engajamento com uma realidade constituída através de várias formas de interação face a face, mediada e localizada e contexto material a ser explorado em um grau de profundidade muito maior do que pode ser alcançado, perguntando a outros participantes apenas para contas retrospectivas ou simplesmente observando o que fazem (HINE, 2015).

Nesta pesquisa, a autoetnografia desenvolvida na rede social Facebook consolidou por meio do diário *on-line* as diversas conexões escolhidas que compuseram o fazer da pesquisa, mas a experiência emocional mais forte deu-se pela participação em um coletivo feminista, cuja entrada ocorreu por meio da aplicação. Dada sua profundidade, este envolvimento fez reconhecer-me como feminista, e, ainda que alguns posicionamentos levantados pelo feminismo já estivessem em mim por conta de uma ética da profissão de psicologia, tal como o reconhecimento de relações de poder de gênero, reconhecer-me feminista implicou em ser uma cidadã ativa e buscar formas de exercer coletivamente essa cidadania. Ao mesmo tempo, essa experiência também me fez observar outras mulheres, psicólogas ou não, que também estão vivenciando essa experiência.

## 5 – DISCUSSÕES SOBRE A VIVÊNCIA NO BOSQUE

Quero agora narrar a experiência que vivi neste bosque do conhecer e mostrar um pouco do que observei a minha volta, da desconstrução de ideias generalistas sobre a internet e do desmonte do meu processo pessoal e profissional junto às redes sociais, e de como me senti e fui atravessada por essa tal internet, principalmente em relação ao contato com o movimento feminista.

Para tanto, apresentarei e comentarei as publicações que fizeram parte do meu diário de campo e de ideias que surgiram durante esta pesquisa e as discutirei de maneira que encontre o objetivo percorrido, o de compreender a internet no cotidiano, bem como de sua possível relação com psicologia social, por meio desta autoetnografia. Longe de entregar ideias finalistas, trata-se de buscar promover o pensar, o questionar, indagar e crescer enquanto reflexão e talvez alguma prática.

Desse modo, a discussão se apresenta em três partes. Na primeira busco introduzir o(a) leitor(a) no contexto do processo de pesquisa que envolve questões históricas e políticas, bem como profissionais, assinalando, dessa forma, influências da psicologia social que deram suporte ao meu olhar para esse contexto e para questionamentos frente à experiência da pesquisa com o objeto privilegiado. Na segunda parte busco descrever a observação etnográfica desenvolvida. Apoiada em meu diário de campo, conto como se deu o processo de pesquisa, apresentando suas particularidades de ambiente, também desenvolvo uma narrativa analítica da observação sistemática do Facebook e apresento uma possibilidade de análise temática. Por fim, na terceira parte, conto sobre o atravessamento do Coletivo Feminista Geni, apontando o processo de desenvolvimento de suas ações nas quais tive oportunidade de participar, e desenvolvo, a partir dessas experiências, uma breve discussão sobre ativismo *on-line* e uma possível relação instrumental com a psicologia social comunitária.

### 5.1 - Contextualização teórica, temporal e política

*Ao morar ao pé da montanha*

*Eu não sei sobre vocês, mas por aqui há movimento excessivo.*

*Não sei o que houve, só ouço burburinho.*

*Esforço-me para contatar qualquer sentido que alimente esse momento,*

*Mas tudo se esvai, tudo se esvai*

*Não consigo compreender por que tanto movimento,  
 Ele se autogera, é incrível e alucinante.  
 Sim, a sobriedade e qualquer outro meio que te permita sentir,  
 no estrito sentido da palavra,  
 une, ao mesmo tempo, a sensação e o conhecimento da sensação.  
 Além disso, o infinito de possibilidade de escolhas  
 Ah, esse sentimento todoooooo...  
 Deixa qualquer bom neutrótico, alerta.  
 Esse era para ser um texto feliz.  
 Havia preparado uma piada sobre possíveis semelhanças entre  
 a Rússia e o Estado do Paraná, mas agora não acho boa o suficiente,  
 tampouco aprovo este roteiro,  
 Mas escrever não se trata de aprovação,  
 e sim de fornecer remo ao movimento.  
 É isto, aceite e seja feliz.  
 Ah, mas antes não se esqueça,  
 More perto do pé da montanha,  
 Qualquer montanha!  
 (28/03/2018 – Deborah Perez)*

Para iniciar qualquer discussão acerca de internet, eu começo avisando que ela carrega consigo um rompimento com qualquer ideia preestabelecida dicotômica. Trata-se de um novo contexto, específico, de caráter de rede – por isso mesmo é que todas aquelas ideias teóricas precisaram ser apresentadas a você leitor(a), isso contribui muito para entender um pouco como se deu esta experiência.

Pensar a internet requereu conhecer suas teorias, sentir, estar nela, rodear-me do que a ela pertence, de sua cultura, de seu modo de permitir e delinear as relações, de me subjetivar, pois se é um espaço para a subjetividade, partimos do pressuposto de que deve a psicologia se aproximar deste fenômeno.

Uma vez que objetivo aqui perseguido é o de discorrer sobre os processos que ocorrem com o ser humano no contato com as TIC, porém mais especificamente daqueles que observei em mim e nos outros. Para tanto, volto-me a minha história anterior.

Eu, mulher, branca, cabelos castanhos lisos, gorda, agora declarada feminista, tento descrever percepções que tive durante este período de pesquisa. Assim, em meados de 2014, eu

ingressei no programa de Pós-graduação em Psicologia da Unesp/Assis, “Psicologia e Sociedade”, pela segunda vez, agora para cursar o Doutorado; e nesse momento da minha vida, na área profissional em psicologia, havia trabalhado em três instituições junto a programas destinados a adolescentes e jovens – vivência que me levou a cursar o mestrado em Psicologia, buscando entender criticamente o meu contexto de trabalho e, ao mesmo tempo, contribuir com o conhecimento em práticas em psicologia social. Logo, o que quero dizer é que a ciência psicológica para mim sempre se fez presente nos espaços de trabalho que ocupei. Isso porque penso o trabalho como prática cujo comprometimento se aloca nas discussões sobre o compromisso social da psicologia, acompanhada do olhar da psicologia social

Por isso, compreendo que a psicologia social constitui-se um campo de saber que se desenvolve de maneira teórico-prática, e é marcada pela compreensão do ser humano e em seu mundo. Resumidamente, poderíamos deduzir que o olhar da psicologia social recai diretamente na relação indivíduo-sociedade. E, para melhor compressão dessa afirmativa, consideramos importante revisar alguns apontamentos teóricos da psicologia social e em seguida da psicologia social comunitária, pois esta também contribui para a discussão da prática psicológica no que tange o trabalho social.

O processo de desenvolvimento ao longo da história mostrou que a psicologia social carrega diferentes vertentes. Tal variedade é ainda mais notável em diferentes territórios, como na Europa Ocidental, na América do Norte e na América do Sul. Há que se dizer os períodos de guerra trouxeram profundas modificações às sociedades e uma psicologia tão ligada à realidade não deixaria esses fenômenos de fora de seu olhar.

Assim como em algumas vertentes europeias, as psicologias sociais da América Latina e da América Central têm um caráter fundamentalmente crítico, pois estão ligadas às mazelas de seus povos e buscam um rompimento com a tradição da psicologia clínica para buscar tornar-se efetivamente mais acessível para a população em geral, marcando a crítica ao elitismo das ciências. Por isso, psicólogos como a brasileira Sílvia Lane e Ignacio Martín Baró, de nacionalidade espanhola e salvadorenha, destacam-se na composição de fundamentos dessa ciência.

Lane (1984) teve a oportunidade de estudar por um tempo nos Estados Unidos e voltou ao Brasil com o intuito de romper com a visão de ser humano desenvolvida lá, pois a considerava muito pragmática. Ela não concordava que o ser humano fosse apenas um organismo interagindo em um meio ambiente, pois o via de maneira mais ampla, cujo "psicológico" não estaria dentro do humano, mas que fosse um resultado da construção histórica e social de suas práticas no mundo.

Por seu posicionamento teve que enfrentar outros estudiosos, cujo conhecimento teórico carregava um teor ideológico social, bem como repensar o modo de produção de conhecimento científico sobre o humano e seu mundo. Por isso vislumbrava no materialismo dialético um enfoque interdisciplinar, no qual o pesquisador também é produto histórico de uma visão de mundo, ou seja, é atravessado por seu contexto e nunca neutro. Para Lane (1984) toda a psicologia é social, o que significa dizer que é preciso considerar a natureza histórico social do ser humano nas psicologias, sem reduzi-las a uma única vertente, ao mesmo tempo que delega à psicologia social sua própria especificidade.

Enquanto a psicologia social de Lane (1984) se propagava em meio à luta por direitos na ditadura brasileira, a de Martin-Baró (2017) se desenvolvia em um contexto de guerrilhas em El Salvador na década de 1980. Ele buscava instrumentalização e diálogo para a prática de psicólogos por uma ciência libertária em meio a uma sociedade revolucionária. Para tanto, postulou que o psicólogo social deveria enfrentar os conflitos sociais e contribuir para o desenvolvimento de uma nova ordem social; além disso, deveria promover uma nova mentalidade em todos os níveis da sociedade fundamentada nos valores de solidariedade, responsabilidade social e espírito comunitário. Acreditava que era necessário enfrentar a corrupção, a criminalidade e desajustes sociais de todos os tipos. Para isso dizia ser fundamental à psicologia transformar os próprios esquemas de compreensão e trabalho partir da perspectiva do povo com quem se trabalha.

Assim como Martin-Baró (2017) afirmou uma psicologia social que se desenvolve junto à realidade de seus povos, no Brasil, Lane (1984) procurava redefinir o objeto de estudo da psicologia social, e o fazia a partir de trabalhos sociais eram realizados tanto para promover uma democratização das práticas psi, como para tecer uma rede de conhecimentos aplicados desta psicologia. Dentre as várias possibilidades práticas que vem no bojo da psicologia social, se destacam atuações em instituições, grupos e comunidades.

Sobre essas práticas, um psiquiatra e psicanalista argentino de grande contribuição foi José Bleger (1984). Ele propôs como plano de trabalho científico-prático uma mudança do paradigma de saúde, a qual passa a ser entendida como higiene mental, apresentando aspectos saúde e da doença como fenômenos sociais e coletivos. Nesse sentido, saúde é compreendida “como um aproveitamento mais eficiente de todos os recursos com que conta cada grupo para mobilizar sua própria atividade na procura de melhores condições de vida, tanto no campo material como no cultural, social e psicológico” (p.106).

Nesse contexto, Bleger (1984) também faz apontamento aos psicólogos que apontam para o paradigma da psicohigiene que, além de comungar a noção de saúde da Higiene Mental,

consiste em não esperar que a pessoa adoecida busque uma consulta clínica, como no formato tradicional, e ao ir em busca das pessoas deve-se tratar e intervir nos processos psicológicos que gravitam e estruturam a personalidade delas, motivando-as para que possam solicitar seus serviços em condições que não impliquem em doenças. Para o autor, em prol do desenvolvimento pleno de indivíduos e da sua sociedade, o profissional de psicologia deveria desenvolver estratégias de atuação que se aplicam em quatro âmbitos: o psicossocial, que supõe o trabalho individual; o sóciodinâmico, atuando diretamente com pequenos grupos; o institucional e o comunitário. E o interessante da mudança e ampliação da atuação em psicologia está no que diz respeito ao trabalho comunitário, pois o autor fala da aproximação do psicólogo com os meios de comunicação como estratégia de trabalho.

Assim, na década de 1980 o trabalho da psicologia em comunidades já carregava um histórico próprio de desenvolvimento. No Brasil, o texto de Andery (1984) suscitou bases para o trabalho com comunidades que se aproximam de práticas educativas e sociais em busca da conscientização da própria comunidade sobre seu contexto, suas necessidades e potenciais. As práticas desse tipo ocorrem, em sua maioria, pelo profissional de psicologia que presta assessoria a grupos comunitários existentes. Para isso, busca articular forças de resistência de movimentos populares, criatividade e participação em ações sociais, e libertação de grupos sociais populares por meio de luta política.

Mas, assim como outras vertentes psicológicas, a psicologia social comunitária também é plural. Nesse sentido, Guareschi e Scaparo (2007) discorrem acerca da multiplicidade dessa psicologia, que, à medida em que considera a comunidade como uma categoria de análise e intervenção relevante no campo profissional de psicologia social, exige que o conceito de comunidade seja discutido em sua polifonia considerando os sentidos que produz, e, conseqüentemente, as práticas que abriga; uma vez que a comunidade pode ser abordada tanto como um não-lugar, uma utopia, mas também como modo de falar de um lugar no qual pessoas convivem e contatam com a alteridade. E o interessante é saber que essas diretrizes se consolidam por meio de práticas emancipatórias e participativas em espaços coletivos, gerando assim a proposta de trabalho em comunidades.

Assim, a psicologia social comunitária carrega um caráter histórico-crítico que vem se constituindo um campo de trabalho cuja interlocução com os movimentos sociais e com outros saberes populares tem gerado potentes matérias-primas ativas de ações políticas transformadoras de realidades sociais de comunidades. Desse modo, a psicologia social comunitária se desenvolve a partir de experiências práticas e o grupo (as pessoas) constituem condições fundamentais para este trabalho, pois proporcionam espaço para ações conjuntas com

objetivo de transformar e libertar e que se dão por meio das relações sociais da própria comunidade e do psicólogo, abrindo caminho para o desenvolvimento de subjetividades, incluindo aí sentimentos, emoções, afetos, linguagem e consciência de si.

Campos (1996) também afirma que a psicologia social comunitária desenvolve instrumentos de análise e intervenção que partem de demandas de necessidades e utiliza métodos de conscientização para que os indivíduos sejam sujeitos de sua própria história. Por isso, essa perspectiva em psicologia enfatiza a relação da teoria e prática, e carrega consigo, em termos de valores, a ética da solidariedade, os direitos humanos fundamentais, a busca de melhoria de vida e o exercício de cidadania, e, em termos de pesquisa, a ideia que não se separa pesquisador e pesquisado, cuja implicação não dá suporte ao status de neutralidade.

No arcabouço de conhecimento da psicologia social comunitária brasileira, no que tange às práticas e intervenções, encontra-se Freitas (1998) na discussão sobre a inserção do psicólogo na comunidade e estratégias para essa atuação. Para ela, a prática comunitária se dá tanto pela inserção, quanto pelos objetivos desta inserção. Assim, apresenta quatro tipos de inserção: a primeira, amplamente praticada na década de 1970, consistia em atender as demandas das militâncias políticas, muitas vezes, partidárias; a segunda retrata um trabalho ligado à filantropia e caridade a fim de atender necessidades econômicas; a terceira advém da curiosidade científica em que a comunidade serve de modelo experimental para geração de conhecimento; e a quarta é a que preza pelo compromisso de transformação social e construção de conhecimento. Portanto, nota-se com essa divisão que apenas o último tipo de inserção indica diretrizes norteadoras desta psicologia, e que respeita a própria comunidade.

Freitas (1998) também afirma que a maneira com que os objetivos de uma intervenção comunitária são buscados também suscitam uma ética de atuação, uma vez que sejam definidos *a priori* em um trabalho comunitário, ou seja, antes do psicólogo entrar na comunidade, possivelmente não retratarão a própria comunidade, o que levaria a própria finalização da ação por falta de adesão; enquanto definidos *a posteriori*, depois da inserção do psicólogo e juntamente com a comunidade, podem desenvolver-se de maneira emancipadora.

Dessa maneira, entende-se que psicologia social comunitária deve produzir novos conhecimentos, conhecimentos nossos, produzidos a partir de uma prática crítica que ao observar-se a si mesma rompe com práticas segregadoras, assistencialistas ou contrária aos direitos de todos e todas, ou seja, privilegiando a sociedade como um todo e não apenas grupos específicos.

Pautada nesses valores da ciência psicológica é que se dão minhas atuações como psicóloga. Na academia, além de ensinar teorias e técnicas específicas, também me observava

enquanto docente de psicologia da área social e via que se tratava de estar no trabalho de maneira completamente implicada, ensinando que a psicologia pode e deve ser crítica, dialogável, ética e democrática.

Posicionar-me desta maneira nos meus espaços, necessariamente incide nas minhas relações sociais, na minha atuação. Como docente, não foi diferente, desenvolvi uma boa relação com os discentes do curso que trabalhava e sempre busco dialogar e ouvir suas demandas. Durante o primeiro semestre de 2015 percebi um grande interesse dos alunos e alunas de psicologia em assuntos considerados polêmicos na sociedade, tais como aborto, cotas universitárias, racismo, homossexualidade e política, os quais muitas vezes eram abordados a partir de informações que que viam das mídias, como por exemplo a discussão sobre "beijo gay" apresentado em algumas novelas brasileiras, e a partir de discussões que viam no Facebook, que iam desde manifestações sobre minorias à questões políticas. Dentre esses vários assuntos, um ganhou muito destaque neste período: o feminismo.

Em 2015, redes sociais como Facebook e Twitter foram espaços utilizados para discussões de todos os tipos, especialmente sobre política. Porém, dois momentos anteriores à 2015 desempenharam um papel importante na construção do espaço de debate político nas redes sociais, as manifestações de 2013 e as eleições presidenciais em 2014.

Assim, em 2013, o Movimento Passe Livre (MPL) liderava as manifestações contra o aumento da tarifa nos transportes públicos na cidade de São Paulo. Contudo, as reivindicações adentravam nas discussões sobre direito de mobilidade nas cidades brasileiras, ou seja, tratava-se de um movimento de resistência, extremamente urbano, que colocava às vistas a fragilidade da sociedade ao organizar seu território a partir de princípios econômicos, que, com raízes liberais, defendia o amplo consumo, mas não favorecia meios para tal. Assim, um movimento que reivindica a cidade como um espaço de todos e todas, e que existe há muitos anos, pelo menos desde 2003, ocasião em que se faz presente nas manifestações em Salvador em prol de transporte público. Conhecida como Revolta do Buzu, transformou-se em um documentário que se espalhou pelo país, fomentando outras manifestações em diferentes cidades, tais como Florianópolis, Teresina e Porto Alegre. Em São Paulo, o movimento revisitou um projeto da Prefeitura de São Paulo intitulado "Tarifa Zero" que propunha reconhecer o transporte como direito fundamental para a efetivação de outros direitos. Assim, o movimento aliou-se a outros movimentos sociais, como os de moradia e saúde e, sabendo-se que a cidade em sua

organicidade é amplamente afetada quando uma de suas vias principais é bloqueada, deu-se o caminho para as ações (Movimento Passe Livre)<sup>61</sup>.

Então, em 2013 ocorreram as jornadas de junho que compartilhando um sentimento de insatisfação política ganhou cada vez mais adeptos e transformaram as manifestações em ações de nível nacional, para além daquelas fomentadas pelo Movimento Passe Livre.



Figura 6 - Manifestação em Assis-SP no dia 20/06/2013

Fonte: Arquivo pessoal

De acordo com o jornalista Leonardo Sakamoto (2013)<sup>62</sup>, os atos que se iniciaram contra o aumento de tarifas e que levou centenas de milhares às ruas de São Paulo reuniu insatisfeitos a pessoas acionadas pelas redes sociais. Ele diz: "*O chamado, feito via redes sociais, trouxe as próprias redes sociais para as ruas. Quem andou pela Avenida Paulista percebeu que boa arte dos cartazes eram comentários tirados do Facebook e do Twitter.*" (p.96). Para o Jornalista as tecnologias de comunicação são ferramentas de construção e desconstrução da realidade, ao passo que quando alguém atua por meio das redes, a sua ação não é apenas reportar algo a

---

<sup>61</sup> Informações disponíveis no site do Movimento Passe Livre no endereço: <https://www.mpl.org.br/>

<sup>62</sup> SAKAMOTO, L. Em São Paulo, o Facebook e o Twitter foram às ruas. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:GRQjnX3jxA4J:https://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/author/sakamoto/page/217/&client=firefox-b-ab&hl=pt-BR&gl=br&strip=0&vwsr=0>. Acesso em 25 de julho de 2018.

alguém, mas é uma ação de transformação que pode também alterar a política e a participação social.



FIGURA 7 - Não é só por 20 centavos

Fonte: Captura de tela do Facebook. Acesso em 22/06/2018

Assim, faltava algo que pudesse identificar a internet como um espaço de debate político, e as manifestações de junho alçaram essa mudança que percorreu a internet também durante todo o ano de 2014, afinal o Brasil além de ter eleições presidenciais pela frente, receberia dois grandes eventos esportivos pela frente, a Copa do Mundo, nesse mesmo ano e os Jogos Olímpicos, em 2016, e, por conta destes, havia esperança de crescimento político e econômico da nação.

Nesse interim, as eleições de 2014 foram manchetes em toda a mídia, incluindo as redes sociais digitais, como o Facebook, que serviram como espaço para debates acirrados, aliado a muito discurso de ódio e uma crescente separação entre as pessoas que ocorriam de acordo com suas identificações políticas, que iam desde os que eram contrários ou a favor ao governo de

Dilma, que tentava a reeleição pelo Partido dos trabalhadores (PT), como os que apoiavam outros candidatos etc. Todo o burburinho de uma nação às voltas com uma eleição que podia ser a manifestação final de uma insatisfação coletiva quanto aos governantes não ocorreu, pois Dilma se reelegeu com pouco mais das metades dos votos válidos e entrou em seu segundo mandato, em 2015, com pouca aprovação. Logo se percebeu a importância desses debates que ocorriam *on-line*.

Diferentemente de outras eleições, agora os brasileiros podiam dizer o que pensavam em poucas palavras por meio das redes sociais. Assim, o debate atravessava as postagens de diversas origens, sejam das mídias tradicionais, como jornais e revistas já conhecidos que também passaram a estar presentes nas redes sociais, jornalistas com suas próprias páginas, novos grupos de jornalistas, como a Mídia Ninja e os Jornalistas Livres, pessoas famosas, como atores e músicos, estudiosos, pessoas comuns, comerciantes, militantes de movimentos sociais e etc., muitos queriam falar e participar dessa troca, muitas vezes violenta, de opiniões *on-line*.

E foi assim que em 2015 as redes sociais passavam a ser um espaço de denúncia pela falta de acesso a direitos, bem como para continuar inúmeras manifestações. E nesse contexto, movimentos feministas tiveram sua audiência muito aumentada. Lembro-me de ler um texto veiculado em dezembro daquele ano pelo Coletivo Think Olga que afirmava que 2015 teria sido o ano da primavera das mulheres, o ano do Feminismo. O texto intitulado “Uma primavera sem fim”<sup>63</sup> e assinado apenas como Think Olga iniciava fazendo um reconhecimento que durante este ano o feminismo tinha invadido as rodas de conversa, que estiveram presentes com toda força nas redes sociais por meio de campanhas contra o machismo, que aliás, como se afirma no texto: “faz parte do cotidiano virtual também”(s/p). Assim, apresentam uma série de dados obtidos por meio de pesquisa realizada pela agência Ideal apontando pelo menos quatorze campanhas e manifestações marcantes que ocorreram durante 2015, bem como citam uma dezena de propagandas de produtos e ideias que se tornaram alvo de debates *on-line* contrários à representação que as mulheres recebiam nessas publicidades, papéis estes que perpetuavam o machismo. Nesse texto também se aborda os movimentos de denúncia *on-line* como a campanha “Chega de Fiu Fiu”, que discute o assédio a mulheres.

Coletivos maiores, ou seja, com um trabalho consistente e visibilidade nacional, como o Think Olga, e outros, como o Não Me Kahlo, auxiliam a perceber uma dimensão estrutural e radial desses discursos que compartilhamos enquanto feminismo, além disso faz-nos perceber o quanto poder falar, ouvir, aprender e trocar sobre o que é ser mulher com outras mulheres é

---

<sup>63</sup> <https://thinkolga.com/2015/12/18/uma-primavera-sem-fim/>. Acesso em 22/06/2018

uma experiência diferente de outras protagonizadas muitas vezes por homens ou limitadas à uma visão de mundo masculina.

Uma experiência pessoal que foi muito marcante e ocorreu durante meus primeiros contatos com o feminismo, deu-se no momento em que com novas informações acerca do que é ser mulher que diz respeito a mostrar que mulheres podem mais do que se prega socialmente, faz com que olhemos as mulheres a nossa volta novamente, cria uma espécie de exercício mental de averiguação. Muitas vezes você se pergunta, se posso me sentir mulher para além de uma figura pré-definida, como as mulheres do meu mundo se sentem? Como minha irmã, minhas amigas, minha mãe se sente? E falar sobre mãe é um tanto penoso em nossa sociedade, para mim foi desconcertante e transformador. Quando olhamos a mulher onde a mãe habita, temos a oportunidade de nos relacionarmos de maneira mais igual e compreensiva. Começamos a enxergar um conceito muito veiculado no feminismo, sororidade, que diz sobre a união de mulheres, empatia e solidariedade. Contudo, é importante dizer também de qual feminismo falamos para que você, leitor(a), possa entender todos os aspectos desta trilha que foi pegar carona no feminismo na internet.

Primeiramente é importante apontar que existem múltiplas formas de se falar sobre gênero. No que diz respeito ao movimento feminista e as novas TIC, podemos perceber que uma vez que o movimento feminista se constitui num movimento social, filosófico e político que objetiva direitos iguais entre os gêneros, pode ser entendido enquanto um movimento vasto, híbrido, conhecido por todo o mundo e culturalmente localizado.

O movimento geralmente se apresenta dividido em três diferentes fases que são nomeadas de ondas feministas, que podem ser definidas como períodos delimitados num espaço de tempo a partir de uma prática comum. As ondas do feminismo permitem algum tipo análise dos contextos e da multiplicidade do movimento e mostram um desenvolvimento dinâmico ao longo de sua trajetória que se desenvolve de acordo com seu próprio local (TOMAZZETI; BRIGNOL, 2015). Assim, as três ondas são definidas como: a primeira, entendida como o sufrágio feminino, a luta pelo direito ao voto; a segunda pode ser entendida como um conjunto de ideias e ações que vem torno da liberação feminina, em torno dos anos sessenta; e a terceira como um momento de ampliação do movimento em torno da luta por igualdade legal e social para as mulheres.

Contudo, houve movimentos que serviram de inspiração para a luta feminista, tais como a Revolução Francesa, na qual as mulheres passaram a denunciar o desejo de viver para além das funções e do espaço reservado à família; na Revolução Industrial as mulheres passaram a ser mão de obra nas fábricas, mas sem garantias e direitos são exploradas, por exemplo

cumprindo um horário de trabalho exacerbado ou trabalhando em ambientes insalubres. É posterior a estes eventos que o movimento conhecido como Sufragettes ganhou força na busca pelo direito ao voto, em um momento em que as mulheres ocupavam múltiplos postos de trabalhos, eram professoras, operárias, assim o movimento ganha conotação política e social. A Segunda Guerra Mundial também influenciou o movimento, uma vez que as mulheres tinham que assumir o protagonismo das cidades e das produções, passaram a requerer auxílio familiar com a construção de creches, mas principalmente liberdade de corpo e pensamento. A partir dos anos 1980 desenvolveu-se no movimento um momento de multiplicidade e institucionalização do próprio feminismo com produções acadêmicas.

No Brasil, o movimento feminista se desenvolveu de maneira um pouco diferente frente ao momento político de fechamento, a Ditadura Militar, por isso só na década de 1970 é que se iniciaram práticas populares referentes à segunda onda, e posteriormente, com o fim do regime militar, nos anos 1980, o feminismo ganhou amplitude e as discussões movimentaram a sociedade fazendo eclodir novos e múltiplos coletivos.

Tudo isso favoreceu para que gênero se tornasse uma categoria analítica nas ciências, que sugerem um contexto de relações sociais de dominação, em conflito e luta. Para Tomazzeti e Brignol (2015), o feminismo ultrapassa a condição de movimento social para tornar-se um sistema de ideias de transformação que se baseia na assimetria e opressão de gênero mediante ações mobilizadoras, ao mesmo tempo que sustenta a si próprio em teorias e práticas.

Outro ponto abordado por essas autoras é a relação deste movimento com a comunicação, a informação e as mídias, pois o movimento se sustenta também através dos meios de comunicação, além de permitir que seja identificado e reconhecido socialmente. Percebe-se que o feminismo cria um discurso provocador que pode empoderar mulheres. Assim, com o surgimento das TIC, especialmente da internet, há uma ampliação do movimento feminista com os meios e com as políticas de comunicação, o que possibilita a organização e criação de conteúdos habitualmente ignorados pelos meios de comunicação mais tradicionais ou restritos aos meios alternativos, importantes, porém limitados.

Assim, a era da informação, ou a digital, permitiu ao feminismo estar num novo lugar de práticas e expressões, que podem ser mantidas coletivamente, gerando novas significações e entendimento múltiplo. Nesse sentido, acompanha-se a criação e manutenção de sites de organizações feministas, blogs, páginas no Facebook, canais no Youtube. São essas práticas múltiplas e cotidianas protagonizadas por mulheres em luta por igualdade de gênero que se constitui o atual ciberfeminismo. Por meio deste movimento estimula-se a criação de laços solidários entre mulheres de todo o mundo, além disso, cada vez mais torna-se um movimento

ligado a outros de maneira planetária, evidenciando as lutas contextuais e locais, para tentar superar relações de dominação no interior dos próprios movimentos. Contudo, de acordo com Coelho (2016), o ciberfeminismo ao mesmo tempo que auxilia na ampliação das discussões, aumenta o ataque contra as próprias mulheres.

Um exemplo desse uso contemporâneo das redes sociais pelo feminismo é abordado por Seriadório et al. (2015), quando buscou entender como funciona a ação do Coletivo "Lugar de mulher" na internet. Para tanto, as autoras listaram todas as formas de inserção nas redes, identificando o perfil em diversas plataformas e depois acompanham um dia de publicação, apontando para os horários de interação, a possibilidade ou não de troca com o público em cada um dos modelos de publicação, bem como o conteúdo publicado em que se vai reconhecendo um perfil interativo daquele público específico; e é por meio do conteúdo que o caráter ativista das publicações aparecem e se fazem ecoar pela rede.

Como no exemplo acima, percebemos que há variadas maneiras de utilizar as redes para compreender os movimentos sociais em suas dinâmicas próprias, expondo práticas que constituem o ciberfeminismo, e, assim, o ativismo digital.

Outro exemplo situa-se no nível acadêmico de produção de conhecimento feminista, é a discussão promovida por Vieira (2016), na qual afirma que o estar nas redes sociais perpassam primeiramente a escolha social, por isso transforma o ambiente das redes numa reprodução de outros espaços públicos, que são acessados num jogo de esconder aquilo que não é desejável para sociedade e visibilizar aquilo que se espera. Contudo, enquanto espaço de escolha, também permite que sejam expostos conteúdos antes rechaçados como as expressões de minorias, tal como a luta por igualdade de gênero, mesmo num espaço outrora pensado para integrar a sociedade capitalista. Logo, o que a autora permite-nos entender são as limitações transformadoras das TIC sem deixar de reconhecer seu potencial como ferramenta de comunicação.

A luta por igualdade de gênero não é apenas protagonizada por coletivos ou Organizações feministas, há também movimentos LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros) e várias pessoas que em seus perfis pessoais demarcam o apoio à luta, seja por filtros aplicados em suas fotos de perfis com frases marcantes, como com postagens e compartilhamentos.

Muito importante é a afirmativa de Coelho (2016) em que considera que, assim como ser feminista dentro da academia, valer-se das mídias sociais para fazer feminismo é aproximar mais pessoas das discussões; uma vez para ela as redes sociais digitais podem e devem ser

usadas para fomentar o debate e dar voz à resistência feminina sejam nos espaços públicos, *on-line* ou *off-line*.

## 5.2. A internet no cotidiano, Facebook e subjetividades

Nesse ponto busco apresentar a observação etnográfica desenvolvida nesta pesquisa, construída por meio do diário de campo que se constitui numa página (*fanpage*) localizada na rede social *on-line* Facebook, intitulado “Diário Crônico: apreensões do cotidiano”. Para tanto, explico como ele foi escolhido e descrevo, por meio de imagens e textos, seu funcionamento. Posteriormente relato como se deu minha entrada no campo de observação e desenvolvo mapas descritivos do ambiente. Finalmente, descrevo a experiência da observação etnográfica através da narrativa de publicações que se encontram no diário *on-line* e também proponho uma análise temática de conteúdos explorados.

### 5.2.1. Selecionando o local no bosque

Retomando a motivação em criá-lo, duas causas foram preponderantes: o excessivo uso do Facebook no Brasil e a longínqua experiência que tenho de uso da rede – criei meu perfil pessoal em 2008. No momento que escolhi criar a página buscava encontrar um meio de conseguir reunir no diário a possibilidade de colocar *hiperlinks*<sup>64</sup>, ou seja, compartilhar notícias, textos, músicas, vídeos e imagens que foram produzidos por outrem e que de certa maneira poderia mostrar o que se produz naquele cotidiano, considerando seu caráter hipermidiático (Minini, 2008); é fato que há o recurso da descrição por escrito de todos esses elementos os quais intentava reunir, mas também pensava em como habitar o espaço *on-line* com minhas próprias observações do que se produzia acerca da própria internet, tentando senti-la e exprimi-la nesse espaço.

---

<sup>64</sup> Hiperlink é sinônimo de *link*, *hiperlink* consiste em links que vão de uma página da Web ou arquivo para outro(a), o ponto de partida para os links, é denominado de *hiperlinks*. História do hiperlink o termo "Hiperlink" foi escrita em 1965 (ou, eventualmente, 1964) por Ted Nelson no início do projeto Xanadu. Nelson tinha sido inspirado pelo "Como nós pode pensar," um ensaio popular por Vannevar Bush. O ensaio, Bush descrito era baseado em Memex onde qualquer um poderia vincular quaisquer duas páginas de informações em uma "trilha" de informação relacionada e, em seguida, era movida para frente e para trás entre páginas como se estivessem em um rolo de microfilme único. A analogia contemporânea mais próxima seria criar uma lista de marcadores para páginas da Web relacionadas e, em seguida, permitir que o usuário virasse para frente e para trás através da lista. Fonte: Google sites. Disponível em: <https://sites.google.com/site/sitesrecord/o-que-e-um-hiperlink>

Por exemplo, desde 2016 o Facebook disponibilizou botões de interação que ficam localizados ao fim de cada postagem que um usuário ou página produz e que representam sensações daqueles que usam a ferramenta frente a algo que estão vendo, lendo ou ouvindo.



FIGURA 8 - Reações do Facebook

Lembrando que Nicolaci-da-Costa (2002) afirma que no ciberespaço se desenvolvem novos vocábulos e expressões para designar algo. As reações, como são chamadas, passaram a ser variantes da reação inicial que já existia que é representada por uma mão com o polegar para cima branco de fundo azul<sup>65</sup> indicando aprovação, um "gostei" ou ainda em inglês *like*; em seguida há o "amei" representado por um coração branco de fundo vermelho que carrega o sentido de um superlativo do gostei, "gostei muito, amei", depois há o *smiley*<sup>66</sup> (uma face de fundo amarelo com olhos nariz e boca) risonho que significa que achei engraçado, ou me fez rir – em alguns contextos essa reação ganha o sentido de uma risada sarcástica frente a postagem – há ainda o *smiley* boquiaberto que significa uma reação de surpresa, de "uau, isto é demais", há também o *smiley* chorando, indicando que algo deixou esse usuário triste, fez chorar ou ficar sentido, e por fim há o *smiley* raivoso, ele é representado por uma face menos amarela e mais avermelhada, mostrando que “fico furioso, vermelho de raiva” com o que interajo. Nem sempre as pessoas que se expressam com essas reações sentem-se exatamente da maneira proposta pela plataforma, mas a interação com as pessoas e conteúdos sem dúvida incide sobre os afetos dos usuários. Interessante saber que as reações que utilizam *smileys* são dinâmicas e o movimento apresenta-se no momento da escolha da reação.

<sup>65</sup> O azul é a cor da marca do Facebook e está presente em todos os espaços, apenas em 2018 os grupos puderam escolher entre outras cores variantes, tais como verde, amarelo, rosa, mas o botão da reação permaneceu azul.

<sup>66</sup> O *Smiley* também pode ser chamado de *emoji* ou *emoticon*. *Emoticon* é uma forma de comunicação paralinguística, ou seja, uma palavra derivada da junção dos termos em inglês *emotion* (emoção) + *icon* (ícone) é uma sequência de caracteres tipográficos, tais como: :) , ^-^ , :3,e.e,'-' e :-); ou, também, uma imagem (usualmente, pequena), que traduz ou quer transmitir o estado psicológico, emotivo, de quem os emprega, por meio de ícones ilustrativos de uma expressão facial. Fonte: Wikipedia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Emoticon>

Por isso, no momento de construção do diário, carregava comigo a ânsia em entender se e como a internet produzia subjetividades a partir do entendimento de como as pessoas utilizavam essa tecnologia. Atualmente, penso que é até obvio que a internet produza subjetividades, pois ela faz parte da vida cotidiana, em maior ou menor escala, as vezes até pela sua ausência, ocupa tempo, cria sentidos nas vidas dos sujeitos, porque são os sujeitos que a utilizam e atribuem a ela funções, sentidos e afetos. Lembrando que Lévy (2000) falou que ao ler um texto o dobramos nele mesmo e por isso produzimos recortes que gera a própria subjetividade. Assim, esses objetivos se perderam, se auto comprovaram, mas influenciaram muito o teor do conteúdo do que se encontra no diário *on-line*. Assim como, o Conselho Federal de Psicologia (2009) falava sobre as subjetividades e a mídia, e ainda Guareschi (2017), Sadin (2017) e Hine (2015) afirmavam que as tecnologias participavam deste movimento de criar-se a si próprio, forjando nossas subjetividades na vida cotidiana.

Uma vez que numa pesquisa que se propõe fazer uma etnografia das redes, espera-se que se apreenda a cultura daquele ambiente. As redes sociais digitais permitem, de acordo com seu formato específico, ou seja, de plataforma para plataforma, compreender o conteúdo que se compartilha e as relações/interações possíveis (Zanini, 2016). Nesse caso específico do diário *on-line* como meio de construção de dados para compreender o cotidiano das redes, relações e interações ficaram prejudicadas na possibilidade de compreensão, enquanto o conteúdo foi beneficiado. Seria mais contributivo se todos os elementos fossem possíveis de ser abordados pelos dados, mas as redes têm o elemento da imprevisibilidade como característica, e dessa constatação também podemos entender alguns aspectos da rede. Mas, para compreender tal afirmação, é preciso entender um pouco da história e do ambiente do Facebook, bem como das suas funcionalidades.

De acordo com Recuero:

O Facebook (originalmente, the facebook) foi um sistema criado pelo americano Mark Zuckerberg enquanto este era aluno de Harvard. A ideia era focar em alunos que estavam saindo do secundário (High School, nos Estados Unidos) e aqueles que estavam entrando na universidade. Lançado em 2004. (2009, p. 171)

A autora afirmou também que o foco inicial do Facebook era criar uma rede de contatos no momento em que o jovem sai da escola e ingressa na universidade, o que pode significar uma mudança de cidade. Por isso, em seu início, o Facebook era focado em escolas e colégios e, para entrar nele, era preciso ser membro de alguma das instituições reconhecidas. Começou apenas disponível para os alunos de Harvard, em 2004, e posteriormente sendo aberto para outras escolas até ficar totalmente livre.

O Facebook funciona através de perfis e comunidades. Em cada perfil, é possível acrescentar módulos de aplicativos (jogos, ferramentas, etc.). O sistema é muitas

vezes percebido como mais privado que outros sites de redes sociais, pois apenas usuários que fazem parte da mesma rede podem ver o perfil uns dos outros. Outra inovação significativa do Facebook foi o fato de permitir que usuários pudessem criar aplicativos para o sistema. (RECUERO, 2009, p. 171-172)

O Facebook pode ser considerado um ambiente livre, no aspecto de que qualquer pessoa munida de um aparelho com conexão à rede de internet, sejam computadores, *tablets*, *smartphones*, *tvsmart* ou videogames inteligentes pode acessá-la, não se exige nenhuma forma de pagamento<sup>67</sup> para o acesso. Para tanto, há que se fazer um cadastro pessoal, que resulta em um perfil. Este pode conter dados verdadeiros, ou seja, nome da pessoa e elementos da sua vida, ou pode ser preenchido com dados criados, resultando num perfil *fake* (falso). Mas há que se lembrar o que Recuero (2009) já falou sobre perfis falsos, em que uma informação está sempre vinculada a alguém, por isso ainda é considerado um nó na rede social.

Do mesmo modo, uma mesma pessoa pode ter diferentes contas, cada uma com um perfil próprio. Contudo, o crescimento ascendente do Facebook nos últimos anos no Brasil, sua entrada em instituições de variados tipos, tais como comerciais, educacionais, ONGs e prestação de serviços de variados tipos, bem como o uso da pesquisa dos perfis para seleção de variados empregos deixou a rede mais enxuta com relação aos perfis falsos. Porém, no último semestre de 2018 houve um crescimento dos perfis falsos frente a discussão política que antecedeu as eleições presidenciais, a qual ficou caracterizada por ser uma eleição baseada em *fakenews* (notícias falsas).

Os perfis *fake* mais comuns são perfis que se apresentam com nome e sobrenome (exigência da plataforma) triviais e excessivamente comuns no Brasil, como Antônio da Silva, ou com nomes muito diferente dos brasileiros, ou ainda palavras que não existem no vocabulário nacional; além disso, geralmente não possuem muitas fotos, e quando estão presentes nos perfis, são fotos da natureza em geral, muitas vezes fotos profissionais, o que indica que foram retiradas de arquivos *on-line* de outras pessoas, ou ainda apresentam imagens de desenhos; quanto aos amigos, não possuem muitas conexões, e desses poucos, muitos são perfis verdadeiros, mas que tem uma rede de amigos muito ampla, de 3 a 5 mil conexões (visto que o máximo de conexões por perfil é de 5 mil). Pessoas com este número de conexões geralmente não usam critérios para receber ou não convites de amizades em seu perfil; outra característica é o tempo de experiência na rede que geralmente é curto, de poucos meses ou semanas. É muito fácil encontrar perfis *fake* com essas características em publicações de larga escala, cujo conteúdo seja polêmico, principalmente em polêmicas morais.

---

<sup>67</sup> O pagamento no Facebook pode ocorrer para páginas que querem aumentar o alcance de alguma publicação específica por um determinado período. Uma vez que se opta pelo pagamento, a postagem pode aparecer como sugestão ar perfis que localizam-se distante da página na rede, mas que tem alguma proximidade de conteúdo.

Os perfis no Facebook carregam a característica de reciprocidade (Recuero, 2009) para a interação, para ter acesso ao conteúdo do perfil é necessário enviar uma solicitação de amizade com o seu perfil para outro. Uma vez aceita a amizade, ambos têm acesso as informações de cada perfil adicionado e passam a seguir suas ações na rede. Contudo, o Facebook torna essa reciprocidade um tanto complexa, pois o usuário pode intervir nos limites de privacidade de sua conta, podendo restringir quem vê determinadas postagens, sua lista de amigos, de fotos e locais em que esteve e ainda pode restringir a publicação de outros sobre si, impedindo marcações em fotos e postagens. Além disso já é possível ser amigo de alguém sem seguir o perfil, isto significa que o algoritmo – sistema matemático que organiza a ordem e fluxo dos conteúdos – não incluirá postagens da pessoa que não é seguida na *timeline* ou linha do tempo (também chamada de Mural ou Feed de Notícias) que é a sequencia infinita de conteúdo que aparece para cada perfil. Essa característica "eterna" da timeline liga-se a alteração da esta nova noção de tempo para um eterno presente citado por Nicolaci-da-Costa (2005) em que tudo coexiste e se relaciona, gerando um espaço próprio e único. Todas essas mudanças foram acontecendo paulatinamente por conta da discussão entre privado e público e seus limites a qual o Facebook está mergulhado, já tendo em sua história inclusive processos por vazar dados privados para empresas comerciais.

Acerca da discussão sobre privacidade, Lima (2015) afirmou que esse é um assunto polêmico desde a primeira conexão entre computadores, pois um computador poderia ter acesso remoto a outro e acessar seus arquivos. Com o advento da *web*, a interface multimídia da internet, surgiu também o correio eletrônico, o *e-mail*, que passou a ser uma ferramenta de invasão para enviar vírus e coletar senhas e outros dados. Posteriormente surgiu outra ameaça, os *cookies*, pequenos arquivos digitais salvos no computador por um determinado site visitado, por meio deles os visitantes eram reconhecidos pelo site quando o acessava novamente, porém com isso criava-se uma brecha para que a empresa dona do site conhecesse os hábitos de navegação de seus usuários. Por isso, muitas empresas passaram a vender essas informações deixando seus usuários mais expostos. Em 2004, os internautas ficaram ainda mais expostos com o surgimento do Gmail, o e-mail da empresa Google, pois este trazia links patrocinados que já eram conhecidos de seus internautas e escaneava o texto de todos os *e-mails* e mostrava o anúncio de acordo com o texto.

Atualmente essa tecnologia da Google é utilizada também com os *smartphones*, por meio de coleta de informações por voz, gravando ligações e mesmo conversas que ocorrem perto do aparelho. Já é possível acessar essas informações e apagá-las, mas isso não impede que a empresa continue a recolhê-las.

No tempo das redes sociais digitais um novo nível de ameaças estabelece seu alcance. As redes sociais como o Facebook, Twitter e os *blogs* tornam nossas relações pessoais transparentes e visíveis, gerando uma exposição nunca vista antes. Para as empresas surgem novas oportunidades (e também ameaças). O fenômeno agora atende pelo nome de *Datafication*, ou como define a Wikipedia: uma nova tendência que transforma vários aspectos da nossa vida em dados. E dados que são compartilhados aos milhões por dia (LIMA, 2015).

Os consumidores ainda não perceberam que é necessário impor limites à exposição nas redes sociais. É como uma faca de dois gumes. Se por um lado aumenta o efeito de socialização, por outro expõe a vida pessoal a níveis nunca imaginados. A exposição nas redes sociais independe da disponibilização ou não de dados pessoais. (LIMA, 2015, p. 223)

Questões éticas como essa surgem porque o Facebook é uma mídia social, uma espécie de "Ágora", como afirmou Amaral (2016), que permite ao seu usuário a capacidade de individualização e de sentir-se pertencente, pois é capaz de gerar e suportar uma sociabilidade que se dá por meio das interações e da participação em grupos temáticos.

É claro que, sendo essas conexões e interações separadas espacialmente, sem o contato face a face, elas não substituem o contato físico, mas trazem ao sujeito uma nova modalidade de sociabilidade, que será diferente em cada ambiente virtual, ou seja, a sociabilidade do Facebook será diferente da sociabilidade do Instagram, por terem ambientes diferentes, logo ciberculturas distintas. As práticas sociais estão ligadas às ferramentas disponíveis em cada um desses ambientes, por conta disso, muitas pesquisas em redes sociais *on-line* ocuparam-se de tentar medir e quantificar o capital *on-line*, a qualidade das relações suportadas em cada ambiente (AMARAL, 2016)

Uma rede social na Internet pode ser interpretada como uma estrutura composta por indivíduos que estão conectados por um ou mais tipos de interdependência. O *like* do Facebook, por exemplo, pode ser visto como manifestação de interesse, mas, essencialmente, como um gesto social. Existem padrões de conectividade na e em rede que transformaram a cultura digital. O conteúdo é o laço relacional de comunidades e redes. Efectivamente, é interessante verificar que, na Internet, os indivíduos não estão ligados apenas por relações sociais, mas essencialmente pelo contexto, experiências partilhadas e interesses comuns. Os novos laços centram-se no conteúdo e conversação, destacando-se os grafos de interesse e de actividade das redes de amizade. Daqui se infere que o conteúdo e a apropriação deste podem traduzir igualmente laços de relações sociais que se estabelecem online e se efectivam em redes e comunidades. (AMARAL, 2016, p. 174)

O Facebook é uma rede social que depende da interação de seus usuários, ela precisa de engajamento, por isso frequentemente apresenta a pergunta "O que você está pensando?" que tem como intuito incentivar o usuário a compartilhar alguma ideia ou sentimento em forma de postagem.

Sobre isso Guareschi (2017) afirma que:

A postagem é uma maneira de nós respondermos ao *questionário*, ou entrevista dirigida. A *curtida* é a informação mais rápida, mas ao mesmo tempo mais carregada de valores. Se em português essa manifestação de valor é mais disfarçada, em inglês ela é direta: *like* – gosto/desejo.

Outra estratégia de oferecimento gratuito de informações é o compartilhamento, quando a própria pessoa assume um outro comentário, a informação, e o faz seus. E uma das informações mais completas é seu comentário. Vejam a intimidade e quase um pedido respeitoso que você lê a todo momento quando acessa o Facebook: seu nome pessoal, com o qual você é chamado – em geral o primeiro nome, e a pergunta insinuante: "*no que você está pensando?*" (p. 176)

## 5.2.2 – Propriedades do Local

Por meio do uso do Facebook, ao menos até janeiro de 2019, é possível afirmar que este constitui-se num site que hospeda uma rede social *on-line*, parte das mídias sociais viabilizadas pela *web* e que pode ser acessada por computador. Já para o acesso em *tablets*, *smartphones* e outros aparelhos eletrônicos com conectividade à internet utiliza-se a rede social por meio aplicativo. Embora a interface seja um pouco diferente, pois adapta-se aos formatos de telas dos aparelhos que a suportam. Em todas as versões haverá perfis pessoais públicos munidos de ferramentas que permitem funções específicas. Além disso, há que se lembrar Recuero (2009) de que em cada plataforma criam-se padrões de conexões expressos no ciberespaço.

Então das funcionalidades possíveis de uma publicação criada por um perfil, temos como exemplo a imagem abaixo:



FIGURA 9: Tela da página inicial do perfil do Facebook com edição de legendas pelo computador

Fonte: Facebook

A página inicial do Facebook aparece depois que o usuário entra no site e coloca seu *login* e senha, criados no cadastro do perfil. Constitui-se na área de ações mais importantes da rede social e para que o(a) leitor(a) que não é usuário da rede compreenda, apliquei algumas legendas por áreas que serão explicadas agora.

Do lado esquerdo há uma lista de tópicos que são botões de ação do Facebook que estão divididos em três áreas diferentes: principais ações; atalhos e ações secundárias.

- Principais ações: O primeiro botão dessa área leva nome dado ao perfil, no meu caso, o meu nome completo. Ao clicar nele o Facebook abre o meu perfil que contém uma imagem ou foto de capa, a foto de perfil, o nome, um texto de apresentação, listas de fotos e de amigos, e a *timeline*, ou seja, a sequência de publicações que eu faço ao longo do tempo, iniciando da mais atual para a mais antiga. Estes espaços todos são passíveis de serem editados e podem inclusive não receber edição e permanecerem “vazios” como na entrada pela primeira vez no perfil. Quando alguém clica em meu nome em alguma marcação ou encontra meu perfil por meio de busca é para esta página que o usuário é levado e lá terá acesso às informações que o dono do perfil deixar acessível, ou seja, é possível preencher informações de cadastro e privar a visibilidade; Logo abaixo há o botão “Feed de Notícias”, um rol de informações, ao clicá-lo o Facebook não muda de página, mas atualiza o *Feed* que se encontra centralizado neste mesma página. A palavra *feed* deriva do verbo em inglês que significa alimentar. Logo, entenderíamos que *feed* de Notícias seria a alimentação contínua de notícias, de informações provenientes da rede de amigos e seguidores que tenho no meu perfil. Conforme as pessoas e páginas postam publicações elas apareceram neste rol de informações. Importante saber que há como selecionar vinte fontes para “ver primeiro” nas configurações do *feed*, bem como escolher não seguir alguns amigos, de maneira que suas publicações não aparecerão nesta lista; além disso o meu engajamento com cada perfil ou página vai modelando o algoritmo que gera e organiza as informações a cada atualização que executo. Dessa forma, enquanto houver publicações no Facebook ligadas à minha rede, entendo que o *Feed* é infinito; o Botão seguinte trata-se do *Messenger*, recurso disponível para conversação por escrito, vídeo ou ligação entre os perfis que não fica pública. No formato de aplicativo, como o utilizado por smartphone, este recurso aparece como um aplicativo em separado, proporcionando que o usuário não tenha que baixar o aplicativo do Facebook no celular para usá-lo, contudo não é possível acessá-lo de outra forma, deixando para o usuário a decisão de usar um ou outro pelo celular. Já no computador,

como se pode ver eles aparecem juntos, e liga-se à parte direita inferior com o nome de bate-papo, é possível ficar *on-line* e visível para seus contatos, ou deixar o recurso *off-line*. Mesmo com o *status off-line* ele pode ser utilizado, ao passo que seu uso gera uma pequena janela na parte inferior da tela que pode ser minimizada, deixando uma aba com o nome do perfil com quem está em contato, proporcionando que o usuário acompanhe seu *feed* e converse com outras pessoas ao mesmo tempo; O quarto botão trata-se de um recurso relativamente novo na plataforma, o *marketplace*, ou espaço de compra e vendas. Percebendo que a criação comunidades para compra e vendas de produtos novos, e principalmente usados, tornou-se relevante nas práticas cotidianas dos usuários, a plataforma que já havia personalizado publicações de venda, criou um espaço para acessá-las todas de uma vez. Assim ao clicar nesse botão o usuário é levado para as ofertas de seus grupos de compra e venda, lá aparecem uma grade de fotos e ofertas organizados por tipos de produto e por distância de localização da oferta; e por último, há o botão *watch*, que reúne os vídeos postados por páginas que foram curtidas pelo usuário da plataforma um lugar só, sendo vídeos ao vivo ou não.

- Atalhos: Como o próprio nome sugere, são atalhos para páginas e grupos mais utilizados pelos usuários. A lista de atalho pode ser editada, e de tempos em tempos ela se altera de acordo com o uso. Uma vez clicado em algum atalho, a página o direcionará para o link escolhido.
- Ações secundárias: são botões de atividades menos exploradas no Facebook, e que reúnem Grupos, Eventos, Páginas, Ofertas, Portal do Cidadão, Vídeo de jogos, Grupos de compras, Lembranças, Salvos, Campanhas de arrecação, Notas, Lista de amigos, Jogos, Empregos, Recurso para situações de Emergência, Encontrar pessoas, Atividades de Anúncios, Recomendações, Clima. No *smartphone* ainda há mais botões exclusivos que são geolocalizados, o Amigos nas imediações, Guia de cidades, locais nas imediações e solicitação de dispositivos.

No centro direito superior da imagem há um espaço que denominei de área de *stories*. Este é um recurso relativamente novo no Facebook designado para a postagem de pequenas histórias, são vídeos curtos, ou imagens com efeitos de filtros e máscaras para vídeos de perfil que seguem de perfil a perfil e que ficam disponíveis apenas por 24 horas e depois desaparecem. Este formato de publicação foi criado em um outro aplicativo chamado Snapchat que ganhou grande público durante o ano de 2017, por conta disso p Facebook e outras plataformas de propriedade do Facebook, como o Instagram e o Whatsapp aderiram ao modelo. Assim, quando

se faz uma publicação é possível adicioná-la na *timeline* ou no *stories*, ou em ambos. Este recurso é muito utilizado com manifestações cotidianas triviais por sua característica finita.

Abaixo deste recurso há um *link* para eventos e aniversários. O Facebook reserva um espaço de publicação direta de aniversários para que as pessoas felicitem umas as outras, bem como permite acessar eventos múltiplos, em que o perfil tenha recebido convite ou não, de acordo com a localização da pessoa. Contudo, para que uma pessoa receba a notificação de um aniversário é preciso que o usuário aniversariante tenha deixado essa informação pública.

Mais abaixo há um espaço dedicado às pessoas que gerenciam páginas e que podem ver de maneira rápida as notificações de mensagens, curtidas e comentários que a página gerenciada recebe.

Na extrema direita superior da página há imagens de amigos que utilizam aplicativos de jogos e que enviam convites para a participação dos mesmos. Abaixo há uma lista de *link* direto para as páginas que são gerenciadas pelo perfil e por último o espaço do bate-papo já comentado.

Há ainda no centro esquerda superior da imagem uma área dedicada às publicações que um perfil pode fazer que se desdobram em várias opções conforme imagem abaixo:

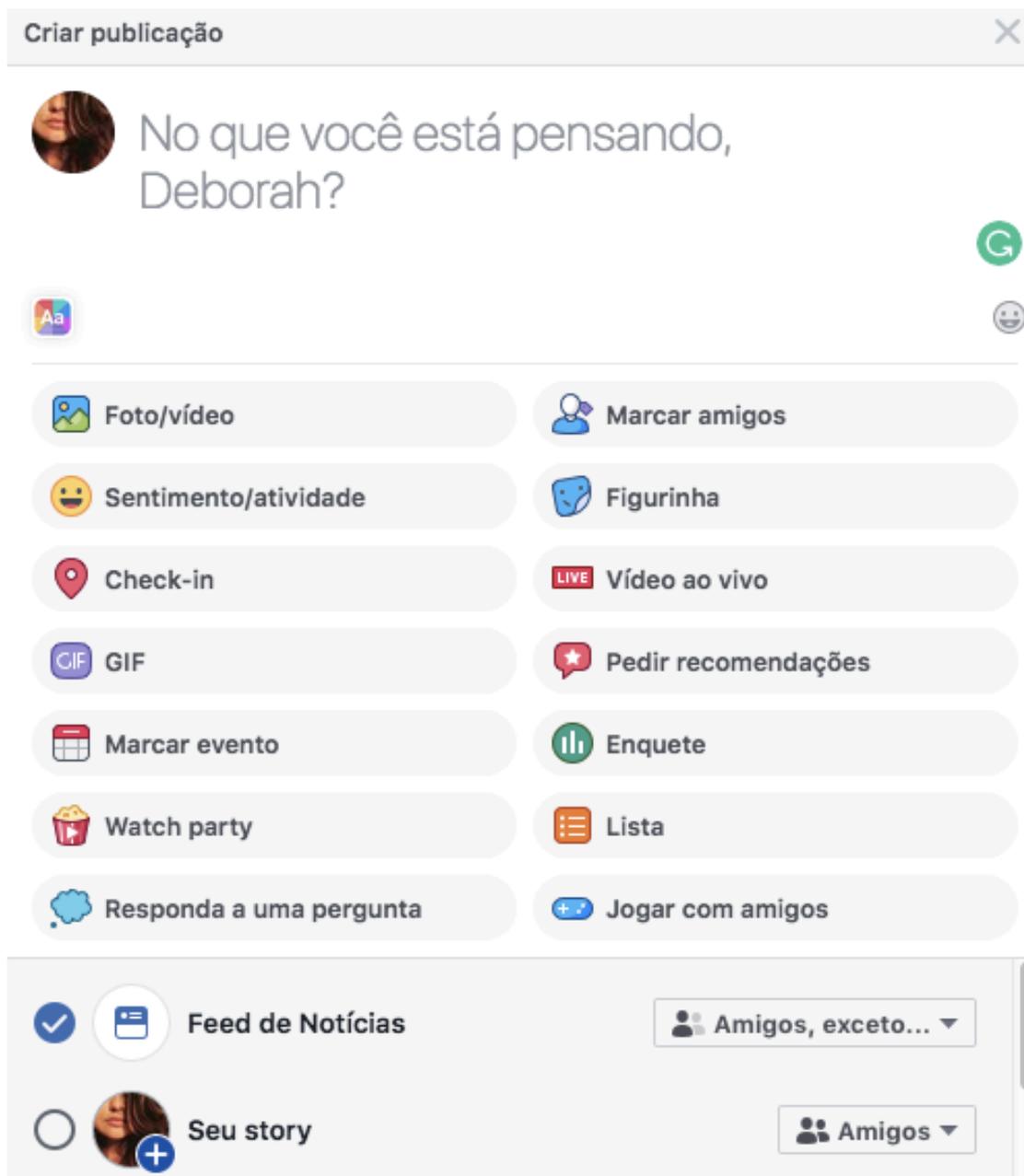


FIGURA 10: Área de publicação do perfil do Facebook pelo computador

Fonte: Facebook

Essa imagem retrata as possibilidades de expressões de si que uma pessoa em um perfil pessoal possui. Como já fora comentado, frequentemente na caixa de publicação há a pergunta “No que você está pensando?”, que vem acompanhada do nome do(a) dono(a) do perfil. Essa estratégia do Facebook parece ter a intenção de expressar uma certa intimidade, um convite a falar algo de si, porque, afinal há interesse no conteúdo que a pessoa venha a postar, tanto pela geração de dados valiosos para comerciantes e marcas, quanto para gerar movimentação e interação. Afinal, sem interação dos usuários, o Facebook não se sustenta. É nesse sentido que número de interações (de *likes*, de *amei* etc.) começam a ganhar valor para as pessoas.

Desenvolve-se um movimento nas relações voltadas para publicação tais como tirar fotos para postar, ir a lugares para fazer um *check-in* do lugar visitado etc.

Mas vamos entender essas opções de publicação ofertadas pela plataforma.

- Caixa de diálogo

Na caixa destinada a publicação pode-se fazer um texto simples, longo ou curto. Se curto o texto pode utilizar um *design* gráfico semi pronto, são caixas de diálogo coloridas, as vezes com algumas figuras cujo texto fica escrito em branco; o ícone referente a essa opção fica logo a esquerda da caixa de diálogo e é representado por um quadrado multicolorido com duas letras "Aa". Ainda na caixa de diálogo é possível ver à direita dois ícones, um redondo e verde com uma letra "G" por cima e outro que é um *smiley* cinza. O primeiro é um ícone personalizado, é de um aplicativo chamado "Grammarly" que baixei no meu computador, mas que pode ser adicionado ao Facebook e outras plataformas conforme a configuração que o usuário dá, e ele tem a função de corretor automático para textos em língua inglesa; já o segundo um diz da possibilidade de se publicar a figura de um *smiley* do vários disponíveis na plataforma.

- Foto/Vídeo

Dos ícones que se seguem em lista abaixo da caixa de diálogo, são também das possibilidades de publicação. Há o ícone "Foto/vídeo" que é a possibilidade de postar fotos que podem ser unitárias ou em grandes quantidades, que ainda podem ser atreladas a álbuns personalizados pelo usuário; podem também ser fotos tiradas em outros momentos ou se a postagem for utilizada pelo *smartphone*, podem ser tiradas na hora para a postagem especificamente, o que favorece bastante o comportamento de registrar em imagem um dado acontecimento para ser compartilhada publicamente nas redes, mostrar assim que é uma pessoa ativa na vida pessoal ou profissional, que tem amigos, família, ou que está registrando uma imagem de algum lugar etc., trata-se de um incentivo a registrar e compartilhar atividades triviais do cotidiano, como as postagens de pratos de comida que aparecem corriqueiramente.

Embora a prática de compartilhar imagens relativas a comida como uma expressão da vida privada possa parecer uma atitude que surge com as redes sociais, pode-se dizer que na maneira como ocorrem está muito ligada a esse momento, mas retratar comidas é uma atividade que remonta pinturas renascentistas e retratam o cotidiano humano e sua cultura local. Mas agora a prática tem um modo próprio, depende de tecnologia e não precisa de conhecimento de técnicas artísticas, pois frequentemente imagens se repetem, como imagens de um cafés, expressos, simples, *gourmet*, uma bebida que tem uma história muito própria na cultura brasileira; há também muitas fotos de tigelas de açaí, geralmente representando um hábito saudável de seus usuários, como o açaí é tradicionalmente um fruto amazônico muito rico em

nutrientes, a relação com floresta dá o tom de saúde expresso no seu consumo; aliás pratos "fitness" também são muito comuns nas fotos de comida, afinal o sucesso do ser humano contemporâneo perpassa a imagem de maneira muito forte. Não para menos, numa sociedade que se relaciona por rede social, as imagens têm um significado muito importante, elas dão a possibilidade de retratar algo com mais fidedignidade e com mais elementos, por utilizar recursos visuais. Contudo, a busca por *likes* também movimentou um mercado tecnológico de aplicativos com a finalidade de formatar e modificar as imagens, fazendo com que uma fotografia que esteja nas redes geralmente tenha passado por mudanças, são virtualizadas, não deixam de expressar uma vivência, mas é uma vivência possível no mundo virtual, borrando a divisão virtual e real ainda mais.

Nessa mesma perspectiva, fotos de si, as *selfies*, que são os autorretratos contemporâneos que podem ser com fundo neutro ou não, bem como fotos de pessoas em que seus corpos estão a mostra são as imagens muito frequentes e que utilizam mais retoques. Há aplicativos simples exclusivos para retoques nos rosto, que tem a função de deixar a pele menos marcada e mais suavizada, se escondem rugas, olheiras, elementos assimétricos, dentes amarelados, papadas, adicionam-se elementos de maquiagem, buscando uma imagem de certa maneira "perfeita", ou mais próxima das imagens outrora popularizadas por revistas de beleza; tal como ocorre com as imagens dos corpos, diminuir a cintura, alongar as pernas, suavizar a imagem da pele, ou seja, recursos que passem a imagem de um corpo belo, sendo assim, ações relacionadas ao cuidado do corpo entendido como dieta são frequentemente compartilhadas e curtidas.

O Facebook permite que sejam compartilhadas fotos em formato 360°, são fotos amplas que quando visualizadas por dispositivos móveis como *smartphones* e *tablets*, movem-se juntamente com o aparelho pelo movimento da mão do usuário, permitindo que explore tudo que foi captado nessas fotos amplas, panorâmicas, até o limite de 360°.

Quanto aos vídeos, há também a possibilidade de serem postados. Contudo apenas vídeos curtos e da mesma forma que as fotos, os vídeos podem ser de arquivos ou podem ser gravados no momento da postagem. São muito utilizados para mostrar lugares que as pessoas visitam, sejam turísticos ou até o interior de casas comuns, assim como eventos, como shows, palestras e afins. É possível postar fotos e vídeos numa mesma postagem.

Quando os vídeos são feitos pelo próprio aplicativo do Facebook, ou seja, utilizado por *smartphones*, há a possibilidade de utilizar filtros animados dinâmicos. E os vídeos tem som ou não de acordo com a personalização do usuário, mas o mais comum é que os vídeos utilizem som, mais uma vez no intuito de utilizar o máximo de recursos que se tem disponível. Ainda

assim, fotos são mais frequentes que vídeos, afinal o controle da imagem que se está produzindo com as fotos é maior do que com vídeos.

- Marcar amigos

Esta função serve para incluir perfis nas postagens que venham a ser feitas, de tal maneira que se escrevo um texto ou posto um *smiley*, foto ou vídeo e marco algumas pessoas, a postagem aparecerá como uma notificação para a pessoa marcada e dependendo das configurações de privacidade dela, aparecerão no *feed* de notícias e na *timeline* daquele perfil, mostrando assim a característica de rede do Facebook.

As fotos postadas no Facebook são "lidas" pela plataforma por meio de uma função de reconhecimento facial, assim se alguém posta uma foto em que você aparece, mas não te marca, o próprio Facebook te envia uma notificação perguntando se você gostaria de ser marcado na devida imagem, ou seja, a plataforma tem recursos que facilitam a interação em rede. Da mesma forma, se a pessoa estiver escrevendo um texto e começar a escrever um nome que venha a ser igual ao nome de alguém de sua lista de amigos, o Facebook sugere a marcação, e se for um nome que tem vários amigos, por exemplo, se tenho vários amigos chamados João, aparecerá algumas possibilidades de nomes para serem marcados; se a lista de primeiros nomes iguais for muito longa, o Facebook sugerirá prioritariamente aqueles com quem interajo com mais frequência.

Além disso há também um recurso escrito para marcar uma pessoa, caso o usuário deseje fazer isso num comentário e não em uma postagem, basta colocar o símbolo "@" e começar a digitar o nome que o Facebook sugerirá nomes de pessoas para que sejam marcadas, criando assim um hiperlink entre os perfis.

Nota-se que o uso deste recurso dá-se com pessoas com quem interagimos mais e com quem temos mais intimidade. Pequenos grupos de amigos também tendem a se marcar, criando uma certa bolha de interações, mesmo que cada um dos perfis tenham mais de mil amigos, o número com o qual mais interagem é sempre bem menor que o total de amigos por perfil, pois as relações se dão muito por observação, ou seja, por pessoas que veem as publicações, mas não interagem, seja por falta de intimidade e receio pela receptividade da reação, ou, seja por que as postagens não aparecem para elas, uma vez que o algoritmo do Facebook vai modelando a *timeline* de cada usuário de acordo com as suas interações. Por outro lado, algumas pessoas não apreciam serem marcadas em postagens alheias, sentem-se violadas e utilizam os recursos de privacidade que impedem, a menos que ela aprove, que se gere um link de marcação utilizando o seu perfil. Este é o recurso de análise de publicações, um recurso personalizado pelo usuário.

- Sentimento/atividade

Este recurso de publicação serve para informar como vocês está se sentindo, por exemplo, ansioso, triste, feliz, louco etc.; e as publicações de sentimentos já disponíveis na plataforma acompanham um *smiley* que tenta representar a expressão facial deste sentimento. E se o sentimento que você procura expressar não estiver contemplado na lista, é possível adicioná-lo também acompanhando um *smiley* disponível, e, por fim, é possível completar a frase, justificando o sentimento com o que o usuário deseja expressar.

Este mesmo recurso semi pronto pode ser utilizado quando o usuário quer demonstrar que está fazendo uma determinada atividade, seja lendo um livro, assistindo um programa de televisão, correndo, cozinhando, comendo, viajando, apoiando uma causa, etc.; e também é possível personalizar a atividade, além disso, a publicação acompanha uma figura representativa da atividade nomeada.

Publicações como esta não são tão frequentes, mas em alguns momentos elas se repetem, por exemplo durante a Copa mundial de futebol masculino de 2018 em que várias pessoas ao mesmo tempo usaram o recurso para demonstrar que estavam assistindo o mesmo jogo, mais uma vez sendo um elemento que mostra interação e relações em rede.

- Figurinha

Listam a possibilidades de postar uma figura; geralmente o Facebook oferece algumas prontas e outras que cada usuário pode baixar, algumas delas são temáticas e tem referências de animações conhecidas como as tirinhas do *Snoop*, desenhos de animais, como gatos e cachorros com expressões humanizadas etc., mais uma vez representando sentimentos e afetos. Contudo, este recurso é mais utilizado como resposta a postagem de outro ou como forma de editar uma foto, acrescentando uma figura sobre a imagem.

- *Check-in*

Esse recurso dá a possibilidade de compartilhar um lugar onde o usuário esteja ou para onde esteja indo, quando ele o faz pode dizer o país, o Estado, a cidade, o bairro, a rua em que está e quando se trata de um local comercial, pode indicar este local e caso o estabelecimento esteja credenciado na plataforma, a publicação criará não só o mapa disponibilizando o endereço, como vai criar um *hiperlink* entre o perfil e a página comercial. Para estabelecimentos comerciais este tipo de publicação dá visibilidade, por conta disso, alguns deles disponibilizam internet local para a utilização da internet nos smartphones de clientes apenas quando eles fazem o *check-in* no Facebook. Por outro lado, compartilhar que os locais que você visita publicamente é uma maneira de complementar informações sobre o seu perfil com os outros, dizendo dos lugares que você aprecia visitar, sejam lojas, restaurantes, livrarias. Além disso, é

muito comum que as pessoas compartilhem quando estão em aeroportos e cidades turísticas, principalmente as grandes capitais, cobiçadas pelo alto turismo, seja no país ou fora dele, de maneira que isso gera um certo status de consumo e poder aquisitivo da pessoa que compartilha. Geralmente compartilhamentos de cidades muito desejadas pelo turismo como Rio de Janeiro, Fernando de Noronha, Nova Iorque, Paris etc., geram muitas reações e interações entre os usuários.

- Vídeo ao vivo

Como o próprio nome sugere este é um recurso utilizado para fazer vídeos ao vivo, ou seja, utilizando um dispositivo móvel com conexão a internet. Com o vídeo ao vivo, não é preciso terminar a filmagem para que seja postado, ele é transmitido enquanto está sendo gravado e permite à pessoa que está gravando saber quem está assistindo, e a quem está assistindo permite interagir com quem está gravando por meio dos comentários. Ao fim da transmissão ao vivo, é possível salvar o vídeo como uma publicação, o que fará que as mensagens enviadas ao vivo nos comentários permaneçam e dá a possibilidade de outras comentarem posteriormente. Esse recurso é pouco utilizado por requerer boa conexão e um dispositivo móvel, mas quando é usado, geralmente ocorre em situações em que as pessoas estão fazendo algo muito incomum e considerado legal culturalmente, como em um grande evento. Em outras plataformas, como Youtube e Instagram, esse recurso é mais utilizado e seu uso geralmente se dá por debates temáticos, como geralmente os usuários do Facebook também habitam essas outras plataformas, o mesmo não ocorre no Facebook.

- Gif

GIF é uma sigla de *Graphics Interchange Format* ou formato de intercâmbio de gráficos que foi lançado em 1987 pela CompuServe, para disponibilizar um formato de imagem com cores em substituição do formato RLE, que era apenas preto e branco. Um tipo particular de GIF bastante conhecido é o chamado GIF animado. Ele na verdade é composto de várias imagens do formato GIF, compactadas em um só arquivo<sup>68</sup>. Tem a característica de ser arquivo leve e por isso muito utilizado na internet. No Facebook o GIF é menos utilizado como publicação e mais usado em comentários de publicações, carregam um tom cômico e muitas vezes sarcástico, utilizam imagens de pessoas públicas famosas sejam por seu trabalho, como atrizes, jornalistas, cantores, ou seja, porque publicaram algo que tenha viralizado e virado meme, além de também estarem muito presentes figuras de desenhos animados. Para tanto, para

---

<sup>68</sup> Informação retirada do site Techtudo. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2012/04/o-que-e-gif.html>

escolher um GIF, deve-se digitar uma palavra que esteja ligada a reação que você busca, por exemplo, se quer mostrar uma resposta negativa, basta colocar a palavra "não" e o Facebook listará cerca de 15 Gifs animados de expressões de pessoas negando algo, ou mesmo da palavra em letras animadas, coloridas e em movimento. Por ter origem norte americana, muitas vezes para encontrar o GIF que deseja é melhor digitar a palavra em inglês. Os Gifs têm boa aceitação nas conversas, mesmo com tom de sarcasmo em algumas discussões acaloradas. Muitas vezes é uma forma de findar uma discussão.

- Pedir recomendações

É muito comum que pessoas peçam opinião de outras sobre algo que querem saber, encontrar. Geralmente são publicações que aparecem em grupos temáticos, como um grupo de um município, alguém posta onde pode encontrar um determinado produto, ou num grupo profissional perguntam qual o melhor produto para um determinado fim, assim, por conta dessa prática usual nos grupos de discussão o Facebook criou um modelo próprio para isso, logo junto a pergunta do usuário que questiona, aparece a frase de que ele busca recomendações facilitando a resposta de sua comunidade para a pergunta feita. Assim é possível fazer esta postagem num grupo ou no própria *timeline* de forma que apareça no *feed* de seus amigos.

- Marcar evento

Este é um recurso muito utilizado na plataforma e muito interessante, dificilmente ele aparece como publicação, a não ser que o usuário esteja respondendo ao convite de algum evento. Por meio desse recurso é possível articular com outros usuários eventos *on-line*, mas principalmente eventos *off-line*. Por meio dele é possível marcar eventos de variados tipos, como festas comerciais, shows, aniversários, reuniões, manifestações etc., ou seja, a temática depende de quem está elaborando o evento. Um perfil que criar o evento pode adicionar ajudantes que serão outros perfis livres para configurar o evento e convidar pessoas. Aliás, o convite de pessoas é algo que pode ser escolhido, se todos os convidados podem convidar, ou apenas os editores do evento que tem essa liberdade. Nele é possível colocar as informações de local, com mapa geolocalizado, horário de início e de término, imagem de capa, fotos e vídeos adicionais e é possível conversar com os convidados. Ao passo que cada convidado pode responder o convite positivamente ou negativamente, e ainda pode colocar que não sabe se vai, para o anfitrião aparece aqueles que já visualizaram o convite e a cada interação ele recebe uma notificação em seu perfil que pode ser desligada caso queira. Por meio desse recurso já foi possível articular manifestações com milhares de participantes no mundo. A melhor característica desta função sem duvida é a possibilidade de cruzar a via *on-line* para a *off-line*.

- Enquete

Enquete é um recurso popularmente utilizado em grupos temáticos para a organização ou conhecimento do mesmo. De modo que se faz uma pergunta e adiciona alternativas que poderão ser votadas com click por outros perfis. Além disso, as pessoas que não se sentirem contempladas com as alternativas disponíveis tem a possibilidade de incluir outras. Assim, comumente se utiliza para definir regras numa comunidade, para conhecer a referências dos membros e é pouco utilizada como publicação de perfil em *timeline* pessoal.

- *Watch party*

"*Watch party*" é uma expressão em inglês que poderia ser traduzida como festa de assistir. Esta ferramenta foi lançada em janeiro de 2018 e serve para adicionar um vídeo produzido pelo próprio usuário do perfil, ou mesmo para adicionar um vídeo postado por outra pessoa, seja gravado ou ao vivo, de forma que o usuário pode convidar alguns de seus amigos para assistirem ao mesmo tempo e interagirem sobre o vídeo, e pode fazer isso no seu próprio perfil ou em algum grupo, para tanto o vídeo deve estar em modo público. Até o momento nunca convidei ou fui convidada para participar dessa "festa"

- Lista

Esta ferramenta serve para criar listas sobre algum tema, de maneira que o usuário pode denominar um título e uma figura, e então criar uma lista personalizada, ou utilizar as sugestões da plataforma, como por exemplo "Coisas que me deixam louco", "Pequenas coisas que me fazem sorrir", "Meu histórico educacional", entre outros. Uma vez escolhido o título personalizado ou pronto, há que se escolher uma cor de fundo para a postagem e haverá espaços para adicionar o item da lista, em cada espaço é possível escrever uma frase ou marcar uma pessoa e página. Com isso, espera-se que o usuário expresse seus gostos e incentive outros usuários a publicar também.

- Responda a uma pergunta

Neste item há o incentivo a interação entre os usuários da rede de cada perfil, com ele se pode criar um pergunta sobre o cotidiano, tal como "Qual a sua comida favorita?", "Qual a estação do ano preferida?", além disso pode responder perguntas criadas por amigos da rede, assim como, é possível ver as respostas dos amigos e comentar. E se alguma pergunta não interessa é só pular para a próxima, o limite de perguntas está relacionado ao número que os amigos já criaram. Essa brincadeira, embora recente, tem um número considerável de participantes, em minha rede é predominantemente respondido e criado por perfis que se identificam como mulheres.

- Jogar com amigos

Ao optar por este item, o Facebook faz uma publicação de que o usuário procura amigos para jogar um determinado jogo, e dá uma lista de jogos possíveis de serem jogados entre os usuários. São de tipos variados, imagens, fases, mas todos são jogos simples, bem diferente dos jogos de vídeo game.

Percebo que alguns que estão no topo da lista, como "foto/vídeo", "marcar amigos" e "check-in" são os mais utilizados no meu meio de convivência. E todos eles de certa maneira conjugam o incentivo da plataforma à interação do usuário com sua rede. Além disso, alguns dos itens podem ser utilizados juntos, por exemplo é possível colocar um sentimento e uma foto, assim como uma atividade ou viagem e marcar amigos deixando as postagens mais singulares e complexas.

### 5.2.3 – Entrada no local

Então, em meio a todas essas possibilidades de expressões de si e seus recursos, no intuito de "decifrar" o uso da internet no cotidiano a partir de seu próprio contexto, buscando também elementos tecnológicos e uma maneira mais fidedigna de me expressar criei a página dedicada ao diário de campo dessa pesquisa.

Para tanto, utilizei o recurso de criar páginas que a própria plataforma oferece, criando um nome que pudesse ter uma ligação com o que eu buscava. Assim, Diário Crônico tinha a ver com o fato de tentar construir um diário de pesquisa e o crônico é pelo fato de que ele não teria que ter um fim em si e por que eu intentava me expressar por meio de crônicas, tentativa de expressar minha criatividade com a escrita, o que acabei não levando a diante por motivos que explicarei.

Quando se cria uma página no Facebook, o perfil criador tem a possibilidade de convidar sua lista de amigos para curtir a página e conseqüentemente acompanhar as postagens, curtindo, comentando ou compartilhando; e foi isso que fiz.

Apresentei-me na descrição da página com o texto "Inquietações do mundo contemporâneo, muitas vezes extremamente urbano, tecnológico e dinâmico, traduzidas em crônicas inéditas. Sejam todxs bem vindxs" que deixava claro que ali teriam a produção e compartilhamento de conteúdo relativo às TIC, o que ocorreu foi que apenas alguns poucos amigos da minha lista que na época (junho de 2016) tinha cerca de 800 pessoas, somando aproximadamente cem curtidas com baixo engajamento, mesmo assim eu continuei, pois acreditava que a reunião daquelas informações poderia me dar um retrato deste uso. Foi uma maneira que arquivar conteúdo importantes em momentos.

Ao perfil gerenciador de uma página é ofertado pela plataforma algumas ferramentas analíticas que provêm métricas interessantes para se conhecer e apreender o ambiente, bem como o engajamento quando à dinâmica da página. Além disso, essa não era a primeira página que eu gerenciava, então sabia que era necessário ter um fluxo de publicação para que houvesse mais engajamento, e como eu estava em busca de informações específicas, passei a acompanhar outras páginas sobre o tema, selecionando-as para ser notificadas de suas publicações e ver primeiro, assim me mantive atenta às discussões sobre elementos que já foram por outros considerados como importantes acerca deste meio *on-line*, e também selecionei outras que tinha a ver com a percepção que fui desenhando sobre a internet e sobre o Facebook. Além disso, eu também contei com dispositivos conectados durante todo o período de observação, fazendo acompanhamento diários desse processo. Por isso, vejamos os possíveis sentidos de compreensão que ele nos oferece. A partir do mapeamento da produção e posteriormente da análise dos dados produzidos.

#### 5.2.4 – Mapas descritivos

Recordando Zanini (2016) a construção de dados num ambiente *on-line* nos fornece um mapa descritivo do objeto analisado que tem pelo menos três características: Social, Temporal e Espacial, os quais foram dispostos na tabela abaixo:

Tabela 1 – Mapas descritivos do diário de campo no Facebook

<b>Mapas descritivos</b>		
<b>Social (características das pessoas que fazem parte do ambiente)</b>	<b>Espacial (características do ambiente)</b>	<b>Temporal (questões relacionadas ao tempo)</b>
Quantidade de perfis daquele ambiente: 144 curtidas e 146 seguidores em janeiro de 2019 Dos 144, 102 são de perfis identificados como mulheres e 42 de homens, ou seja, 71% de perfis que se apresentam como mulheres e 29% como homens. (mais	Formato de postagens da página: artigos de outras páginas do Facebook; vídeos; imagens e fotos; textos próprios e de outros perfis; páginas; eventos Formatos de interação: curtidas Característica do próprio de ambiente: Página	Rotinas de discussões: engajamento muito baixo, logo não é possível mensurar Rotina de postagens: indefinida, ocorreu de acordo com conteúdos que se relacionavam ao tema central da página, logo há meses com múltiplas postagens e meses com nenhuma postagem

<p>informações podem ser encontradas na imagem abaixo)</p> <p>Desse total, 130 perfis fazem parte rede de amigos do perfil pessoal</p>	<p>Descrição do ambiente: aberto, qualquer pessoa pode acessar, ler as publicações e publicar</p> <p>Delimitação do tamanho espacial: Página egocentrada, pois a comunidade é formada majoritariamente por rede de amigos do perfil administrador</p>	<p>Histórico: as postagens se iniciam em junho de 2016 e vão até novembro de 2018</p> <p>Tempo de vida: criação em junho de 2016, <i>on-line</i> até o momento – janeiro de 2019 – sem perspectiva de ser deletado nos próximos anos. Até agora possui 2 anos e 7 meses</p>
--	---	---

Podemos aperfeiçoar as informações dos mapas por meio da ferramenta de análise de páginas fornecida pelo Facebook, como na imagem a seguir:

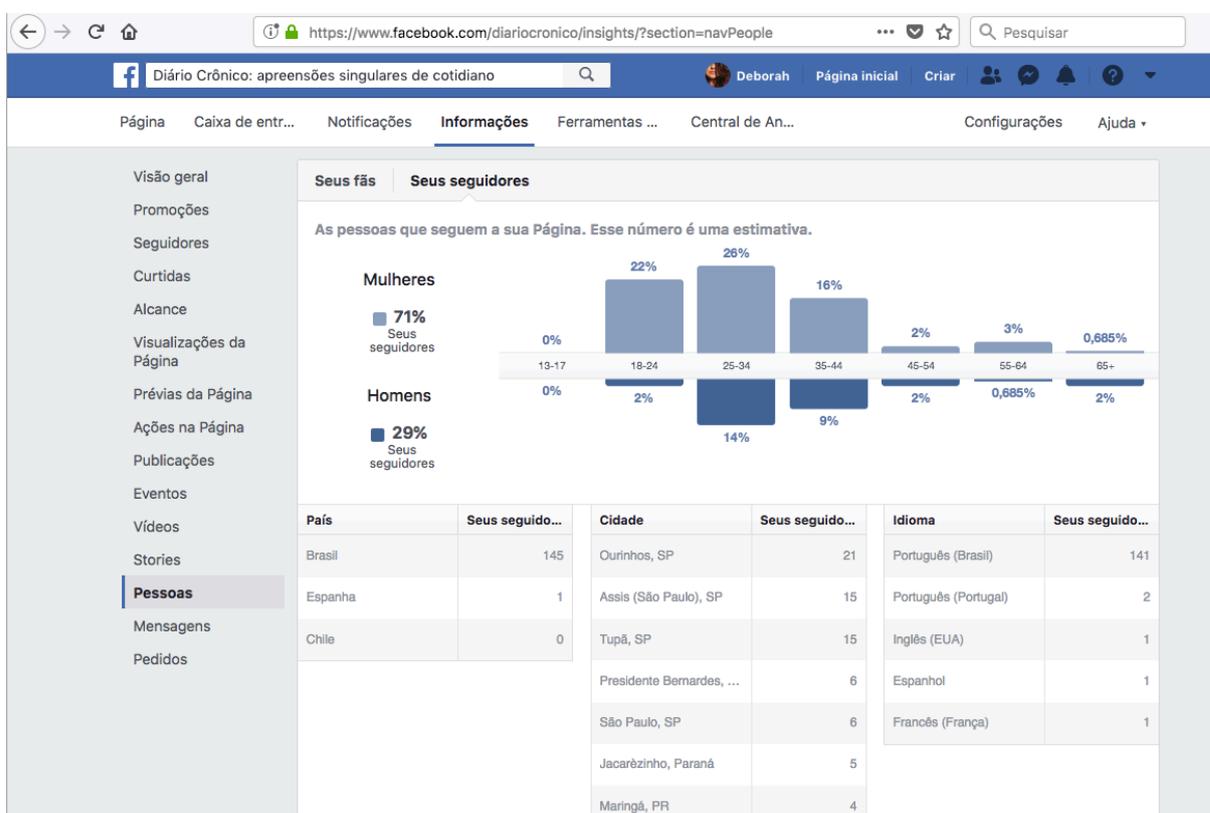


FIGURA 11: Tela da página "Diário crônico: apreensões singulares do cotidiano", na janela de informações sobre pessoas, acessado pelo computador

Fonte: Facebook

A partir das informações da imagem percebe-se que não há uma diferença de idade na predominância dos perfis que se identificam como homens e como mulheres, sendo que a maioria dos homens e das mulheres que curtiram a página possuem de 25 a 34 anos. Relembrando que a página manifesta a minha rede de amigos, ou seja, é autocentrada, não é difícil entender que as pessoas tenham esta idade em sua maioria, pois minha rede é repleta de pessoas que convivo no trabalho, ou seja, na docência em curso universitário de psicologia e que também são deste grupo de gênero e idade.

Ainda com relação ao mapa social, Zanini (2016) sugeriu que se aponte os temas mais discutidos no ambiente digital que se pesquisa. Contudo, como este ambiente é temático e aborda as TIC e seus usos cotidianos de maneira geral, deixarei esta discussão para o final do item a seguir em que apresentarei uma análise qualitativa dos conteúdos lá apresentados, percorrendo sobre o contexto em que surgiram e os motivos para terem sido replicados no diário, relacionando-os às discussões teóricas anteriormente apresentadas.

#### 5.2.5 – Análise de Dados do Diário de Campo *on-line*

Aqui será feita uma narrativa da experiência etnográfica de observação. Para tanto serão discutidas as postagens de junho de 2016 a junho de 2017, o período em que a observação foi sistematizada diariamente. Ficaram de fora, postagens que não estejam mais disponíveis, ou seja, cujo *link* expirou ou que não sejam relevantes para a discussão que se segue. Posteriormente será apresentada uma análise de dados em outro formato, a partir de uma divisão temática, como sugerido por Zanini (2016), referente ao período de julho a dezembro de 2017. Essa divisão será apresentada em formato de tabelas que reúnem temas relativos à internet 3E de Hine (2015).

Da primeira postagem no diário que data de junho de 2016 até novembro de 2018, a última postagem, somam-se 181 postagens. Recuperando o objetivo primeiro desta pesquisa e mais abrangente que era conhecer e compreender o uso da internet no cotidiano, ancorada ao conhecimento metodológico desenvolvido por Hine (2015) da Internet 3 Es e a autoetnografia e nos autores anteriormente apresentados, é possível discutir sobre os conteúdos abordados nas postagens. Por outro lado, também é possível entender o engajamento, ou no caso, a falta dele relativo ao diário.

É importante lembrar que numa etnografia para internet, o objeto de estudo e análise se constrói ao mesmo tempo em que ocorre, manifestando a implicação e as motivações de quem

pesquisa para uma determinada ação, bem como os objetivos também não estão *explícitos a priori*, mas foram se delineando ao longo do estudo, deixando assim, o pesquisador no eterno lugar do conhecimento aberto.

Um dos primeiros temas que levei para o diário tratava de um tema ligado ao que Hine (2015) definiu como internet incorporada, ou seja, que está presente na vida das pessoas, se renovando, trazendo soluções para ações cotidianas, ora deixando a vida "mais inteligente" por se dizer, ora trazendo novas demandas e problemas. Publicações desse tipo de conteúdo foram as mais fáceis de ser identificadas no processo de construção do diário e estiveram muito presentes durante o período de observação do Facebook. Pois algumas delas se ligam a uma ideia superficial e imediatista, de uma certa maneira até simplista de que a tecnologia pode ser a solução de problemas humanos complexos. Há que se entender mais a fundo suas criações e consequências.

Uma postagem que representa esse tipo de discussão foi a de um tema estranho e talvez por isso de ampla repercussão midiática que ocorreu durante o início segundo semestre de 2016 que foi a criação de um jogo *on-line* chamado de "Pokémon GO". Esta temática rendeu quatro postagens, duas que ocorreram no dia 05 de agosto de 2016 e duas no dia 06.

É importante saber que Pokémon GO<sup>69</sup> é um jogo digital que utiliza a tecnologia de realidade ampliada ou aumentada<sup>70</sup> e recurso de geolocalização para a participação. Baseado numa animação japonesa dos anos 2000, consiste em que o jogador tenha que capturar as criaturas chamadas Pokémons para tornar-se seu treinador. Para tanto, o jogador deveria utilizar seu aparelho de *smartphone* e procurar essas criaturas no espaço físico, nas ruas e estabelecimentos de cidades de todo mundo. Sendo que há também pontos de encontros de jogadores, chamado de ginásios. Comumente, os pontos de encontro ofereciam outros recursos para os jogadores, facilitando a captura, bem como situavam-se em lugares conhecidos, centralizados ou muitas vezes histórico de uma cidade.

---

<sup>69</sup> Pokémon GO é um jogo eletrônico free-to-play de realidade aumentada voltado para smartphones. O jogo é desenvolvido entre a Niantic, Inc., a Nintendo e a The Pokémon Company para as plataformas iOS e Android. O jogo foi inicialmente lançado em julho de 2016 para alguns países, eventualmente expandindo para o resto do mundo. Com o uso do sistema de posicionamento global (GPS) e a câmera de dispositivos compatíveis, o jogo permite aos jogadores capturar, batalhar, e treinar criaturas virtuais chamadas Pokémon, as quais aparecem nas telas de dispositivos como se fossem no mundo real. Um acessório opcional, o *Pokémon Go Plus*, alerta os usuários quando Pokémon estiverem nas proximidades. Fonte: Wikipedia. Disponível em [https://pt.wikipedia.org/wiki/Pok%C3%A9mon\\_GO](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pok%C3%A9mon_GO)

<sup>70</sup> A realidade aumentada diz respeito a interação entre ambientes virtuais e o mundo físico. Para tanto utiliza-se um dispositivo conectado à internet móvel e GPS.

O interessante é que a criação deste jogo que tinha uma característica de ser acessível às pessoas que já usavam um *smartphone* causou um grande frisson no lançamento do mesmo no Brasil. Assim que chegou ao Brasil virou notícia em inúmeros meios de comunicação e podia se ver em diversos ambientes pessoas jogando, pois elas caminhavam olhando para seus aparelhos, seja nas, nas escolas, em lojas, restaurantes. No meu trabalho, na faculdade, por exemplo, havia inúmeros alunos pelos corredores dos blocos de salas de aula, trombando uns nos outros em busca desses “monstrinhos”. A animação em torno do jogo tecnológico trouxe questionamentos diferentes e interessantes sobre o uso das tecnologias de forma massiva por meio do celular que é um aparelho individual.

Nesse sentido, no diário *on-line*, a primeira postagem refere-se a um artigo jornalístico publicado no dia três de agosto pela página do Facebook BBC e trazia o título “*Como Pokemon Go transformou a vida de um autista que não conseguia sair de casa*”. Nesta reportagem afirmava-se que o jogo era capaz de quebrar barreiras sociais de pacientes autistas por sua característica de misturar realidade e ambiente virtual, ao mencionar a história de um adolescente britânico de nome Adam, de dezessete anos, que havia passado os últimos cinco anos em casa jogando videogame e que não tolerava permanecer na rua, pois sentia-se mal. De modo que o jogo havia incentivado o garoto a sair para “caçar” pokémons, ajudando-o a interagir e reforçando os laços familiares. Não houve reações dos usuários do Facebook para a postagem no diário *on-line*.

A segunda postagem trata-se de uma imagem publicada pela página intitulada “Não entendo direito”, com a legenda: “Proibido caçar pokémon no fórum! Grato”. Tal imagem é uma foto de uma parede vidro com um recado em papel com a frase: Proibida a captura na sala de audiência e um símbolo de proibição por cima do logo do jogo Pokémon GO. Essa postagem teve uma reação de “haha” por uma seguidora do diário *on-line*.

Já a terceira postagem, também sem reações no diário, foi originalmente publicada pela página “Buzzfeed.com” com o título “Estes são os dados que Pokémon Go está coletando dos celulares”. Nela são exploradas informações sobre a lucratividade da popularidade do jogo em que se desenvolve como um exemplo do futuro e outros jogos. Também afirma que as empresas detentoras do jogo estão colhendo informações sobre seus jogadores a partir dos movimentos que cada treinador faz, por conta do GPS, além de tempo gasto em cada espaço, quem mais estava junto, seu endereço etc. Sendo que tais informações estão de acordo com a política de privacidade do jogo e podem ser compartilhadas em outros países. Levando em consideração essa capacidade cumulativa de dados de usuários, passou a ser alvo de *hackers*.

E a quarta publicação, originalmente feita pela página "Catraca Livre" traz a informação de que um Hospital nos EUA estava utilizando o jogo para tirar as crianças dos leitos e favorecer a interação com outras. Lá se afirma que esta é uma forma divertida de incentivar a mobilidade dos pacientes. A postagem também não tem reações no diário *on-line*. Poucos dias depois, uma quinta publicação também feita pela Página Catraca Livre trazia o questionamento de que o jogo geolocalizado trazia uma distinção do que era ofertado em bairros periféricos de uma cidade, demarcando a desigualdade do acesso.

O que pude perceber nesse fenômeno é o quanto o novo e desconhecido seduzem o público quando se trata de tecnologia. Pois o que se desenvolve sobre este signo parece receber popularmente quase um *status* milagroso, e quando algo tem esse potencial, seria como a capacidade de transformação aparentemente "mágica", a solução de problemas com facilidade, pois é resultado de um processo "inteligente". Esse público se estende desde pessoas com as quais convivo localmente, no trabalho, e que utilizam internet na vida cotidiana até outros muito distantes do Brasil, como mostraram a primeira reportagem da Inglaterra e a quarta dos EUA. Num misto de diversão e preocupação se concretiza fenômenos complexos como este, enquanto ferramenta útil para a melhoria de vida de crianças e adolescentes que favorece a interação, principalmente daqueles que, sejam por questões individuais e/ou institucionais, não se relacionam com facilidade; mas que está intimamente relacionado ao mercado comercial contemporâneo de venda de dados de usuários das TIC, potenciais consumidores acima de qualquer coisa, em busca de lucro a partir de necessidades humanas e revendendo para gerar mais lucro. Ademais, o recado do ambiente institucional do Fórum, entendido na publicação como chacota, denota que, antes de qualquer coisa, a internet está incorporada ao dia a dia coletivo e invade espaços sem ser anunciada, levando as pessoas a pensarem empiricamente, ou seja, a partir da própria vivência, perpassa vivência de grupos diferentes, sejam estudiosos das tecnologias, sejam usuários ou não, corporificando-se aos humanos. Aglutina-se à cultura de alguns povos enraizando-se, distribuindo-se por redes, numa velocidade outrora desconhecida pelo humano, a qual tem um teor facilitador de sua naturalização que a torna invisível em si, enquanto internet, passando a ser apenas o jogo.

É notável que interagir tem um papel central na cultura das redes. Em 10 de agosto de 2016, compartilhei um vídeo publicado originalmente pela página "PlayGround BR" que trazia o título "Geração Y: Sexualmente inativa" que tinha como intuito problematizar a questão da interação via tecnologia sugerindo que ela poderia estar substituindo as interações face a face. No respectivo vídeo transmitiu-se a mensagem de que a Geração Y – também conhecida como *millenials*, ou seja, os nascidos nos anos precedentes e subsequentes à virada do século XX para

o XXI e que hoje estariam na faixa dos 20 anos – praticam menos sexo que a geração de seus pais, a partir de uma pesquisa realizada com norte-americanos que mostrou que 15% dos jovens entre 20 e 24 anos não tiveram nenhum parceiro/a sexual desde os 18 anos, mas que entre os nascidos nos anos 1960 e 1970 este número seria de 6%; e ainda afirmava que o motivo para tal mudança era o mesmo pelo qual eram também chamados de promíscuos, o motivo? A internet. Ela faz com que os jovens atuais interajam mais *on-line* e consumam mais lazer individualmente, assim como são mais conscientes dos riscos sexuais e que frequentemente desconfiam das relações românticas, finalizando que se derruba o mito da geração Tinder<sup>71</sup>, pois nem sempre os hábitos tecnológicos podem definir a realidade.

Nesse caso podemos ver uma problematização da internet corporificada (Hine, 2015) aquela que vai enraizando nas experiências dos humanos. É interessante perceber que há neste vídeo uma certa mensagem como resposta à crítica do uso da internet, com uma diferente crítica, ou seja, de que os jovens não são promíscuos, mas que mal se relacionam. Acho curiosa a comparação entre os grupos etários escolhido em si, pois aborda que os *Milenials* têm mais conhecimento sobre os riscos da vida ativa sexual, entendendo que se referem às doenças físicas contagiosas, também como uma resposta à geração 1960-1970 que viveu a liberdade sexual. Contudo, ao afirmarem que é uma geração menos ativa sexualmente, afirmam que a sexualidade se resume ao ato sexual e negam que a internet suporta outras formas de interação que atualmente se adequam à vivência da sexualidade, e não que extingue essa vivência, mas adapta-a a uma vida voltada para o individualismo, denotando mais uma vez a dificuldade em compreender o fenômeno da tecnologia aplicada às relações cotidianas. E embora o vídeo traga uma pesquisa, a mesma não tem referências e aborda um público diferente do brasileiro, mas é apresentada em português como uma questão própria dos jovens dessa nação, assim como a própria definição de Geração *y* desenvolvida em outros contextos. Logo, o que se percebe também é que a internet populariza informações apresentadas como um retrato da realidade, mas forjadas para que assim se pareça e de repente, as pessoas criticam usos que nem ao menos fazem, com informações jogadas e afirmações confusas.

Não há como saber o que levou a página a compartilhar o vídeo, mas sabe-se que o engajamento nas redes sociais, como o Facebook, são valorizados, pois uma vez que um ambiente, perfil ou página consegue muito seguidores e interações, mais chances de transformar a popularidade *on-line* em mercado lucrativo, e ainda que no diário *on-line* esta postagem não tenha tido engajamento, a página original teve muitos, dando espaço para que as pessoas

---

<sup>71</sup> Tinder é um aplicativo para smartphone que tem o intuito de promover relacionamentos amorosos

repetam essas ideias propagadas no vídeo, trazendo a elas explicações do que a internet pode proporcionar e ao mesmo tempo tornando-a branda, afinal a culpa é dela, internet e não o resultado das ações dos humanos em suas próprias vidas, sem um olhar crítico político – mercadológico.

Já na linha da internet cotidiana (Hine, 2015), a página da "bbc.com" publicou uma matéria com o título "Eles pararam de reclamar e estão usando o celular para melhorar a política", em que numa mistura de narrar a vida de dois profissionais como uma vida comum, apresentam-nos como grandes empreendedores sociais, que, ao perceberem a instabilidade política do contexto (a matéria foi publicada em julho de 2016, pré-impeachment da presidenta Dilma Rousseff) entenderam que era preciso melhorar o serviço de saúde criando uma empresa que desenvolve um aplicativo no qual as pessoas possam monitorar os sintomas de mal estar, como febre e dor, dando indicativos de epidemia antes dos serviços públicos de saúde. Uma experiência feita durante a copa mundial de futebol, ocorrida em 2014, no Brasil, mostrou eficiência nos resultados e a empresa aliou-se com outras norteamericanas e todas faturam alto.

A visão de que a tecnologia pode ser melhor que um sistema público e gratuito de saúde, por ser desenvolvido por humanos triviais é menos ingênua do que parece. Afinal criar dados de saúde/doença e possíveis epidemias, vendidos a empresas internacionais só pode ter interesse de mercado envolvido. Sabe-se que a indústria farmacêutica é uma das mais lucrativas do mundo e por isso, uma narrativa que se ancora no potencial tecnológico com sentidos de eficiência, rapidez e sofisticação faz perder o teor crítico expresso ainda no título de que se tratava de soluções políticas.

Tal visão que supervaloriza as tecnologias se repete inúmeras vezes. Mais uma vez a internet incorporada ganha destaque nas publicações do diário, ainda em 6 setembro de 2016 a página da "CBN" publica uma entrevista de áudio em que um de seus repórteres afirma que a humanidade estaria entrando na quarta revolução industrial, que se caracterizaria, segundo eles, por uma tecnologia de ponta, com inteligência artificial, a internet das coisas, a computação cognitiva, além dos avanços da realidade virtual que promovem a fusão entre o mundo físico, virtual e biológico. Tais mudanças não seriam apenas teóricas, mas teriam base na própria realidade humana surpreendendo o mercado e o consumo. Seria a era das tecnologias exponenciais.

Enquanto isso, na mesma semana, as redes estavam repletas de publicações sobre política, o recente impedimento de Dilma ecoava manifestações contemporâneas, ou seja, que se desenvolviam tanto na rua quanto em ambiente digital. Por conta disso, campanhas utilizando # (*hashtags*), que podem gerar *links* entre as postagens numa mesma plataforma, brotavam nas

redes, para juntar aqueles que eram contra ou a favor ao impedimento. As principais eram #foradilma e #foratemer. De acordo com uma pesquisa de monitoramento de redes publicada pelo site alternativo de notícias "Os divergentes" e posteriormente divulgado pelo perfil do Facebook "Dilma Bolada" afirmava que o novo governo deveria temer novas manifestações como as de 2013, pois por meio do monitoramento chegava-se à informação de que pelo menos 400 páginas de Facebook teriam sido criadas por 96 mil pessoas, que passaram a se constituir em núcleo duro da organização dos atos de rua, sem líderes e sem entidades sindicais. Esta publicação obteve três curtidas no diário *on-line*.

De maneiras diferentes, duas postagens, uma de uma rede consagrada na grande mídia e outra de uma pequena, fruto de um movimento midiático da *web 2.0*, ambas de 6 de setembro de 2016 mostram que o ser humano atribui poder às redes, esquecendo-se que é ele mesmo, quem cria e faz com que elas funcionem, assim, depositando nas TIC, na internet, nas redes um poder autônomo que não existe.

Uma das explicações para esse distanciamento do humano com a responsabilização do que se produz nas redes, pode ter sido abordada na publicação de um vídeo do Youtube e postado no Facebook pela produtora de conteúdo do canal e página "Alexandrismos" em 12 de setembro de 2016.

Alexandrismos é desenvolvido pela jornalista Alexandra Gurgel, militante de causas feministas, gênero e gordofobia. No vídeo intitulado "Por que todo mundo é feliz nas redes sociais e eu não?" ela questiona, de uma maneira muito pessoal, por que é preciso demonstrar nas redes sociais que se está feliz, e por que as postagens e fotos devem ser planejadas. Na opinião dela as pessoas se preocupam muito com a imagem que criam de si mesmas, a qual deve atender os preceitos de não ser muito egocêntrica, mas equilibrada e que conhece as nuances tecnológicas da plataforma em uso. E como uma pessoa bem-sucedida, deve sempre ter momentos de lazer que devem ser compartilhados. Para ela é óbvio que se a pessoa está se expondo nas redes não vai falar do pior que está ocorrendo na vida, mas questiona por que é necessário até fingir estar bem em troca de uma imagem de felicidade. Esse contexto de compartilhamentos de felicidade a todo momento gera desgosto e mal-estar para outras pessoas por não estar feliz como se prega. Para ela não importa que a vida já esteja cheia de notícias ruins ou perturbadoras, falsear uma felicidade não leva a nada, apenas faz com que outras pessoas se sintam mal. Portanto, ela entende que as pessoas precisam aceitar os altos e baixos da vida, embora qualquer um possa postar o que quiser. É importante refletir que a vida está muito além das redes sociais.

Esse vídeo retrata outra faceta da rede, aquela em que as pessoas utilizam para expor e criar uma imagem de si mesmas, que poderia estar relacionada à internet corporificada de Hine (2015). Muito mais preocupadas com uma bela imagem do que com revoluções que tecnologia possa trazer em si, ou ainda com a política. Tudo isso ocorre ao mesmo tempo. E a preocupação com a própria construção do perfil que se constrói nas redes ainda aliena o sujeito do que ele mesmo produz e alimenta com a tecnologia, ainda que ele passe a ser o cerne da discussão relacionado ao uso das redes. Não há uma preocupação em discutir e entender a relação ativa entre sujeito e rede, da maneira como um transforma e alimenta a transformação do outro. Logo a saída, se não milagrosamente na tecnologia, está no rompimento com ela, que embora tenha sim um valor importante, sabemos, não ocorrerá. Pelo menos não como um movimento de massa, mas como atitude individual de equilíbrio e cuidado com a saúde mental. Contudo, esses não são problemas que simplesmente podem ser descartados. De fato, é nesse mote que o contexto se complica ainda mais.

Ainda em setembro, as três subseqüentes publicações abordaram questões importantes sobre essa experiência pessoal do uso de redes sociais. Assim, também em 12 de setembro houve a postagem anteriormente feita pela página "Engadget.com" que apresentou uma reportagem em inglês com o título "Bad experiences on Facebook have real-world consequences" que em tradução livre poderia ser entendida como Experiências ruins no Facebook têm consequências no mundo real. A reportagem menciona uma pesquisa desenvolvida na Universidade *Brown* em que pesquisadores relacionaram o uso do Facebook com a depressão. Para tanto, estudaram 264 pessoas que reportaram terem uma experiência ruim com o Facebook e constataram que as pessoas que relataram essa experiência teriam mais riscos de sofrerem os sintomas de depressão. Por isso, afirmam que as pessoas não devem dar descrédito a outras quando abordam problemas "só porque vieram do Facebook", mas que se uma pessoa está tendo uma experiência ruim com as redes, deve sim, desligar-se dela, pois situações como agressões *on-line* são problemas sérios dessa experiência. Contudo, também afirmaram que este grupo de pesquisadores estuda a depressão desde 2002, antes mesmo do Facebook ser criado, deixando a pergunta, o que veio primeiro, a depressão ou os Facebook?

Na sequência houve a publicação da página "Estadão", replicada no diário em 15 de setembro de 2016 que trouxe uma entrevista com um psicólogo do Hospital das Clínicas (HC) em São Paulo/SP, que também é coordenador do Grupo de Dependências Tecnológicas do instituto de psiquiatria do HC. Na matéria ele afirmou: "Estamos criando uma geração de alienados". Para o psicólogo o uso do celular pode causar uma dependência tecnológica, podendo ser a tecnologia o novo vício do século XXI que estaria ligada ao uso patológico da

internet e do celular, pois os efeitos são semelhantes aos de dependência de álcool e outras drogas. Por conta disso, ele acredita que o acesso deve ser restrito às crianças pequenas, uma vez que considera que o cérebro de uma criança, ainda em desenvolvimento, não controla bem os impulsos, não sabendo como utilizar a tecnologia de maneira sadia e recomenda que nenhuma criança tenha acesso antes de três anos. As consequências do uso intenso é criar um padrão cognitivo de uso que se perde concentração e atenção, comprometendo a lógica e o raciocínio. Por isso, seria necessário entender que a tecnologia está a serviço do humano e não o contrário.

Noutro ponto, mas também suscitando a relação de vida dos humanos com a tecnologia há a postagem de 16 de setembro de 2016, originalmente difundida pela página "Casal Sem Vergonha" e que traz o *link* de uma reportagem publicada pelo *blog* *hypes.com.br*, que aborda o movimento de reconhecimento do que é um relacionamento abusivo a partir de uma campanha *on-line* *#relacionamentoabusivoquando*. A reportagem reuniu inúmeras postagens de mulheres acerca de homens e que completam a *#* com algo que vivenciou, denunciando as violências psicológicas e físicas envolvendo um relacionamento desigual.

E por que trazer essas postagens? Elas relatam um pouco do dia a dia de questões afetivas na tecnologia, ou seja, nas redes, ou perpassada por elas. São preocupações genuínas que ganham debate por fazerem parte da realidade dos usuários. Sentir-se mal no uso das redes, fomentar uma depressão ou um comportamento viciante, bem como entender e violências antes tapeadas pela mesma cultura compartilhada são facetas deste cotidiano múltiplo e de sentidos amplos e diversos. Não são verdades absolutas, mas retratam que a internet encontra-se tão corporificada aos sujeitos que falar de depressão e de felicidade é também falar de postagens, fotos, curtidas e do universo das redes, assim como, falar de desenvolvimento infantil é falar de como se deve ser o uso das tecnologias por crianças e que para isso acionamos nossos especialistas, e até criamos núcleos de estudos especializados no assunto, ao mesmo tempo é falar de transformações notáveis de ideias não questionadas, é dizer que as redes constituem espaço de troca e problematização da vida, principalmente para algumas que não tinham espaço para falar.

Ainda no intuito de escrever algo pessoal no diário e na tentativa de expressar essa pluralidade de sentidos que notava naquele momento, negando a contínua expressão maniqueísta do que as tecnologias representam no mundo e que se sucedem entre as seguintes publicações de 2016. Esse mundo do qual estamos inteiramente ligados, por isso em 20 de outubro de 2016 escrevi:

*Somos como árvores...*

*Parecemos únicas, completamente diferente de tudo que há em volta, e apenas parecidas com outras árvores.*

*Porém, nossas folhas, flores e frutos crescem em diferentes direções, ocupam os ambientes que habitamos, muitas vezes já "desligadas" de nós.*

*Nossas raízes, aparentemente pertencentes a nós de maneira exclusiva, na verdade estão espalhadas pelo mundo captando e devolvendo a nós tudo que deixamos no mundo...*

*Somos singulares!*

*Com isso, quando negamos nossos enraizamentos múltiplos, morremos...*

O ano é 2017 e a saga do bosque da tecnologia com as observações do Facebook continuam de forma intensa e janeiro trouxe sete postagens que dão continuidade àquelas que já nos referimos. Assim há informação do surgimento de novos recursos materiais que podem ser acoplados aos celulares para gerar imagens projetadas que servem para brincar com crianças nas famílias ou nas escolas, tanto com a criação de história, tendo personagens projetados, ou com jogos de bola em que o objetivo é acertar a imagem projetada, além de um recurso criado pela china para clarear os dentes com a pulsão de uma luz que pode ser ativada pelo recurso acoplado ao celular.

Ao mesmo tempo, Estados diferentes demonstram preocupações e enfrentamentos quanto a conexão de internet, houve a notícia de Trump, que concorreria às eleições presidenciais dos EUA, afirmou que a internet deixa as coisas mais difíceis e que se eleito iria "acabar com essa internet" (sic). Informações de que na república socialista de Cuba, a internet foi definida por um *blog* especializado em tecnologia<sup>72</sup> como "*uma das piores conexões do mundo*", sendo seu uso proibido nas casas e o serviço controlado por empresa estatal que disponibiliza pontos de *wi-fi* com preço alto para os cubanos. E no Brasil se anuncia que as empresas operadoras de internet estão proibidas de cortar franquias, ou diminuir a velocidade quando de quem ultrapassa o limite do valor comprado.

Houve também a divulgação de uma experiência feita no site de busca Google em que ao se digitar a frase "pai e filho", e depois a frase "pai e filha" denunciava que as mulheres eram vítimas de seus pais por abusos sexual e violência doméstica e que isso era tão cotidiano que havia inúmeras reportagens disponíveis já na primeira página do buscador, enquanto que a busca com a palavra filho, no masculino, trazia informações de parceria. Essa experiência viralizou nas redes com o convite que dizia para digitar as respectivas frases e ver o que ocorria.

---

<sup>72</sup> Olhar Digital

Em dois de fevereiro se comemora o dia da internet segura, neste dia as redes traziam algumas informações e reportagens sobre a própria internet, ora de publicações de si, ora sobre política, sobre gênero, piadas, imagens de animais bonitinhos, reportagens condenando a internet e outras a glorificando. Logo após, no dia sete de fevereiro, resolvi fazer um experimento: gravar um vídeo falando sobre a internet e postá-lo no diário. Assim o fiz, utilizei o Youtube para postar o vídeo e por meio de *link* publiquei no diário. Nele fazia algumas reflexões de como não sabemos muito bem o que a tecnologia representa em nossa vida e que por isso não seria prudente assumir um lugar radical acerca dela, uma vez que ela já estava ali presente no cotidiano. Meu intuito era entender se as pessoas ao verem um vídeo meu, já que minha rede no diário era egocentrada, se elas reagiram, mas o silêncio permaneceu. Parecia que eu não era a pessoa indicada para falar disso ali. Assim segui com as (re)postagens e a observação da rede.

O *blog* "Esse mundo digital" aparece no diário em fevereiro com uma reportagem de que se as redes estão a fazer mal, que se faça um "detox" delas que indicava sete dias sem redes sociais para melhorar a saúde, retratando uma pesquisa que relaciona o uso das mídias sociais com a depressão e dá algumas sugestões para o "bom" uso. Citando um pesquisador dinamarquês chamado Morten Tromholt com uma publicação na revista "Cyberpsychology", sugere que usuários de uso intensivo devem tentar diminuir o uso, e que se há o sentimento de inveja no uso do Facebook, que se evite navegar nas seções (ou os amigos específicos) que causam esse sentimento. E se o uso é passivo, que se tente participar um pouco mais. E que se o bom uso não for possível, para que se evada do Facebook definitivamente.

Também em fevereiro são retratadas no diário uma iniciativa de Youtuber masculino falando da paternidade ativa e compartilhando dicas direcionada a outros homens, postagem essa que teve cinco curtidas no diário. E outra postagem em que se abordou o problema do compartilhamento de imagens de acidentes de trânsito, principalmente os com vítimas fatais, caracterizando a velocidade da informação na rede, que pode chegar primeiro às famílias causando desconforto e pânico. Além disso, dois outros pontos muito importantes que surgiram no diário nesse mês foram o ódio nas redes e o uso das redes pelo governo.

O ódio nas redes é uma temática dramática, na contramão no contexto das resoluções milagrosas da tecnologia, expõe uma certa perversidade humana capaz de crescer muito nas relações permeadas por telas, por conta disso, o tema apareceu em duas postagens, a primeira em 14 de fevereiro de 2016 com uma imagem de uma postagem de um usuário do Facebook, amplamente divulgada pela página "Quebrando o Tabu" no dia anterior que satirizava as redes, comparando-as ao contexto bíblico onde se afirmava: "Jesus chegou na multidão que ia

apedrejar Maria Madalena e disse: mas tu também não era nenhuma santa. Esperava o que andando nesses lugares? Se não quisesse ser apedrejada não estaria se prostituindo. Eu ia me incomodar se isso acontecesse com um Judeu de Bem. Então Jesus pegou uma pedra e atirou antes da multidão, que o seguiu. Bíblia, Sec XXI. Epístola das redes sociais".

Na postagem compartilhada se denota exatamente o contrário da bíblia que tinha o intuito de pregar a tolerância e o amor ao próximo, enquanto aqui mostrava o contexto da violência contra a mulher que sofre uma violência passa a ser questionada quanto à sua índole, após ser violentada pela segunda vez, ao invés de se questionar a violência primeira em si. Este comportamento de intolerância não é novidade no contexto brasileiro, mas da mesma maneira como a discussão acerca da violência ia ganhando espaço de discussão nas redes, sua reação, mais uma vez violenta, também.

Da mesma maneira, noutra postagem, também da página "Quebrando o Tabu", trazia um vídeo em que o ator norteamericano conhecido por protagonizar personagens galãs em filmes, e homens "mulherengos" em algumas séries de sucesso mundial, tais como *That 70's Show* e *Two and a Half Man*, em que ele conta que uma vez estava na internet falando sobre política e que recebeu comentários ofensivos falando para ele "ficar no trabalho dele". Então ele resolve falar o que realmente é seu trabalho e diz que é presidente e cofundador de uma ong chamada Thorn<sup>73</sup> que produz softwares para lutar contra o tráfico humano e o abuso sexual de crianças e que além disso seu trabalho também é ser pai de duas crianças para que elas tenham a opção de buscar a felicidade ao fomentar que a sociedade e o governo também busquem. Conta que esteve em missões do FBI<sup>74</sup> e que viu coisas que nenhuma pessoa deveria ver, como vídeo de uma criança que havia sido sequestrada e levada para outro país para servir de escrava sexual, mas que a criança estava tão mergulhada no seu ambiente que pensava que era uma brincadeira, assim como diz que sua equipe foi contatada por que descobriram uma criança de sete anos que sofria abuso por cerca de três anos e que vídeos dessa violência estavam espalhados pela *deep web*<sup>75</sup> e não encontravam o culpado.

O ódio e a violência nas redes são temas que merecem atenção de todos, para se buscar compreender qual é este novo tipo de violência, por que, como ocorre e se propaga, pois, são ações danosas aos seres humanos.

---

<sup>73</sup> <https://www.thorn.org/>

<sup>74</sup> O Federal Bureau of Investigation ou Departamento Federal de Investigação é uma unidade de polícia do Departamento de Justiça dos Estados Unidos

<sup>75</sup> *Deep Web*, parte da internet que exige métodos específicos para ser acessada e que é capaz de proporcionar certo grau de anonimato para os usuários. Não deve ser confundida com *Surface Web* que é a internet popular

Iniciamos março de 2017 com o lançamento de um aplicativo que permite tirar *selfie* com pessoas que já morreram. Trata-se de um aplicativo desenvolvido na Coreia do Sul que permite falar e até fotografar com pessoas falecidas. Para tanto, o aplicativo precisa escanear em três dimensões as pessoas enquanto vivas e depois cria o avatar<sup>76</sup> da pessoa para a interação. Tudo isso é possível por meio de inteligência artificial que pensa e responde como uma pessoa. E a criadora do aplicativo conta que o que a motivou para essa criação foi a morte da avó. Embora, muito inovador, o aplicativo ainda não se popularizou, pois precisa que o dispositivo utilizado para reproduzir o avatar, em especial o *smartphone*, deve ter tecnologia de escaneamento em três dimensões.

As novidades em tecnologia não param e suas criações carregam valores socialmente compartilhados. Nesse caso, aparentemente o aplicativo parece trazer a tentativa de abrandar a dor da perda de alguém, mas principalmente carrega o desejo da imortalidade e de burlar a natureza humana que culmina na morte inevitavelmente.

Enquanto isso os problemas políticos no Brasil se agravavam. Informações sobre corrupções em Brasília corroíam os cidadãos que encontraram uma maneira de manifestação coletiva simples, mas bem singular frente à desaprovação do governo Temer, que consistia em comentar com um *smiley* vomitando nas postagens das páginas oficiais do governo federal, sempre que se postava alguma publicação referente ao governo negado.

Assim, em 9 de abril a página "Diário Centro do Mundo" publicou uma matéria que conta que o "Plantalto destaca profissional para apagar emoji de vômito nas redes; cada post tem em média 3 mil comentários negativos". Na matéria também se falou que o Facebook foi procurado para resolver este "problema", mas que nada pôde ser feito. É interessante perceber como um sentimento que havia de menosprezo do que ocorria nas redes, aos poucos foi mudando até chegar na situação apresentada de que para o governo a aprovação nas redes gera tamanha importância capaz de designar um funcionário especialmente para lidar com a manifestação negativa dos cidadãos nas redes.

As críticas sobre o uso das redes também se aprimoram. Em maio houveram algumas publicações acerca do uso das redes sociais. Começamos com um vídeo tipo animação muda, como um som de piano ao fundo e em preto e branco, compartilhado originalmente pela página "Cura Natural". A animação feita por Steve Cutts tem cerca de dois minutos e meio e mostra de maneira caricata uma criança abandonada nas ruas e que é invisibilizada, pois todas as

---

<sup>76</sup> Uma figura gráfica de complexidade variada que implica numa identidade virtual.

peessoas estão olhando para seus celulares em todos os momentos, embora pareçam apáticas, nas redes disferem reações de todos os tipos, mostram mulheres na busca pela imagem perfeita para ser postada, mostram as pessoas gravando uma violência, mas não fazendo nada para impedi-la, mostram todos a mesa jantando e olhando seus celulares sem se falarem, incluindo um bebê, mostram violência contra a mulher em transporte público, mais uma vez sem colaboração de ninguém, mostra também as pessoas que estão tristes, mas nas redes utilizam recursos visuais para parecerem felizes, mostram as pessoas num restaurante sem comer, mas fotografando seus pratos, mostra o descaso com animais, mostra as pessoas escolhendo parceiros amorosos num menu e por fim, mostra a criança tentando mobilizar as pessoas, tirá-las de seus celulares, mas sem sucesso, multidões seguem imóveis captando e explorando a dor alheia sem reagir. A criança chora e a multidão cai num precipício. É o retrato da emergência do individualismo como cultura dominante na rede que falava Castells (2005).

De carona com essa crítica massiva aos comportamentos humanos contemporâneos permeado pelo uso constante de telefones móveis conectados, no dia seguinte, 10 de maio de 2017, uma publicação, com duas curtidas no diário *on-line*, traz o tema: “O que a internet se tornou é tudo, menos um território livre”. Publicado originalmente na página de notícias Vice, trata-se de uma entrevista com a mexicana Liliana Zaragoza Cano que discute sobre como agir de modo crítico em uma sociedade vigiada. Assim, em torno ao contexto nas redes de denúncias de violências contra a mulher, Lili, como é chamada, aposta no momento para fortalecer a resistência, desenvolvendo estratégias. Intitulada como hackfeminista<sup>77</sup>, Lili estava no Brasil para um evento sobre criptografia e privacidade em São Paulo, a *Cryptorave*, e argumentou que as tecnologias são apenas meios para operar as estratégias, pois os elementos fundamentais são a preservação da memória e dos afetos. Para tanto, desenvolveu um projeto de nome “Mirada Sostenida”<sup>78</sup> que tem como função dialogar com vítimas de tortura sexual cometida por agentes mexicanos do governo.

Para Lili é óbvio que pensar em segurança individual no uso das redes é importante, mas não é suficiente se o entorno de cada pessoa também não o fizer, e não se trata apenas de familiares e amigos, mas todo o grupo heterogêneo. Para tanto, é preciso ampliar a ideia de tecnologia. Para ela, tecnologia é uma forma de resolver problemas de forma criativa e o que resulta desse processo, por isso, a partir dessa visão, os afetos constituem uma eficiente tecnologia. E mesmo que haja dispositivos capazes de facilitar alguns aspectos da vida cotidiana

---

<sup>77</sup> Criações em prol da segurança digital, diferencia-se de cyberfeminismo por que este último tem a ver mais com performances de ativistas feministas para sobreviver na internet.

<sup>78</sup> <https://miradasostenida.net/>

e importante refletir sobre seu uso, os afetos ali gerados, e entender que a internet é um território geopolítico em disputa e terrivelmente violento, o que não é diferente do que ocorre fora dela. Portanto, tal como Lévy (1996) negava a oposição virtual e real, Lili afirma que é importante habitar a internet sem dicotomizar o real e o não real, o físico e o não físico, pois ainda que não exista em si, essa dicotomia é muito arraigada. Logo, como se poderia intervir nas tecnologias se não houver o questionamento sobre as infraestruturas que as sustentam? Sem questionar o que mais se pode fazer além de sobreviver?

Lili acrescenta que algo que pode ser feito é gerar consciência crítica com as tecnologias que mediam a noção de mundo, mudando a forma de nos comunicar e de nos organizarmos e ter consciência dos espaços que ocupamos, sejam ambientes *on-line* ou nosso próprio corpo. Para tanto é necessário conhecê-los, repensar as infraestruturas, o que não significa apenas repensar a tecnologia, mas as estruturas da vida. Ela ainda acrescenta que percebe que há um medo que envolve este movimento de reflexão, que seria um medo de voltar às subjetividades e encontrar um vazio.

É nesse sentido que se insere a ação *hackin*, por meio dela se experimenta a intervenção nas linguagens e nas relações é uma intervenção política, pois é posicionada no compromisso da transformação, cuja ética situa-se no cuidado com a autonomia. Para tanto, é preciso romper com a visão do *hacker* como "pirata" dos sistemas, este é o *cracker*.

Entrar em contato com informações de pessoas que se dedicam ao estudo e entendimento da internet e suas nuances tem o potencial de ampliar os sentidos acerca desse ambiente. Acho muito interessante a marcação que ela faz na não dicotomia entre os mundos e da relevância dos afetos. Queiramos ou não as tecnologias mediam e modificam nossas formas de sentir e observar esse movimento pode ser muito produtivo para estar de maneira segura e utilizar a tecnologia disponível para superar críticas importantes do uso delas. Contudo, gerar consciência crítica, ou seja, ampliar o olhar acerca das tecnologias é o desafio que vai se impondo, ao passo que ultrapassar a barreira do reducionismo com relação à tecnologia é fundamental.

Nesse sentido, movimentos ativos na internet como o feminismo tem se mostrado com grande potencial de geração de mudanças. A possibilidade de denúncia, a construção de memórias de fatos, antes apagados e sombreados por histórias contadas por homens muda substancialmente. Habitar e ocupar o espaço das redes tem sido um movimento constante desse movimento.

Vejamos a seguinte publicação que traz um exemplo disso. Em 11 de maio de 2017 foi repostado no diário a publicação da página "Blogueiras Feministas" que compartilhava um *link*

do Estadão com o título "A onda de estupros coletivos transmitidos via Facebook" e que dizia de casos que ocorreram em 2017 de estupros coletivos de mulheres, geralmente menores de idade, sendo pelo menos dois casos brasileiros e que foram gravados e compartilhados no Facebook, aumentando a gravidade do ocorrido. É claro que casos tão altamente violentos como esses causaram comoção nacional, mas no burburinho das redes, entre indignados havia os que se relativizavam tal ocorrido questionando a roupa, ou atitudes da vítima. Essa tinha sua vida vasculhada e utilizada para abrandar o crime. Aliado a tudo isso, como sugere a matéria, uma cultura do estupro que não condena homens que cometem violências como essa que na certeza da impunidade compartilham o ato.

Até pouquíssimo tempo atrás, informações como imagens e vídeos de crimes só estariam na *deep web*, mas agora alcançam as redes. Do que pude perceber e entender, como sugeriu Lili, a internet é um ambiente em disputa, ou seja, se as feministas a utilizam para a denúncia, esse campo também pode ser usado com o contrário, com a vitória do machismo, subjugando mulheres, expondo suas vulnerabilidades e tornando uma virilidade tóxica, pública.

Perceber que o atual presidente do Brasil, eleito em 2018, Jair Bolsonaro, que enquanto deputado, em 2016, disse a outra deputada que ela era tão feia que "não merecia nem ser estuprada"(sic), e posteriormente votar a favor do impedimento da então presidenta Dilma ovacionando seu Coronel Ustra, militar torturador durante a Ditadura, e depois ainda ser eleito ao signo de mito demonstra um pouco de uma cultura machista que se arraiga enfrentando com o crescimento e organização do feminismo brasileiro que ganha dia-a-dia mais espaço nas redes sociais.

Nesse interim, realizei algumas publicações no diário *on-line* da página "Wrong Hands" que consistem em quadrinhos comparando o ambiente *on-line* e a vida cotidiana fora das redes. Inclusive um deles foi colocado como a capa de entrada na página do diário, pois mostra como a internet vai fazendo parte do cotidiano humano junto com outras instituições, objetos e artefatos que são essencialmente criações humanas, assim segue a imagem escolhida abaixo:

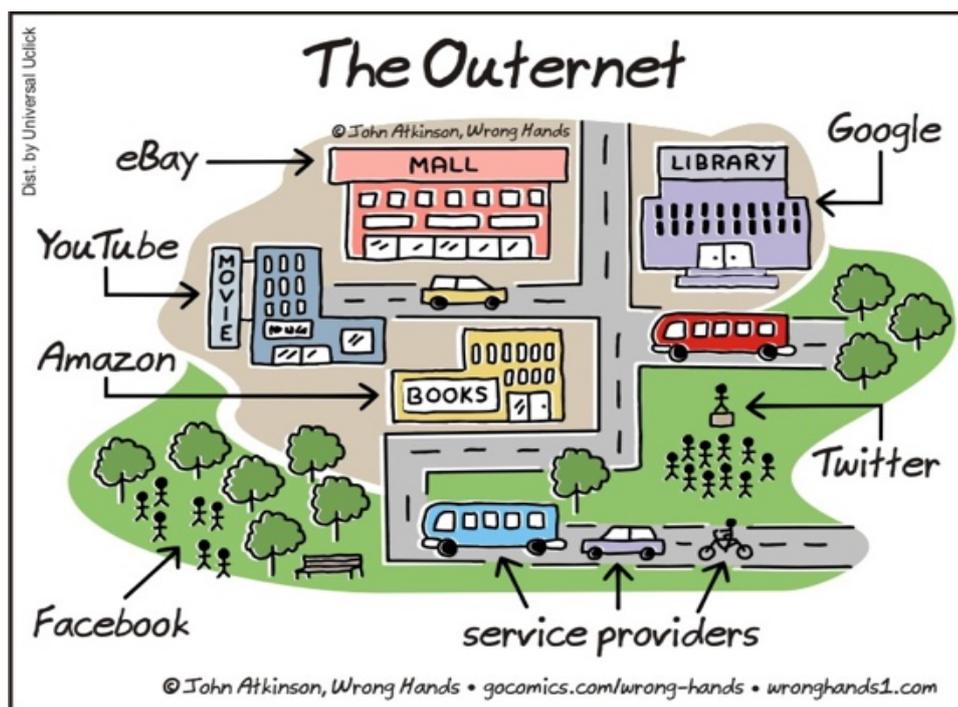


FIGURA 13: The Outernet de John Atkinson

Fonte: Facebook

O nome dado à imagem de John Atkinson faz uma referência à terminologia internet, uma palavra em inglês que em livre tradução poderia ser dentro da rede, logo, substituindo "In" por "out", seria uma brincadeira linguística que significa fora da rede. E o que há fora da rede? Utilizando uma legenda de marcas conhecidos na internet faz uma leitura de uma cidade comum comparando-as ao ambiente digital em que o Google, comumente utilizado para pesquisas diversas é comparado à uma livraria, o Twitter comparado a uma manifestação coletiva em que os algum tem muitos seguidores, o trânsito funcionaria como sustentação do ambiente como serviços de provedores de internet, o Facebook como uma praça repleta de pessoas passando o tempo, a Amazon, site de compras famoso por promoções na venda de livros, comparado à uma livraria, o Youtube como cinema e o Ebay, site de compra internacional, como um shopping multimarcas.

O uso da internet para pesquisas científicas e divulgação de conhecimento é algo que aparece no diário de maneira mais incisiva a partir de duas publicações e que fez parte do meu processo de aprendizagem durante a pesquisa pelo uso de inúmeros artigos divulgados digitalmente. As publicações a que me refiro são ambas de maio de 2017, a primeira trata-se de um vídeo tipo tutorial do Youtube chamado: "Undertanding Google Search Results" que discute como usar o Google para fazer pesquisas acadêmicas e encontrar fontes seguras de maneira efetiva. E embora o vídeo esteja em inglês, é muito fácil entendê-lo, pois mostra passo a passo como realizar as buscas.

Na mesma temática e época, a segunda publicação é uma matéria da revista Fapesp com o nome da matéria "A internet ganhou", retratando a carreira de um acadêmico em biologia que durante sua formação no doutorado resolveu criar um *blog* para divulgação dos resultados da sua pesquisa, mas percebeu que as pessoas não compreendiam o assunto por ele tratado, por isso começou a escrever sobre conceitos básicos de sua área, biologia genética, e nesse processo acabou se interessando profundamente pela educação e marketing digital. Logo, junto com outros colegas passou a criar material didático e enveredou sua carreira para essa área, criação técnica de material didático distribuído digitalmente

Essa matéria da Fapesp fez-me pensar no porquê de o diário *on-line* não ter um engajamento. Será que a linguagem estava muito fora do acesso às pessoas? Levando em consideração que as postagens eram em sua maioria repostadas de outras páginas de ampla circulação, não acredito que tenha sido esse motivo, ou o próprio nome não tenha sido atrativo, uma vez que em marketing digital são estratégias que são pensadas. E fora isso, também eu tinha o desejo de observar o movimento no ambiente do Facebook no próprio ritmo que ele estabelecia, sem criar "iscas", afinal meu interesse não era vender conteúdo, mas registrar esse processo. Por isso, segui em frente e neste momento tinha como intuito continuar a observação e registros até o fim do primeiro semestre de 2017.

Além disso, percebia questões como o potencial alcance da página em si que acabou não ultrapassando de maneira consistente meu próprio grupo de amigos contribuiu para a inércia nas postagens. Contudo, hoje percebo que há um certo incômodo de falar sobre a internet, sobre um certo mau uso das redes, nas próprias redes. Pois postagens do tipo críticas podem fazer com que os usuários se sintam, muitas vezes, cerceados em seu uso, como se alguém dissesse "peguei" você nas redes ao invés de fazer algo "melhor" da sua vida, algo produtivo, do que ficar vendo a vida alheia.

Na contramão desse sentimento, postagens que expressam um mau uso indiscutível das redes por alguém, podem gerar comoção, como foi o caso da próxima postagem. Ainda em maio de 2017, uma notícia de um crime chocante que trazia a informação de que uma garota de 14 anos norte-americana havia sido baleada na cabeça, e que por isso passou dois meses no hospital em tratamento e perdeu parte da visão, contava que os autores do crime foram dois adolescentes de 16 anos que o fizeram porque achavam irritantes os vídeos que a garota fazia nas redes. É fato que utilizar a atividade de alguém nas redes sociais como motivo para matá-la é um absurdo da banalização do ser humano, e das mulheres, levando em conta que a vítima é uma garota enquanto os autores são garotos. Contudo, notícias como essa quando ganham o público digital, podem fazer com que se diferenciem desse uso, e assim se inicia um discurso

do bom uso, ou seja, o equilibrado e seguro das redes, a necessidade de se ter outros *hobbies* e atividades diárias. Importante citar que esta publicação teve uma curtida e dois compartilhamentos, sendo a primeira vez que uma publicação fora compartilhada para fora do grupo de seguidores já constituídos.

A contradição em criticar as redes sociais no próprio ambiente da rede é muito comum. Uma publicação 15 de maio de 2017 expressa de maneira crítica e com certo tom de sarcasmo publicações desse tipo. Na ocasião a página "13 reasons why as br" publicou um vídeo do Youtube com um título sensacionalista "Depoimento de um ex gay". Vale lembrar que apenas 12 dias antes, no dia 3 de maio, o Congresso Nacional brasileiro aprovou o Projeto de Lei do Senado (PLS) nº 612/2011 que tinha como propósito permitir o reconhecimento legal da união estável homoafetiva, bem como sua conversão em casamento civil. Logo, as redes estavam cheias de "burburinhos" de comemoração e crítica frente aos PLS.

O vídeo fora gravado em formato de depoimento, em que uma pessoa fala para câmera supostas questões pessoais, e nesse havia um garoto branco e de aparência de 20 anos que falava: "vim na frente da internet toda assumir minha heterossexualidade, faz pouco mais de um ano que eu me assumi homossexual e estava na minha vida naturalmente fazendo coisas de gay, ouvindo e vendo programas gay, essas coisas... quando de repente eu me deparei com uma publicação que falava que os homossexuais não vão para o céu, mas para o inferno. Então eu comecei a pensar, porque eu não quero ir para o inferno, depois disso eu soube, não por livros, mas pelas redes sociais, que a homossexualidade estava errada porque não produz filhos, e eu quero ter filhos. Aí soube também que pessoas que são homossexuais não tiveram boa educação dos pais, e eu até tive, mas eles não bateram o suficiente e etc". O objetivo do vídeo é ao mesmo tempo defender as pessoas que são homossexuais, pois mostra que escolher algo referente a sexualidade por conta do que outra pessoa apontou é algo estúpido, e para isso para pormenorizar essa discussão afirma que este apontamento veio por meio de publicações. A contradição aqui é que para fazer isso e chamar a atenção para uma prática sem resultado, usa o mesmo recurso e desconsidera o ativismo *on-line* em prol da luta dos homossexuais em busca de respeito e direitos.

Outro aspecto muito presente nessa discussão é a compreensão de que a própria contradição só é possível, pois tanto o Youtube quanto o Facebook são plataformas consideradas como mídias sociais, canais midiáticos do paradigma da *web 2.0* na qual o conteúdo é criado pelos próprios consumidores, ou *prosumers*, como postulou Amaral (2016). O que nos leva também a classificação dessa discussão na internet corporificada que vai atravessando as relações sociais cotidianas

É claro que o espaço da internet não é completamente livre, no sentido de se produzir qualquer tipo de conteúdo, porém é livre o suficiente para permitir que algumas situações de risco e violências sejam efetivadas, como o caso da Baleia Azul. Em 2016, tornou-se popular um jogo de desafios chamado Baleia Azul. Este consistia em que jovens recebesse 50 desafios que deveriam ser cumpridos, entre eles havia desafios de automutilação e por último o suicídio. Quando alguns adolescentes começaram a cometer suicídio em diversos países, investigações encontraram o elemento do jogo em comum. No Brasil o jogo foi praticado por alguns jovens que perderam a vida. Então, em maio de 2017, foi publicado na página do portal "bol.uol.com.br" que um jovem russo havia sido preso por ser o responsável pela criação do jogo. Ele que confirmou a criação está sendo acusado como responsável pela morte de pelo menos 16 adolescentes. Em um dos seus depoimentos para a polícia afirmou que queria "limpar a sociedade", que "alguns são resíduos biológicos", que "não representam nenhum valor pela sociedade" e que estavam felizes em morrer"

Isso mostra que a mesma via que pode popularizar conhecimentos científicos acadêmicos, pode banalizar a violência contra a mulher, pode aumentar o diálogo sobre temas não mencionados na grande mídia, assim como permite a popularização de armadilhas fatais. Também nos mostra que não devemos menosprezar o espaço digital, nem vangloriar, mas entendê-lo e conhecê-lo para criar estratégias universais e locais para lidar com sua presença incontrolável.

Outra informação importante de mencionar sobre o contexto em que essa parte do diário foi desenvolvida, liga-se também a um momento de estudo revisão bibliográfica da pesquisa. E como tinha o intuito de encerrar observação ao fim de julho de 2017, prolonguei o tempo dedicado a ela e por isso fiz dezenas de publicações, as quais reuniram notícias aleatórias sobre a internet, bem como publicações próximas dos autores e assuntos das fontes que estava estudando.

Nesse sentido temos aqui uma publicação muito interessante que traz para o diário o autor Manuel Castells e o tema da educação e tecnologia, a publicação referida trata-se de um vídeo de aproximadamente quatro minutos publicado anteriormente no canal do Youtube chamado "Fronteira do Pensamento" que apresenta Manuel Castells falando sobre a educação, por isso o nome do vídeo é "A obsolescência da Educação". Nele Castells aborda que as escolas, de maneira geral, sempre tiveram uma dupla função, por um lado a aprendizagem de habilidades e conhecimento para estar na sociedade e, por outro, a de transmissão de valores e de formas hegemônicas de poder, que não tem a ver com a aprendizagem ou a pedagogia, mas com formas de poder das instituições, ou seja, que servem para a ensinar a crianças e jovens que devem

seguir certas normas das sociedades para não terem problemas. Então é dizer que são formas de poder e de aprendizagem ao mesmo tempo, porém atualmente há algo mais complicado.

Para Castells, pela maneira que ocorre na maioria dos lugares, a aprendizagem é obsoleta, pois perpassa uma pedagogia baseada na transmissão de educação, a qual não é mais necessária, pois a informação atualmente está na internet. Sendo que nesse sentido, caberia a escola integrar este formato de transmissão de conhecimento a um novo modelo pedagógico que empodere intelectualmente os alunos a buscar e aprender a usar ferramentas que tornam essa busca mais efetiva e a criar critérios próprios. Todavia, o sistema da escola está organizado no princípio em fazer dos estudantes objetos submissos, que irão aprender algo que alguém já sabe, sendo que a internet e a informação disposta por meio dela permite que o aluno de maneira concomitante com a aula, no uso de um dispositivo conectado, pode buscar a informação e questionar o professor com discrepâncias, fazendo a aula mais produtiva e permitindo que o professor aprenda sempre. Para ele é importante entender que o estudante conectado sabe outras coisas que o professor e esse saber é desafiador e gera interação e debate. Tudo isso significa romper com o poder hierárquico numa escola.

A ideia que Castells nos transmite sobre o potencial da internet para romper com sistemas desgastados e desiguais é interessantíssima, mas ele fala de um lugar muito diferente do Brasil. A desigualdade do acesso à internet é o primeiro desafio que se coloca nessa situação, contudo vislumbrar outras possibilidades do aprender é sempre estimulante e permite a reflexão dos nossos próprios processos e problemas, bem como seu enfrentamento.

Outro nome resgatado do Youtube e que aparece no diário é André Lemos que num vídeo do canal "Mercedes Dura Lizan" aparece em entrevista sobre a internet, o presente vídeo tem duração aproximada de trinta minutos e foi publicado originalmente em 26 de novembro de 2013, e repostado no diário em maio de 2017.

Nesse vídeo, Lemos discorre sobre as manifestações de junho de 2013 e afirma que as plataformas não têm um papel central neste fenômeno, mas têm sim seu papel. E, assim, compara às manifestações que ocorreram no Brasil em 1992 em prol do impedimento do então presidente Collor. A ida das pessoas às ruas tinha como confronto a televisão; a época estava sendo veiculada uma novela na emissora Rede Globo que se chamava "Anos Rebeldes" e por isso as pessoas entoavam que aqueles eram anos rebeldes e que o próximo capítulo da novela era lá. E agora, pode se perceber os cartazes trazendo a linguagem das redes, como o uso do signo # (hashtags). Além disso, pode-se ver as pessoas filmando, a mídia alternativa e a organização dessas ações por meio das plataformas, logo fundamentais para os próprios movimentos.

E quando perguntado se ele encara esses artefatos como democráticos, responde que não, mas que os vê mais como conversacionais, funcionando de maneira transversal, mas enquanto meios de massa contribuem com a democracia, claro a depender de um contexto também democrático. Embora, também tenham sido usados em contextos autoritários para derrubar ditadores.

Lemos também foi perguntado se não achava que essas manifestações não tinham um caráter muito elitista. Ao responder afirmou que não, pois ainda que o acesso seja ainda um problema no Brasil, seu aumento tem sido notável e deve continuar em progressão no futuro. Ao passo que não considera que pessoas que tem um smartphone sejam pessoas com muito dinheiro, ou da elite exclusivamente. Há uma diferença de classe por grupos que lidam melhor com o tato com as informações do que de posse do dispositivos e acesso à internet, bem como há uma diferença na qualidade do acesso, mas é uma diferença que tende a se reduzir. A exclusão digital no Brasil, para ele, tem a ver com economia e custo, mas também com diferenças geracionais e cognitivas. Esses contornos dependem de cada lugar, cada país.

Nesse sentido, conta que há um tempo trabalhou com o tema da exclusão junto com Pierre Lévy e que indicaram quatro tipos capitais que a envolvem. São eles: técnico (de acesso), econômico/social (capacidade de compra), cultural (poderes simbólicos de contexto), intelectual (indivíduo e o que ele pode fazer). Atualmente ele acredita que seja ainda mais complexo, mas a informação importante é que não basta garantir o técnico, mas que para trabalhar exclusão deve ser feito com um trabalho com todos os capitais.

Além disso, conta que atualmente se dedica a entender uma cartografia dos lugares e criação de mapas de informações úteis sobre a cidade, ou seja, de cunho político que são criados colaborativamente. Para transformar essas "coisas" eletrônicas em ações políticas com dados concretos e cobrança ao governo.

Por fim, ele fala da importância de entender que com a cibercultura a produção de informação é livre e muitas vezes utiliza técnicas de produção sofisticada e que permite diversas reuniões, agrupamentos que levam a redefinições de seus próprios meios e de usos.

No contexto dos saberes especializados sobre internet, uma página que apareceu na revisão bibliográfica desta pesquisa e também apareceu no diário foi a página do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Análise de Dados (IBPAD), quando em maio de 2017 postou uma matéria em sua página do Facebook com o título “Análise de emoções nas mídias sociais: a etnografia como métodos de pesquisa para este campo de estudo”.

A matéria traz a ideia da importância já confirmada cientificamente dos estudos das emoções e o reconhecimento facial delas, bem como se afirma que as emoções constituem um

elo importante entre valores e ações. Ao passo que na correlação de emoções e pesquisas nas mídias sociais, estudiosos defendem que os comportamentos nesses ambientes podem ser ditados por emoções e usam como exemplo o fenômeno da viralização e as emoções que sentem e que levam as pessoas a sentirem necessidade de compartilhar algo. E é nesse sentido que a etnografia se torna um método contributivo para estudos desse âmbito.

Tanto Castells, como André Lemos e a publicações do IBPAD tem feito diferença na maneira de proceder esta pesquisa, seja compreendendo os limites da internet ditos e vivenciados, como ampliando a noção da interatividade humana ao utilizar dispositivos e ainda com definições metodológicas e dicas de como fazer uma etnografia. No que tange às questões emocionais, elas são fundamentais para compreender a construção desta trajetória de pesquisa. Ora se o diário também não foi movido por conteúdos e contexto que me moveram a escolhê-las para retratar essa passagem? Posto que sim, ao passo que no encontro com alguma informação diferente que corroborava com o que vinha se construindo desta observação eram compartilhados a fim de contar um pouco do que vivenciei e senti.

Iniciei esse percurso cheia de dúvidas, mas discordando de algumas certezas postas. Ao longo do trajeto, tive que entender por que algumas críticas eram importantes e consolidaram um caráter precocemente negativo do uso das redes, ao passo que meu olhar também se firmou em buscar rupturas, por entender que este não é um espaço homogêneo, mas regado por práticas, algumas muito criativas, ainda que tenha limitações de sua infraestrutura.

Logo, o entusiasmo deste período tem a ver com inúmeras percepções que precisavam ser retratadas e que geravam em mim o sentimento de que estava no caminho correto para continuar, o que resultava, sim, na ação da postagem. Por isso, é importante numa etnografia das redes, poder mergulhar nesse ambiente, bem como rever experiências de outros cientistas que já o fizeram, não para que sejam seus guias, mas para que desafiem a entender um pouco mais do que o ambiente oferece. Para tanto é preciso estar implicado.

É nesse sentido que a próxima publicação aparece no contexto. Ela apareceu no meu *feed* pessoal como uma propaganda patrocinada de uma página de nome "Luciana Kele Dorini" e o vídeo estava sendo reproduzido automaticamente, logo ouvi "lancei o blog e de repente minha vida se transformou, ela se transformou..." (sic), imediatamente reiniciei o vídeo e o assisti, então, em cerca de dois minutos uma moça que se apresentava como Lu Dorini perguntava enfaticamente e com um sotaque do centro do Estado de São Paulo, ou mesmo de Santa Catarina dizendo: A palavra de ordem hoje é atitude (com som de atitudí), e seguia dizendo que há dois anos ela tinha tomado uma atitude que havia mudado a vida dela, que foi criar um *blog* chamado "Eu tenho um hemangioma e dai" com intuito de ajudar outras pessoas nas mesmas condições,

ou pai de crianças com anomalias vasculares, pensando em dividir o conhecimento e incentivar as pessoas a viverem felizes, com isso a vida dela se transformou, pois com ao contar sua história e se expor, abriu-se e mostrou seus sentimentos, fazendo com que ela entrasse em contato com qualidades suas que desconhecia. O vídeo teve uma reação de *amei*, feita pela dona do *blog*!

A motivação que tive em colocar esse vídeo era para falar desse fenômeno que se transformou em *blogs* e posteriormente canais de Youtube, que sempre acompanham páginas de divulgação de conteúdo no Facebook. Esse não é o primeiro e nem o último relato de pessoas que usam as redes como forma para prover algo para si, com frequência pessoas narram uma experiência transformadora de si ao contarem algo pessoal nas redes. É claro que alguns buscam utilizar sua vida própria e narrativa dela como meio de trabalho, pois há o consumo dessas histórias, mas alguns o fazem para obter um sentimento de superação. Essa demanda aparece sempre com uma história de não ajustamento social, com regras padronizadas de gênero, de imagem, de gostos e práticas, a qual se transforma quando expõe “segredos” ao público, ainda que esse público seja reduzido ou desconhecido, é como se encontrassem algum tipo de redenção e afirmação para mostrarem-se autênticos em sua singularidade.

Seriam as plataformas capazes de fornecer aos seus usuários uma ação terapêutica, de autoafirmação? Penso que não, pois celebridades das redes, ou seja, pessoas seguidas nas redes o são seja por que escolhem mostrar algo que se diferencia do que já é conhecido. Da mesma forma que informações que a grande mídia não vinculava podiam ganhar abertura nas redes por seu potencial de produção livre, logo, criou-se a expectativa de que não redes se encontraria algo mais autêntico das pessoas. E isso ocorre ao mesmo tempo que há perfis *fake* e um grande crescimento das tecnologias de manipulação de imagens e vídeos. Contudo, as pessoas continuam narrando a transformação de suas vidas, mas nada disso pode ser mensurado. Elas podem se sentir mais estimuladas a ser quem são pelas reações de suas postagens, assim como, podemos nos sentir estimulados a responder, isso é suportado pelas redes por sua infraestrutura rica em recursos tecnológicos que permitem nos recriarmos de qualquer outra maneira, mas também pode ser apenas uma fala. Se efetiva ou não, fato é que a possibilidade de trabalhar e receber por ser quem você é nas redes sociais, ganhou espaço de formação profissional, seja em cursos superiores como o de mídias sociais, seja em cursos curtos como *workshops* e transformou-se no sonho de crianças e adolescentes, além de movimentar a economia.

De longe poderíamos pensar quais valores foram importados com redes sociais criadas no contexto cultural norteamericano? Quanto da solidão das redes que pode ser paliada com interações via aplicativos? E o quanto a superação individual é o modelo de sucesso do sonho

americano? Isso não significa, em si, que as pessoas não possam se transformar nessa experiência, mas vale perguntar por que essa transformação possui um roteiro tão comum?

Essas apreensões não constituem verdade finita ou teoria que seja, mas questionamentos de como a internet e suas redes mexem conosco afetivamente, socialmente e institucionalmente. Assim, seria a próxima publicação uma possível ratificação? Vejamos.

Veiculada pela página de notícias “Olhar digital” em 21 de maio de 2017, a matéria discorria sobre uma nova profissão, a de criador de memes<sup>79</sup>. Em que se afirma que os criadores de memes que o fazem por *hobbie* tentam tornar dessa prática uma profissão. Para tanto, tem como objetivo fazer rir, sendo em fotos, vídeos ou montagens que além de engraçados estão conectados comas mudanças rápidas dos acontecimentos sócias. Esses criadores precisam ter a mente rápida e além de produzir tem e difundir, precisam filtrar as melhores montagens e ainda que não haja pagamento para a prática, o que buscam mudar, afirmam que a satisfação de verem suas criações viralizarem nas redes sociais não tem preço. Com isso, entendemos que afetos estão necessariamente envolvidos com as práticas nas redes sociais.

Mas nem tudo são risos neste contexto, enquanto isso, a polarização política se acirra nas redes, pessoas começam a evadir o Facebook e muitos questionamentos sobre o seu uso fazem-se cada vez mais iminentes, seja pelo menos do roubo de dados, seja pela preocupação com a saúde mental.

Assim, em 26 de maio a página "insurgencia.org" vinculada ao partido Socialismo e Liberdade (PSOL) publicou uma entrevista realizada por Juan Íñigo Ibáñez com o filósofo Franco Berardi, conhecido como Bifo, que foi questionado sobre os efeitos das tecnologias digitais, no sentido de terem alguma relação com o crescimento de patologias da esfera afetivo-emocional. Para tanto, Bifo argumenta que se trata de um processo muito complicado pois combina técnicas sociais e comunicacionais que podem produzir, e produzem em alguns casos, uma condição de individualização competitiva e de isolamento psíquico que provoca uma extrema fragilidade que pode se manifestar como disposição ao suicídio.

Por isso argumenta que não é coincidência que a Organização Mundial da Saúde (OMS) tenha identificado que nos últimos quarenta anos o suicídio aumentou em 60%, particularmente entre os jovens. E para ele é fácil perceber que nos últimos anos a relação entre os corpos foi

---

<sup>79</sup> A expressão meme de Internet é usada para descrever um conceito de imagem, vídeos, GIFs e/ou relacionados ao humor, que se espalha via Internet. O termo é uma referência ao conceito de memes, que se refere a uma teoria ampla de informações culturais criada por Richard Dawkins em seu *best-seller* de 1976, o livro *The Selfish Gene* ou "*O Gene Egoísta*". Fonte: Wikipedia. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Meme\\_\(Internet\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Meme_(Internet))

tornando-se cada vez mais rara, fazendo com que os sujeitos sociais perdessem a corporalidade, mas não a comunicação. Além disso, o contexto neoliberalista foi um incentivo maciço ao suicídio.

Para ele, as redes sociais constituem uma grande expansão do campo da estimulação, da aceleração do ritmo e do desejo, mas ao mesmo tempo, uma frustração contínua, uma protelação infinita do prazer erótico, pois as redes funcionam no interior de um campo social desertizado, de tal maneira que confirmam a contínua frustração enquanto ampliam e aceleram o ritmo da estimulação.

Bifo acredita que estamos diante de uma "mutação antropológica" da sensibilidade. O fenômeno da pós-verdade nos questiona a capacidade humana de discriminação crítica, de autonomia e política. Enquanto percebe-se também que sujeitos "nativos digitais" (a geração que aprendeu mais palavras por meio de máquina do que pela voz de um humano) encontra-se numa condição nova de ser humano, pois é uma geração que perdeu a capacidade afetiva da comunicação e se vê na obrigação de elaborar fluxos semióticos em condições de competição e isolamento, sendo que os sentidos das palavras são aprendidos mais afetivamente do que funcionalmente. Enfim, o entrevistado diz, num tom muito niilista, que não vê solução para o que se está sendo construído e que estamos nos aproximando do suicídio final da humanidade, embora expresse que sua opinião é parcial.

Possivelmente o(a) leitor(a) possa achar demasiado negativa a postura expressa nessa publicação, mas quando um dia depois nos confrontamos com a publicação da página "Hypeness" em que se conta sobre "As sinistras 'fazendas' chinesas onde se cultivam' likes e cliques" nos faz ao menos considerar que algo não caminha bem para o ser humano.

Essas fazendas são milhares de *smartphones* conectados à internet em um mesmo recinto que permite que, através da contratação de serviços, páginas se tornem populares sem adesão real de pessoas, vídeos viralizam, aplicativos se popularizem ou, também, que mentiras sejam compartilhadas e curtidas em milhões de cliques sem que nada disso signifique o desejo ou opiniões das pessoas. De acordo com a matéria, a maior parte das manipulações parecem ocorrer na Rússia e na China, e nesta um local descoberto tinha cerca de mil telefones em ação e diversos trabalhadores e levou a um questionamento ético sobre as práticas que não têm em si nenhuma disposição ilegal.

Se este é um acontecimento que faz questionar o que é real nas redes, o seguinte nos faz querer que não seja real, e ambos mostram a complexidade das redes e a problemática que ela impõe a sociedade que busca por harmonia. No dia 29 de maio de 2017, a página "g1.globo.com" divulgou uma matéria em que relata que "Pai vê mensagens que pedófilo

mandava para menina de 9 anos e vai a encontro com a polícia”. Essa publicação que teve 14 reações, a maioria com o *smiley* bravo e 1 compartilhamento, mexeu com as pessoas ao noticiar que um homem de 47 anos havia sido preso em flagrante no local que tinha marcado para se encontrar com a criança que ele contactou pelo Facebook, pedindo seu contato telefônico para continuar a conversa.

Apesar de o Facebook ser designado para pessoas com mais de 18 anos no Brasil, é fácil encontrar um perfil de criança nas redes, muitas vezes eles são criados pelos próprios pais ou familiares que colocam a idade alterada para a criação do cadastro, ou mesmo pelas próprias crianças e/ou adolescentes que fazem a alteração. Por conta de situações como essa e da imprevisibilidade das redes, questionar o uso e buscar formas adequadas parece ser uma boa forma de lidar com a questão, uma vez que as redes não parecem que terão um fim. Afinal, mesmo que uma plataforma venha a se extinguir, a recente história das redes mostra que quando uma plataforma perde o público é porque este migrou para uma nova.

Conscientizar-se dos valores ali proferidos e da maneira como são compartilhados podem evitar situações como a supracitada, bem como esta da seguinte postagem. Em junho de 2017, a página "Mistérios do Mundo" publica uma matéria com o nome "Essas são as pessoas que faleceram após tirarem *selfies* altamente perigosas". Embora a matéria seja sensacionalista e não tenha gerado reações, apresenta a história de quatro pessoas que sofreram acidentes domésticos e de trânsito por usar o *smartphone* para postagem em redes de maneira indiscriminada, enquanto faziam outras atividades ou estavam em estados alterados.

Passado um ano de observação do ambiente digital do Facebook, resolvi não parar a sistematização da observação como havia me programado, pois tinha intuito de reunir mais informações, assim continuei até o fim de 2017. Em 2018 ainda realizei alguns compartilhamentos, mas não mais fazia a observação sistematizada. Fato foi que me acostumei a selecionar publicações que acho interessante para publicar e possivelmente será uma ação que continuarei fazendo, pois é fonte de conhecimento.

No segundo semestre de 2017, os assuntos mais presentes nas publicações abarcaram temas como novidades nas tecnologias, ou seja, novos aplicativos e/ou aprimoramento dos existentes, com novos recursos; uma série de pesquisas expondo dados dos usos da internet brasileira; questões políticas que envolvem desde informações sobre a crescente polarização entre direita e esquerda, o crescimento dos movimentos sociais, em especial o movimento feminista, bem como o crescente ódio e discurso conservador, e por fim matérias que exprimem ações para a melhoria da segurança dos usuários na internet. É interessante perceber que estas

temáticas se incluem na Internet 3E de Hine (2015), como já apontada anteriormente. Logo, para melhor visualização das informações, segue as tabelas das temáticas abaixo:

Tabela 2: Novidades, aplicativos e recursos como temática do diário

<b>Data da publicação</b>	<b>Fonte original ou primária</b>	<b>Tipo</b>	<b>Título</b>	<b>Endereço:</b>
04/07/17	NEXO JORNAL	ARTIGO	PORQUE O GOOGLE MAPS AGORA IDENTIFICA TERRAS INDÍGENAS	<a href="https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/07/03/Por-que-o-Google-Maps-agora-identifica-terras-ind%C3%ADgenas">https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/07/03/Por-que-o-Google-Maps-agora-identifica-terras-ind%C3%ADgenas</a>
28/08/17	CENTRO DE TRABALHO INDIGENISTA	EVENTO	MAPA GUARANI DIGITAL - LANÇAMENTO	<a href="https://www.facebook.com/events/1526708000701521/">https://www.facebook.com/events/1526708000701521/</a>
30/08/17	OLHAR DIGITAL	ARTIGO	CONHEÇA BETA, O ROBÔ FEMINISTA BRASILEIRA	<a href="https://olhardigital.com.br/noticia/conheca-beta-a-robo-feminista-brasileira/70740">https://olhardigital.com.br/noticia/conheca-beta-a-robo-feminista-brasileira/70740</a>
24/09/17	OLHAR DIGITAL	ARTIGO	APPS DE CARONAS PROMETEM MELHORAR O TRÂNSITO E ALIVIAR SEU BOLSO	<a href="https://olhardigital.com.br/video/apps-de-caronas-prometem-melhorar-o-transito-e-aliviar-seu-bolso/71238">https://olhardigital.com.br/video/apps-de-caronas-prometem-melhorar-o-transito-e-aliviar-seu-bolso/71238</a>
30/09/17	REVISTA PIAUÍ	VÍDEO	VOCÊ SABE COMO NASCE UM EMOJI?	<a href="https://www.facebook.com/revistapiaui/videos/10154832579681937/?hcref=ARQ4fc4Wzc5zKzofZx-u3NBf1CyUAa0u7J2Di">https://www.facebook.com/revistapiaui/videos/10154832579681937/?hcref=ARQ4fc4Wzc5zKzofZx-u3NBf1CyUAa0u7J2Di</a>

				<a href="#">Vkb14UgCNaQAO6xRa ZBLdTqvl5CUmQ</a>
18/10/17	OLHAR DIGITAL	ARTIGO	SAIBA COMO USAR O NOVO RECURSO DO WHATSAPP LIBERADO ONTEM	<a href="https://olhardigital.com.br/noticia/agora-voce-pode-compartilhar-sua-localizacao-em-tempo-real-pelo-whatsapp/71731">https://olhardigital.com.br/noticia/agora-voce-pode-compartilhar-sua-localizacao-em-tempo-real-pelo-whatsapp/71731</a>
19/11/17	IBPAD	ARTIGO	ANÁLISE DE IMAGENS E GEOLOCALIZAÇÃO PARA ESTUDAR CIDADES COM O INSTAGRAM	<a href="https://www.ibpad.com.br/blog/analise-de-imagens-e-geolocalizacao-para-estudar-cidades-com-o-instagram/">https://www.ibpad.com.br/blog/analise-de-imagens-e-geolocalizacao-para-estudar-cidades-com-o-instagram/</a>
24/11/17	OLHAR DIGITAL	ARTIGO	FUNDADOR DO MEGAUPLOAD PLANEJA LANÇAR INTERNET ALTERNATIVA	<a href="https://olhardigital.com.br/noticia/fundador-do-megaupload-planeja-lancar-internet-alternativa/72545">https://olhardigital.com.br/noticia/fundador-do-megaupload-planeja-lancar-internet-alternativa/72545</a>
19/12/17	OLHAR DIGITAL	ARTIGO	FACEBOOK VAI AVISAR QUANDO ALGUÉM POSTAR UMA FOTO SUA SEM VOCÊ ESTAR MARCADO	<a href="https://olhardigital.com.br/noticia/facebook-vai-avisar-quando-alguem-postar-uma-foto-sua-sem-voce-estar-marcado/73040">https://olhardigital.com.br/noticia/facebook-vai-avisar-quando-alguem-postar-uma-foto-sua-sem-voce-estar-marcado/73040</a>

Nesta tabela foram reunidas publicações agrupadas como internet incorporada que incide nos valores e na maneira como o humano vem aplicando o conhecimento tecnológico em artefatos para suprir necessidades cotidianas, como sugerido por Hine (2015).

Além disso, pode-se perceber com o apoio de Castells (1999) elementos que ele identifica na Sociedade em Rede quando fala de uma reestruturação do capitalismo para o Capitalismo Informacional, pois este lança empresas em formato de rede, assim como se apresentam várias das inovações citadas nesta temática.

Também Nicolaci-da-Costa (2002) chamou nossa atenção para que percebamos que essas inovações demonstram que não devemos menosprezar a profundidade que essas mudanças podem causar na vida dos sujeitos. E que por isso não devem ser considerados fúteis ou apenas uma representação artificialmente construída.

Tabela 3: Pesquisas, comportamento e dados de usos como temática do diário

<b>Data da publicação</b>	<b>Fonte original ou primária</b>	<b>Tipo</b>	<b>Título</b>	<b>Endereço:</b>
27/07/17	IDGNOW	ARTIGO	USUÁRIOS DO WHATSAPP COMPARTILHAM 1 BILHÃO DE VÍDEOS POR DIA	<a href="http://idgnow.com.br/mobilidade/2017/07/27/usuarios-do-whatsapp-compartilham-1-bilhao-de-videos-por-dia/">http://idgnow.com.br/mobilidade/2017/07/27/usuarios-do-whatsapp-compartilham-1-bilhao-de-videos-por-dia/</a>
03/08/17	IBPAD	ARTIGO	SOCIOGRAPH: COLETANDO DADOS DE COMUNIDADES ON-LINE	<a href="https://www.ibpad.com.br/blog/comunicacao-digital/sociograph-coletando-dados-de-comunidades-online/?utm_medium=redesads&amp;utm_source=fb&amp;utm_campaign=etnmson">https://www.ibpad.com.br/blog/comunicacao-digital/sociograph-coletando-dados-de-comunidades-online/?utm_medium=redesads&amp;utm_source=fb&amp;utm_campaign=etnmson</a>
09/08/17	OLHAR DIGITAL	ARTIGO	FOTOS DO INSTAGRAM PODEM INDICAR SE UMA PESSOA TEM DEPRESSÃO, DIZ ESTUDO	<a href="https://olhardigital.com.br/noticia/fotos-do-instagram-podem-indicar-se-uma-pessoa-tem-depressao-diz-estudo/70287">https://olhardigital.com.br/noticia/fotos-do-instagram-podem-indicar-se-uma-pessoa-tem-depressao-diz-estudo/70287</a>

29/08/17	IBPAD	ARTIGO	10 COISAS QUE O FACEBOOK JÁ ESTUDOU SOBRE VOCÊ (A NONA É ASSUSTADORA)	<a href="https://www.ibpad.com.br/blog/comunicacao-digital/10-coisas-que-o-facebook-ja-estudou-sobre-voce-a-nona-e-assustadora?utm_medium=redesads&amp;utm_source=fb&amp;utm_campaign=cm_digital&amp;utm_content=708">https://www.ibpad.com.br/blog/comunicacao-digital/10-coisas-que-o-facebook-ja-estudou-sobre-voce-a-nona-e-assustadora?utm_medium=redesads&amp;utm_source=fb&amp;utm_campaign=cm_digital&amp;utm_content=708</a>
06/10/17	WIRED.COM	ARTIGO	ACTUALLY, DO READ THE COMMENTS - THEY CAN BE THE BEST PART	<a href="https://www.wired.com/story/actually-do-read-the-commentsthey-can-be-the-best-part/">https://www.wired.com/story/actually-do-read-the-commentsthey-can-be-the-best-part/</a>
26/10/17	NIC.BR	IMAGEM	CETIC.BR PUBLICA TRADUÇÃO DE RELATÓRIO DA UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT (UNCTAD) SOBRE MEDIÇÃO DE TIC A PARTIR DA PERSPECTIVA DE GÊNERO	<a href="https://www.facebook.com/nic.br/photos/a.757472694314424/1584061334988885/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/nic.br/photos/a.757472694314424/1584061334988885/?type=3&amp;theater</a>
04/11/17	ESTADÃO	ARTIGO	"REDES SOCIAIS SERÃO O CAMPO DE BATALHA DAS ELEIÇÕES", DIZ PESQUISADOR	<a href="http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,redes-sociais-serao-campo-de-batalha-nas-eleicoes-diz-pesquisador,70002071607">http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,redes-sociais-serao-campo-de-batalha-nas-eleicoes-diz-pesquisador,70002071607</a>

04/11/17	PÁGINA DO FACEBOOK : SOCIAL MEDIA WEEK SÃO PAULO	IMAGEM	2016 X 2017 - O QUE ACONTECE EM 60 SEGUNDOS DE INTERNET	<a href="https://www.facebook.com/smwsp/photos/a.236396636413050.77938.138548019531246/1673757592676940/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/smwsp/photos/a.236396636413050.77938.138548019531246/1673757592676940/?type=3&amp;theater</a>
07/11/17	IBPAD	ARTIGO	RELATÓRIO ANALISA A CONVERGÊNCIA DA EXTREMA DIREITA NAS MÍDIAS SOCIAIS	<a href="https://www.ibpad.com.br/blog/conectividade-convergencia-extrema-direita-redes-sociais/">https://www.ibpad.com.br/blog/conectividade-convergencia-extrema-direita-redes-sociais/</a>
20/11/17	MEIO E MENSAGEM	ARTIGO	ESTUDO INDICA QUE INTERNET BRASILEIRA É PARCIALMENTE LIVRE	<a href="http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2017/11/16/estudo-indica-que-internet-brasileira-e-parcialmente-livre.html">http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2017/11/16/estudo-indica-que-internet-brasileira-e-parcialmente-livre.html</a>
22/11/17	IBPAD	ARTIGO	QUAIS TIPOS DE GRUPOS EU POSSO ESTUDAR COM ETNOGRAFIA EM MÍDIAS SOCIAIS	<a href="https://www.ibpad.com.br/blog/comunicacao-digital/quais-grupos-posso-estudar-com-etnografia-em-midias-sociais/">https://www.ibpad.com.br/blog/comunicacao-digital/quais-grupos-posso-estudar-com-etnografia-em-midias-sociais/</a>
24/11/17	PÁGINA DO FACEBOOK : CODING RIGHTS	COMENTÁRIO COM IMAGEM	LANÇAMENTO DO RELATÓRIO: "VIOLÊNCIAS DE GÊNERO NA INTERNET: DIAGNÓSTICOS, SOLUÇÕES E DESAFIOS"	<a href="https://www.facebook.com/codingrights/posts/1484226748364749">https://www.facebook.com/codingrights/posts/1484226748364749</a>

29/11/17	BBC	ARTIGO	EVITO AS REDES SOCIAIS PELA MESMA RAZÃO QUE EVITO AS DROGAS', DIZ O CRIADOR DA REALIDADE VIRTUAL	<a href="http://www.bbc.com/portuguese/geral-42137698?ocid=socialflow_facebook">http://www.bbc.com/portuguese/geral-42137698?ocid=socialflow_facebook</a>
04/12/17	ESTADÃO	ARTIGO	CHRISTIAN DUNKER ANALISA EFEITOS DAS REDES SOCIAIS NO COMPORTAMENTO CONTEMPORÂNEO	<a href="http://alias.estadao.com.br/noticias/geral,christian-dunker-analisa-efeitos-das-redes-sociais-no-comportamento-contemporaneo,70002104500">http://alias.estadao.com.br/noticias/geral,christian-dunker-analisa-efeitos-das-redes-sociais-no-comportamento-contemporaneo,70002104500</a>
06/12/17	VICE.COM	ARTIGO	VIVI COMO UM PROFISSIONAL DO INSTAGRAM POR UMA SEMANA	<a href="https://www.vice.com/pt-br/article/ezqx9a/vivi-como-instagramer-por-uma-semana">https://www.vice.com/pt-br/article/ezqx9a/vivi-como-instagramer-por-uma-semana</a>
14/12/17	IBPAD	ARTIGO	LIVRO GRATUITO: INTRODUÇÃO À ANÁLISE DE REDES SOCIAIS <i>ON-LINE</i> , POR RAQUEL RECUERO	<a href="https://www.ibpad.com.br/blog/livro-gratuito-introducao-a-analise-de-redes-sociais-online-por-raquel-recuero/">https://www.ibpad.com.br/blog/livro-gratuito-introducao-a-analise-de-redes-sociais-online-por-raquel-recuero/</a>
22/12/17	PÁGINA DO FACEBOOK : SAFERNET BRASIL	COMENTÁRIO COM FOTO	LIVRO GRÁTIS E <i>ON-LINE</i> PRODUZIDO POR JOVENS LATINO-AMERICANOS ACERCA DE TEMAS RELEVANTES DE	<a href="https://www.facebook.com/SafernetBR/photos/a.416748175039749.87868.175804982467404/1541354629245759/?type=3">https://www.facebook.com/SafernetBR/photos/a.416748175039749.87868.175804982467404/1541354629245759/?type=3</a>

			TECNOLOGIA DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO .	
27/12/17	YOUTUBE	VÍDEO	COMO OS BRASILEIROS ACESSAM (OU NÃO) A INTERNET?	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=XMb1H3rn4-k&amp;feature=youtu.be">https://www.youtube.com/watch?v=XMb1H3rn4-k&amp;feature=youtu.be</a>
28/12/17	YOUTUBE	VÍDEO	ANSIEDADES CAUSADAS PELA INTERNET	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=7PRzQISlxOI&amp;feature=youtu.be">https://www.youtube.com/watch?v=7PRzQISlxOI&amp;feature=youtu.be</a>

Já nesta temática que abarca uma internet corporificada (Hine, 2015), grudada com a vivência dos afetos humanos, lembremos de Amaral (2016) e Recuero (2009) ao afirmarem que das redes sociais emergem novas formas de sociabilidade decorrentes de práticas potencializadas por ferramentas técnicas que se diferenciam das tradicionais formando novas formas de capital social, criando assim um novo padrão de individualismo que constitui-se em novos elementos coletivos, mas fraco e fragmentado.

Tabela 4: Política, movimentos sociais, violência e segurança na internet como temática do diário

<b>Data da publicação</b>	<b>Fonte original ou primária</b>	<b>Tipo</b>	<b>Título</b>	<b>Endereço:</b>
13/07/17	GENDERIT.ORG	ARTIGO	MAPEO DE GÉNERO Y TECNOLOGÍA: LAS RESISTENCIAS COBRAN RELEVANCIA	<a href="https://www.genderit.org/es/editorial/editorial-mapeo-de-g-nero-y-tecnolog-las-resistencias-cobran-relevancia">https://www.genderit.org/es/editorial/editorial-mapeo-de-g-nero-y-tecnolog-las-resistencias-cobran-relevancia</a>

15/07/17	CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO	EVENTO	O FAZER POLÍTICO NAS MÍDIAS SOCIAIS	<a href="http://centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br/atividade/o-fazer-politico-nas-midias-sociais">http://centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br/atividade/o-fazer-politico-nas-midias-sociais</a>
27/08/17	CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA	COMENTÁRIO COM FOTO	INFORMAÇÃO A SER COMPARTILHADA: VIU ALGUM SITE SUSPEITO NA INTERNET? NÃO PERCA TEMPO. DENUNCIE!	<a href="https://www.facebook.com/cnj.oficial/photos/a.191159914290110.47167.105872382818864/1666934133379340/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/cnj.oficial/photos/a.191159914290110.47167.105872382818864/1666934133379340/?type=3&amp;theater</a>
06/10/17	OBSERVATÓRIO DO MARCO CIVIL DA INTERNET	IMAGEM	PRESIDENTE TEMER DIZ QUE VETARÁ EMENDA QUE AUTORIZA A RETIRADA DE CONTEÚDOS DA INTERNET SEM AUTORIZAÇÃO JUDICIAL	<a href="https://www.facebook.com/omcibr/photos/a.765661213522028.1073741829.720345321386951/1484836498271159/?type=3&amp;theater">https://www.facebook.com/omcibr/photos/a.765661213522028.1073741829.720345321386951/1484836498271159/?type=3&amp;theater</a>
19/10/17	PRIMAVERA DAS MULHERES DOC.	VÍDEO	TRAILLER DO DOCUMENTÁRIO "PRIMAVERA DAS MULHERES" DE ANTONIA PELLEGRINO E ISABEL NASCIMENTO SILVA.	<a href="https://www.facebook.com/primaveradasmulheres/doc/videos/1691558564196461/?hc_ref=ARR08qaMS2j6T9muOFPs1QUseVOvg88BUeK6u7pQ6TE8aphAucFReLM6G0a5necEQ1E">https://www.facebook.com/primaveradasmulheres/doc/videos/1691558564196461/?hc_ref=ARR08qaMS2j6T9muOFPs1QUseVOvg88BUeK6u7pQ6TE8aphAucFReLM6G0a5necEQ1E</a>

06/11/17	HUFFPOST	ARTIGO	A INTERNET ESTÁ FICANDO MAIS AGRESSIVA, E MULHERES E MINORIAS SÃO OS MAIORES ALVOS	<a href="http://www.huffpostbrasil.com/2017/11/04/internet-esta-ficando-mais-agressiva-e-mulheres-e-minorias-sao-os-maiores-alvos_a_23266705/?ncid=fbklnkbrhpmg000000_04">http://www.huffpostbrasil.com/2017/11/04/internet-esta-ficando-mais-agressiva-e-mulheres-e-minorias-sao-os-maiores-alvos_a_23266705/?ncid=fbklnkbrhpmg000000_04</a>
06/11/17	GLOBO	ARTIGO	EX-MEME' DO ENEM ESTUDA DIREITO PARA DEFENDER VÍTIMAS DE OFENSAS NA INTERNET E AJUDA ATRASADOS EM SP	<a href="https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/enem-e-vestibular/ex-memedo-enem-estuda-direito-para-defender-vitimas-de-ofensas-na-internet-ajuda-atrasados-em-sp-22032097?utm_source=Facebook&amp;utm_medium=Social&amp;utm_campaign=O+Globo">https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/enem-e-vestibular/ex-memedo-enem-estuda-direito-para-defender-vitimas-de-ofensas-na-internet-ajuda-atrasados-em-sp-22032097?utm_source=Facebook&amp;utm_medium=Social&amp;utm_campaign=O+Globo</a>
20/11/17	MEIO E MESSAGE M	ARTIGO	A BASE DA TRANSFORMAÇÃO DIGITAL EFETIVA	<a href="http://www.meioemensagem.com.br/home/opinio/2017/11/13/a-base-da-transformacao-digital-efetiva.html?fbclid=IwAR3AjTdRDMMXn6hGNwVZNtZUiRHiSStRe5S1ryStiR8ff_z5H9aVHlm7ETA">http://www.meioemensagem.com.br/home/opinio/2017/11/13/a-base-da-transformacao-digital-efetiva.html?fbclid=IwAR3AjTdRDMMXn6hGNwVZNtZUiRHiSStRe5S1ryStiR8ff_z5H9aVHlm7ETA</a>
20/11/17	DIVERSIDADE.TECH	MANIFESTO <i>ON-LINE</i>	MANIFESTO PELA DIVERSIDADE NA TECNOLOGIA	<a href="http://diversidade.tech/">http://diversidade.tech/</a>

24/11/17	OLHAR DIGITAL	ARTIGO	GOVERNO FEDERAL LANÇA CARTEIRA DE TRABALHO DIGITAL; VEJA COMO USAR	<a href="https://olhardigital.com.br/dicas_e_tutoriais/noticia/governo-lanca-carteira-de-trabalho-virtual-veja-como-usar/72505">https://olhardigital.com.br/dicas_e_tutoriais/noticia/governo-lanca-carteira-de-trabalho-virtual-veja-como-usar/72505</a>
07/12/17	YOUTUBE	VÍDEO	SEU TEXTÃO NÃO CHEGA ONDE FÁTIMA CHEGA	<a href="https://www.youtube.com/watch?v=hY6KL_uES0&amp;feature=youtu.be">https://www.youtube.com/watch?v=hY6KL_uES0&amp;feature=youtu.be</a>
28/12/17	UOL	ARTIGO	RACISMO, AMEAÇA E GORDOFOBIA: O QUE A VIOLÊNCIA ON-LINE FEZ A ESTAS MULHERES	<a href="https://estilo.uol.com.br/comportamento/noticias/redacao/2017/12/19/violencia-digital-contra-mulheres.htm">https://estilo.uol.com.br/comportamento/noticias/redacao/2017/12/19/violencia-digital-contra-mulheres.htm</a>

Por fim, essa temática liga-se à internet, que desaparece de tão naturalizada (Hine, 2015). Além disso, ela evoca a transformação das forças organizativas políticas, uma vez que a política dependente do espaço público também é transformada em função das condições da cultura da virtualidade real, como afirmou Castells (2005). Ele ainda considerou que as opiniões e o comportamento políticos são formados por meio da comunicação, e de seus espaços, não como uma determinação, mas fortemente influenciado por tudo que está e que “não está” na mídia. Porém, esse mesmo espaço das redes também é tomado para o desenvolvimento de um contrapoder político, como no caso dos movimentos sociais (Castells, 2005 e 2013)

### 5.3. O atravessamento de um acontecimento de nome Geni

Nesta seção quero falar sobre o potencial espaço das redes sociais para fomentar, ou dar sustentação, para ações sociais cujo tema principal é gênero. Para tanto pretendo contar um pouco sobre o Coletivo Geni, uma iniciativa que se encontra atrelada ao movimento feminista e que se utiliza de várias frentes de ação para suas realizações, incluindo trabalho em grupo, ações comunitárias e o ativismo *on-line*, bem como quero abordar sobre questões relacionadas à psicologia social, em especial a comunitária, que ele me fez suscitar.

A psicóloga social portuguesa Conceição Nogueira (2000), a partir de uma perspectiva construtivista, fala da aproximação da psicologia social com os temas de gênero, afirmando que esse campo científico por muito tempo se ateve às diferenças sexuais, evidenciando emoções distintas entre os gêneros feminino e masculino, as quais geram um protótipo de temperamento feminino de timidez e docilidade, culminando em papéis de gênero definidos por diferenças sexuais estereotipadas. Por isso, clama por uma psicologia social que, além de considerar questões sociais e históricas dos sujeitos, veja o gênero como construção para além do indivíduo, mas como relação social, por meio de uma psicologia social crítica e feminista.

O que pode uma psicologia social quando se fala de feminismos nas redes? Há demanda para isso?

Considerando o compromisso ético-social-político da psicologia social e as lutas de gênero protagonizadas pelos feminismos, principalmente os contemporâneos, acredito que seja possível uma mistura entre esses conhecimentos para que se crie um novo lugar de saber e práticas, único, atravessado pelo contexto histórico-social-político e de território que pode colocar-se a favor da desconstrução das relações de poder entre homens e mulheres, reaver e transformar uma psicologia estereotipada, fornecer legitimidade científica ao feminismo, reconhecer os saberes populares, facilitar o trabalho de conscientização da população sobre si mesma e até auxiliar grupos específicos como facilitadores.

De maneira geral, isso significa dizer que penso que um/uma psicólogo/a ao se orientar por meio da psicologia social deve compreender sua abrangência, sua gênese e seu histórico de desenvolvimento elitista, o qual muitas vezes se propôs a responder as perguntas de grupos dominantes na sociedade. E que por isso, para que se desenvolva uma psicologia compromissada com todos e todas, o profissional de psicologia deva buscar ser facilitador para que nós compreendamos nosso lugar na sociedade de maneira crítica o que favorece nossa produção de políticas públicas nas áreas de saúde, educação, assistência social etc., bem como nossa luta por direito e a compreensão de nossas relações sociais. Essas, por meio do Geni, mostraram-se muito cruciais quando abordamos a questão de gênero. Por isso, convido o/a leitor(a) a conhecer um pouco mais sobre este coletivo.

Durante o processo desta pesquisa nasceu a iniciativa que se tornou o Coletivo Geni. No momento, eu estava cursando algumas disciplinas deste programa de pós-graduação e tive a oportunidade de conviver com alguns alunos e professores que sempre traziam para as discussões nas salas de aulas, questões de gênero, as quais me auxiliavam no trabalho com meus alunos. Na época eu trabalhava em duas Faculdades, ambas privadas e eu era docente nos cursos de psicologia das duas e lá lecionava disciplinas e supervisionava estágios de diversas áreas da

psicologia social. Com frequência, discussões contemporâneas atravessavam esses processos de formação, muitas dessas discussões traziam conteúdos sobre política públicas, ética, gênero, identidade e relacionamentos, muitas vezes motivadas pelas campanhas feministas. Portanto, considero fundamental narrar o processo de criação e desenvolvimento deste coletivo, que pude acompanhar por também ser membro deste. Além disso, a descrição que segue foi redigida após uma conversa com membros participantes da fundação do coletivo e das ações desde sua criação, os quais também colaboraram disponibilizando imagens de suas ações.

Em treze de maio de 2015 o Geni foi criado e a história do seu surgimento remete a alguns valores importantes que definem o coletivo atualmente. Permitam-me contar a partir do meu lugar. No início do ano de 2015 recebemos os cronogramas de aulas das escolas e faculdade e o Curso de Psicologia da UNIFIO estava distribuído em salas de dois prédios diferentes. Os alunos das duas salas que ficaram em bloco separado dos demais, reclamaram e reivindicaram uma mudança que não foi atendida pela Instituição, uma vez que não havia nenhum mal funcionamento técnico nas salas onde as turmas se localizavam. Neste momento também se formou uma iniciativa de um grupo de alunos do GOU – Grupo de Oração Universitário que conseguiu uma sala para se reunirem todas as terças-feiras. Qual não foi a surpresa dos alunos de Psicologia ao perceberem que a instituição havia negado o pedido da sala de aula para a turma, mas havia liberado o espaço para os alunos do GOU. Assim, uma aluna de Psicologia que estava em busca de pessoas com quem pudesse compartilhar suas ideias sobre o mundo, ideias sobre feminismo, resolveu criar um grupo de discussão *on-line* como uma ação interventiva, um afronte e adicionou neste grupo colegas da faculdade e de fora dela, bem como alguns professores, e eu estava nesse combo de pessoas que receberam o convite para participar do grupo até então chamado: GENI – Pra todo mundo, não para qualquer um.

Este grupo inicial somava cerca de 60 pessoas e no espaço do grupo começou-se a compartilhar textos de blogs feministas, bem como vídeos e estudos. Aos poucos as pessoas que compunham este grupo postagens cada vez mais e passaram a adicionar outras pessoas de seus próprios perfis no grupo, aumentando em número e em fluxo de comentários o espaço do grupo. Em pouco tempo o grupo tinha mais de dez postagens diárias compartilhadas, mas não de produção própria, mas replicando outros conteúdos, imagens, memes e discursos. Mas havia uma identificação quase silenciosa se não fossem os próprios botões do Facebook de *like*.

De uma maneira despreziosa em si, por um fazer meio intuitivo, a propagação do grupo no meio digital e na vida das pessoas que o consumiam levou o grupo para outros espaços. Logo, as pessoas que tinham uma postura mais implicadas frente aos temas concernentes ao

feminismo se reuniram, e aos poucos perceberam consensualmente o desejo de ampliar o Grupo Geni para além do ativismo nas redes e propagar as ideias feministas no contexto local.

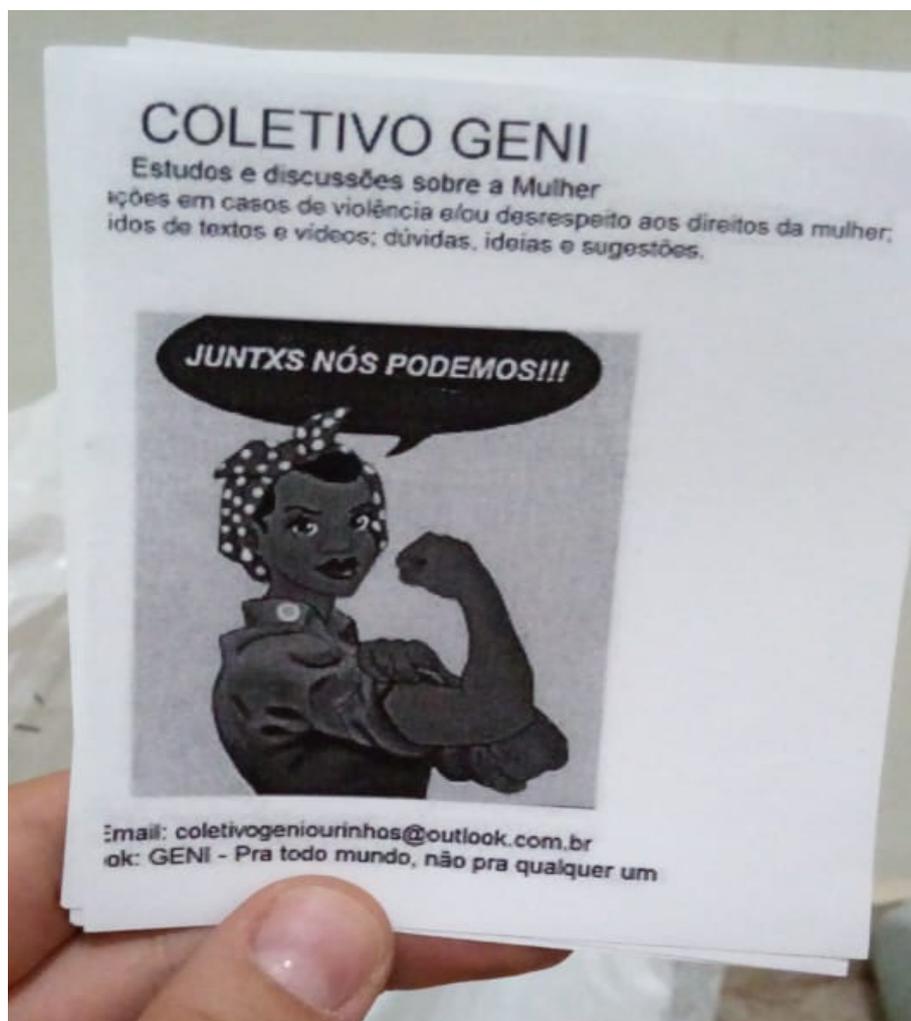


FIGURA 13: Folder de divulgação do Geni

Fonte: Coletivo Geni

Enquanto docente de psicologia e identificada com uma psicologia que preza pelos valores sociais e direitos humanos, pautas de respeito e igualdade já faziam parte do meu contexto profissional e pessoal. Contudo, não ficava claro que compunham e vinham de lutas de mulheres. Isso demonstra que falar de feminismo não é bem aceito em todos os ambientes e que essas pautas ao serem institucionalizadas como ação ética de um profissional de psicologia perdem sua identidade de luta e resistência e se transforma num discurso asséptico, o qual perde força na prática também, pois torna-se teoria desvinculada das pessoas as quais estão desprivilegiadas no formato social desejável.

Por conta disso, para mim o envolvimento com o coletivo era óbvio, pois ali se apresentavam valores buscados por uma psicologia ética e responsável. Ao passo que uma das

primeiras ações do coletivo, que tive a oportunidade de participar, ocorreu em meados de novembro de 2015 em três escolas que ofertavam ensino médio.

A ação tinha a ver com o descontentamento frente a uma mudança na estrutura de oferta da formação no ensino médio, fundamental I e fundamental II realizada pelo Governo do Estado de São Paulo. Assim, para rechaçar tal proposta alunos do ensino médio passaram a ocupar as escolas do Estado, visto que os professores que se manifestavam estavam sofrendo repressões por meio da polícia militar a mando do próprio Estado. Logo, havia mais de 200 escolas ocupadas. A ocupação logo ganhou as ruas e conseguiu evitar as mudanças previstas.

No município de Ourinhos/SP, onde localiza-se o Coletivo Geni, foi sabido que os adolescentes que participavam da ocupação estavam sem atividades. Apenas alguns professores iam lá para fortalecê-los, então eu e mais alguns membros do grupo nos disponibilizamos a ir fazer uma roda de conversa sobre feminismo e política com esses adolescentes. A ação foi muito interessante, pudemos abordar assuntos relativos à vivência da sexualidade e o respeito à mulher, e encontramos algumas adolescentes que conheciam a discussão feminista. Deste evento pude conhecer pessoalmente outras pessoas do grupo.



FIGURA 14: Entrada da escola Ourinhense ocupada em novembro de 2015

Fonte: Coletivo Geni

Com isso a ideia de fazer do grupo *on-line* um coletivo ativo cresceu, assim como as discussões estavam a todo vapor. Logo, entre alguns conhecidos que faziam parte do grupo, decidimos nos reunir para uma reunião e para compartilhar nossas opiniões e desejos relativos ao Geni.

Assim, em 18 de dezembro de 2015 ocorreu a primeira reunião do Geni que reuniu menos de dez pessoas, mas que puderam, nesse momento, compartilhar ideias acerca do coletivo, projeções por assim dizer. O desejo de criar uma marca de identificação do grupo e que por ela pudessemos gerar alguma renda e subsidiar ações sociais locais.



FIGURA 15: Primeira reunião do coletivo Geni em dezembro de 2015

Fonte: Coletivo Geni

Como resultado da primeira conversa coletiva relativa ao coletivo Geni, em fevereiro de 2016 foi criado a marca do Coletivo Geni.



FIGURA 16: Logo do Coletivo Geni

Fonte: Coletivo Geni

Não poderia afirmar com certeza se o logo do coletivo poderia supor um brasão de inteligências coletivas, como propuseram Lévy e Althier (2000), mas o espaço do Geni vinha tornando-se um espaço de formativo e de favorecimento do compartilhamento de saberes de maneira livre que fomentava a resistências dos saberes aprisionados pelo lucro.

Nesse sentido, a imagem que é utilizada como marca do Geni foi criada por uma mulher do coletivo. Ela utilizou princípios estéticos de sua experiência e de sua intuição para dar a forma a ideia. Nela, a criadora utilizou cores simples que pudessem se misturar à outra e formar novas cores. Escolheu letras que fossem expansivas com a ideia de crescimento e potência. O aspecto translucido de cada cor foram imaginados como lâminas de vidros no encontro do desenho das letras representa a ideia de que seres únicos ao se reunirem, formam algo novo, uma nova palavra, formam o Geni, que representa todo mundo.

Uma observação dessa ação é notar que ainda que a criadora não tenha o título acadêmico para tal, ela pôde fazer. Essa é uma característica do grupo, de não ter necessariamente profissionais para a realização de determinadas ações, mas pessoas com desejo, iniciativa e capacidade para a execução.

Outra característica é uma certa universalidade, que é um elemento compartilhado no entendimento do feminismo interseccional<sup>80</sup> da maneira que é praticado no coletivo. A frase que acompanha o nome Geni, que primeiramente foi “dá pra todo mundo, não para qualquer um” e que posteriormente tornou-se “Dá pra qualquer um/a” representa esta intenção, de criam um espaço de legitimidade e acolhimento social para as minorias e de conscientização sobre a luta das minorias e dos privilégios de outros na sociedade. Aqui fala-se das mulheres nas lutas de gênero que atravessam suas vidas em níveis pessoais, familiar e profissional; fala-se da mulher negra, gorda, pobre, trans, sem formação, sem emprego, mãe solo, deficiente e, principalmente, de todas aquelas que sofrem violência por serem quem são, mulheres em sua singularidade. Mas é claro que isso não significa que o coletivo intenta mudar a vida de cada uma dessas pessoas, ou que promete fazer isso. A proposta do coletivo é de solidariedade, apoio coletivo. Muitas vezes, esse acompanhamento mais próximo ocorre. Como no caso de mulheres que sofreram violência, cuja a intervenção foi feita ou mediada pelas próprias pessoas do coletivo. Em outras situações, as pessoas já estavam num processo de cuidado, ou traziam questões familiares e nosso papel era estar junto, ou seja, ser um amigo de confiança, apoiar, acolher. Ao mesmo tempo que há uma preocupação em dar voz a essas minorias para que outras pessoas da sociedade possam repensar suas ações frente a realidade de múltiplas exclusões.

Talvez o perfil do coletivo em si tenha um desenvolvimento afetivo comunitário que dá a sensação de não estar sozinho, por ter alguém para quem pedir ajuda, fazer companhia, cujas ideias são semelhantes às suas que são consideradas muito éticas/social que carrega valores sociais, que prevê nas suas ações a compreensão da contradição da vida e tenta compreender os fenômenos para além do indivíduo, mas considerando ele integrado ao seu meio e atravessado por instancias ideológicas – o perfil militante em que cabe várias lutas e que se acredita na mudança do mundo a partir do diferencial do mundo de cada um. Esse diferencial muitas vezes está ligado a enxergar-se como é, quando se volta ao social ver que preexiste um lugar pra você e que ele não leva em consideração os seus valores, pois possui sistemas estruturantes e limitados. Contudo, ver-se assim permite uma identificação com os outros que também estão nesse processo, é o compartilhamento do movimento. No Geni entende-se que o feminismo

---

<sup>80</sup> De acordo com as "Blogueiras Negras", feminismo interseccional diz respeito à intersecção entre diversas opressões: de gênero, raça e classe social, fazendo compreender que algumas mulheres sofrerão mais opressões que outras, tais como as mulheres negras. O surgimento do Feminismo Interseccional tem como algumas de suas figuras principais as estudiosas Kiberlé Crenshaw que cunhou o nome na década de 80 afirmando que mulheres negras falavam sobre interseccionalidade de opressões muito antes dela, bem como Audre Lorde, uma negra, lésbica e mãe, e bell hooks, que insiste que seu nome seja escrito em letras minúsculas para insistir que o enfoque do que produz recaia sobre sua escrita e não sobre si. Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/2015/09/29/feminismo-interseccional-um-conceito-em-construcao/>. Acesso em: abril de 2019.

interseccional traz a ideia que o outro(a) pode ser quem ele(a) é em sua singularidade, desde que seja ético(a).

No capitalismo se produz o individualismo e diz-se que a tecnologia torna esse processo sofisticado, por outro lado, quando se cria um movimento que cobra que este respeito esteja nas relações sociais, afetivas e profissionais, exigindo acessibilidade à liberdade apregoada pelo liberalismo para livrar-se dele na quantidade de seu desejo. Por isso que é na curva da contradição que se discute o feminismo.

Todos esses valores eram os que levaram às ações do coletivo que ia, aos poucos, ganhando visibilidade e reconhecimento. Logo, em fevereiro de 2016 o Coletivo foi convidado a ofertar oficinas sobre gênero para alunos do primeiro ano do curso de psicologia na UNIFIO – Centro Universitário das Faculdades de Integradas de Ourinhos.



FIGURA 17: Oficina da Unifio de 22/02/2016

Fonte: Coletivo Geni

Em março, o coletivo foi convidado para participar de três eventos em comemoração ao dia internacional da mulher, oito de março. Participou assim da palestra do curso de psicologia da UNIFIO com a discussão do documentário "Que bom te ver viva", promoveu uma roda de conversa no Ambulatório de Especialidades Médicas – AME sobre empoderamento feminino, e realizou uma palestra sobre gênero e feminismo no Colégio Santo Antônio – Objetivo.



FIGURA 18: Auditório da UNIFIO na palestra do dia da mulher de 2016

Fonte: Coletivo Geni



FIGURA 19: Participantes da roda de conversa no AME em março de 2016

Fonte: Coletivo Geni



FIGURA 20: Palestrantes no Colégio Objetivo de Ourinhos/SP

Fonte: Coletivo Geni

Ainda em 2016 o coletivo promoveu evento “1º Beijaço LGBTQ+ de Ourinhos”, que tinha como objetivo dar visibilidade às minorias de gênero, e no mesmo ano mais duas edições da atividade foram realizadas, sendo a terceira a edição com viés do movimento negro. Para tanto, reuniram-se em uma rua central da cidade e de muito movimento noturno, várias pessoas que se manifestavam pacificamente e brindavam essa manifestação com um beijo entre pessoas homossexuais.



FIGURA 21 - 1º beijação Gay de Ourinhos

Fonte: Coletivo Geni

Também foram promovidos, no decorrer de 2016, uma roda de conversa com os internos do Centro de Ressocialização de Ourinhos com a temática: “Construções das Masculinidades”. Assim como “Aulões de política” que consistiam em debates com o objetivo de esclarecer conceitos e discutir acontecimentos recentes e históricos brasileiros. O coletivo ainda realizou oficinas no Instituto Federal do Paraná (IFPR), campus de Jacarezinho/PR, cidade vizinha à Ourinhos. Além de atividades variadas realizadas como cines-debate, intervenções e palestras.



FIGURA 22: Debate realizado no IFPR em Jacarezinho em agosto de 2016

Fonte: Coletivo Geni

No fim do ano de 2016 houve a iniciativa de criar bottons para gerar algum valor ao coletivo e financiar algumas ações. Enquanto isso o grupo *on-line* continuava ativo e em crescimento. Lá se discutiam direitos da mulher, homofobia e transfobia, questões de racismo, que inclusive rendeu algumas discussões muito movimentadas sobre apropriação cultural sobre o uso desmedido de cocar e turbante por pessoas brancas, como acessório estético, negando suas origens.



FIGURA 23: Botton com o logotipo do Geni

Fonte: Coletivo Geni



FIGURA 24: Conversa com uma sala de Educação de Jovens e Adultos – EJA sobre Feminismos e questões de gênero

Fonte: Coletivo Geni



FIGURA 25: Palestra do dia da mulher de 2017 na UNIFIO

Fonte: Coletivo Geni

Discussões no grupo *on-line* e o encontro com membros de um coletivo de uma cidade vizinha, o Coletivo Artístico de Sustentabilidade Urbana (CASU) e com artista local fizeram surgir entre membros do grupo a ideia de produzir um evento cultural para ampliar as discussões, bem como para promover um espaço seguro para as minorias, de confraternização, socialização e visibilidade. Foi assim que surgiu a feira de cultura e arte, denominada Remonta. Para tanto, o processo de criação foi formado por muitas descobertas de como promover um evento em local público, o qual necessitava de autorização e apoio da prefeitura local. E, embora este apoio tenha sido precário, a feira realizou-se e foi um sucesso, levando os participantes ao choro emocionado.

O nome Remonta surgiu de uma música e álbum da banda Liniker e os Caramelows, cuja vocalista, Liniker, é uma mulher trans. Ao passo, que estar movimento com questões feministas num momento de grande e profunda crise política geraram inúmeras manifestações culturais promovida pela e para as minorias como as dessa banda. Liniker é uma cantora e compositora de letras sensíveis, negra, de origem do interior do Estado de São Paulo. E em "Remonta" diz:

" Como se não bastasse a guerra também  
De te ver todo dia meu bem  
Tem o dissabor dessa ferida, tem  
Que germina na pele e insiste em ficar

Tem o dissabor dessa ferida, tem  
 Que germina na pele e insiste em ficar  
 Já não quero mais saber de trela dessa novela  
 Preciso mesmo é remontar  
 Remonta o amor  
 Remonta, remonta"

E nós do Coletivo Geni estávamos compartilhando do sentimento de que era preciso refazer nossos laços, reconstruir nossas parcerias, ressignificar nossas histórias, enfim, remontar. Em 8 de abril de 2017 houve o primeiro Remonta em uma praça pública da cidade de Ourinhos e essa onda sentimental gerou uma identificação coletiva com o que era ali defendido, e embora tenham tido reclamações por acusarem o evento de ser um espaço para o uso de drogas ilícitas, o Remonta marcou a história do Geni e deu muita visibilidade ao Coletivo, que, por conta disso, precisou reorganizar-se com relação ao número de pessoas engajadas nas ações práticas do Coletivo.

O evento ofereceu atividades diversas atividades artísticas, tais como música, dança, teatro, sarau literário, poesia, desenhos, pintura, fotografias, artesanato e oficinas.



FIGURA 26: equipe de trabalho do primeiro Remonta

Fonte: Camila López para Coletivo Geni

Passado dois meses da realização da feira, iniciou-se a organização para uma próxima feira. Porém, a prefeitura municipal passou a exigir CNPJ para requerer o uso da praça pública. Com isso, foi necessária a parceria com uma ONG que apoiou o evento e fez o requerimento formalmente, bem como realizar um evento preparatório para arrecadação de fundos para subsidiar a feira. Nesse contexto, houve em 8 de agosto de 2017, o evento musical preparatório que levou o nome de “Pré-Remonta”, no qual vários músicos tocaram gratuitamente em um bar da cidade que reverteu o pagamento dos clientes para o evento. E, em 18 de agosto, houve uma reunião para definição do grupo criação do grupo de trabalho do Geni e divisão de tarefas que gerou a criação de um grupo no Whatsapp. Além disso, em 5 de setembro de 2017 foi criada a Página no Facebook do Geni para maior divulgação evento.



FIGURA 27: Equipe de trabalho do Geni no Pré-Remonta

Fonte: Coletivo Geni



FIGURA 28: Grupo de trabalho para o 2º Remonta

Fonte: Coletivo Geni



FIGURA 29: Página do Coletivo Geni no Facebook

Fonte: Coletivo Geni

Chegou 9 de setembro de 2017, data do 2º Remonta feira de artes. A aceitação e movimentação deste evento foi ainda maior que o primeiro, com mais oficinas, participações musicais e pessoas em geral, o evento chamou atenção da mídia local, que se fez presente realizando entrevistas e registrando a feira. Lá pode se encontrar pessoas, na maioria jovens de diferentes orientações sexuais, raças, credos, bairros e classes convivendo pacificamente. O evento trouxe oficinas de dança e de libras, reuniu artesãos, músicos, poetas, cozinheiros, desenhistas, malabaristas, moradores de rua e militantes de causas diversas.



FIGURA 30: Área de exposição do 2º Remonta

Fonte: Coletivo Geni



FIGURA 31: Área de bebedouro, banheiro e pula-pula para crianças

Fonte: Coletivo Geni



FIGURA 32: Palco principal do Remonta

Fonte: Barbara Genito para Coletivo Geni

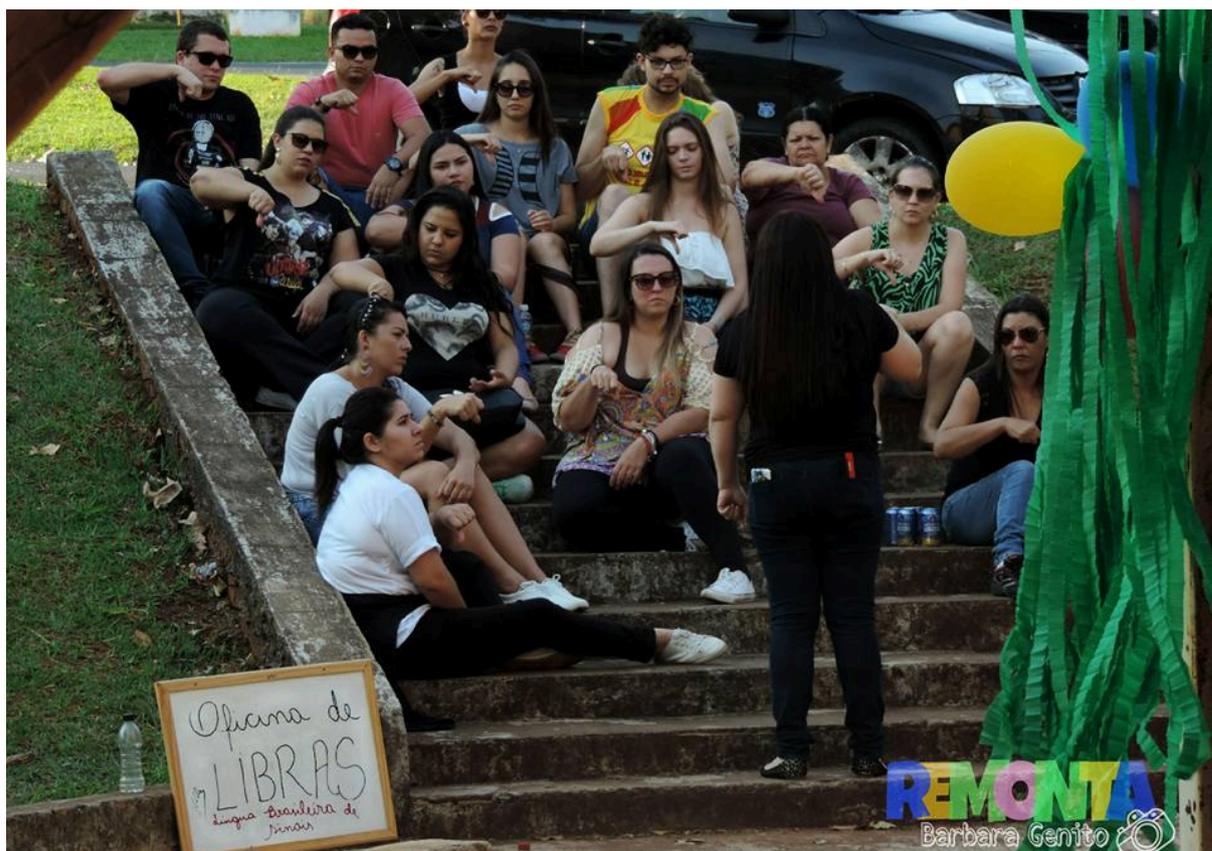


FIGURA 33: Oficina de libras no 2º Remonta

Fonte: Bárbara Genito para Coletivo Geni

Para a realização de todas essas atividades o grupo de trabalho do Coletivo Geni contou com uma equipe tática que esteve presente no dia, aumentando a potência do grupo.



FIGURA 34: Parte da equipe que trabalhou no 2º Remonta

Fonte: Coletivo Geni

Enquanto todas essas atividades ocorriam e eram realizadas, o grupo *on-line* e a Página no Facebook continuavam ativos, sendo espaço de discussão dos temas que tínhamos em comum e servindo como uma espécie de suporte do nosso trabalho, bem como um espaço de formação, mas em outros momentos, por conta da moderação das discussões, funcionava como mais um campo de trabalho.

Levando isso em consideração e o nosso desejo de continuar com a realização das feiras, fizemos uma reunião no fim do ano de 2017 em que levantamos alguns nomes de pessoas que estavam sempre presentes nas atividades práticas do coletivo e, em janeiro de 2018, ocorreu uma reunião na qual convidamos essas pessoas para participarem desse grupo de trabalho permanente. Dessa reunião deu-se a criação de um novo *e-mail* e conta no google *drive* para facilitar o trabalho coletivo. Em 19 de maio de 2018 ocorreu o 3º Remonta, além de eventos antecedentes à feira Remonta que foram chamados de Circuito Remonta. Este consistia em produzir eventos culturais uma vez ao mês em um lugar diferente, com o objetivo de divulgar o trabalho e de fomentar renda para a feira.

Seguem imagens de algumas atividades desenvolvidas em 2018.



FIGURA 35: Cine Debate “Que Horas ela Volta?”

Fonte: Coletivo Geni



FIGURA 36: Palestra do Dia da Mulher junto à Prefeitura Municipal

Fonte: Coletivo Geni



FIGURA 37: Participantes do documentário "Corpos Vivíveis" no Cine debate  
Fonte: Coletivo Geni



FIGURA 38: Reunião com representantes de Coletivos de cidades vizinhas  
Fonte: Coletivo Geni



FIGURA 39: Cartaz do projeto “Circuito Remonta”

Fonte: Coletivo Geni



FIGURA 40: Pintura no Circuito Remonta

Fonte: Coletivo Geni



FIGURA 41: 3º Remonta

Fonte: Coletivo Geni



FIGURA 42: Palestra Violência Contra a Mulher em Jacarezinho/PR

Fonte: Coletivo Geni



FIGURA 43: Manifestação política contra o fascismo #elenão

Fonte: Coletivo Geni



FIGURA 44: Circuito Remonta em prol da banda Tons Afro

Fonte: Coletivo Geni



FIGURA 45: Cine Debate "Chega de Fiu Fiu" do Coletivo Think Olga

Fonte: Coletivo Geni



FIGURA 46: Aulão de Política

Fonte: Coletivo Geni

Como se pode notar por meio dessas imagens, as palestras, aulões de política e eventos culturais continuaram acontecendo, mas no segundo semestre de 2018, o ritmo das atividades, juntamente com o contexto político que antecediam as eleições presidenciais fizeram com que o coletivo entrasse em um movimento de autoavaliação de suas práticas. Também se notou que o grupo *on-line* havia parado de crescer em número de membros, embora continuasse fomentando discussões. Era chegado um momento de reflexão, o que ocorreu nas reuniões sucessivas, até o início de 2019. Período deste atual relato.

A partir dessa experiência permeada pelas redes sociais, tanto no que diz respeito às relações sociais que se puderam fomentar, quanto pela estrutura comunicacional que as redes sustentaram. Penso que o campo da luta dos movimentos sociais que também se pratica *on-line*, enquanto um ativismo, constitui-se num espaço fértil o trabalho social, do qual a psicologia social comunitária também pode e deve participar.

Nesse sentido, é importante saber que o ativismo digital, ativismo *on-line*, netativismo ou ainda ciberativismo como também pode ser denominado, é uma forma de ativismo que se dá pela internet e que é utilizado para divulgar causas e organizar mobilizações.

A rede está em todos os lugares, existem em escalas diversas, podem ser de infraestrutura técnica, de comunicação, de pessoas, cultural, e da internet. Lembremos de Castells (1999) quando afirmou que a nossa sociedade atual se desenvolve por meio de um novo paradigma tecnológico advindo do que ele chama de Revolução das tecnologias de informação. O que não significa que as TIC detêm qualquer poder de transformação, mas que elas substancialmente contribuem para mudanças quando passam a fazer parte da vida comum, pois incidem no desenho organizativo da sociedade, mudam as estruturas sociais, os modos de produção, as experiências de si, mudam as relações sociais e as relações de poder. Falando de outra forma, é dizer que a rede, entendida como a internet, permite configurações sociais outras, não substitutivas, mas complementares às anteriores em que por meio de conexões podem revelar a formação de novas comunidades, as virtuais.

Essas mudanças estão aglutinadas no que ele chama de Capitalismo Informacional, que expõe a ideia de rede como substrato organizativo dos mercados e do direcionamento do capital, que permite e, principalmente, suporta também as relações sociais que se tornam mais flexíveis e ao mesmo tempo mais individualistas, e vão forjando um novo espaço de convivência humana (ciberespaço) e um novo conjunto cultural (cibercultura), cuja máxima é um novo modelo de Estado.

Assim, se há uma nova forma de pensar a sociedade e os sujeitos em seu meio, como se pensaria as lutas sociais que representam criticamente discursos importantes em uma

sociedade? Seria então um levante de contrapoder que tende a colocar em ruínas as relações estáticas hierárquicas, pois se o capitalismo informacional transforma os modos de produção e de comunicação, também transforma o exercício de cidadania.

Em meio ao sentimento de medo, mas também de luta, as redes sociais digitais ofertaram suporte para os movimentos por seu caráter conectivo que permite que grupos com os mesmos valores se identificassem e se organizassem em comunidades virtuais, unidos por outras sensações, como as de solidariedade e autonomia.

E, ainda, se retomarmos Lévy (1999) quando definiu o ciberespaço como a própria rede, um meio de comunicação mantido por uma interconexão de computadores, ou seja, que abrange tanto a esfera da infraestrutura material de comunicação digital quanto as informações processadas nesse meio. Essas informações perpassam a cibercultura refletindo um conjunto técnico (material e intelectual), práticas, atitudes, modos de pensamento e valores que se desenvolvem no e junto ao ciberespaço não necessariamente de uma forma ordenada. Para tanto, é importante sublinhar que é impossível separar o ser humano de seu ambiente, ou seja, as tecnologias não estão alheias à vida humana, mas são frutos de ideias pensadas no passado e aprimoradas/atualizadas no presente. Logo, seria por meio da rede e da cibercultura, as quais se constituem atreladas à realidade político-social, que criamos redes sociais e comunidades virtuais, grupos com os quais podemos nos identificar e produzir valores e práticas sociais.

Além disso, Recuero (2009) afirmou que é importante lembrarmos que as redes sociais existem antes da própria internet, pois tratam-se de relacionamentos humanos, e a prática de mediá-los por computadores estabelece novas dinâmicas no relacionar-se entre os sujeitos envolvidos. Estes, ela denomina de atores e juntamente com as conexões constituem os elementos das redes sociais na internet. Assim, cada ator pode conectar-se com outro, criando arestas entre eles que são chamadas de nodos ou nós. Logo, a partir de estudos científicos que relacionam conhecimentos da matemática, tecnologia e sociologia, a autora demonstra que os nós representam construções identitárias no ciberespaço desterritorializado de caráter simétrico ou assimétrico, ou seja, podem indicar laços de diferentes intensidades e relações positivas ou negativas, as quais são originadas por meio das relações comunicacionais e troca sociais complexas.

Então significa dizer que o sujeito nas redes sociais digitais, o ator, se apropria de conhecimentos que encontra ali e se identifica, se transforma, se reconfigura, troca afetos, se reconhece e é reconhecido, sente satisfação e pertença, ou seja, vive, se subjetiva. Mas há diferenças, pois a internet ainda pressupõe uma comunicação mediada, o que não impede que nas interações seja possível a construção de valores sociais; esses que estão em jogo no

momento que um ator passa a fazer parte de um grupo interativo, de uma comunidade virtual. Juntamente às comunidades virtuais, o ciberativismo tem se mostrado como espaço para essas transformações sociais, pessoais, políticas e econômicas.

A respeito desse tema, Murilo Júnior (2015) afirmou que o ativismo tem por função desenvolver um conjunto de ferramentas conceituais e analíticas aptas para revelar um melhor entendimento sobre os processos criativos de propriedade intelectual e da importância econômica da dimensão pública. Isso porque o ciberespaço cria (e é por ela criado) não somente a cibercultura, mas também a ciberdemocracia e o ciberativismo.

Assim, partindo da ideia de que vivemos na era da informação, há o surgimento de comunidades virtuais, mas também de outras formações de Estado e governança que culminam na demanda por uma ciberdemocracia, um novo tipo de Estado transparente e a serviço dessa cibercultura. Essa demanda advém dos atores, uma vez que, diferentemente das mídias tradicionais, na internet o sujeito consome informação e cria, é o que se discute no paradigma da *web 2.0*. Tais mudanças aumentam a liberdade e amplia o ciberespaço como uma rede colaborativa com ambiente descentralizado (Lemos e Lévy, 2010).

De acordo com Galante (2011), esse aumento participativo nas redes permite transformar nosso exercício de cidadania e, por isso, sobre a internet afirma que: "Esta tecnologia possibilita que todos nós possamos ser não só consumidores de informação, mas também produtores e, dessa forma, expandir nossa participação nos processos democráticos, como cidadãos." (p.35). Tal afirmação é deveras importante, pois se já se entendia que no ciberespaço há produção de subjetividade, agora também se afirma seu papel político, contribuindo para pensar sobre os caminhos percorridos por meio do ciberativismo. A autora ainda afirma as comunidades virtuais constituem o fundamento social e são a chave para a ciberdemocracia, pois delas criam-se propostas sociais humanitárias e democráticas.

Assim, o ciberativismo, por dar-se no ciberespaço cujo caráter estrutural é a rede e por sua representatividade política, torna possível que movimentos da sociedade civil organizem-se em escala planetária, promovendo manifestações em nível global; bem como, permite aprofundar-se nas discussões sobre acesso e garantia da interatividade nos ambientes públicos e privados da sociedade, que para além dos recursos materiais aponta os recursos simbólicos (ideológicos) e políticos (da regulação dos acessos, como o Marco Civil da Internet no Brasil); também viabiliza o desenvolvimento de valores culturais que fazem resistência ao individualismo inerente do neoliberalismo ao abordar novas ideias, ações e transformação da vida cotidiana. Além disso, sua descentralização e performance em alta velocidade permite que lutas de diferentes discursos ocorram ao mesmo tempo.

Baseada nas ideias do economista David de Ugarte em sua obra "O Poder das Redes", Galante (2011) recupera a ideia de que o ciberativismo não é uma técnica, mas uma estratégia, a qual nos apropriamos e utilizamos no intuito de multiplicar uma ideia ou informação, e que por isso, estaríamos todos enredados nessa estratégia. Para tanto, esta estratégia se desenvolve de duas maneiras básicas seja pela criação de um centro que propõe ações e difunde ideias e seja pelo debate social geral cujas consequências são imprevisíveis.

#### 5.4. Problematizações e questões em aberto

Neste subitem fazemos algumas conjecturas para a pergunta: como a psicologia social poderia se relacionar com a internet, em especial as redes sociais digitais, como o Facebook? Mas, advertimos o(a) leitor(a) que não se constituem em ideias prontas e finalizadas, pois é preciso, antes de tudo, considerar que aqui temos a intenção de fazer questionamento sobre possibilidades de atuação.

Da mesma maneira, é importante dizer que o conselho de classe profissional da psicologia no Brasil, o Conselho Federal de Psicologia (CFP), não normatiza práticas sociais na internet. Em suas publicações e normas, apenas encontramos orientações para o trabalho clínico, mostrando que não há discussões sobre essas práticas.

Contudo, o jornal<sup>81</sup> do Conselho Regional de Psicologia da 6ª Região, nº 194, apresentou uma manchete intitulada "Resolução que atualiza atendimento psicológico *on-line* entra em vigor" que discute a nova resolução do CFP nº 11/2018 que amplia os serviços psicológicos *on-line* também discute a necessidade de se renovar o currículo de formação de psicólogos e ofertar disciplinas de formação sobre o mundo digital, a segurança na internet, sobre sigilo de informação e especificamente sobre o atendimento psicológico *on-line*.

Essa abertura do Conselho para questões digitais, embora mereça ressalvas quanto ao atendimento clínico na internet, é muito interessante, mas havemos de ocupar os espaços para além dos serviços clínicos, a fim de não repetir o que a psicologia brasileira já enfrentou nos anos 1960 e 1970, o de ficar restrita a prática clínica<sup>82</sup>, que embora tenha sua importância, não se constitui na única modalidade de serviço, tampouco supre as necessidades de uma sociedade ampla e heterogênea como a brasileira, haja vista que psicólogos e psicólogas tem estado

---

<sup>81</sup> Disponível em: <http://www.crsp.org/fotos/pdf-2019-01-21-17-17-02.pdf>

<sup>82</sup> Segundo pesquisa realizada pelo CFP, profissionais de psicologia da área clínica continuam sendo maioria no Brasil. Disponível em: [https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2005/05/Pesquisa\\_WHO.pdf](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2005/05/Pesquisa_WHO.pdf). Acesso em fevereiro de 2019.

presentes na internet, mais especificamente nas redes sociais, falando de psicologia sem necessariamente estarem ofertando atendimentos.

Por isso, reafirmamos a importância de se discutir a relação da psicologia social com as redes sociais digitais e o faremos a partir de ideias foram levantadas pelas experiências narradas tanto no diário, como com a participação no Coletivo Feminista Geni, especificamente, no Facebook.

Assim, vamos às questões:

Quais são os elementos do feminismo nas redes, o ciberfeminismo, que contribuem para pensar trabalho comunitário em perspectiva de apoio, sustentabilidade e promoção? Ao que tudo indica devemos olhar para a importância dos vínculos nos grupos e comunidades virtuais, no teor político de suas lutas que atingem toda a sociedade quando aponta para a desigualdade de gênero, seja nas relações afetivas, no mundo do trabalho, nas instituições estruturantes da sociedade, que faz com que as pessoas se identifiquem com o discurso comunicado e compartilhado nas redes. Então falamos aqui da importância das relações sociais e do papel da comunicação neste meio.

Durante a investigação de campo nesta pesquisa foi possível perceber que o ativismo de mulheres nas redes aumentou a visibilidade do tema, fazendo com que mulheres de várias partes do mundo passassem a falar sobre suas vidas. Esse falar configura-se em compartilhar, por meio de texto, vídeos e *hiperlinks* um discurso sobre a desigualdades de gênero que muitas vezes trata de violências domésticas, crimes raciais e de gênero, preconceito, entre outros temas. Tais discursos criam ecos entre os atores das redes, muitas vezes, suportado pela própria ferramenta, como no uso de *hashtags* quem criam *links* entre as publicações, materializando os caminhos das redes locais e globais. Ao mesmo tempo, há uma acolhida daquelas que leem tais discursos, criando vínculos.

Então se consideramos que a rede torna as relações mais flexíveis e mais individualistas como propõe Castells (1999), faz-se entender que são essas características que compõe a cibercultura. Esse individualismo nem sempre expressa uma relação de poder do indivíduo com o mundo, mas pode se originar no sentimento de injustiça que se dá ao observar-se em relação ao outro e sentir-se discriminado. Ou seja, há nos discursos compartilhados em rede muito da vida afetiva humana. Afinal, o que faz com que nos conectemos com algum perfil pessoal ou institucional? O que nos move ao curtir uma publicação ou compartilhá-lá? O que eu faço com os afetos produzidos no encontro com outros saberes das redes?

Ocorre que os afetos não se tornam tema apenas de discursos, mas também de ações, carregam consigo um potencial transformador, sejam por suas ideias e/ou por práticas

organizativas da sociedade, ativas em si, integrante do movimento da sociedade e no movimento social. Podemos entender essas práticas como ações mobilizadas por meio da rede, considerada instrumento estratégico de comunicação que permite e organiza ações sociais.

Esse potencial não pode ser desprezado pela Psicologia Social Comunitária. Primeiramente por seu compromisso ético social como instigado por Martin-Baró (1980 -2017). Segundamente por reconhecer a crítica no processo de construção de saber ao qual um sujeito passa a fazer parte ao estar na rede; da crítica pode se desencadear um processo conscientizador do lugar que o sujeito está conhecendo seu próprio meio, reconhecendo suas relações e possíveis desigualdades. Tal processo foi apontado por Lane (1984) como a construção histórica social do sujeito, que é trabalhada pelo profissional de psicologia.

Assim, em busca de uma sociedade mais justa, aposta-se nos processos democráticos que assegurem a todos os sujeitos saúde integral que é amplificada pela ideia de Direitos Humanos e dignidade. Tais valores, no Brasil, sustentam e direcionam as políticas públicas sociais. Por exemplo, o Sistema Único de Assistência Social (SUAS), previsto como direito desde a Constituição Federal (1988), sendo instituído em 2012, prevê a presença do psicólogo como membro integral de suas equipes de trabalho técnico, seja na proteção básica ou especial (refere-se às divisões da proteção integral), o qual deve atuar a partir de conhecimentos teórico instrumentais da área social e comunitária<sup>83</sup>, e que tem como objetivo principal de seu trabalho a assistência às famílias que precisam deste serviço para formar ou fortalecer vínculos comunitários, sociais e familiares. Nesse caso, é a primeira vez que vínculo enquanto expressão afetiva importante para a saúde integral de um sujeito é destaque de trabalho político fomentado pelo Estado.

Mas isto não se dá sem motivo. A construção de políticas públicas depende de um processo democrático em que se incluem tanto profissionais do trabalho social, quanto sujeitos usuários dos serviços. Essa construção não pode negar a participação da própria comunidade e a psicologia também deve ser facilitadora deste processo. Mas o que se percebe é que em algum momento desse processo os afetos representados na materialidade do vínculo foram entendidos como meio produtivo de saúde.

Contudo, também observamos que em resposta ao potencial político das redes, discursos são distorcidos, o ódio é propagado e o valor da rede despenca. Ainda mais, quando estamos

---

<sup>83</sup> Para aprofundar tal discussão sugerimos a leitura do documento “Referências Técnicas para atuação do(a) psicólogo(a) no CRAS [2007]” desenvolvido pelo CREPOP – Centro de Referência em Psicologia e Políticas Públicas. Disponível em: [http://crepop.pol.org.br/5763\\_referencias-tecnicas-para-atuacao-doa-psicologoa-no-cras](http://crepop.pol.org.br/5763_referencias-tecnicas-para-atuacao-doa-psicologoa-no-cras). Acesso em: fevereiro de 2019.

diante de um governo austero que nega seu dever social, como tem se apresentado os governantes da gestão Michel Temer e atualmente da gestão de Jair Bolsonaro no Brasil. O desconforto e desaprovação do governo aparecem nas redes a todo tempo, e isso implica que qualquer trabalho social que se venha a realizar por meio das redes sociais na internet precisa reconhecer seu lugar de crítica política. Essa consideração está muito além de qualquer representação política, pois, antes de mais nada, trata-se do direito a ter direitos, trata-se de reconhecer que a democracia brasileira está frágil e ameaçada. Essa realidade ecoa nos feminismos, mas infelizmente abrange mulheres, homens, crianças e idosos.

Diante disso, como a psicologia social comunitária pode tirar alguma lição proveitosa do trabalho social desenvolvido pelos movimentos sociais, como o feminismo, nas redes sociais na internet? A rede *on-line* pode, então, alcançar alguma psicologia social?

Uma ideia preliminar seria a de reconhecer a legitimidade do ciberespaço como meio de formação comunitária e posteriormente indagando como é estar nele. O caráter flexível das redes suscita que não há uma única maneira ou estratégia de intervenção para tal. O individualismo indica que os vínculos são demanda para reconhecimento de si e pertença. As informações apontam para conteúdos comuns como direitos humanos. A crítica exige o esforço multidisciplinar para uma compreensão atual e local da realidade. A presença enquanto inserção é sustentada pelas redes revela-se como ponto estratégico dessa ação, embora não exclusivo.

## 6- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo buscou-se dois grandes objetivos. O primeiro foi o de familiarizarmos com a internet e as redes sociais digitais por meio de conhecimento de sua história, seus elementos, seus fundamentos e funcionamento. Também buscou-se aprender o que as disciplinas de sociologia, filosofia, comunicação e psicologia propuseram sobre este campo de conhecimento. O segundo foi aproximar a psicologia social, especialmente por meio da prática comunitária, com a internet, de maneira que pudesse conferir às redes sociais o status de instrumental teórico-prático, mantendo seus valores e práticas sociais, preconizados teoricamente com vistas às práticas solidárias e transformadoras.

A junção entre esses dois pontos deu-se pela experiência proporcionada no processo de pesquisa de campo, entre a etnografia e a participação do coletivo feminista *on-line*. A partir daí reconhecemos o campo da internet como fértil para produções criativas e significantes, por ser um espaço complexo que abarca preceitos mercadológicos, mas também afetos. Nesse sentido, reforçamos que a internet se constitui num campo complexo, pois é usada por seres humanos, e por isso, deve e merece ser discutida amplamente pelas ciências.

No que tange à psicologia, deve-se favorecer a discussão da internet a partir da multirreferencialidade, que pode abarcar ainda conhecimentos que não foram explorados aqui, reconhecendo seus limites e fugindo de afirmações reducionistas.

Em relação à psicologia social, encontramos na prática comunitária, que já utiliza em seu aporte instrumental os meios de comunicação, um caminho para ações específicas ou para favorecer a entrada da psicologia em grupos e comunidades. Contudo, configuram-se em pistas que deverão ser avaliadas em cada contexto específico que se pretende utilizar a internet como instrumento de trabalho do(a) psicólogo(a), pois, diferentemente do trabalho social apresentado pelas teorias da psicologia social comunitária, localizada em comunidades, a abrangência que a internet pode fornecer não se restringe a territórios geográficos, mas espalha-se na sociedade como redes de rede. Esse trajeto nos deixa com o questionamento se a psicologia social que temos disponível e produzimos é suficiente para este novo momento das ciências, dos sujeitos e do mundo, ou se devemos construir um novo caminho, tal que talvez não tenha mais que se vincular a esse nome e território disciplinar para existir?

Nesse sentido, consideramos que as ideias de internet e redes tratam de incitar que se pense numa nova prática de cidadania que exige o compromisso das ciências e de seus profissionais, como foi o caso da discussão sobre a psicologia social e a prática comunitária, lembrando seu papel de promoção de conscientização, de libertação e autonomia, e sua dinamicidade no compromisso social, ético e político.

Recuperando a ideia de Lévy (1999) de que as informações nas redes refletem a cibercultura, ou seja, os modos de pensar e valores de uma sociedade. As quais por serem encontradas exigem a compreensão de suas práticas, o que inclui compreender os novos vínculos possíveis nas redes sociais na internet. Contudo, ainda que se fale de novas práticas, falamos de alguns velhos problemas, os interesses presentes em todas as sociedades.

Estar presente é elemento básico para um trabalho nas redes, mas não o é quando falamos de ser atingido pelas mudanças suportadas nas redes, elas se espalham nas redes das redes sociais digitais de maneira nova e imprevisível. É uma presença desterritorializada e mais flexível, lembrando os processos intelectuais e criativos próprios da atividade nas redes, uma vez que a linguagem e ação são fundamentais neste processo.

Essa criatividade liga-se também ao potencial criador de cada ator vislumbrando um espaço democrático, não livre de interesses, mas capaz de suportar o contrapoder com suas ideias e valores organizativos da sociedade. Ao passo que possibilita que se ensaie e apresente quem sou de diversas maneiras nas relações, pressupondo a alteridade de ser. É lugar de vida e de subjetivação. E exatamente por isso, muitas vezes é lugar de agressividade e ódio, espaço de manifestação de medo e de injustiça.

Assim, o estar do(a) psicólogo(a) nas redes sociais digitais pode ser um estar ativo, indagador e transformador de sua própria realidade, de construção e facilitação de vínculos, de compromisso social-ético e político pensado de maneira inovadora a partir do próprio local que se está. Uma vez que se percebe que ela é sim produtora de subjetividades outras, sejam elas chamadas de digitais (Guareschi, 2017 e Sandin, 2017), ou apenas de subjetividades (Conselho Federal de psicologia, 2009 e Hine, 2015), compreendendo que a atividade cotidiana dos sujeitos com a internet cria novos significados de vida, pois atua diretamente nas relações sociais e afetos produzidos.

De maneira geral, percebemos que a internet pode ser pensada como instrumento de resistência e de enfrentamento de lutas sociais, como a experiência do Coletivo Geni, ao ser utilizada para mobilizar pessoas, mudar sentidos e produzir subjetividade. É difícil encontrar esses elementos retidos na internet em si, pois não há como considerar que o espaço da internet abarca a separação virtual e real, ou *on-line* – *off-line*. A internet não pode e nem deve substituir as relações face a face, mas ela as torna mais complexas e as coloca num novo contexto.

Também por isso, consideramos a abertura da psicologia clínica para atendimentos via internet como algo que merece aprofundamento e discussão, a qual deve responder por que um (a) profissional de psicologia pode desenvolver tal prática profissional, enquanto não pode

formar-se utilizando recursos dessa via, como os cursos à distância, que não são recomendados pelo CFP.

Fomentamos também a necessidade de que a discussão sobre a internet e as redes seja ampliada na academia, com novas pesquisas e estudos, e que passe a fazer parte da formação dos profissionais em psicologia, favorecendo o desenvolvimento ético e responsável desta área.

As características múltiplas da internet, apontadas por Hine (2015), somada às desterritorializações e a formação de comunidades (Castells, 1999, Lévy, 1999 e Recuero, 2009, 2012) que são, ao mesmo tempo, globais e locais atravessam as práticas de vida, alteram seus valores (Guareschi, 2017), abrem as instituições (Domènech e Tirado, 2001, 2002), transformam a vida (Lévy, 1999).

Não há como fugir da realidade da internet, mas enquanto cientistas e cidadãos devemos entendê-la e ocupá-la de maneira que favoreça a produção subjetiva, as práticas sociais e a vida.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, I. *Redes Sociais na Internet: sociabilidades emergentes*. Covilha-Portugal: Labcom, 2016.

ANDERY, A. A. Psicologia na comunidade. In S. T. M. LANE ;W. CODO (Orgs.). *Psicologia social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 203-220.

BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BLEGER, J. *Psico-Higiene e Psicologia Institucional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. São Paulo: Saraiva, 2001.

\_\_\_\_\_. Lei nº 12.965, de 23 de abril de 2014. Estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil. Brasília, 2014. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/112965.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/112965.htm). Acesso em: Março de 2016.

CAMPOS, R. H. F. Introdução: A Psicologia Social Comunitária. In R. H. F. CAMPOS (Org.), *Psicologia Comunitária: da solidariedade à autonomia*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 9-16.

CASTELLS. M. *A sociedade em Rede*. São Paulo: Paz e terra, 1999.

\_\_\_\_\_. A sociedade em rede: do conhecimento à política. In: CASTELLS, M.; CARDOSO, G. *A sociedade em rede: do conhecimento à acção política*. Debates Presidência da República: Belém, 2005, p. 17 - 30.

\_\_\_\_\_. *Redes de indignação e esperança: Movimentos sociais na era da Internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

COELHO, M.P. Vozes que ecoam: Feminismo e mídias sociais. *Pesquisas e práticas em psicologia*, 2016, 11(1), p. 214-224.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *Mídia e psicologia: produção de subjetividade e coletividade*. 2ed. Brasília, 2009.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução nº 010, de 21 de julho de 2005. Aprova o Código de Ética Profissional do Psicólogo. Disponível em: <[http://www.pol.org.br/pol/export/sites/default/pol/legislacao/legislacaoDocumentos/codigo\\_etica.pdf](http://www.pol.org.br/pol/export/sites/default/pol/legislacao/legislacaoDocumentos/codigo_etica.pdf)> Acessado em: Março de 2016.

DOMÈNECH, M.; TIRADO, F.J. Lo virtual y lo social. *Athenea Digital*. Barcelona, nº1, 2002.

ECO,U. *Seis Passeios Pelo Bosque da ficção*. 1932. São Paulo: Companhia das Letras, 1994

FARAH, M. F. Gênero e políticas públicas. *Estudos Feministas*. v.12, n.1, 2004, p. 47-71.

FIGUEIREDO, L. C. *A invenção do psicológico: quatro séculos de subjetivação (1500-1900)*. São Paulo:Educ/Escuta, 1992.

FREITAS, M. F. Q..Inserção na comunidade e análise de necessidades: reflexões sobre a prática do psicólogo. *Psicol. Reflex. Crit.* 11(1), 1998. Recuperado de [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010279721998000100011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010279721998000100011&lng=en&nrm=iso).doi: 10.1590/S010279721998000100011

GALANTE, C. *Cidadãos Conectados: a revolução das vozes alternativas*. (Dissertação mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRS, Porto Alegre, RS, Brasil, 2011.

GUARESCHI, P. Mídia e Cidadania. *Conexão – Comunicação e Cultura*. Caxias do Sul: USC. v. 5, n. 9, jan./jun. 2006, p. 27-40.

HARAWAY, D. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*. v. 5, 1995. p. 07-41.

HENNIGEN, I.; GUARESCHI, N. M. de F. A paternidade na contemporaneidade: um estudo de mídia sob a perspectiva dos estudos culturais. *Psicologia & Sociedade*, v. 14, n. 1, jan/jun, 2002, p. 44-68.

HINE, C. *Ethnography for the internet: embedded, embodied and everyday*. Huntingdon, GBR: Bloomsbury Publishing, 2015.

\_\_\_\_\_. Introducción. In: HINE, C. *Etnografía Virtual*. Barcelona: UOC, 2000. p. 01-23.

\_\_\_\_\_. From Virtual Ethnography to the Embedded, Embodied, Everyday Internet. In: HJORTH, L. (ET. AL) *The Routledge companion to digital ethnography*, 2017, p. 21-28.

KOSIK, K. *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

KOZINETS, R.V. Culturas e Comunidades Online. In: KOZINETS, R.V. *Netnografia: Realizando Pesquisa etnográfica online*. Porto Alegre: Penso, 2014, p. 09-26.

LANE, S. T. M. A Psicologia Social e uma nova concepção de homem para a Psicologia. In S. T. M. LANE ; W. CODO (Orgs.), *Psicologia Social: O homem em movimento* São Paulo, SP: Brasiliense, 1984, p. 10-19.

LEMOS, A.; LÉVY, P. *O futuro da Internet: Em direção a uma ciberdemocracia planetária*. São Paulo: Paulus, 2010.

LÉVY, P. *O Que é Virtual?*. Rio: Editora 34, 1996.

\_\_\_\_\_. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, P; AUTHIER, M. *As árvores de conhecimentos*. São Paulo: Escuta, 2000.

LOURAU, R. *Análise Institucional e práticas de pesquisa*, Rio de Janeiro: UERJ, 1993

\_\_\_\_\_. O Instituinte contra o instituído. In: ALTOÉ, S. (org.) *René Lourau: Analista institucional em tempo integral*. Rio de Janeiro: Hucitec, 2004. p.47-65.

LIMA, A. B. Privacidade. In: Avorio, A.; Spyer, J. *Para entender a internet*. Paraentender.com. 2015, p. 221-223.

MININI, G. *Psicologia Cultural da mídia*. Girafa, 2008.

MONTEIRO, L. *A internet como meio de comunicação: possibilidades e limitações*. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Anais do XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação. Campo Grande –MS, set, 2001, p. 27-37. Disponível em:  
[http://www.jack.eti.br/www/arquivos/documentos/trabalhos/fae/Trabalho\\_Redes\\_Adinarte\\_26032008.pdf](http://www.jack.eti.br/www/arquivos/documentos/trabalhos/fae/Trabalho_Redes_Adinarte_26032008.pdf). Acesso em: novembro de 2017.

MURILO JÚNIOR, J. Ecologia Digital. In: Avorio, A.; Spyer, J. *Para entender a internet*. s/l. Paraentender.com, 2015, p. 201-205.

NICOLACI-DA-COSTA, A.M. Revoluções tecnológicas e transformações subjetivas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Mai-ago. v.18, n.2, 2002. p. 193-202.

NOGUEIRA, C. Feminismo e psicologia social: contribuições para uma perspectiva crítica. In T. M. TOLDY; J. C. CARDOSO (Orgs.), *A igualdade entre mulheres e homens na Europa às portas do século XXI*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2000.

RECUERO, R. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

\_\_\_\_\_. O capital social em rede: Como as redes sociais na Internet estão gerando novas formas de capital social. *Contemporânea*. (UFBA. Online), v. 10, 2012, p. 597-617. Disponível em:  
<https://portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/viewArticle/6295>.  
Acessado em: dezembro de 2017.

RECUERO, R; ZAGO, G. Em busca das “redes que importam”: redes sociais e capital social no Twitter. *Líbero*. São Paulo, v.12, n.24, p. 81-94, 2009

SERIDÓRIO, D. F.; GRACIANO, D. A.; MAGALHÃES, E.; VICENTE, G.H.; LOPES, J, C. Movimento Feminista em rede: análise do Blog e do Facebook “Lugar de mulher”. *Pensamento Plural*. V. 17, 2015. P. 151 – 172.

SCARPARO, H.; GUARESCHI, N. Psicologia social comunitária e formação profissional. *Psicologia & Sociedade*. 19 (2), 2007, p. 100-108.

SCHIMIDT, E.; COHEN, J. *A nova era digital: como será o futuro das pessoas, das nações e dos negócios*. Rio de Janeiro: Instrínseca, 2013.

TIRADO, F.; DOMÈNECH, M. Extituiciones: del poder y sus anatomias. *Política y Sociedad*. Madrid, Nº 36, 2001, p. 191-204

TOMAZETTI, T. P.; BRIGNOL, L. D. A Marcha das Vadias e o fenômeno do feminismo comunicacional: usos sociais do Facebook na construção de políticas de identidade de gênero na sociedade em rede. *Revista de Estudios para el Desarrollo Social de la Comunicación*, 2015. Recuperado de <http://revistaredes.hospedagemdesites.ws/index.php/revista-redes/article/view/366>

THOMPSON, J. *A mídia e a modernidade: Uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 2011.

VYGOTSKI, L. S. El problema y el método de investigación. In: *Obras escojidas II: Pensamiento y lenguaje*. Madrid: Visor, 1934/1993. p. 15-27.

VANALI, A. C. Agnes Heller e Michel de Certeau: propostas de análise sobre a vida cotidiana. *Vozes, Pretérito & Devir*. Ano III, 4(1), 2015. p. 110-125.

VIEIRA, V. F. *Comunicação e Feminismo: as possibilidades da era digital*. [Tese de Doutorado], São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012.